DO AUTOR DE
CAIXA DE PÁSSAROS

PLANO VERMELHO

JOSH MALERMAN

intrínseca

PIANO VERMELHO

Josh Malerman

Tradução
Alexandre Raposo

Copyright © 2017 by Josh Malerman

TÍTULO ORIGINAL
Black Mad Wheel

REVISÃO
Rayssa Galvão
Laís Curvão

DESIGN DE CAPA
Angelo Allevato Bottino

IMAGEM DE CAPA
Peyker / Shutterstock

REVISÃO DE E-BOOK
Roberta Clapp

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0207-0

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Introdução

Parte 1
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26

27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51

Parte 2
52
53
54
55
56
57
58
59

60
61

Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça o outro título do autor
Leia também

EM MAIO DE 2012, *o High Strung havia acabado de tocar no show de lançamento de nosso álbum ¿Posible ó Imposible?. Devolvi o microfone ao suporte e cambaleei com Derek (bateria) para fora do bar. Das sombras do estabelecimento, surgiu uma diabinha, um belíssimo par de olhos verde-claros e pernas tão compridas que deviam começar lá embaixo, no porão. Ela também falava: "Você tem mais dessa pintura facial?" Antes do show eu tinha pintado o rosto com um hidrocor. Desenhos bobos. "Sim", respondi, remexendo no bolso do casaco. Mas, como tinha mãos, a diabinha agarrou meu rosto e esfregou-o contra o dela.*

Voilà. *Um rosto pintado. E o começo de alguma coisa.*

Este livro é para Allison Laakko, que leu Piano vermelho *aos pedaços, faísca por faísca, já que a cada noite eu lhe enviava os empolgantes escritos do dia. Por isso, sempre haverá um caminho, trilhas, abertas por uma roda, talvez, levando dela para mim, e, então, para o livro, e novamente de volta para nós.*

Eu gosto disso.

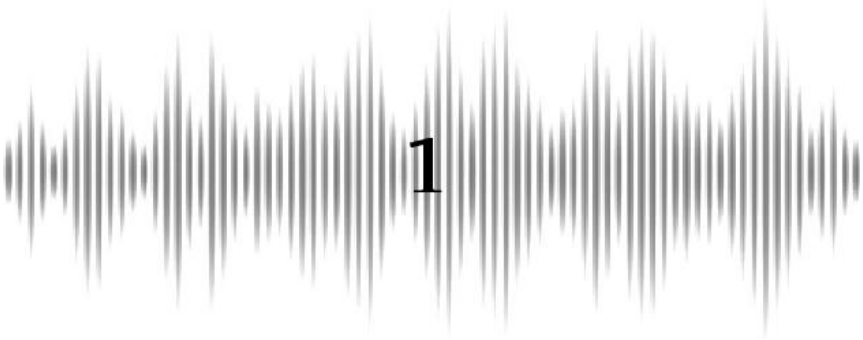
Sempre saberemos para que lado as rodas giram.

Eu te amo, Allison.

PARTE 1

Fá

1, 2, 3, 4...



1

O paciente está acordado. O som de uma música composta por ele está sumindo, como se, enquanto ele dormia, tivesse tocado sem parar, a trilha sonora de seu sono inacreditável.

Ele se lembra de cada detalhe do deserto.

A primeira coisa que vê é uma pessoa. Essa pessoa é o médico. De calça cáqui e camisa havaiana, não está vestido como um médico, mas o brilho da ciência em seus olhos o denuncia.

— Você está gravemente ferido. — Sua voz é confiança. Sua voz é controle. — É uma lesão sem precedentes, soldado Tonka. Sobreviver a algo tão... — Ele ergue os punhos à altura do peito, como se amparando uma palavra que caiu. — ... *injusto*.

Philip identifica mais do que medicina no homem de pé em frente à cama. O físico forte e definido. O cabelo com uma perfeição além do normal, a pele tão lisa quanto uma duna do deserto.

Aquele médico é militar.

— Agora, deixe-me dizer por que isso é uma coisa incrivelmente difícil de acontecer — continua ele.

Philip não processou por completo a sala onde está. Sua visão periférica está fora de foco. Há quanto tempo está ali? Que lugar é este? Mas o médico não responde a perguntas não solicitadas.

— Se você tivesse quebrado apenas os pulsos e os cotovelos, poderíamos supor que caiu no chão de certa forma. Mas também quebrou os úmeros, os rádios e as ulnas. Suas tuberosidades radiais, os processos coracoides, as trócleas e todos os vinte e sete ossos das mãos. — Ele sorri. O sorriso indica que Philip deveria compartilhar

de seu assombro. — Não espero que saiba o nome de cada osso do corpo humano, Philip. O que eu estou dizendo é que você não quebrou só os pulsos e os cotovelos. Você quebrou quase tudo.

Philip ouve sussurros vindos de repente de algum lugar que ele não consegue ver. Talvez vozes em um corredor. Philip tenta virar a cabeça para olhar.

Não consegue. Não consegue mexer o pescoço.

Ele abre a boca para dizer alguma coisa, para dizer que não consegue se mover, mas a garganta está seca como areia no verão.

Ele fecha os olhos. Vê marcas de cascos naquela areia.

— Agora, se você tivesse quebrado só as mãos e os braços, eu poderia imaginar que se envolveu em um acidente. Em uma prensa ou alguma espécie de torno, por exemplo. Talvez os dois braços estivessem apoiados no tampo de uma mesa e foram esmagados por algo pesado. Mas, é claro, você não quebrou *só* as mãos e os braços. Também tem fraturas nos fêmures, nas tíbias e nas fíbulas das duas pernas, assim como nas patelas, nos epicôndilos mediais, em todos os eixos transversais, o que por si só teria sido suficiente para provocar o coma, além da maioria dos vinte e seis ossos de cada pé. — O médico fala com tanta liberdade, movimenta-se com tanta *saúde*, que Philip se sente afrontado. — Suponho que alguém poderia reencenar o ocorrido, colocando-o na beira de um penhasco, braços e pernas pendurados *sobre* o abismo, enquanto algo cruelmente concebido para atingir *apenas* cada um dos ossos já mencionados caiu do céu, causando-lhe o mais violento conjunto de fraturas que já vi. Mas, não. Seus infortúnios não param por aí.

Atrás do médico, onde a parede bege encontra o teto azul-claro, Philip vê um deserto africano ao meio-dia.

E pensa nos Danes.

— Seu púbis, íleo, sacro... esmagados. A sínfise púbica, o ligamento longitudinal anterior... rompidos. Suas costelas, Philip, cada uma delas... e também todos os discos intervertebrais, o esterno, o manúbrio, as clavículas, até o pescoço, até a mandíbula, os ossos zigomáticos, os temporais, o frontal e... até mesmo alguns dentes. — O médico sorri, mostrando os dele. — Poderíamos imaginar tal resultado se um homem estivesse deitado sobre uma laje de pedra,

sem se dar conta de que uma segunda laje cairia de determinada altura, esmagando-o completamente e de uma vez só. Essa hipótese só seria válida se as fraturas estivessem à mesma distância da superfície de seu corpo. Mas, claro, esse não é o caso. A lesão no seu longitudinal anterior tem três centímetros de diferença da fratura na mandíbula. Na verdade, não há uma única fratura uniforme no seu corpo, nenhum padrão que nos permita adivinhar um objeto, uma causa, uma imagem do que o feriu. Em outras palavras, Philip... isso não foi causado por um único objeto. Mas, mesmo assim... tudo aconteceu ao mesmo tempo.

O médico se afasta, revelando a Philip o que parecem ser telas negras pintadas com tinta branca brilhante. Formas inacabadas. Padrões de fraturas.

Radiografias.

Algumas dessas radiografias lembram marcas de cascos na areia.

— Ouso dizer que é o caso mais impressionante que já encontrei — comenta o médico, especulando. — Alguns diriam que é um... mistério. Veja você mesmo, Philip.

Mais sussurros de algum lugar que Philip não consegue ver.

— Agora — diz o médico, deixando de lado as radiografias e olhando para o paciente. — Você acabou de acordar... acabou de *voltar a si*, e imagino que isso deve estar sendo um choque considerável. Você está sob os nossos cuidados, em coma, há seis meses.

O número é impossível. O número é cruel. O número aumenta a distância entre ele e os Danes.

— Ou seja, seis meses nos quais você não tinha como estar consciente. E agora começa o processo de cura, tanto física quanto emocional. — Ele leva o indicador e o polegar ao queixo. — Mas *há* perguntas a serem feitas.

— Onde estão os Danes? — indaga Philip, gemendo.

Sua voz soa como o ranger de uma escada de madeira. Parece um velho banco de piano.

Um suspiro ecoa fora do campo de visão de Philip. Uma voz feminina.

Ele falou!

— A primeira questão obviamente é... — continua o médico, ignorando a pergunta de Philip — como alguém poderia sobreviver a algo assim?

Uma brisa agita seu cabelo castanho e bem cortado.

Philip tenta levantar um braço, mas não consegue.

O médico estende com facilidade a palma da mão aberta, como se quisesse deixar clara a verdadeira diferença entre eles dois.

— Mas, enfim... você está aqui... você sobreviveu. E a segunda pergunta, mais urgente, é... o que aconteceu, soldado Tonka? — Ele se curva, põe as mãos nos joelhos, e baixa os olhos azuis na altura dos de Philip. — O que você e os Danes encontraram no deserto? Ou, melhor...

O médico agita as mãos, apagando o pensamento. O gesto é tão fora de propósito que chega a parecer irreverente.

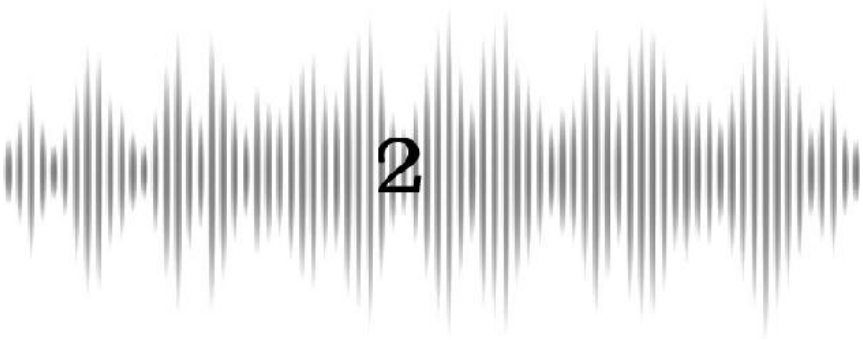
— Vamos esquecer seus colegas músicos, sua banda, os Danes. — A frieza em seus olhos sugere que ele já esqueceu.

Mais uma vez, Philip vê marcas de cascos, um rastro de pegadas se estendendo.

E também ouve um som, doentio e sensível, criando a própria trilha, curvando-se sobre o horizonte de sua memória. Tenta combatê-lo com a música que compôs. Ele e os Danes. A canção que lhe fez companhia enquanto dormia.

Mas a voz do médico o interrompe mais uma vez.

— A pergunta não é o que você encontrou... mas o que encontrou você.



2

Philip está no Caminho. É assim que sempre o chamou. O Caminho. Não o Caminho Certo ou o Caminho Errado. Ele tem o cuidado de não especificar. Então, quando algum de seus amigos ou familiares pergunta se ele não anda bebendo demais ou se não tem ido aos bares com muita frequência, Philip sempre dá a mesma resposta.

Ei, sai fora. Estou no Caminho.

O símbolo de Philip para o Caminho é uma única tecla de piano, um fá, que usa pendurada em um cordão. A tecla foi arrancada do primeiro piano que viu quando voltou da Segunda Guerra Mundial: um piano vertical largado no meio-fio, a uns duzentos metros do aeroporto de Detroit, no estado de Michigan. Apesar da perna que faltava, da madeira rachada e da tinta amarela descascada, o piano foi um presságio. Um comitê de boas-vindas não poderia ter dado recepção mais calorosa. Depois de abraçar os pais e guardar as malas em seu novo Chrysler 1945, Philip pediu que esperassem para que ele levasse um pedacinho do piano para casa.

Trazê-lo consigo para o futuro. Pós-guerra.

Para o Caminho.

Foi fácil escolher a tecla. Fá. Porque era a única nota que aparecia nos dois exercícios de memorização para alunos iniciantes:

Mi, sol, si, ré, fá (Meu sol se refaz).

Fá, lá, dó, mi (Fala dormindo).

Um exercício de memorização termina, outro começa.

Assim como a guerra termina, a vida começa... em casa.

A vida no Caminho.

Doze anos depois, aos trinta e um, Philip pode não ter o mesmo físico de militar que ostentava quando ele e os Danes se apresentaram para soldados na Inglaterra, mas continuava com a mesma filosofia de vida: não se preocupar se os conhecidos em Detroit (e há muitos deles, os Danes são ratos de bar) vão pensar que o Caminho é religioso, não religioso, insalubre, delirante ou insano. Não importa. Depois de uma guerra mundial e uma canção de sucesso, viver livre é o único caminho a ser trilhado.

Hoje, em 1957, o Caminho o levou a um bom lugar. Um estúdio de gravação no centro de Detroit, na esquina da Elizabeth com a Woodward. Os Danes ("os Queridinhos de Detroit", como chamava o *Detroit Free Press*) eram donos do estúdio. Uma divisão em quatro partes. Larry, o baixista dos Danes, sempre atrás de diversão, um *freak* de cabelos compridos, descobriu o lugar. Um quadrado vazio de blocos de concreto, outrora usado para depenar aves, com uma acústica perfeita demais para deixar passar.

É isso, disse Larry meses antes, estendendo as mãos com as palmas voltadas para cima, como o apresentador pateta do programa *Who Do You Trust?*, que passava na TV. *Isso é o País das Maravilhas.*

Mas nem todos os Danes tinham a mesma convicção. Um ex-galinheiro não parecia o lugar ideal para gravar discos de sucesso.

Vocês adoram qualquer coisa que aparece pela frente, disse Duane.

E você, rebateu Larry, apontando para o baterista, a outra metade da lendária seção rítmica dos Danes, *é muito conservador para tocar rock 'n' roll. Já viu o elevador?*

Duane franziu a testa.

Está falando daquela caixa de madeira cheia de penas de galinha?

Gostei, disse Philip, já imaginando a divisória que separaria a sala técnica da sala de gravação.

Ah, que merda, resmungou Duane. *Se Philip está dentro, o negócio já está fechado.* Ele observou o espaço frio e reparou que Ross também sorria. *Merda de novo. Já estamos dentro, não é?*

Larry passou o braço pelo ombro de Duane.

Consegue ver?

Não. Não consigo.

Logo ali… a bateria montada, brilhando. Larry estalou os dedos, como se fosse capaz de materializar a bateria Slingerland de Duane.

Não estou vendo nada, Larry.

Ah, está, sim.

Vejo um lugar frio demais para gravar em dezembro.

Larry começou a rir. Seu casaco de couro ficou enrugado quando ele puxou Duane para mais perto.

Venha aqui.

Aonde?

Até a janela.

A janela era apenas um pequeno quadrado irregular aberto na parede branca de blocos de concreto. Os quatro membros da banda se espremeram para olhar para Detroit lá embaixo.

Olhem aquela garota, disse Ross, dando um assobio baixinho.

Eu conheço ela, disse Philip.

Sério?!, exclamou Ross. *Como é possível você conhecer todas as garotas de Detroit, Philip?*

Philip dá de ombros.

Garotas gostam de piano, Ross.

Ah, que merda, cara. A vida inteira ouvi dizer que eram garotas e guitarras, guitarras e garotas. Escolhi tocar guitarra por causa das garotas. E agora você vem me dizer que…

Veja. Apontou Larry. *Tem outra ali. Tão bonita quanto.*

Os Danes ficaram em silêncio. Suas orelhas estavam quase se tocando.

Você também conhece essa, Philip?

Philip fez uma pausa para dar efeito.

Não. Não conheço.

Mas aposto que ela passa por aqui todo dia, disse Duane, a voz distante.

Ah, cara, disse Larry, virando-se para encarar o baterista. *Ah, CARA!*

Ei, calma, eu não disse que...

Vamos lá, Duane!

Ei, calma, Larry...

Vamos comprar a merda do nosso estúdio!

Hoje, o País das Maravilhas está lotado. Os Danes foram contratados para produzir um álbum, um disco de rock 'n' roll,

porque são bons no que fazem e o espaço que eles têm é lendário na cidade por seu "som ambiente". Até músicos de jazz já gravaram com os Danes, apesar da reputação de loucos que os donos do estúdio cultivam. *Essa sala parece tão profissional quanto o barzinho do meu tio*, comentou Clay Daniels certa vez, *mas tem um som bom pra caralho*. No País das Maravilhas, os Danes gravaram um hit, seguido de outros dois. "Make Noise" chegou ao décimo sétimo lugar nas paradas regionais e "Killer Crawl" atingiu o sexto. Mas foi "Be Here", em primeiro, que os projetou. E, é claro, o fato de eles terem servido na Segunda Guerra Mundial, o maior apelo do grupo. Pouco importa não terem servido nas linhas de frente. Para a maioria dos americanos, estar na banda do Exército valia tanto quanto estar no Exército. E o rótulo de *veterano* é o que leva os moradores locais sem o menor interesse em música a pararem para ver o que acontece no País das Maravilhas.

Alguns se tornaram amigos de copo. Outros se afastaram, preocupados com Philip Tonka, o pianista que tomava duas doses a cada nota que tocava.

Sai fora. Estou no Caminho.

Que Caminho?

Olhe para baixo. Não está vendo? Você também está no Caminho.

Alguns pensam que os Danes são uns perturbados. Eles bebem mais do que os veteranos da Primeira Guerra Mundial. Nunca perdem uma festa. E estão escrevendo de maneira espontânea a trilha sonora do pós-guerra, com partes iguais de fúria, alegria, confusão e ignorância intencional. Tipo, vamos seguir em frente. Tipo, isso foi ontem. O título da canção que chegou ao número um, "Be Here", esteja aqui, resume involuntariamente sua visão de mundo coletiva.

Esteja aqui.

Respire.

Seja.

— Ponha um cobertor nisso — manda Larry, pelo microfone da sala técnica.

Hoje eles têm um trabalho a fazer. Mas será que vão conseguir?

— Sério? — pergunta o garoto, baterista dos Sparklers. Pelo vidro ele parece uma criança perdida. — Um cobertor em um bumbo?

Duane se levanta do sofá da sala técnica e fala no microfone. Sua voz grave sempre foi a mais autoritária dos Danes.

— Isso vai deixar o som menos plástico, meu filho. Vai soar mais como um baque. Confie no Larry. Ponha um cobertor no bumbo.

O baterista dos Sparklers, um garoto do subúrbio, cabelo louro e encaracolado, procura um cobertor.

— Ali nas camas dobráveis — diz Philip, apontando por trás do vidro enquanto bebe de uma garrafa de rum.

O guitarrista dos Sparklers está ajudando o baterista a procurar e sem querer bate as cravelhas de sua Fender Stratocaster na parede. Como a guitarra já está ligada ao amplificador, o som explode nos alto-falantes da sala técnica.

— Está vendo aquelas quatro camas dobráveis nos fundos? — pergunta Duane.

Os Danes costumam dormir no estúdio. Depois de noites selvagens, que vão até altas horas da madrugada, já acordam exatamente onde precisam estar pela manhã. O chão está cheio de garrafas vazias.

O baterista pega um saco de dormir.

— Não — diz Larry no microfone. — Muito grosso. Alguma coisa mais leve.

O baterista está ficando vermelho. Acha que estão zombando da cara dele. O empresário da banda, Arthur, um garoto rico de Birmingham, parece incomodado. Ele está ao lado do sofá de couro, na sala técnica.

— Pessoal, contratamos vocês para fazer um disco, não para decorar a bateria do Fred!

— Está vendo aquele cobertor amarelo e preto ali, Art? — pergunta Larry, apontando com um lápis no vidro para uma cama desfeita encostada na parede dos fundos.

— Sim. Claro.

— Foi o mesmo que usamos em “Be Here”.

O empresário atravessa rapidamente a sala técnica. Ele pega o microfone de Larry e diz:

— Freddie, que tal o cobertor amarelo e preto no colchão aí do seu lado?

A calça do baterista desliza, expondo metade da bunda, quando ele se abaixa para pegar o cobertor.

Philip coloca a mão no ombro do empresário.

— Você sabe do que os seus garotos precisam? — pergunta.

Art olha o relógio. Ele vive olhando o relógio. Está preocupado com o tempo. Com o tempo e o dinheiro.

— Seus garotos precisam de uma tarde de folga.

— De jeito nenhum — retruca Art, estendendo as mãos para Philip. O músico tem um vislumbre de como aquele homem vai ficar dali a algumas décadas, quando o fato de ter gerenciado bandas for uma bugiganga na prateleira de seu passado. — Estamos aqui há duas horas e ainda não fizemos nada.

— Como assim? — pergunta Duane. — Escolhemos o cobertor, não foi?

Philip segura o pulso do empresário.

— Tire o relógio — diz ele.

Art cobre o relógio com a outra mão, como se estivesse sendo assaltado. Por Philip. Os Danes causam esse tipo de reação.

— Qual é o seu problema, Tonka?

— Estou falando sério. Tire o relógio.

Hesitante, o empresário entrega o relógio para Philip.

— O que você vai fazer com isso?

— Quebrar em pedacinhos.

— Calma!

Philip sorri.

— Vou usar o relógio.

Philip o coloca no pulso e ajusta o fecho.

— Ei, Tonka! Concordamos com um preço justo e claro!

— Verdade — diz Philip. — Mas isso é metade do problema.

— Você quer renegociar? Droga, eu sabia que não podia confiar em vocês!

— Quem falou em renegociar? Relaxe. Nós concordamos. Justo e claro. O “claro” é que é o problema.

— Como assim?

Philip se inclina sobre o microfone da sala técnica e diz:

— Cavalheiros, larguem os instrumentos. Vamos sair.

Do outro lado do vidro, a banda parece assustada.

— A alma de vocês tem um buraco — diz Duane ao empresário. — É tão largo que dá para atravessá-lo.

— E você vai preencher esse buraco?

— Não tudo em uma tarde — diz Larry, já vestindo o casaco de couro. Ele corre as pontas dos dedos, cheias de calos, pela comprida cabeleira. — Mas vamos tentar.

Art balança a cabeça, implorando, choramingando, enquanto Duane veste o casaco de couro preto e Philip verifica se tem algum dinheiro nos bolsos da jaqueta jeans. Os Sparklers entram na sala técnica, cabisbaixos e confusos.

— Vamos, rapazes — chama Philip.

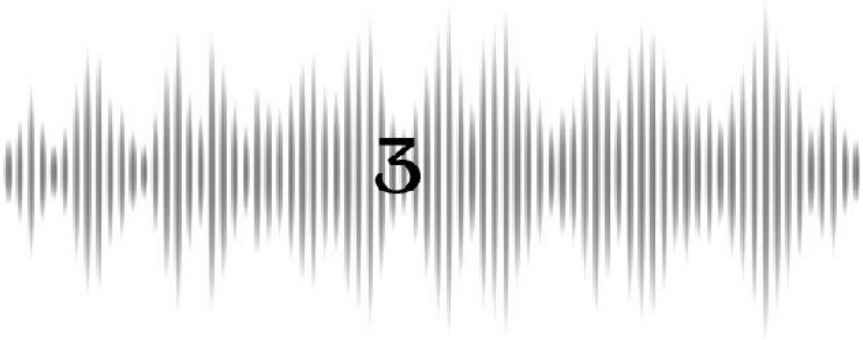
— Para onde? — pergunta o guitarrista.

— Procurar inspiração.

Quando estão saindo do estúdio, o telefone toca. Philip para em frente à porta e olha.

Alguns toques, pensa Philip, são mais carregados do que os outros. Como se desse para saber que se trata de uma ligação importante... antes mesmo de atender.

Ele tranca o estúdio e segue os outros.



3

Hoje, Philip consegue se movimentar um pouco mais do que ontem, mas a evolução é assustadoramente limitada. Ele se lembra de tudo: dos Danes. Da África. Do deserto. Do som. Mas por enquanto essas lembranças precisam esperar. O estado atual de seu corpo é tudo o que importa.

E o hospital. Os motivos por trás deste lugar. Philip conheceu as forças armadas bem o bastante para saber que quase nada daquilo é honesto e legal. E o que é não combina com aquilo.

Ele quer uma bebida. Está precisando muito de uma bebida.

Está sozinho, olhando para onde o papel de parede bege encontra o teto azul-claro, as cores do deserto do Namibe ao meio-dia. À sua direita, para onde não consegue olhar, zune um ventilador. E um rádio num volume baixo transmite uma novela que se mistura com a música clássica vinda de outro quarto corredor afora.

O quarto de Philip é grande. Ele sabe disso porque está falando em voz alta, sondando o tamanho do aposento pela extensão do eco em sua voz.

— Mãe — diz ele. — Estou vivo.

Philip já teve medo. Muitas vezes, muitos medos diferentes. Do porão de sua casa na Wyoming Street, onde aprendeu a tocar piano, até o voo para a Inglaterra em 1944, quando ele, os Danes e o resto da banda do Exército foram convocados para entreter milhares de jovens que sabiam que eram jovens demais para morrer.

— Pai. Estou vivo. Estou bem.

Mas ele não está bem. E dizer isso não faz com que fique.

Há um instrumento musical no quarto. Philip ainda não sabe dizer o que é, mas, pela vibração, sabe que tem cordas.

Uma guitarra, então? Talvez.

Algo se agita à sua esquerda. Ele acha que são cortinas, sopradas por uma brisa. Uma janela, então. Daí conclui que a luz no teto poderia ser do sol.

Ouve um tique-taque. Um relógio. Vai seguindo o som até encontrar a fonte. Longe. Tão baixo que poderia estar vindo de fora do quarto.

Ele conta os segundos com o relógio, desesperado em busca de algo para relaxar os nervos que não consegue estabilizar. Meditação.

Os Danes seguiram pegadas de cascos no deserto. Apenas duas. Como se o animal andasse ereto, sobre as duas patas traseiras...

Philip precisa se concentrar em outra coisa. Fecha os olhos. Ele se imagina tocando piano no porão. Seu tênis marca a introdução na terra junto aos pedais.

— Um, dois, três, quatro...

No entanto, contar um dois três quatro traz a lembrança da bateria de Duane, do início de uma canção dos Danes, do fato de não conseguir mover um dedo e de provavelmente nunca mais poder tocar piano outra vez.

— Duane — diz ele. — Larry. Ross. Estou vivo.

Então, Philip ouve uma voz. Tão perto de seu ouvido que teria pulado de susto, se pudesse se mexer.

— Isso é bom.

— *Ei!* — grita Philip.

Alguns risos suaves. É uma mulher.

— Não dou um susto desses desde o Dia das Bruxas de 1949 — diz a voz, a mesma que ele ouviu sussurrando quando acordou. — Eu estava escondida debaixo da cama da minha filha. Usando uma luva de borracha de lavar louça. Peguei o tornozelo dela.

— Quem é você?! Apareça!

— Relaxe — responde a mulher. — Sou a enfermeira Ellen. Sou eu que venho cuidando de você há seis meses.

Uma cadeira range ao seu lado. Um rosto emerge à direita.

Ela parece jovem. Rosto saudável. Pele clara. Sardas no nariz. Olhos cinzentos como granito. Cabelo preto. Uniforme branco.

— Está com fome? — pergunta.

Philip não responde. Apenas a encara. Quando ela fala, inclina a cabeça para o lado. Será que ela percebe a facilidade com que se move?

— Vou trazer algo para você comer.

Ela se levanta e desaparece outra vez em algum lugar à direita de Philip. Os saltos da enfermeira contra os azulejos da unidade hospitalar lhe dão uma noção de espaço melhor do que o eco da própria voz. Perto do que deveria ser a porta, ela diz:

— Você não imagina como estou feliz por você ter acordado.

Então sai, e Philip escuta seus passos no corredor.

Imagina outras pessoas naquele mesmo quarto, em silêncio. Outros rostos, outros olhos. E os rostos que ele vê são militares. E os olhos nesses rostos querem saber mais do que se ele está ou não com fome.

— Olá? — pergunta, trêmulo, incapaz de aplacar a ansiedade que o consome desde que acordou. Os Danes. Os Danes. Onde estão os outros Danes? — Tem mais alguém aqui?

A enfermeira, Ellen, ensinou-lhe algo muito importante nos trinta segundos que compartilharam: Philip não apenas mal consegue se mexer, como também não tem como saber quem observa o seu esforço.

E os rostos que ele imagina abrem a boca. E as perguntas surgem como grãos de areia movediça.

As perguntas virão. Philip sabe disso. Perguntas sobre a África e sobre a origem do som. Perguntas sobre o restante do pelotão, sobre os Danes, sobre o que Philip ouviu e o que gravou lá. Perguntas mais malucas, também. Tipo: quem levou Ross? Quem levou os outros? E para onde? E por que você parece tão assustado, soldado Tonka, com essas perguntas tão simples?

As perguntas virão.

E, quando vierem, que parte Philip vai poder contar?

Que parte vai revelar?

4

— Ei, Philip — diz Misty. — Parece que você já andou bebendo.

Tudo *parece* para Misty.

— Estou bem. — Philip sorri.

— Parece que você está gravando com um pessoal meio emperrado. — Misty meneia a cabeça em direção aos Sparklers, mais adiante no bar, constrangidos. — Como eles se chamam? Os Sem Graça?

— The Sparklers.

— Jesus Cristo...

Larry pisca para Misty por cima do ombro de Philip.

— E o nosso trabalho é deixar os caras mais relaxados — explica.

— Não dá para fazer um disco sem ritmo — responde Misty, brincando.

— Eles vão conseguir — diz Larry. Então, dá de ombros. — Não sei. Talvez não.

— Precisamos de ajuda para sair dessa — diz Philip.

— Claro. O que você quer que eu leve para eles beberem?

— Algo terrível. Algo forte.

Misty pensa um pouco, mas não por muito tempo. Não é a primeira vez que os Danes levam uma banda para o Doug's Den, na Beaubien Street. Ela enfileira cinco doses no balcão.

— E vamos querer o mesmo — acrescenta Philip.

Misty abre um sorriso meio maternal. Philip gosta dela. Com olhos fortes, cabelo escuro e curto, Misty bem poderia ser sua irmã. E ela sempre foi legal com os Danes.

— Vocês estão pensando em gravar alguma coisa hoje? — pergunta ela, já servindo as doses.

— O máximo que fizemos foi montar a bateria.

"Little Bitty Pretty One", de Thurston Harris, começa a tocar no jukebox.

Com movimentos ritmados, Duane pega metade das doses, e Philip leva as outras. Eles entregam as bebidas para os Sparklers, agora reunidos na pista de dança. Mas ainda não estão dançando.

— Vocês gostam dessa música? — pergunta Philip.

— Sim — diz o baixista dos Sparklers. Philip se vê refletido nos óculos do garoto. Parece bêbado. — É divertida.

— Ótimo — complementa Duane. — Então vamos nos divertir.

Enquanto ele e Philip distribuem as doses, a porta do Doug's Den se abre, e Ross entra. Está com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco e curvado como sempre fica, mesmo quando toca guitarra.

Os jovens Sparklers encaram Ross com reverência. Afinal, foi a guitarra dele em "Be Here" que garantiu aos Danes seu sucesso como instrumentistas.

— Desculpe o atraso — diz a Philip. — Noite longa.

Philip compreende. Não é a primeira vez que um Dane alega estar de ressaca.

— Ross, esses são os Sparklers.

O guitarrista olha para o grupo. Ross conhece Philip bem o bastante para saber por que ele os levou ao Doug's.

— Você é Ross Robinson — diz o guitarrista dos Sparklers, olhando para o cabelo encaracolado do ídolo. — Eu enrolo meu cabelo assim para ficar parecido com o seu.

— Você está parecendo um palhaço — diz Ross. Então, pega um dos copos e entorna o uísque goela abaixo.

— Melhor? — pergunta Larry.

Ross seca a boca com a manga do casaco.

— Poderia estar pior.

Philip ergue o copo, inspirando os Sparklers, mesmo hesitantes, a fazerem o mesmo.

Art, o empresário da banda, corre para detê-los. Seu cabelo está molhado de suor. A gravata está frouxa.

— Ei, esperem aí! Temos uma sessão para terminar! Meus meninos não podem beber assim!

A música fica mais alta. Philip olha para trás. Misty está sorrindo no balcão do bar.

— Isso faz parte da sessão — diz Philip. — Chama-se rastreamento.

Philip baixa o copo, agarra o vocalista dos Sparklers e dança com ele. Então põe a mão do garoto em suas costas, pedindo-lhe que o conduza.

O Caminho levou Philip a lugares incríveis, mas às vezes, como quando observa os olhos ingênuos de um músico mais jovem, ele se pergunta até onde pode ir.

Essas crianças, Philip sabe disso, ainda não saíram de casa.

Ross se espreme entre Philip e o cantor com outra rodada de uísque.

— Chega — intervém Art. — Estou falando sério. Chega!

"Little Bitty Pretty One" termina, e então começa "Young Love", de Sonny James. Ainda não é nem meio-dia, e os frequentadores estão observando os Danes. Aqueles homens, veteranos da Primeira Guerra Mundial, estão ali desde as oito.

Larry começa a dançar com o empresário dos Sparklers, que parece uma criança nos braços do baixista. O baterista dos Sparklers desabotoa a camisa.

— Lá vai ele — diz Ross para Philip. — Daqui a pouco está bêbado.

Os Sparklers estão se soltando. Começam a dançar com movimentos estranhos. O guitarrista está beijando um cartaz de uma atriz de *Veio do Inferno,* um novo filme de terror.

A porta da frente se abre, e a luz do dia destaca a silhueta de um homem à porta.

Philip não o vê.

— Acha que estamos prontos para gravar? — pergunta um dos Sparklers.

Larry sorri, mas faz um não com a cabeça.

— Daqui a uns vinte anos.

Ele gira o garoto.

Philip sente um toque no ombro. Ele vira para trás.

O rosto que vê, de olhos azul-claros, maxilar firme e cabelo bem cuidado, é mais familiar do que amigável.

Militar, pensa Philip. Não vê um rosto como esse há muito tempo. Veteranos são uma coisa, e eles mudam ao longo dos anos. Mas os homens que dão as ordens, não.

Parece que o Caminho está instável agora. Como se tivesse mudado o terreno.

— Philip Tonka? — pergunta o sujeito.

— Sim?

A metade inferior de seu rosto está tomada por uma expressão séria, mas seus olhos ainda brilham. Nada brilha do mesmo jeito que os militares, pensa Philip.

Poderia ser? Aqui?

— Você é fã dos Danes? — pergunta Philip, esperançoso, embora olhando para um fantasma, para uma época que considerava terminada.

O homem concorda com a cabeça.

— Sim. Sou.

Philip nota o terno bem passado do sujeito. O sobretudo sem nenhum fiapo.

— Você quer gravar uma música? — pergunta Philip, mas apenas para ganhar tempo.

— Meu nome é Jonathan Mull. Você tomaria uma bebida comigo?

— Estamos no meio de uma sessão.

Mull examina o bar, absorvendo-o.

— Só vai levar um instante.

Mas Philip sabe que vai demorar mais do que isso.

Ele leva o sujeito até uma mesa. Duane observa o percurso dos dois. Os olhares de Philip e do baterista se encontram, e ambos compartilham uma preocupação silenciosa.

Militares? Aqui?

— Você é do Exército?

Mull se senta de um lado da mesa, e Philip, do outro.

— Olho bom. Inteligência militar. A maioria dos meus colegas me conhece como secretário Mull. Trata-se de uma oportunidade para você e os outros Danes.

— Um show?

— Mais ou menos.

— Onde?

— Bem, é isso que eu queria conversar com você.

— Então, vamos conversar.

— Na África.

Philip custa a acreditar no que ouviu. Talvez seja o uísque. Talvez seja o militar.

— Isso vai ser caro.

— E com certeza vamos pagar. Uma soma considerável. Muito. Mas esse show é um pouco diferente dos que vocês estão acostumados.

— Diferente como? — Há esperança na voz de Philip. O que já lhe parece uma lembrança, um último vestígio de frivolidade.

Mull junta as pontas dos dedos das mãos.

— Vocês não vão tocar nenhuma música. Na verdade, não vão fazer nenhum barulho. Em vez disso, vocês vão *ouvir* um som específico.

Philip olha para os companheiros de banda. E sente uma saudade súbita, como se estivesse observando com pesar a maneira como o mundo costumava ser.

O Caminho.

Philip teria se desviado?

— Que tipo de som? — pergunta Philip, virando-se para encarar o militar, para enfrentar a mudança.

— Um som que você nunca ouviu — declara o sujeito.

Philip não tem dúvida disso. E não tem nenhuma razão para crer que haja algo de familiar no lugar para onde esse homem pretende enviá-los.

— Posso ouvir?

— Não aqui.

— Por que não?

Mull faz uma pausa.

— Como você sabe, soldado Tonka, a principal função do Exército é proteger os cidadãos do país.

Philip sorri, mas não porque tenha achado graça naquilo.

— Que tipo de som poderia colocar as pessoas em perigo?

Mull apoia os cotovelos na mesa e, por um instante, Philip vê a ponta de uma fita de rolo saindo do bolso de seu casaco. Os olhos de Mull se voltam para os lábios de Philip, como se pedindo que ele pare de sorrir.

Isso não se aplica aqui, diz ele sem palavras.

— Um som maligno, soldado Tonka.

Philip ainda está pensando naquela fita.

— Você fala como se o negócio estivesse vivo.

Mull volta a se recostar na cadeira.

— Vamos a um lugar mais calmo para conversar.

Como se aproveitasse a deixa, o tumulto atrás deles aumenta. Larry está erguendo um dos Sparklers pela cintura.

— País das Maravilhas — sugere Mull.

— Para conversar — repete Philip.

Ele poderia acabar logo com aquilo. O que quer que seja. Poderia dizer não. Gosto daqui. Não quero ir para outro lugar. Você não pode nos obrigar.

— Para ouvir — diz Mull.

Um som maligno, soldado Tonka.

— Só me dê um minuto — diz Philip. — Vou chamar os Danes.

Ainda assim, enquanto se afasta da mesa e atravessa o bar para reunir os amigos, Philip vai dizendo a si mesmo que nenhum dinheiro, nenhuma curiosidade é suficiente para deixar tudo para trás.

E, no entanto, a imagem daquela fita no bolso do militar...

Talvez seja porque você não sabe onde isso vai dar, pensa Philip, tocando no ombro de Ross. *Talvez as pessoas só concordem em começar porque não sabem onde vão terminar.*

— O que está acontecendo? — pergunta Ross, apesar de ter visto o militar.

— Esse cara quer que a gente vá até o estúdio. Ele quer que a gente ouça uma fita.

Ross hesita.

— Ele é do Exército.

— É.

— Tem dinheiro envolvido?

— Ele mencionou uma soma “considerável”.

— Considerável para eles ou para nós?

— Ele disse que é muito.

Ross olha para Larry, dançando no bar.

— E voltamos direto para cá? — pergunta.

— Sim — diz Philip.

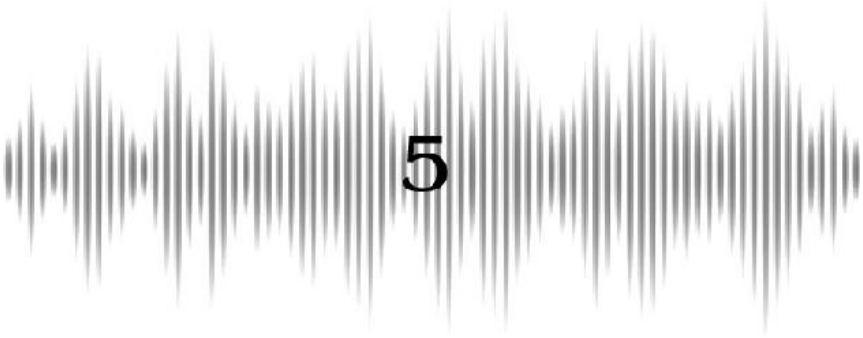
Entretanto, os dois amigos se encaram por um instante, e esse breve intervalo abriga a verdade de saberem que não voltarão tão cedo.

— Do que se trata?

— É um som.

Ross sorri. Mas não é um sorriso agradável.

— Ah, que merda, Philip — retruca, suando. — Qual o problema de ouvir um som?



5

Eu não faria isso se fosse você…

Fissuras, rachaduras, fendas, desfiladeiros.

E não apenas em seus ossos.

Philip está tentando fazer conexões.

É meio-dia, e a luz do sol penetra pela janela da unidade. Uma enfermeira loura, Delores, lhe aplica uma injeção, e até mesmo esse contato, agulha contra pele, já é alguma coisa.

Philip se sente assustadoramente sozinho.

Ele se lembra do secretário Mull entrando no bar, o Doug's Den. Do som. Ele se lembra do...

Mas, de certa forma, não há nada depois do som. Como se, assim que Philip levantou da mesa e reuniu os Danes, a realidade tivesse erodido. A rotina do dia a dia, o zumbido da existência, o som inaudito do planeta girando, tudo isso foi substituído... pelo *som*.

— Rádio?

Delores está perguntando se ele quer ouvir uma novela vespertina. É um cenário tão distinto do que Philip está pensando que chega a parecer que ela não está perguntando aquilo de verdade.

Philip não responde.

Em vez disso, sente uma mudança.

Teria sido a injeção? Deve ser. A sensação de estar preso, paralisado, incapaz de dobrar um dedo, diminui. Peças estão sendo colocadas no lugar, e a imagem que o quebra-cabeça está formando...

Ali está Mull. Ali estão eles, concordando em ouvir o som... ali está a África...

Sim, Philip quase se sente capaz de virar a cabeça, erguer as mãos e falar sem a menor dificuldade. Mas, quando tenta, descobre que ainda não consegue.

E, no entanto, as coisas *estão* mudando.

Conexões.

Eu não faria isso se fosse você…

Essa é a grande questão. O "quem" na pergunta "quem disse isso?". Philip lembra as palavras, lembra até mesmo a voz, mas não consegue lembrar onde ouviu a advertência.

No deserto? Em Detroit?

E "não faria" o quê?

— Vou ligar o rádio — diz Delores, fora de seu campo de visão. — Aí você me diz se está muito alto.

Philip não escuta o que ela fala. Ele está fazendo conexões. Seus ossos, seu corpo, seu cérebro...

Pela primeira vez na vida, Philip sente que sua identidade está em jogo. Talvez tenha sido para o seu próprio bem que agiu com tanta serenidade antes do deserto do Namibe, antes dos cascos na areia. No fim das contas, talvez tudo aquilo que ele pensava significar alguma coisa não significasse nada. Talvez Detroit fosse uma terra da fantasia, um País das Maravilhas, onde ele era um herói, onde era uma estrela, onde andava pelas ruas e acenava para algumas pessoas e ignorava outras, muito descolado. O homem da banda, o homem do Exército, o músico soldado que flertava sem palavras, que impressionava os pianistas mais novos, jovens que pesavam as opções da guerra.

Quantos moradores daquela cidade teriam se alistado por causa dos Danes?

O rádio está ligado, duas vozes dialogando. Um marido e sua esposa? Um marido e sua amante? Até isso, até os papéis das vozes que ele ouve estão sofrendo algum tipo de colapso de identidade, uma dissolução, quem é quem. Quem fez o quê, quem levou os Danes e para onde?

Quem disse o quê?

Eu não faria isso se fosse você…

Ele deve ter gemido, emitido algum som, porque Delores aparece de repente ao seu lado, colocando a mão em sua testa.

— Você está bem?

Mas que tipo de pergunta é essa?

A inútil resposta é não.

Ele pensa na enfermeira da noite anterior. Ellen. Era esse o nome? Ela pareceu emergir das sombras da unidade, das sombras de suas lesões, de seus pensamentos, do espaço entre suas conexões.

O que mais poderia emergir dessas áreas?

Será que alguma vez ele já se sentiu tão amedrontado?

Identidade.

Mas a injeção, a droga, está causando um efeito profundo. Philip conhece entorpecentes o bastante para entender que essa droga não é para ficar doidão. Não é uma pílula para relaxar ou um baseado para incendiar os pensamentos. Em vez disso, é a transformação gradual de ossos, músculos e pele em espuma, um retorno...

Ao quê?

Ao normal.

Ou um normal melhor. Sim, pensa Philip, vendo uma janela, um fio de esperança para um dia mais calmo, uma realidade na qual poderia voltar a se mexer.

Poderia fazer conexões.

— É sempre tão frio assim no verão? — pergunta Philip, e sua voz soa como madeira rachada.

Pela demora da resposta, Philip sabe que Delores está surpresa ao ouvi-lo falar.

— Quer que eu feche a janela?

— Não — responde, ainda olhando para onde a parede encontra o teto. — Só que... o tempo anda meio estranho.

— Bem — responde Delores. E, antes que ela diga alguma coisa, Philip já sabe que a enganou. — Ninguém nunca disse que Iowa tinha um clima razoável.

Iowa.

— Iowa — repete Philip.

Ele pode vê-la agora, as feições da enfermeira enquadradas em seu campo de visão. Ela leva a mão aos lábios, como se estivesse se questionando, ponderando se deveria ou não ter dito onde estavam.

— Vou fechar um pouco a janela.

Ela passa pelo pé da cama. Enquanto ouve a janela ser parcialmente fechada, Philip faz conexões. Corporais. E mentais.

Iowa.

Além de persuadir Delores a lhe revelar sua localização, ele também conseguiu que ela lhe mostrasse se Iowa era um segredo ou não, se *há* segredos ali.

Coisas não reveladas. A expressão no rosto da enfermeira lhe diz isso.

À medida que seu corpo se restabelece, remendando a si mesmo, temporariamente ou não, Philip se espanta com sua nova identidade, seu novo eu amedrontado, se dá conta de que o hospital tem segredos, e que ele também precisa ter os seus. E também pensa em seu antigo eu, um alcoólatra arredio de Detroit, um músico soldado que outrora acreditava que um homem era definido pela admiração que despertava nos demais.

Mas quando houve exatamente essa mudança de mentalidade? Foi quando o secretário Mull abriu a porta do bar? Foi quando o sargento Lovejoy apontou para as pegadas no deserto e disse "por aqui"?

Foi quando alguém o avisou, com uma voz que ele ainda não conseguiu identificar, o único detalhe do deserto que ele não consegue lembrar?

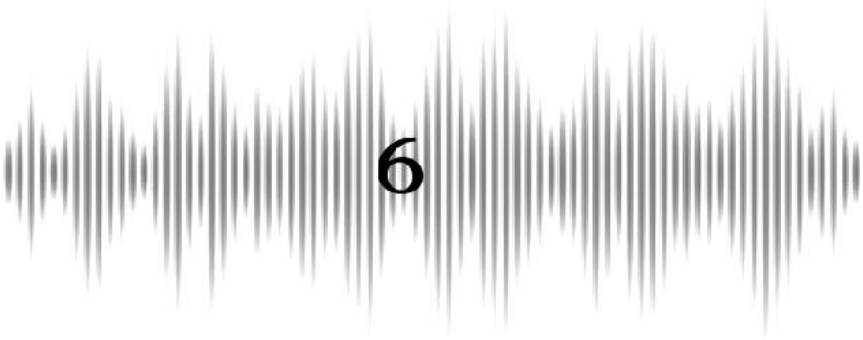
Eu não faria isso se fosse você…

Quando Delores passa de novo pelo pé da cama, Philip quase consegue balançar a cabeça em negação.

Não. Não foi naquelas ocasiões. Não foi naqueles lugares.

Foi quando ele estava com seus melhores amigos. No lugar onde ele se sentia mais confortável na cidade. Em uma época em que se sentia no topo do mundo.

Philip mudou para sempre, desconectou-se, na primeira vez que ouviu o som.



6

— Se eu gravar isso, vou parar na corte marcial? — pergunta Ross.

O secretário Mull sorri. Mas confirma com a cabeça.

— Isso é contra as regras, soldado Robinson.

— Um estúdio de gravação provavelmente não é o melhor lugar para uma reunião secreta — diz Larry.

Assim como Duane, Larry não se sentou. Como se os dois ainda não estivessem totalmente comprometidos.

Mull meneia a cabeça. Os papéis que trouxe jazem em cima da mesa de som.

— Mas fazemos o possível — diz ele.

Ele é simpático e Philip não gosta disso. O cabelo preto e basto de Mull destaca o brilho azul de seus olhos. Não fosse pela tristeza no olhar e pelas rugas em seu rosto forte, ele pareceria um pouco com o Super-Homem.

Mull tira a fita de ¼ polegada do bolso do casaco.

— Você poderia colocar isso para tocar? — pede para Ross.

— É o som misterioso? — pergunta Philip.

— É.

Ainda sentado na cadeira do engenheiro de som, ele entrega a fita para Ross.

— Obrigado.

Os Danes estão desconfiados. E com razão. O secretário Mull propôs que voassem até um deserto na África para "identificar a fonte de um som perigoso".

Uma nova arma? O Exército dos Estados Unidos acha que sim.

Mull se inclina para a frente, apoia os cotovelos nos joelhos, esfrega as mãos.

— Você pode pôr a fita para rodar — diz para Ross. — Tem uns trechos vazios e algumas discussões antes de começar o som.

Ross encaixa a fita no gravador e aperta o play. Ele olha para Philip.

O que está acontecendo?, pergunta com o olhar.

— Ouvimos esse som pela primeira vez em 1948 — explica Mull. — Surgiu em um teste de rádio de rotina em Tallahassee, na Flórida. Consideramos aquilo um distúrbio, mas não uma ameaça. Pedimos que nossos técnicos de rádio isolassem a frequência. Os problemas começaram imediatamente. Não conseguimos determinar o que era. E, é claro, não podíamos ignorar sinais desconhecidos. Em pouco tempo, identificar a fonte virou prioridade em nossos escritórios. Então o Pentágono se envolveu. Os peritos de áudio removeram a estática e isolaram o som, tornando-o o mais claro possível. Mas em algum momento ficou evidente que, se quiséssemos saber o que estava produzindo aquele som, precisaríamos ir até lá. Já enviamos dois pelotões. Todos soldados. Nenhum músico. É por isso que estamos interessados em vocês.

Vozes na fita. Abafadas. Militares falando. Philip quase consegue imaginar o tamanho da sala de reuniões em que a fita foi gravada. O eco é comprimido, o que sugere um teto baixo e paredes compridas.

— A única coisa positiva que conseguimos foi determinar mais ou menos a localização. Mas não completamente. É no deserto do Namibe. Na África. Mas isso ainda não nos diz a fonte.

— Espere aí — diz Larry, colocando as mãos nos quadris. — Você está dizendo que tem um barulho vindo de algum lugar no meio daquele deserto e quer que a gente o encontre?

— Sim. É exatamente isso. Pensamos em enviar especialistas para ouvir o som ao vivo...

— Os dois primeiros pelotões tiveram alguma sorte? — pergunta Philip.

Mull balança a cabeça, hesitante.

— Alguma.

— Como assim? — pergunta Duane.

— Está enterrado — diz Larry. — Debaixo da areia. Isso é óbvio, certo? Se os soldados vão procurar um som no deserto e não conseguem encontrar a fonte, a coisa deve estar enterrada, certo?

— O Pentágono não se envolve, a menos que seja necessário — diz Duane.

— É verdade — concorda Ross, o cotovelo a poucos centímetros dos rolos. — Quando se torna questão de segurança nacional...

— O som inoculou uma de nossas ogivas nucleares — comenta Mull, sem olhar nos olhos de nenhum dos Danes.

Um momento de estática na fita. Nenhuma voz.

— O que isso quer dizer? — pergunta Philip.

— Acreditamos que a frequência de algum modo... roubou o poder... de nossa arma de defesa mais poderosa.

— Como você sabe... — começa Philip.

— E tem mais — interrompe Mull.

— Ah, aposto que tem — diz Duane.

Mull inspira profundamente.

— Quando o alarme soou, notificando que a ogiva tinha sido esterilizada, um policial do Exército sacou a arma e descobriu que ela também estava inutilizada.

Philip imagina um exército inteiro com armas inoperantes. Seria totalmente diferente.

— É realmente uma questão de segurança nacional — prossegue Mull, um ouvido voltado para as vozes abafadas no alto-falante. — Uma arma como essa poderia deixar todos nós... o país inteiro... vulneráveis.

— Veja — diz Larry. — Nós servimos o Exército, mas só fizemos parte da banda.

— É por isso que vocês são ideais, cavalheiros.

Um pouco de silêncio. Muito raciocínio.

— E cabe a nós descobrir onde está? — pergunta Duane, mas ainda longe de se comprometer.

Philip está surpreso por ver que seu baterista ainda não foi embora. Tudo isso lhe parece o topo de um tobogã. Um retorno ao Exército, à vida que deixaram para trás, espera por eles no fim.

— Sim — diz Mull. — Mas, é claro, há uma questão mais importante do que “onde”.

— Qual? — pergunta Ross.

— *Quem.*

— Ei — diz Duane, após finalmente ter ouvido o bastante.

Mull tira do bolso do casaco dois protetores auriculares. Ele os aplica firmemente aos ouvidos.

— Desculpem, cavalheiros. O som está prestes a começar, e eu não tenho condições de ouvir isso outra vez. Por favor, peço de antemão que me perdoem.

— O quê? — exclama Philip.

Mull ajusta os tampões de ouvido.

— Espere aí — diz Duane, estendendo a palma da mão em direção a Mull. — Quão ruim pode ser esse negócio?

Philip olha para Ross, que cai de joelhos junto ao alto-falante.

— Ross?

Ele olha de volta para Mull e repara que o militar adotou uma nova expressão, como se estivesse estudando suas reações.

Philip vomita.

Quase não percebe o vômito chegando e olha para o colo, onde vê brilho dourado da bebida. Aperta os braços macios da cadeira da sala técnica.

Philip compreende que o som começou.

Mas ele está ouvindo?

Ele se sente mal. Enjoado de bebida. Pior. Mais forte. Como se sua pele fosse feita de couro. Está suando. Cores, cinza e preto, serpenteiam em sua barriga. Ele leva a mão à testa.

Os outros estão tapando os ouvidos. Larry parece machucado.

Philip abre a boca para dizer alguma coisa, e a saliva escorre de seus lábios. Parece que vai vomitar outra vez. Larry se levanta para sair da sala, mas não consegue afastar as mãos dos ouvidos por tempo suficiente para abrir a porta. Ele cambaleia e tomba contra a parede em busca de apoio. Vertigem.

Duane está caído de lado no chão.

Mull se inclina para trás na cadeira, paciente, com as mãos cruzadas. Seus olhos revelam que ele sabe exatamente o que os Danes

estão sentindo. Ele mesmo já experimentou aquilo.

Philip sente a inimitável sensação de pontas de dedos enfiados em seus ouvidos. Ele se vira depressa. Não tem ninguém ali atrás.

Mull sorri sem alegria. Ele meneia a cabeça.

O que você acha que é isso?, parece perguntar. *O que é, Philip?*

Philip balança a cabeça.

Não sei. Não entendo. Não é um som. É um sentimento.

Mas é um som. Ouça.

Philip se esforça... um ouvido voltado para os alto-falantes...

... tem *mesmo* um som.

É mais do que uma nota, pensa Philip, encarando Mull. *É um acorde.*

Ele está tentando erguer os dedos para tocar o acorde em um piano invisível à sua frente, mas mal consegue se mexer, mal consegue manter o braço erguido.

O som é mais uma inundação do que uma reverberação. Mais como alguma coisa vindo em sua direção do que uma música. Como se o ar através do qual a canção viaja estivesse chamuscado, enegrecido, deixando uma trilha tão larga quanto o estúdio, e, talvez, quanto toda a cidade além daquelas paredes.

Larry cai de joelhos junto à porta da frente. Ross rola para o lado no chão acarpetado do País das Maravilhas.

Eles estão falando? Os outros Danes? Estão pedindo para Mull desligar aquilo?

Do chão, Ross alcança o painel de controle.

Mull observa tudo isso. Silencioso. Paciente.

Philip vomita outra vez.

Duane rola de um lado para outro. Os dedos de Ross estão retorcidos, ossos artríticos forçando a carne das mãos...

Philip ouve um acorde, três semitons tocados ao mesmo tempo, como se alguém tivesse posto a mão aberta em cima de um piano. Ele mesmo já fez aquilo, bêbado, brincando com garotas, tentando fazê-las rir. Uma mão chapada era muito mais engraçado do que uma melodia. Mas esse som é maléfico, três notas que nenhum músico supersticioso tocaria ao mesmo tempo.

Philip tenta dizer isso, tenta abrir a boca e, então...

O som para.

E, por um instante, há apenas o silêncio dos homens procurando processar o que tinham acabado de viver.

A vertigem passou. A náusea se foi.

— Meu *Deus* — diz Larry, voltando a se levantar. — De jeito nenhum. Estou fora.

Mull concorda com a cabeça. Já esperava essa resposta.

Ross traz a cesta de lixo para perto, como se fosse vomitar. Em vez disso, engasga.

Duane está de pé no meio da sala, cambaleante.

— O que foi *isso*? — pergunta, sem fôlego.

Mull olha para Philip.

— O soldado Tonka disse que é um acorde. Vocês todos ouviram o mesmo?

Philip faz que não com a cabeça.

— Eu não disse isso.

Mull sorri friamente.

— Claro que disse.

— Não, secretário. Eu não disse. — Philip se senta. — Eu não falei nada. Eu pensei.

Mull balança a cabeça.

— Você emitiu um som, soldado Tonka. E eu ouvi. Estou errado? Você não achou que era um acorde?

Philip olha para cada companheiro de banda e, finalmente, volta a encarar Mull.

— Sim — responde ele. — Eu ouvi um acorde.

Enquanto os outros Danes debatem sobre o que ouviram, Philip e Mull se olham.

Você emitiu um som, soldado Tonka. E eu ouvi. Estou errado?

Philip inspira profundamente e pensa na África. Pensa em dois pelotões incapazes de encontrar um som que altera o modo como as pessoas sentem, ouvem e também como falam.

— Vocês têm três horas — diz Mull, levantando-se, entregando uma pequena pilha de papéis a cada músico. O número de telefone do militar está escrito a caneta nos documentos. — Três horas para me dizerem se vão ou não para a África. — Ele tira a fita do gravador e a guarda no bolso interno do casaco. — Eu já disse ao soldado

Tonka que planejamos pagar por essa missão. Mas talvez não tenha dito quanto.

Ainda se recuperando, os Danes esperam.

— Cem mil para cada um — diz Mull. — Quatrocentos mil para a banda. — Ele ajusta o paletó. — Não sou dado a saídas teatrais, mas as apostas aqui são bem altas. Se for uma arma, talvez os quatro consigam impedir que seja usada. — Ele para em frente à porta. — Três horas, cavalheiros. Espero uma decisão até lá.

7

Ellen olha para Philip por trás do vidro do posto de enfermagem. Ela o observa todos os dias há seis meses, e ainda fica chocada ao vê-lo assim. Acordado. Piscando. O movimento sutil de seus lábios. O suor em sua testa, perto do cabelo preto. Quando os serventes, Carl e Jerry, o levaram para a Sala de Observação, Carl mencionou que Philip tocava em uma banda de rock 'n' roll. Os Danes. Jerry disse que nunca tinha ouvido falar deles.

Mas Ellen talvez tivesse. O nome não lhe é estranho, puxa alguma coisa na memória, mas ela não consegue identificar o quê. Talvez seja só porque Elvis Presley tem um dogue alemão, também conhecido como Great Dane.

Os Danes.

Ellen achou que Philip ia morrer. É assim que as enfermeiras encaram quase todos os pacientes que chegam ao Macy Mercy. Em coma. Ou quase isso. E também perto da morte. Tão perto que dá para senti-la ao andar pelos corredores, de dia ou de noite: um nevoeiro negro, dedos sem forma estendidos para as portas de cada unidade, capazes de abri-las, preparados para arrancar a vida daqueles que sobrevivem a duras penas. Ora, um dia antes de Philip acordar, o paciente da Unidade 9 morreu. E seus sinais vitais pareciam promissores. As chances de recuperação estavam sendo consideradas. As enfermeiras concordaram que ele estava muito melhor do que Philip, e, no entanto... aqueles dedos. Em alguns dias, Ellen sente as mãos inteiras da Morte nos corredores do hospital Macy Mercy. Impacientes, gananciosas, pervertidas.

Quando Philip chegou, as enfermeiras ficaram espantadas com as radiografias, que revelavam fraturas em diversos ossos. Era como se alguém tivesse planejado causar aqueles ferimentos, premeditando aquele inacreditável arranjo de linhas irregulares, aquele caos de fraturas, sua falta de lógica, de plausibilidade, de sobrevivência.

No entanto, Ellen está acostumada a se deparar com estranhezas. Quase todos os pacientes do Macy Mercy chegam em condições excepcionais. E, enquanto trabalhar ali, ela terá que conciliar a sensibilidade de uma mulher moderna de 1957 com a compreensão de que aqueles que dirigem o hospital militar sabem mais do que ela. Faz parte de suas atribuições guardar as perguntas para si mesma. E, assim como a maioria dos trabalhadores do país, Ellen só está ali pelo dinheiro. Precisa do emprego, mora sozinha em um apartamento na Carter Street. E gosta do trabalho. E às vezes, mas nem sempre, ela se pega tentando resolver esses mistérios que entram pela porta do hospital.

Como esse homem, Philip Tonka, que ela vê do outro lado do vidro do posto de enfermagem. A imagem das radiografias de Philip ficará para sempre em sua memória, e mesmo agora é difícil observá-lo sem pensar nas linhas das fraturas, algumas pequenas, a maioria não, sabendo que existem de algum modo sob aquela pele incrivelmente ferida e pálida.

Jesus, é como assistir a um episódio daquele programa de televisão *Science Fiction Theatre*.

Philip pisca.

A pele ao redor de seus olhos está especialmente machucada, porém não muito mais do que o restante do corpo. A não ser que ocorra um salto quântico no campo da cirurgia estética, suas feições ficarão deformadas para sempre. O rosto está amassado, o peito, assimétrico, e ainda assim... existe nele alguma coesão. Ellen se pergunta se é porque não há mais ninguém no mundo com aquela... cor.

Enquanto faz anotações, pequenos rabiscos que registram as piscadelas do paciente, que está com a língua para fora, ela não consegue deixar de se perguntar como ele era antes.

Qual lado daquele rosto torto é o verdadeiro? Será que os dois?

Ellen usa papel pautado. Um branco que rivaliza com o de seu uniforme, o que lhe dá uma sensação de luminosidade naquele posto de enfermagem mobiliado com gabinetes de arquivo cinzentos, gavetas marrons e mesas pretas. Atrás dela, a enfermeira Francine está preparando remédios para Philip. A mulher em breve os administrará, como faz duas vezes por dia com Delores. O trabalho de Ellen é registrar a evolução física do paciente recém-desperto. Depois de uma lesão como aquela, vale registrar até um piscar de olhos.

Contudo, exceto as pálpebras e os lábios, ele ainda não se mexeu. Philip quase não fala, e, quando o faz, sua garganta parece uma lixa — não importa se ela lhe der um pouco de água para ajudar.

— Incrível — diz Francine, também olhando através do vidro.

— Sim — concorda Ellen. — A gente não imaginava que um dia acompanharia os movimentos desse aí, não é?

— Não, senhora — responde Francine, com o nariz a dois centímetros do vidro. Ellen vê o reflexo da enfermeira mais velha, os óculos de armação preta por cima das rugas profundas de seu rosto largo. — Não tinha a mínima chance.

Então elas ficam em silêncio. Sem piadas de Ellen. Sem hipóteses de Francine. Elas não tentam adivinhar o que aconteceu com Philip, porque já fizeram isso, durante seis meses, até o despertar surpreendente de ontem. Algumas dessas especulações eram incríveis demais para serem consideradas, mas só pode ter sido alguma coisa inacreditável. Delores se perguntava se foi obra de um homem. Ao que parece, as lesões do paciente foram intencionais, planejadas. Francine achava que aquilo era resultado de uma queda de um precipício. Os serventes, Carl e Jerry, sugeriram explosão de bomba, mas o corpo de Philip não apresenta estilhaços nem abrasões.

Os hematomas, aquela interminável extensão de roxos, laranjas, marrons e amarelos, são de lesões internas.

Philip está deitado de costas, olhando para o teto, as mãos, os braços e o peito expostos.

Para Ellen, a resposta está em algum lugar naquela pele. Às vezes, quando é forçada a tocá-la para remover ou aplicar a intravenosa, sente uma certa falsidade ali, como se algo de borracha a houvesse substituído. Como se a pele de Philip tivesse sido exposta a algo

suficientemente poderoso para alterar sua composição. Ellen achava que ele não voltaria ao normal. E tentava não usar justamente a palavra que todas as enfermeiras evitaram durante aqueles seis meses.

Nuclear.

Hoje em dia? Quem sabe. O assunto estava na capa de todos os jornais e revistas, na mente de todos os homens e mulheres dos Estados Unidos.

Na semana anterior, Ellen acordou de um pesadelo, uma imagem de Philip arrancando a própria pele, como se fosse um traje, e deixando-a cair no chão, toda dobrada.

Sou radioativo, disse ele. *Pode tocar*.

Agora, sob as luzes da sala de observação, a pele de Philip parece mais artificial do que nunca.

— Mas a vida continua — diz Francine. — Para esse aí.

O clique suave da porta se abrindo e fechando indica que Ellen está sozinha no posto. Francine vai administrar a injeção em Philip e depois vai se reportar ao Dr. Szands no escritório.

Ellen tenta não pensar nos mistérios desse lugar. O apresentador do *Science Fiction Theatre* era Truman Bradley, um ex-correspondente de guerra muito antes de começar a apresentar aqueles episódios pseudocientíficos. E também era ator. E bem bonito, pelo que Ellen se lembra.

Será que Philip se parecia com Truman Bradley?

Talvez seja a maneira como ele olha para o teto, como se estivesse questionando algo.

Talvez seja porque ele foi o primeiro a responder às orações silenciosas e não religiosas de Ellen.

Ele pisca.

Ellen anota.

Quando menina, ela se imaginava um dia caminhando pelas ruas de Nova York, fazendo compras com as amigas, marcando encontros em restaurantes de diferentes culinárias do mundo com nomes complicados, almoçando nos bancos dos parques.

Mas, então, o amor... uma breve e trágica maternidade... e a vida a levou até ali...

... uma enfermeira.

Não lhe é estranha a noção de que sua profissão pode ser vista como uma forma de lidar com a perda da filha, a necessidade de curar, de afastar aqueles dedos negros dos corredores do Macy Mercy, de chegar às portas antes deles, quem sabe desta vez com a dose certa de remédio, ou uma piada milagrosa para contar.

Mesmo ali, a sessenta e cinco quilômetros de Des Moines, Ellen tem amigos que fazem as vezes de psiquiatras amadores.

Você deveria largar o hospital, dizem alguns. *Você precisa ficar longe da tristeza*, dizem outros.

Ellen acha que eles estão certos, claro, todos eles. E, no entanto, não consegue ir embora. Não consegue se afastar de homens como Philip Tonka, que certamente foi deixado em uma cesta à porta da morte e agora pisca ao ritmo de um coração exaurido.

Enquanto Francine aplica a injeção, Ellen gira a cadeira de rodinhas e a desliza até um cooler no canto da sala. Ela pega uma lata de refrigerante e desliza de volta para o lugar.

Ela gosta desse trabalho. De verdade. Tem orgulho de ajudar outras pessoas, mesmo que a maioria não esteja consciente de sua ajuda. Prefere estar ali, acompanhando o progresso de um homem que ainda tem vida dentro dele, do que entornando coquetéis com as amigas na cidade grande.

Não é verdade?

Ellen não deveria se fazer esse tipo de pergunta.

Ela olha para o relógio na parede.

Anota o horário no papel.

Quando levanta a cabeça, encontra Philip olhando para ela.

Ellen engasga no meio do gole e derrama um pouco de refrigerante de uva em seu uniforme branco.

Philip está olhando para ela de soslaio.

E move a ponta dos dedos.

— Ah, meu Deus! — Ellen se levanta e volta a se sentar. Ela limpa o refrigerante do uniforme e começa a fazer uma anotação, escreve de maneira bagunçada e olha de novo pelo vidro. Francine já foi embora. — Ah, meu Deus, ele está se mexendo.

Ela está empolgada demais para escrever. Em vez disso, se levanta para sair do posto de enfermagem, mas volta correndo para o vidro.

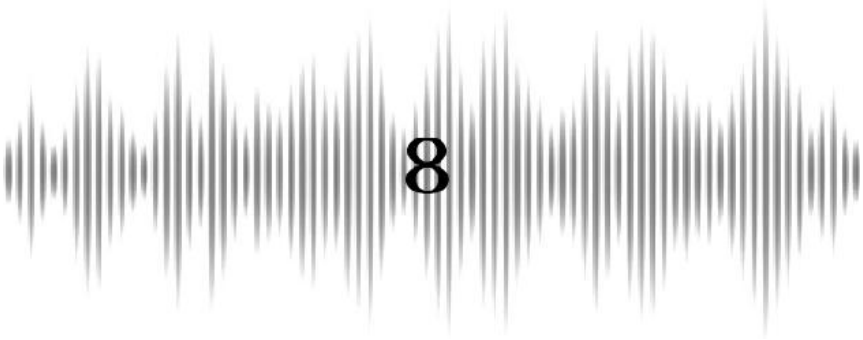
Seus olhos se encontram por um instante.

Os dedos dobrados da mão direita dele, todos os cinco, estão se mexendo. Pode ser suave, mas é um movimento.

De um homem que quebrou quase todos os ossos do corpo.

Ellen sorri. Não consegue conter o sorriso. Mas Philip simplesmente a encara. E há medo nos olhos dele. Um medo que Ellen acha que nunca sentiu na vida.

Ela sai correndo do posto para contar a novidade.



8

Nas três horas que tem para pensar, Ross vai para casa encontrar a mãe. E pelo que Ross consegue lembrar, ela sabe das coisas.

Ele traz os dados, sua cópia dos documentos, dobrados e enfiados no bolso do casaco. Andar pelas ruas de Detroit com um segredo no bolso o faz se sentir importante. Em um dia diferente ele poderia achar aquilo emocionante, como um programa de espionagem na televisão. Mas, agora, seu entusiasmo é temperado pela memória cristalina do som que ouviu na sala técnica.

Ross leva a mão à barriga ao atravessar o gramado na Indiana Street e sobe a escada de aço que leva à porta dos fundos do duplex que divide com a mãe.

Mãe.

Como ele vai falar sobre aquilo com a mãe?

Se tem alguém que Ross sabe que não dá a mínima para o Exército dos Estados Unidos, essa pessoa é sua mãe. Droga, durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto os outros Danes recebiam elogios e incentivo em casa, sua mãe lhe enviava cartas suplicando para que desertasse. *A guerra é vergonhosa*, dizia. *E toda essa luta não vai significar nada daqui a dez anos.*

Claro que ela estava tanto certa quanto errada a esse respeito. Doze anos depois, a guerra parecia muito menos importante. E, ainda assim... o mundo mudou. De muitas maneiras, para melhor. E, se Ross tivesse a chance de contribuir assim outra vez...

... não seria certo ir em frente?

Ele encontra as chaves no bolso da calça e destranca a porta dos fundos.

— Ross?

Na mesma hora. Ross nem tem tempo de respirar fundo. É como se Ruth Robinson conseguisse captar quando o filho precisa tomar uma decisão séria.

Ela consegue ouvir. Como um som doentio, hein, Ross?

— Oi, mamãe. Estou em casa.

— Por quê?

Sua mãe não perde uma. Ela pode ter cinquenta e oito anos e andar de pijama pela casa o dia inteiro, mas continua sagaz como sempre. E Ross sabe disso melhor do que ninguém.

— A sessão foi cancelada.

Ele enfia a mão no bolso do casaco e fica mexendo nos papéis, que já leu e releu.

— Por quê?

Ross ergue os olhos e vê a mãe parada à porta da cozinha, óculos pendurados no pescoço. Não há como se esconder agora, ela já viu seu rosto. Já sabe que o filho tem algo em mente. Ainda assim... vai tentar.

— Ah, você sabe... garotada. Tem frango?

A mãe faz uma pausa meio artificial antes de responder.

— Claro. Na geladeira.

Ross está tentando parecer tranquilo, mas, com trinta e um anos, está cada vez mais difícil enganar a mãe.

Mas não vai ter que dizer para ela de qualquer maneira? Ele não está pensando em aceitar?

Por cem mil dólares para cada um, todos os Danes não estariam pensando em aceitar?

— Obrigado, mamãe — diz Ross, tirando um prato de frango da geladeira e colocando-o em cima da mesa da cozinha.

A mãe, que tem o cabelo tão encaracolado quanto o do filho, está usando um roupão azul. Ela se encosta no batente da porta, observando-o.

Ross se senta à mesa, olha para o frango e, subitamente, fica enjoado. Como se o som da sala técnica também fosse feito de frango.

— Tire o casaco — diz a mãe.

O casaco. Ross não tirou. Por que não? Ele sabe por que não. Porque está escondendo um segredo em um dos bolsos. Um pedaço de papel explicando por que deve pegar um avião para um deserto africano e colocar sua vida em risco. Pelos Estados Unidos.

Outra vez.

— O que foi, Ross?

A mãe não usa meias palavras. Não gosta de perder tempo.

Ross balança a cabeça.

— Nada, mamãe. Só... nada.

Ele enfia um pouco de frango na boca e, por um segundo, acha que vai vomitar. O gosto inicial atordoa seu organismo. Ele olha de novo para o prato, meio que esperando ver uma carne cinza. Algo inchado, algo ruim.

— Nada? — repete a mãe.

E, pela maneira como ela diz isso, Ross não tem escolha a não ser encará-la.

É o que faz. E os dois sustentam o olhar durante trinta segundos até Ruth balançar a cabeça e dizer:

— O Exército.

— Sim.

— O que eles querem?

Ross enfia a mão no bolso do casaco e tira o documento dobrado. Ele estende o papel para ela. Ruth olha para o documento como se fosse uma aranha, algo no qual ela não tem certeza se quer pôr os dedos. Mas atravessa a pequena cozinha e pega o papel. Então afasta a outra cadeira da mesa, se senta, desdobra o documento e apoia os óculos no nariz.

Sentindo-se melhor por enfim ter comido alguma coisa, Ross termina o frango enquanto a mãe lê. Quando acaba, ela não põe o papel de lado, não o amassa, não o joga fora.

— Não aceite — diz, simplesmente.

Direta. Quatro sílabas.

— Vou aceitar, mamãe.

— Não.

— Por que não?

Ross sente um impulso. Está decidido a aceitar.

Ruth apoia os cotovelos em cima da mesa e se inclina para mais perto do filho.

— Mistérios já são ruins o bastante. Mas mistérios do Exército? — Ela balança a cabeça. — Isso quer dizer que eles estão escondendo alguma coisa.

— Eles não sabem onde está. Alguém está escondendo aquilo deles.

— Sei.

Desdenhosa.

Mas, mesmo com a mãe dizendo não, Ross sente o sim tomando forma.

Tudo se resume a uma única palavra, não é, Ross?, pensa ele. *Uma única palavra que impulsiona você e seus companheiros de banda, seus melhores amigos. Uma palavra que levou vocês ao Exército, colocou vocês em uma banda e os meteu em apuros três ou quatro vezes por semana. Uma palavra que vale mais de cem mil dólares para cada um.*

— Aventura — diz a mãe, balançando a cabeça. — Você e esse maldito vício em aventura.

Ross assente. Ela está certa, claro. Ainda assim... aquela é a palavra. Sempre foi.

Philip chama aquilo de Caminho.

— Eles precisam da gente — argumenta.

— Quem são eles?

— Os Estados Unidos.

A mãe solta um riso de escárnio e bate com as mãos no tampo da mesa. Forte o bastante para chacoalhar os ossos de frango no prato de Ross.

— Os Estados Unidos não *precisam* de vocês, meu filho. Os Estados Unidos precisam é de um psiquiatra.

— Nós entendemos de som. Podemos encontrar aquilo para eles.

— E depois? E aí? Vocês só apontam onde está e... *tcharam!*... voltam para casa?

Ross não pensou tão adiante. Fica meio surpreso ao perceber que não pensou tão adiante.

— Bem, sim. Algo do tipo.

A mãe balança a cabeça outra vez.

— Isso nem chega a ser mistério, Ross. Isso é ignorância. Não vá.

— Mamãe...

— Não estou gostando disso. Não vá.

— Mamãe...

Ross sorri. Tranquilamente. O rubor deixa suas faces, e ele assume o papel do homem crescido que de fato é.

Aventura.

Os Danes.

E a popularidade e o respeito que ele e seus amigos conquistaram por serem tanto veteranos quanto músicos. Como eles podem dizer não quando há tanto a ganhar dizendo sim?

— Você leu o que aconteceu com os outros dois pelotões? — pergunta a mãe.

Ross assente.

— É claro que li.

— Você *leu*?

— Li. Todos voltaram para casa em segurança.

— Não — retruca a mãe. Ela desliza o papel em direção ao filho e aponta para a parte sobre a qual está falando. — Leia.

— Mamãe, eu li.

— Leia outra vez.

Ross suspira e olha para baixo. Ele sente uma pontada de medo, de vergonha, como se estivesse prestes a ver um novo parágrafo dizendo claramente que os dois primeiros pelotões foram sentenciados à morte por enforcamento.

Mas não é para isso que a mãe está apontando.

Todos os membros dos pelotões anteriores voltaram para casa em segurança. De mãos vazias e desnorteados, mas em segurança.

— É isso — diz a mãe.

— Eles não conseguiram encontrar — explica Ross.

A mãe balança a cabeça pela última vez.

— Desnorteados, Ross. Você sabe o que isso quer dizer?

— Claro.

— Não, você não sabe. "Desnorteados" não significa só que eles não conseguiram resolver o mistério. Isso seria "insatisfeitos". O

“desnorteado” fica com você pelo resto da vida.

— Mamãe.

— Esses homens vão ficar se perguntando sobre esse som... para sempre.

— Mamãe.

— Eles vão ouvir o som quando estiverem dormindo. Quando estiverem acordados... vão ouvir nas ruas.

— Mamãe.

— Não faça isso, Ross.

Ross põe as mãos sobre as dela.

— Cem mil dólares — diz. — Para cada um.

A mãe se levanta da mesa, pega o prato do filho e o inclina sobre a pequena lata de lixo prateada para que os ossos deslizem para dentro do saco. Ela coloca o prato na pia.

— Desnorteados — repete a mãe, saindo da cozinha. Então, volta a aparecer à porta. — Duas semanas?

— Duas semanas. Ir e voltar.

A mãe assente.

— Traga um pouco de areia para mim.

* * *

DUANE E LARRY foram para o bar. Onde mais tomariam uma decisão dessa magnitude? Duane ocupa o tamborete de frente para a porta. Ele sempre fica de frente para a porta, onde quer que estejam. A Segunda Guerra Mundial fez isso com ele. Larry não se importa. Duane também sempre fica de frente para a multidão, sentado à bateria.

Os dois ficam juntos em um canto do balcão. Um velho músico de blues, Swoon Matthews, está sentado sozinho no canto oposto.

— Você sabe que Philip vai topar — diz Larry. — Ele não recusa nada.

— Não significa que precisamos topar.

— Não, não.

Eles pedem White Russians, o drinque que bebem quando estão tentando relaxar. Os dois ainda se lembram perfeitamente do som do

ar se abrindo no estúdio... do som do espaço chamuscado, da imagem de uma louca trilha negra deixada para trás.

— O que você acha? — pergunta Larry, já sabendo o que vai ouvir.

Duane dá de ombros.

— Parece arriscado. É isso o que eu acho.

— Como assim?

— Os outros dois pelotões. Não gosto disso.

— Não gosta porque eles não encontraram nada?

Duane dá de ombros outra vez, mas sem indiferença.

— Sim, talvez.

Larry pondera as palavras antes de falar o que quer.

— Aposto que conseguimos encontrar esse negócio.

— Claro que conseguimos.

As bebidas chegam. Larry faz uma pausa. Toma um gole. Então diz:

— Você acabou de falar isso como se a gente tivesse decidido ir.

— Foi mesmo.

— Então você acha que devemos ir?

Duane aponta discretamente para a outra ponta do balcão.

— Olhe só para o Swoon — sussurra. — Entende?

Larry entende.

— Sim, é claro.

— E o que você acha que o Swoon faria? Acha que ele voaria até a África pelo Exército?

Larry pensa a respeito.

— Não. Acho que não.

— E por que não?

— Sei lá, Duane. Porque ele tem cem anos?

Duane faz que não com a cabeça. Então toma um gole do drinque.

— Porque ele se contenta em fazer a mesma coisa todos os dias.

— E você não?

— Alguma vez nós nos contentamos?

Larry assente. Quando entrou no bar, pensou que sobraria para ele convencer o amigo. Mas Duane virou o jogo. Isso parece errado. Como se um deles tivesse que dizer que aquilo era uma loucura.

— Nós somos aventureiros — diz Duane. — Se você ainda não se deu conta disso, pode passar o resto do dia aqui com o Swoon.

Larry olha para o velho músico de blues. O cabelo branco encaracolado acomoda-se de forma desigual sobre a testa negra e enrugada. Ele usa óculos escuros em lugares fechados. Talvez esteja olhando para Larry. Não importa. No momento, Larry precisa olhar para aquele homem. Precisa de um lembrete de como é fácil cair na rotina do resto da vida.

— Algumas pessoas se acomodam antes do que deveriam — diz Larry.

E não precisa explicar o que quer dizer. Duane entende. Ele fala essa língua.

— É mesmo.

Os dois ex-soldados e atuais companheiros de banda bebem seus drinques. White Russians devem ser apreciados com toda a calma. E decisões como aquela devem ser avaliadas lentamente, mesmo que já tenham sido tomadas.

— Então, por que ainda não contamos para os outros? — pergunta Larry.

Duane dá de ombros.

— Porque ainda temos três horas, só isso.

— Você está incomodado com alguma coisa.

— Sim, estou.

— No relatório.

— Sim, no relatório.

— O quê?

Duane faz uma pausa antes de meter a mão no bolso. Larry acha que seu baterista, seu amigo, vai pegar os papéis dobrados. Em vez disso, ele puxa um maço de cigarros, tira um e acende.

Duane traga profundamente. Exala.

— Por que ele não ficou?

— Quem?

— Mull.

— Como assim?

— Você não leu os papéis.

— Li, sim.

— Bem, então não leu direito. Mull pegou um avião com os dois pelotões até o deserto, mas não ficou para a missão. Por quê?

Larry abre a boca para falar. Em vez disso, ergue o copo e toma um gole.

— Ele tinha outras coisas para fazer — responde, por fim.

— Aham. Você está vendo o Swoon ali?

— Sim, Duane.

— Pois é. Você sabe por que ele se contenta em ser apenas o Swoon de Detroit?

Larry pensa na pergunta. Às vezes, Duane fica assim. Enigmático. Isso em geral leva a algo profundo. Mas, no momento, Larry não quer profundidade. Quer facilidade. Quer que Duane diga que vão ganhar um monte de dinheiro fazendo uma coisa boa.

— É porque ele tem medo — diz Duane.

— Certo. Mas o que isso tem a ver com...

Duane segura o pulso de Larry.

— Mull tem medo daquele som. Quando tocou, ele ficou ainda mais branco do que já é.

Duane solta lentamente o pulso de Larry e se acomoda no tamborete.

— Não — diz Larry, sem muita confiança.

O que ele está pensando é: *Eu também tenho medo.*

— É, sim — retruca Duane. Ele toma um gole do drinque, deixa um cubo de gelo na boca e o tritura. — Um oficial do Exército dos Estados Unidos, corajoso o bastante para se intrometer na vida de quatro desconhecidos com um bolso cheio de som, mas covarde demais para ir até lá e ouvir pessoalmente.

— É o Exército, Duane. Você sabe como funciona.

— Isso é diferente. Vi nos olhos dele, lá no estúdio. Quando a fita começou a tocar. Eu o vi olhando para aqueles rolos como se estivessem liberando seus piores pesadelos. Ele conhece essa fita de trás para a frente, cada trecho. E colocou aqueles protetores de ouvido antes do som começar. Ele tem medo, Larry. Tem mais medo disso do que de qualquer arma que possam inventar.

Larry sorri.

— Agora você está falando maluquice.

Mas Duane não sorri. A fumaça sobe até a altura dos olhos e, por um segundo terrível, ele parece mumificado. Como se nunca mais

fosse voltar a se mexer.

— Há coisas piores do que inventarem uma nova arma — diz Duane, terminando o drinque.

— Como o quê?

— Como o tipo de pessoa que a criou.

* * *

— O PRIMEIRO PELOTÃO foi enviado há um ano. Quase um ano. Queria saber o que eu estava fazendo naquele dia.

— Você provavelmente estava neste mesmo quarto.

Philip sorri. Não sem preocupação. Está deitado ao lado de uma garota chamada Marla. Ele está vestido. Ela não. Eles não se amam, mas, meu Deus, como se divertem. Philip encontrou Marla no Caminho.

— Mas veja isso — diz Philip, apoiando-se sobre o cotovelo. — O segundo pelotão foi enviado seis dias após a volta do primeiro. Então deve fazer... mais ou menos... uns dez meses desde que o segundo pelotão voltou.

— E daí?

— Por que esperaram tanto tempo? É isso que me preocupa.

— Eles estavam procurando homens como vocês — diz Marla.

O cabelo ruivo esconde parcialmente seu rosto. O lençol mal cobre seu corpo.

— Talvez — diz Philip. — E tem mais. — Ele se senta de pernas cruzadas sobre o colchão. — Por que o som não ficou mais intenso?

— Como você sabe que não ficou?

— O relatório tem arquivos sobre as ondas sonoras. Não tem absolutamente nenhuma variação entre a primeira e a última vez.

— E daí?

— E daí que isso significa que... se estamos falando de uma arma ou de algo que está sendo construído... aquilo já estava pronto quando eles ouviram o som pela primeira vez.

Marla assente.

— Então é melhor não ir.

Philip contrai o rosto de um jeito que o faz parecer dez anos mais novo.

— Não ir? Não, não. Não é isso o que quero dizer. Veja, não espero que o Exército vá dizer... *tudo*. Eles nunca dizem. É o Exército.

— Certo — diz Marla. À luz do sol poente, o rímel borrado empresta ao seu rosto uma aparência de Dia dos Mortos. — Então vá.

Philip concorda. Em grande parte.

— Sim. Vá. *Vá*. Mas não vá... ingênuo. — Ele se levanta da cama. — O motivo da espera é... — Ele olha para o teto, pensativo. — É porque eles decidiram deixar para lá. Mas então... então... o som continuou aparecendo. Daí decidiram voltar a procurar. Talvez seja isso.

— Seja como for. Duas semanas no deserto. Um monte de dinheiro, e você será herói outra vez — diz Marla, sorrindo.

Ela está meio que brincando, mas a expressão que toma o rosto de Philip a deixa preocupada. Ele não sorri, apenas assente. E Marla percebe que, sem querer, expôs a razão e a motivação para ele ir.

— E o motivo pelo qual o som não mudou...

Philip para de falar no meio da frase e olha pela janela do apartamento de Marla. Lá embaixo está Detroit, as ruas agitadas com adolescentes de carro, mendigos encolhidos contra os alicerces dos edifícios, cães vadios e homens de terno que os evitam.

— Só tome cuidado — pede Marla.

Ela também se levanta, mas não se preocupa em se vestir. E sai do quarto.

— Preciso ir — grita Philip.

Ele olha através do vidro, sem realmente perceber que gostaria de ver Larry, Duane e Ross lá embaixo nas ruas. Será que espera vê-los confiantes, de malas prontas?

Philip sente um solitário calafrio de medo do pescoço até as pernas. A sensação se instala em algum lugar dentro dele e não vai embora.

Marla volta para o quarto com um copo de água para Philip. Ao pegar o copo, ele repara que ainda está usando o relógio que tirou do empresário dos Sparklers.

Ele pensa que deveria encontrar o sujeito e devolver o relógio.

Não posso ir para a África. Preciso devolver um relógio.

Um pensamento bobo, é claro. Mais uma prova de que Philip está com medo.

— Não morra — pede Marla.

— Não vou morrer.

— Ah, é?

— Essa não é a minha história. Não é assim que minha história termina.

— Essa é a coisa mais ingênua que já ouvi de você. Acha que alguém pensa que a própria história vai terminar do jeito que termina?

Philip bebe água.

— Não morra — repete Marla.

— E você não se vista — diz ele.

Marla sorri.

— Eu me dei conta de que você vai ficar duas semanas sem mulher. Bem que eu poderia dar uma lembrancinha de duas semanas na sua despedida.

Ela toca a tecla de piano pendurada no peito de Philip. Fá.

Ele esboça um meio sorriso. Aos olhos de Marla, ele parece sério demais. Muito sério.

— Ei — começa ela, cruzando os braços sob os seios. — O que você tem?

— Esse assunto é muito importante — explica Philip.

Mesmo agora, há uma expressão diferente em seus olhos. Algo infantil.

— Eu sei — diz ela. — Só que eu nunca vi você assim.

— Não é nada — diz Philip. — Quer dizer, é, mas... é só... é que o som é sempre igual... não muda nunca... isso me preocupa. Nada é assim, entende? Tudo... muda.

Marla abre a boca para dizer "melhor não ir", mas Philip coloca um dedo sobre seus lábios.

— Vejo você em duas semanas — diz ele.

Marla presta continência, e Philip vai embora do apartamento dela.

Lá embaixo, na rua, Philip tenta afastar a sensação, o medo. Para onde quer que olhe, Detroit lhe parece um exagero de si mesma. O

homem varrendo a calçada do Bankman's Diner está tão bem-vestido que quase parece estar em um palco. O toldo do salão Adele's Hair and Beauty está praticamente brilhando. Olhando em torno, é como se toda a cidade fosse um cenário, um filme sendo rodado, tudo em seu devido lugar. Até os tijolos pintados de laranja da fachada da Perry Drugs, onde os Danes tiraram a foto da capa de seu compacto de 45 rpm "Be Here", parecem perfeitos, empilhados simetricamente.

Philip sente como se estivesse vendo tudo pela primeira vez. Através de outros olhos. Olhos de alguém assistindo àquele filme, talvez. E o efeito que os cineastas estão buscando é...

Detroit é uma ótima cidade. Não vá embora.

Meu Deus, até o céu parece ter sido pintado.

Ele dobra à direita na Elizabeth e vê seus três companheiros de banda em frente ao estúdio.

A bagagem deles repousa no chão à frente.

Por um instante, Philip se pergunta se eles também o viram. E, caso não tenham visto, imagina se não poderia se esconder atrás de uma esquina, ocultar-se em uma sombra, pensar um pouco mais a respeito.

Ross acena.

Philip acena de volta.

Está saindo do Caminho. Sente o puxão da corda de outra pessoa, a terra misteriosa sob seus coturnos.

— E aí, pessoal — diz Philip, ao se aproximar. — Parece que vamos para a África.

Ross sorri.

— Já tenho uma teoria sobre o que pode estar produzindo o som. Acho que pode ser uma combinação de...

Philip ergue um dedo.

— Calma. Primeiro, vamos ligar para Mull e avisar que topamos.

Philip abre a porta do estúdio e sobe a escada acarpetada de dois em dois degraus. Passando pelo salão, vê os mesmos livros que estão há meses em cima da mesa de centro. A cozinha cheira a café e a bebida alcoólica. Ele experimenta uma combinação estranha de sentimentos: nostalgia por um lugar do qual ainda não saiu, e também claustrofobia... como se as paredes ficassem mais estreitas conforme ele entrasse no estúdio.

Ele se sente um pouco tonto quando chega à sala técnica. Parece que ainda restam alguns vestígios do som que concordou em procurar.

Philip pega o telefone, planejando ligar para o secretário Mull.

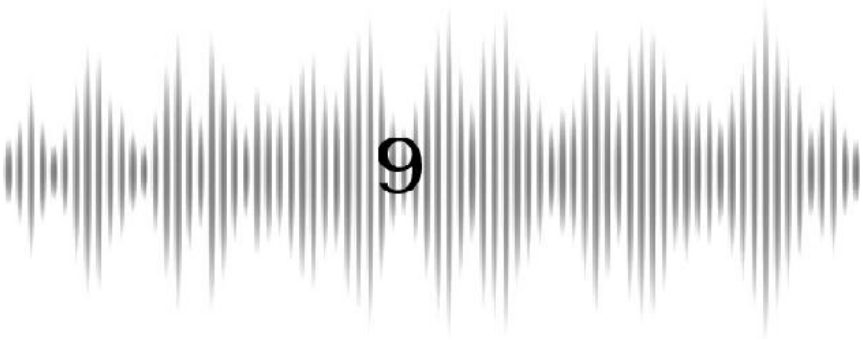
No entanto, liga primeiro para casa.

Quando a mãe atende, ele volta a sentir aquele medo. E também aquela sensação de estar num filme. Parece que o telefone é só um pedaço de plástico e a mulher falando do outro lado é uma atriz. Enquanto explica à mãe o que está prestes a fazer, Philip considera a alternativa irreal demais para ser aceitável.

Detroit é uma ótima cidade. Não vá embora.

— Bem, se você acha que é a coisa certa a fazer, Philip, ninguém vai tentar impedir. Você sempre faz o que acha que deve fazer.

— Mãe — diz ele, olhando através do vidro da sala técnica para a sala de gravação, onde imagina ter ouvido um som, um distante acorde fantasma. — Obrigado.



9

— Você tem medo de voar, Philip?

— Não.

— De altura?

— Não.

— Aranhas?

— Não.

— Aranhas?

— Você já perguntou isso.

— Aranhas?

— Não.

— Cobras?

— Não.

— Se eu lhe pedisse, você tocaria em uma cobra?

Philip fica em silêncio. Um dos dois gravadores idênticos atrás do Dr. Szands está registrando a conversa. Os dois aparelhos Revere T-700D foram a primeira coisa que chamou sua atenção quando ele foi levado até aquela sala. O próprio Dr. Szands, sentado de pernas cruzadas, como um pai decepcionado, foi a segunda.

— Não. Eu não faria isso no estado em que me encontro.

Szands toca um sino ao seu lado na mesa. Philip sabe que o som do sino aparecerá como um pico no medidor de volume de áudio do gravador. É assim que o doutor registra que algo digno de nota foi dito.

— Gatos?

— Não.

— Espaços pequenos?

Philip pensa em um piano vermelho. Mas não o menciona.

— Não.

— Morte?

Philip fica em silêncio outra vez. O Revere T-700D não foi feito para gravar música, mas é ideal para interrogatórios.

— Sim.

Szands toca o sino.

O medidor dispara.

— Mulheres?

— Não.

— Carros em alta velocidade?

— Depende.

Respostas de uma palavra só. Exatamente como Szands pediu.

— Você acredita em fantasmas, Philip?

Philip fecha os olhos. Os rolos estão rodando, e ele pensa nas teorias que o soldado Greer contou no deserto. A Roda de Greer, como passaram a chamar.

O som da história rodopiando.

— Sim.

O sino.

— Você já viu um fantasma, Philip?

— Sim.

O sino.

— Qual era a localização do som, Philip?

— Não sei.

Ele nem hesita. Mas a verdade é que sabe. E poderia guiar o Dr. Szands até lá pessoalmente. Ou quase.

— Tem medo de agulhas, Philip?

— Não.

— Multidões?

— Não.

— Som alto?

— Não.

— E quanto a esse som?

Szands estende a mão até o segundo T-700D e aperta play. Philip começa a passar mal antes mesmo de ouvir o som.

— Desligue isso.

O sino.

— Você tem medo desse som?

— Desligue, doutor.

O sino.

— Qual era a localização do som, Philip?

— Não sei.

— Por que você acredita em fantasmas?

— Desligue isso!

Szands desliga. Philip olha para ver se o médico também passou mal. No entanto, Szands, com a metade superior do corpo oculta pela sombra, os braços e pernas emergindo do que parece ser alcatrão sólido, nada revela.

— Por que você acredita em fantasmas, Philip?

— Porque eu vi um, droga.

O sino.

— Onde?

Philip não responde.

— Onde, Philip?

— No deserto.

O sino.

— Você viu um fantasma no deserto?

— Vi centenas de fantasmas no deserto.

O sino.

Philip está chorando. As perguntas, a lista de fobias, o som...

O sino.

— Qual era a localização do som, Philip?

— Não sei.

— Você sabe, sim.

— Não sei, doutor!

Mas ele sabe.

— Philip, este teste não foi projetado para obter respostas verdadeiras ou falsas do entrevistado, e sim para determinar se ele

tem ou não algum segredo. E se está ou não está guardando esse segredo.

— Não estou guardando segredo nenhum.

— Sim, você está.

Ele está, sim.

— Veja, Philip, você tem uma escolha. Pode fazer papel de bobo ou de inteligente. Quanto mais você fizer papel de bobo, mais vou ter que pressionar. E você não me conhece bem o bastante para saber aonde isso vai dar. Entende? Posso ser médico, mas isso não significa que minha única preocupação seja o *seu* bem-estar. Há muitas outras pessoas neste planeta, Philip Tonka. Então, faça papel de bobo ou de inteligente. Ponha para fora o que tem a dizer ou sofra com a minha pressão. Agora me conte sobre os fantasmas. Quero saber sobre cada fantasma que você viu. E, quando terminar... me diga a localização do som. Cada volta que você deu. Cada porta que abriu. Cada pesadelo que encontrou pelo caminho.

10

— Vocês não estarão sozinhos, é claro. Isso não seria bom para ninguém.

Um soldado silencioso está dirigindo o furgão marrom. Mull está sentado no banco do carona, mas com o corpo quase todo virado para os Danes, nos dois bancos traseiros.

— Três outros se juntarão a vocês. Jonathan Stein, um fotógrafo espetacular, principalmente a curta distância. Ele tem uma sala de revelação móvel. Vocês também contarão com um soldado que conhece bem a história da área, o soldado Gordon Greer. E, é claro, o líder do pelotão, um veterano da Segunda Guerra Mundial. O sargento Billy Lovejoy.

— Lovejoy? — pergunta Larry.

— Sim. Você já ouviu falar dele.

Aquilo não foi uma pergunta.

— Quem não ouviu? Lovejoy era uma lenda no treinamento básico.

— O bicho-papão — diz Ross. — O Louro Maluco.

Mull sorri.

— Ele merece cada apelido que lhe for dado. Bicho-papão certamente se aplica. Ele também é um estrategista paciente e brilhante.

— Para que a gente precisa dele? — pergunta Philip. — Não vamos para a guerra, secretário.

Mull junta as pontas dos dedos das mãos.

— Não, não vão. Mas isso não exclui o perigo. Nunca exclui.

Philip sente a inquietação de Duane, ao seu lado.

— Já vi Lovejoy em ação uma vez — diz Ross. — Ele estava usando maquiagem de palhaço enquanto punia o pelotão. É sério.

Mull sorri outra vez.

— Ele é mesmo bem interessante. E é o homem ideal para esse trabalho.

— Ele liderou as duas primeiras equipes? — pergunta Philip.

— Não — responde Mull, balançando a cabeça. — Ninguém voltou para a África. Pelo menos ninguém que foi por causa disso.

Com cuidado, o motorista faz uma curva fechada, e a pista e o avião surgem mais adiante. Um segundo furgão marrom se aproxima do outro lado do pátio de concreto.

Mull tira documentos de uma pasta e os entrega a Philip.

— Por favor, pegue um e passe o resto adiante.

Philip obedece. Ele olha para uma foto, uma vista aérea do deserto do Namibe. Atrás dos Danes, num pequeno reboque atrelado ao furgão, estão toda a sua aparelhagem, os suprimentos, as roupas, as roupas de cama etc. Noventa por cento do espaço é ocupado por equipamentos de gravação, aparelhagem de primeira linha que os Danes sonhavam em ter no estúdio. Dois Ampex modelo 350 ¼ de dois canais. Cinco microfones condensadores Behringer ECM8000. Três RCA 88-As. Um Electro-Voice EV C100. Quatro pré-amplificadores GPP 73. Uma rara mesa de som Glasgow de oito canais. Uma câmara de eco Watkins Copicat. Um compressor Boris 5. Dois controladores Michael 678. Os outros dez por cento são para sobreviver no deserto. A extremidade ocidental do deserto do Namibe é limitada pelo oceano Atlântico, e as temperaturas caem muito durante a noite.

— Aqui diz que o lugar é inabitado — comenta Ross.

— A área para onde vocês vão, sim.

Larry sorri.

— Mas *alguém* está produzindo esse som.

— Provavelmente — diz Mull, e a tristeza persiste em seus olhos azuis de Super-Homem.

À frente, o segundo furgão marrom com um segundo reboque estaciona perto do avião. Philip observa enquanto a porta do

motorista se abre, e o condutor sai. Ele vai até o fundo do furgão.

De volta à foto. Ao deserto do Namibe. Ele lê as anotações:

Mares de areia. Planícies de cascalho branco. Montanhas. Um nevoeiro perpétuo onde a Corrente de Benguela e a Célula de Hadley se encontram.

— Muita neblina — diz Philip.

Mull assente.

— Ainda bem que a missão de vocês é ouvir.

Eles chegam à aeronave, e o motorista estaciona o furgão. Através do vidro, Philip vê um segundo soldado emergindo da porta lateral do segundo veículo. Mull aponta.

— Aquele é o Lovejoy.

Uma silhueta escura com tufos de cabelo louro e ralo cobrindo uma cabeça parcialmente calva sai pela porta de correr. Ombros caídos. Pés pesados. Ele parece um músico, pensa Philip. Um músico de blues velho e cansado.

— Ele vai ficar bem no deserto? — pergunta Larry. — Talvez a gente tenha que andar muito.

Mull também observa Lovejoy. É difícil evitar. Philip reconhece que existe um magnetismo instantâneo naquele sujeito. Os ingredientes físicos de um militar rebelde, uma lenda. Talvez seja o fato de ele não parecer nem um pouco uma lenda.

— Ele vai ficar bem — diz Mull.

Os Danes e o secretário Mull saem do furgão. Os motoristas de ambos os veículos e os pilotos do pequeno avião ajudam a transferir o equipamento dos reboques. É um processo demorado. E, apesar do ar quente, Lovejoy repousa curvado sobre uma mala marrom, com um lenço cobrindo os ombros.

— Meu Deus — diz Ross, olhando para Lovejoy. — Os abutres vão cercar a gente no deserto.

— Esse cara já parece um abutre — diz Larry.

Aparece um terceiro furgão, acelerando. Em silêncio, os Danes observam sua chegada. Enquanto os últimos equipamentos são colocados no avião, o terceiro veículo estaciona, e dois soldados saem pela porta corrediça lateral.

Um deles, pequeno e atarracado, com óculos e cabelo preto curto e encaracolado, caminha com confiança em direção aos demais. O

segundo, alto, magro e sorridente, com o cabelo castanho jogado para trás pelo vento, puxa uma câmera de uma bolsa pendurada no ombro.

Ele tira uma foto dos Danes na pista.

— Uma banda de rock prestes a entrar em ação — diz o fotógrafo, estendendo a mão direita. Philip o cumprimenta. — Sou o soldado Stein. Jonathan Stein. E estou ansioso para cacete, doido para conhecer vocês. Se importam se eu fizer um close?

Os Danes estão acostumados a ouvirem pedidos para tirar fotos. Isso é comum em Detroit.

— Poderia ser a capa do nosso próximo álbum — comenta Ross.

— Ah, para com isso — diz Stein. — Eu ficaria *emocionado*.

— Fotos dão azar — diz o soldado Greer, limpando os óculos.

— Ah, é? — pergunta Stein, sorrindo, levando a câmera à altura dos olhos. — Quem disse?

Os Danes olham para a lente.

— Algumas culturas acreditam que, ao tirar uma foto, você está determinando que aquele período, aquela fase, acabou — explica Greer. — Então, se vocês gostam da sua vida tal qual ela é, podem começar a lamentar, porque de agora em diante será tal qual ela *foi*.

Stein tira a foto do grupo.

Lovejoy se levanta da mala.

— Cavalheiros — diz Mull, juntando as mãos. — Todos a bordo.

11

Ellen observa parada junto à porta. Está carregando uma bandeja de comida: legumes, pão, sopa de tomate, água. Almoço. Tinha planejado entrar contando uma piada, algo divertido para animar o dia de Philip, mas hesita quando o vê.

É a música clássica, pensa. O fonógrafo no escritório principal, no fim do corredor da Unidade 1. A música tem um quê tranquilizador, é claro, mas Philip, que está se recuperando de tantas fraturas, não precisa ser tranquilizado.

Ele precisa de um estímulo.

Ellen se afasta da porta assim que nota os olhos de Philip tentando identificar quem está no corredor. Ela vai até o escritório, entra e põe a bandeja de almoço em cima da mesa mais próxima.

O fonógrafo está ligado em um canto, em cima de uma mesa branca de pernas curtas. Ao lado há um gabinete de arquivos e flores falsas em um vaso de plástico.

O Dr. Szands não está. A sala está vazia.

Ellen olha para a caixa de discos no chão.

Beethoven.

Brahms.

Liszt.

Mozart.

No momento, está tocando Debussy, e Ellen encontra mais três discos do mesmo compositor.

Mas no fundo da caixa, bem lá no fundo, encontra o que está procurando.

Rock 'n' roll.

As opções são poucas, seis ou sete álbuns, mas ela se permite a esperança de encontrar alguns de seus discos favoritos escondidos ali.

Uma rápida pesquisa mostra que não, mas ela encontra um que vai servir.

On the Road with Rock 'n' Roll.

Ellen se levanta, tira o disco de Debussy, sem baixar o volume, e o substitui por Mando and the Chili Peppers. Ela pega a bandeja com o almoço e sai do escritório.

Até a caminhada para a unidade de Philip parece diferente quando os primeiros acordes da primeira música ecoam atrás dela.

Não é a melhor música que ela já ouviu na vida, mas tem o espírito. E Ellen Jones acredita que, mais do que remédio, Philip Tonka precisa é de espírito.

Quando ela entra de novo na unidade, vê a cabeça de Philip voltada em sua direção.

— Puta merda — diz ela.

Como as duas mãos estão ocupadas, ela não tem nenhuma livre para levar à boca e evitar o palavrão.

Philip está balançando a cabeça.

— Você pôs isso para tocar? — pergunta ele.

— Você mexeu a cabeça.

Ela atravessa a unidade e deixa a bandeja de almoço em cima da mesa dobrável, ao lado da cama.

É espantoso. Ontem foi a ponta dos dedos, hoje, a cabeça. Será mesmo possível? Será que ele *deveria* estar se recuperando assim tão rápido?

Ela se senta ao lado da cama.

— Faça de novo — diz ela.

Como se precisasse de provas. Como se precisasse confirmar que Philip consegue mover a cabeça.

Mas Philip não se mexe novamente.

— Sou o único paciente aqui? — pergunta, lacônico.

Sua voz está diferente. Mais clara. Só que também tem algo a mais.

Irritação.

Por que está perguntando sobre os outros pacientes? Ele está se *mexendo.*

— Não — diz ela. — Há outros.

Philip assente.

Ele mexeu a cabeça!

— E o que eles têm?

O que eles têm?, pensa Ellen. *O que você tem? Será que não percebe que não deveria estar vivo, mas, mesmo assim… você está aqui… fazendo perguntas?*

— Vários problemas diferentes. Muitas coisas. Mas...

— Você está escondendo alguma coisa?

— O quê?

— Você está mentindo para mim?

— Não... o que... sobre o quê?

— Tem mesmo outros pacientes aqui?

— Sim, Philip. Eu já disse que sim.

— E o que eles têm?

— Philip, não temos permissão para revelar a condição dos...

— Que mentira.

— Philip! — Ellen não esperava por isso.

— Você não pode dizer nem para um homem como eu? Um homem que não consegue sair da própria cama?! Você é maluca?

Ellen já teve pacientes hostis. Claro que já.

Ela vasculha a mente em busca de sua voz profissional. Quase não consegue encontrar.

— Sim — diz Ellen. — Nem mesmo para um homem como você. Porque os ferimentos das outras pessoas nessa...

— Alguém avisou os meus pais que estou aqui?

Ellen não sabe a resposta.

— Não sei.

— Você não sabe?

— Philip...

— *Alguém* sabe?

Ellen consegue imaginá-lo sentado em um bar, quatro ou cinco cervejas depois, com a mesma frustração no rosto, o mesmo desgosto emergindo de dentro dele. E sabe que ele tem razão de estar com

raiva. Mas tem algo mais ali, um tipo diferente de raiva, como quando seu cunhado alcoólatra decide parar de beber.

— Vou descobrir, Philip. Isso deve bastar.

— Para quem?

— Para você.

— Não vai bastar.

Ellen também está ficando com raiva, mesmo sem querer. Ela tem experiência no assunto. Mas a maneira como ele está falando depois de tudo o que ela fez... seis meses cuidando dele. Seis meses indo e voltando de carro ao Macy Mercy. Noites solitárias em casa, imaginando se o paciente na Unidade 1 morreria no dia seguinte, rezando para que não morresse.

— Não tenho permissão para...

— Já entendi. Você não tem permissão. E seria tão difícil quebrar uma merda de uma regra?

Ellen se levanta.

— Aonde você vai?

— Vou deixar você sozinho por algum tempo, eu...

— Sente-se!

Agora Ellen não tem mais dificuldade alguma para encontrar sua voz profissional. O tom da ordem dele, a forma como está descontando sua frustração nela, é o suficiente para fortalecê-la.

Uma música do disco termina, outra começa. É enorme a discrepância entre música e humor naquela unidade.

— Philip Tonka. Você tem todo o direito de estar com raiva, mas meu trabalho é ajudá-lo, não tolerá-lo.

Philip vira a cabeça e fica olhando para o teto.

Mesmo agora Ellen se emociona com o movimento.

Os dois permanecem em silêncio por sessenta tiques do relógio.

— Você mexeu a cabeça — repete ela, por fim.

Philip assente.

— Você já está ficando mais forte.

Quando Philip responde, ela ouve lágrimas em sua voz:

— Aquelas radiografias...

— Sim. Assustadoras.

Philip inspira profundamente. Ellen vê que ele está tentando se acalmar, tentando ter paciência, tentando aceitar o que aconteceu.

— Tem algum instrumento musical aqui no quarto? — pergunta Philip.

— Sim. Como você sabe?

— Eu consigo ouvir. É uma guitarra?

— É um piano.

— De que cor?

Lembranças em seus olhos. Medo.

— O quê?

— *Qual é a cor do piano?* — pergunta ele, gritando outra vez.

— Meu Deus, Philip. É de *madeira*.

— Todo piano é de madeira. De que *cor*?

Ellen olha para a esquerda, no fundo da unidade, para onde Philip não pode olhar.

— Madeira marrom. Não foi pintado.

— Me mostre — exige. Então, com uma gentileza forçada, acrescenta: — Por favor.

Ele está mais branco do que o uniforme de Ellen.

— Tudo bem.

Ela desaparece do campo de visão e Philip ouve um farfalhar mais atrás. Parecem mãos remexendo no interior de uma bolsa. Ao voltar, ela está segurando um pequeno espelho quadrado.

— Ali — diz, aproximando o espelho do queixo de Philip, passando o braço por seus ombros gravemente feridos.

Ela estremece ao contato com a pele de Philip. Uma pele que tocou tantas vezes. Mas, agora... acordado.

A princípio, Philip vê apenas Ellen no espelho. O nariz sardento, os olhos cinzentos e espertos, o cabelo preto como um corvo. Contudo, quando ela inclina o espelho, ele vê o piano contra a parede bege dos fundos da unidade.

Ele se lembra de um piano vermelho. Tinta descascando. Um instrumento em uma sala onde não tinha o direito de estar.

Mas esse não é aquele piano. E, pela primeira vez no dia, Philip suspira aliviado.

— Por que isso está aqui?

— Como assim?

— Por que tem um piano em um quarto de hospital?

— Os médicos falavam de terapia musical. Mas não fizeram mais do que colocar pianos em algumas unidades. De qualquer modo, é bom tê-los aqui. Para tocar para os pacientes. Para acalmá-los.

— Espere — pede Philip, quando Ellen faz menção de mover o espelho. — Espere.

Ela sabe o que ele quer ver.

A música no escritório termina. Antes que a próxima comece, no silêncio da unidade, Ellen ouve a própria respiração. E a dele.

Ambos estão nervosos.

Ela inclina o espelho em direção ao rosto de Philip, que se vê pela primeira vez. A deformação. A assimetria.

— Meu Deus — exclama ele, fechando os olhos.

Ellen afasta o espelho.

Ela quer dizer algo, qualquer coisa que o faça se sentir menos... arrasado.

— Philip...

Ele a encara, mas com olhos distantes. Ellen sabe que ele ainda está vendo a si mesmo.

— Vou virar o disco — anuncia. — Ou talvez seja melhor colocar outra coisa.

Ela atravessa a unidade, tomada de emoções conflitantes. A discussão, o medo, a tristeza. E a vitória, quase esquecida, por ele voltar a se mexer.

— Obrigado — diz Philip.

Ellen faz uma pausa, diante da porta da unidade.

— Pelo quê?

— Pela música.

São os espaços entre as palavras, os intervalos em uma conversa na qual duas pessoas se sentem mal por terem brigado.

Obrigado.

— Um dia desses trago os meus discos de casa. Aí você vai ouvir coisa boa.

— Coisa boa — repete Philip, assentindo. E o movimento de sua cabeça já parece mais forte e mais fluido do que quando ela entrou

na unidade.

12

Os soldados têm permissão de fumar a bordo. Com vinte horas de duração, o voo é difícil e claustrofóbico, e os Danes ainda ouvem na mente o eco do som de Mull.

O som inoculou uma de nossas ogivas nucleares, lembra Philip. Ele alterna entre analisar o pacote de informações sobre o deserto do Namibe e observar as expressões dos outros passageiros, que fazem o mesmo.

Com 250 mil quilômetros quadrados, a chance de encontrar a fonte parece remota. Mull já disse duas vezes que o avião voltará em quatorze dias, e Philip não consegue evitar pensar que não importa se eles a encontrarão ou não. A parte dele que supostamente está ajudando os Estados Unidos e o Exército americano se calou. Talvez seja porque a parte dele que está saindo de Detroit esteja falando mais alto. Por cem mil dólares, eles darão o máximo de si. Mas e se não a encontrarem?

Que seja.

O mapa do Namibe é intimidador. Os dois mil quilômetros de litoral deserto são o único conforto, já que o restante carece de pontos de referência. As gradações de amarelo a laranja que informam a quanto podem chegar as temperaturas durante o dia e o fato de aquele ser o deserto mais antigo do mundo acrescentam um calor que não pode ser quantificado.

Com o pacote de informações, Philip descobre que a palavra *Namibe* significa *vazio*. E mais: "Ninguém tem certeza disso. As línguas usadas na região são tão antigas que, sem dúvida, passaram por

muitas mudanças." O próprio deserto passou por grandes mudanças. Foi ali que, durante o Período Jurássico, ocorreu a divisão continental. Correndo a ponta dos dedos pelo papel, Philip quase consegue sentir a violência daquele momento no tempo.

Ele ergue a cabeça e vê que Duane também está lendo. O rosto negro do baterista está quase inteiramente oculto pelas sombras do compartimento superior de bagagem, e seus olhos brancos correm de um lado para outro na página, como os insetos noturnos do deserto, descritos com riqueza de detalhes.

Há vida no deserto do Namibe. Animais e insetos que se tornaram tão aptos a suportar o calor intenso que alguns nem sequer bebem água.

Philip continua a leitura.

Em 1908, garimpeiros alemães viajaram para a Namíbia com a intenção de roubar os diamantes da região. Na década de 1930, os diamantes haviam desaparecido, mas alguns edifícios construídos pelos estrangeiros permaneceram. Philip estuda uma fotografia do que parece ser uma casa de fazenda transbordando de areia. A areia bege escorre pelas janelas, criando sólidos contrafortes que se unem ao chão do deserto.

Larry folheia as páginas de seu material, e o farfalhar do papel chama a atenção de Philip, que percebe o silêncio de todos os passageiros durante a leitura.

Philip olha para trás, em direção aos fundos do avião.

Lovejoy está sozinho, dormindo. De olhos fechados, ele não fica menos interessante, não é menos estranho ao olhar. Aquele cabelo louro e ralo é diferente do cabelo de qualquer outra pessoa que Philip já tenha visto. Como se tivesse caído do teto diretamente na cabeça do ex-general.

Ex-general, pensa Philip. *Rebaixado*.

Todos que já ouviram falar de Bill Lovejoy sabem disso. No campo de treinamento, os soldados o ridicularizavam pelas costas. Eles o chamavam de louco. Que tipo de militar continua no Exército depois de rebaixado? Quando a escada é recolhida e não há mais como subir?

Braços dobrados sobre o peito, meio encostado no assento vazio ao lado, o corpo de Lovejoy balança com o avião e, para Philip, ele parece um juiz, perdido em pensamentos, considerando os argumentos finais de ambas as partes. Ao redor de seu bíceps esquerdo, há uma braçadeira vermelha com a frase:

MEU SOL SE REFAZ

Philip toca a tecla fá pendurada no pescoço.

Ser o pianista na banda não quer dizer que ele é o único membro dos Danes a saber o que significa aquela frase. É um mnemônico com o qual as crianças aprendem as cifras do pentagrama, mi, sol, si, ré, fá, a localização das notas no piano e como tocá-las. Aquilo o faz lembrar de seu primeiro recital em Detroit, com a mãe e o pai na plateia. Ele se lembra de como os dedos tremiam sobre as teclas.

— Ele não é tão doido quanto parece.

Olhando por cima do assento, o soldado Greer está sorrindo, sua cabeça parece uma abóbora suada.

— Eu não o conheço — retruca Philip.

— Mas vai conhecer — diz Greer, sorrindo.

— Eu não conheço você.

Greer dá de ombros. Ou talvez tenha sido culpa da leve turbulência.

— Eu sou a prova de que o Exército ficou mais esperto.

— É mesmo?

— Primeiro mandaram soldados. Agora estão enviando um historiador.

— E por que isso é mais esperto?

— Porque a história não para, soldado Tonka. Eu sei o seu nome, porque sei todos os nomes de vocês. Eu estudo. Eu pesquiso. E, se tem algo que se destaca acima de tudo em minha pesquisa é que a história não para. Não fica parada em silêncio. Ela faz barulho.

Greer esfrega o nariz com o dorso da mão.

— Parece bem doido — diz Philip.

— Eu vou lhe dizer o que acho, Tonka. Não é uma arma.

Larry, que está fazendo escalas em um baixo imaginário enquanto lê, inclina-se para o corredor. Seu cabelo comprido esconde metade do rosto.

— Conversa fiada.

— Não pode ser — diz Greer. — Aquilo está soando há quase quinze meses. Se fosse uma arma, já a teriam desativado. Não tem ninguém inteligente o bastante para criar uma arma que a gente não consiga localizar, nem burro o bastante para não saber que o som nos atrairia.

— Talvez acreditem que está bem escondida — sugere Duane, sentado à frente de Larry. — Talvez não se importem com o barulho.

Greer levanta um dedo e diz:

— Talvez. Mas considere o seguinte. Se o som que você ouviu é o som de uma arma, então com certeza já é tarde demais para pôr um fim nisso.

— Por quê? — pergunta Philip.

— Porque esse não é um som de progresso — explica Greer. — Seja lá o que for esse som, é um ponto final intencional.

— Mais conversa fiada — diz Larry, incerto. — Não sabemos nada sobre isso.

Greer sorri.

— Claro que sabemos. E sabemos porque conhecemos nossa história. Conhecemos o som das coisas. Aquilo que está enterrado na areia não é uma corneta, soldado Walker. E se for uma arma? E se eles não se *importarem* que aquilo esteja fazendo barulho? Bem, então temos um problema — Greer estala os dedos. — Imagine só: uma arma tão destrutiva, tão mortal que você nem sequer se incomoda em deixar os inimigos saberem dela.

Do fundo do avião ouve-se uma voz profunda e doce, embora rápida e entrecortada:

— Aquilo faz música, por isso estão mandando músicos.

Philip se vira, esperando ver Lovejoy olhando para a frente. Mas os olhos do sargento misterioso ainda estão fechados.

Ex-general. Rebaixado.

Por quê?

Greer dá de ombros.

— É o que diz o sargento. E eu concordo, em parte. Seja o que for, aquilo não tem medo de ser ouvido.

Ross sai de seu assento e se agacha no corredor entre Greer e Larry.

— Vocês já ouviram falar do efeito de precedência?

Ninguém ouviu.

— É um truque auditivo. — Ross usa as mãos para explicar. — Onde o eco é mais alto do que a fonte sonora.

— Como isso é possível? — pergunta Duane.

— É uma questão de onde você está e o que está obstruindo o som. Imagine que você esteja na sala técnica, Duane. Philip está sentado ao piano na sala de gravação, e uma divisória isola Philip e o piano. O microfone está do outro lado da sala, apontado para o teto. Bem longe. Não seria possível que o eco soasse mais alto para você do que aquilo que Philip estivesse tocando?

Philip entende imediatamente.

— Um chamariz — diz ele.

O secretário Mull se levanta e vai para a fileira de trás, cambaleando com a oscilação da aeronave.

— É exatamente por isso que não estamos enviando vocês para o mesmo local explorado pelos dois primeiros pelotões.

Philip nota algo diferente no rosto do secretário. Mull não é mais o homem que vende a ideia. Agora, ele é o superior dos soldados que a compraram.

— Como assim? — pergunta Larry.

Philip olha por cima do ombro. Os olhos de Lovejoy continuam fechados. Mas será que está acordado?

— Vocês começarão a busca ao longo do litoral.

— No nevoeiro — diz Duane, examinando a foto nas mãos.

— Sim. No nevoeiro. Vocês contarão com a iluminação necessária e o equipamento adequado.

— Um chamariz — repete Ross.

— De qualquer forma — diz Greer. — Fonte de som, eco ou segundo eco, seja o que for. Vamos encontrar.

— Por que você tem tanta certeza? — pergunta Philip.

— Você já considerou o ponto de vista do próprio som, soldado Tonka? Já considerou que aquilo está soando há mais de um ano por algum motivo?

Philip se lembra da conversa com Marla antes de ir embora. Do que pensou ao olhar pela janela do apartamento. Estava tentando

encontrar uma resposta para a mesma pergunta.

— Sim. Já.

— Aquilo sabe — diz Greer, confiante, arrogante. — Sabe que podemos ouvi-lo. E está fazendo isso de propósito. Pense em si mesmo em meio ao nevoeiro, onde o mar encontra o deserto, produzindo o mesmo som durante quinze meses. Por quê?

— Porque enlouqueci — diz Duane.

Greer começa a rir.

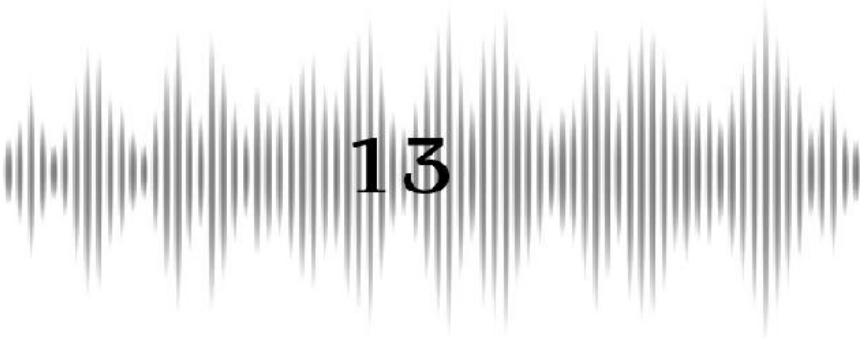
— Talvez — diz ele. — Mas, louco ou não, você está produzindo esse som porque quer ser ouvido.

Greer assente em meio ao silêncio que criou. Saboreia o momento. Então, acrescenta:

— Alguma coisa nesse lugar quer que a gente chegue lá.

Greer tem a atenção de todos. Ele faz uma pausa dramática e o avião range contra o vento.

— Eu até diria que fomos convidados.



13

É o dia seguinte, Ellen deixou Philip ver o próprio reflexo. O dia seguinte à breve discussão entre os dois. E, o mais importante, o dia seguinte àquele em que ele moveu a cabeça.

O Dr. Szands está revisando anotações no escritório quando Ellen entra.

— Boa tarde, doutor.

Szands não responde. Ellen olha para ele e percebe que o médico está usando fones de ouvido. Um gravador roda na mesa à frente.

Ellen tira o casaco e o pendura no cabide. Ela não consegue deixar de notar a própria caligrafia nos papéis que o médico está revisando. Mas o que ele está ouvindo?

A enfermeira Delores entra no escritório. Delores geralmente trabalha no turno da manhã, Ellen, à tarde. Não é difícil ver o simbolismo daquilo: Delores, com seu cabelo louro de sol matutino, seu comportamento conservador, profissional, e Ellen, com seu cabelo escuro, pálida, brincando com os pacientes até a noite.

Szands para a fita. Rebobina. Volta a tocar.

— O que ele está fazendo? — pergunta Ellen.

É uma pergunta inútil, Ellen sabe disso. Mesmo que o Dr. Szands tivesse contado com todos os detalhes o que estava ouvindo, Delores não lhe diria.

A mulher dá de ombros e veste o casaco que acabou de tirar do cabide.

Quando a outra enfermeira sai, Ellen tenta dar uma olhada nos papéis que o médico está lendo. A página de cima não tem sua

caligrafia.

Ela vê as palavras: FANTASMA: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Circuladas. Szands bate com o lápis no papel.

Assobiando uma de suas melodias favoritas, de uma canção que tocou diversas vezes ao piano na unidade de Philip durante seus seis meses de internação, Ellen quer saber o que o Dr. Szands está ouvindo. É um desejo estranho, realmente insensato. Ela nunca sentiu vontade de bisbilhotar os outros, muito menos o Dr. Szands.

Mas talvez seja a rapidez com que Philip está se recuperando. Ellen Jones seria a primeira a dizer que o Macy Mercy tem seus mistérios, que tem uma energia estranha, mas o fato de Philip já estar mexendo os dedos e a cabeça é curioso demais para ser ignorado.

Será que a solução para o mistério está naquelas fitas que o Dr. Szands está ouvindo? Um conceito facilmente explicável e tão facilmente ignorado?

Ellen vê marcas de suor na camisa florida do médico, então percebe que não está se movimentando — está parada, olhando para as costas do Dr. Szands, que está sentado diante do gravador.

Então Szands gira a cadeira e a encara. É claro que ele não sabia que ela estava no escritório.

Seus olhos, distantes, estão fixos nos dela.

Ellen balança a cabeça, pega uma prancheta da pilha na mesa de madeira ao lado e sai.

No corredor, ainda ouve o zumbido do gravador.

FANTASMA: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Ela entra na Unidade 1 e vê que Philip está dormindo. Pacientemente, Ellen se certifica de que não está muito frio ali e pousa a palma da mão com delicadeza na testa do paciente, para verificar se ele está com febre.

Ainda assobiando, volta a analisar as características desiguais de seu rosto. A bochecha direita está dois centímetros mais alta do que a esquerda, e o nariz está tão torto que parece feito de barro. E, embora os olhos estejam fechados, uma pálpebra parece mais larga do que a outra.

Mais uma vez, ela se pergunta: *Como ele era antes?*

Carl, o servente, disse que ele tocava em uma banda chamada The Danes.

Onde estão os outros membros da banda? E por que esse nome lhe é tão familiar?

Ela deve seguir em frente, é claro, até a segunda unidade, atravessar os cômodos permitidos. É assim que começa seu turno, todos os dias. Mas hoje não sente vontade de seguir as regras, o padrão, o protocolo. Ela atravessa a unidade e fica junto à porta com a orelha voltada para o corredor. Ouve o gravador ser desligado, ouve a cadeira se afastar da escrivaninha, ouve os sapatos de Szands no chão do escritório e, então, no corredor, vindo em sua direção.

Ellen recua e prende a respiração. Como se, ao exalar, pudesse revelar seus pensamentos.

Szands passa pela Unidade 1 sem olhar para dentro.

O que ela pretende fazer exatamente?

Ellen olha para Philip.

Quando o som dos passos do médico diminui, ela olha para o corredor vazio.

E espera.

Espera mais um pouco.

Então, em uma atitude inacreditável, atravessa o corredor e, em vez de passar para a Unidade 2, entra de novo no escritório.

O gravador está vazio. Szands levou a fita de rolo que estava ouvindo.

Ellen solta a respiração e ri de si mesma. O que ela está *fazendo*? Será que achou que Szands estava ouvindo algum tipo de *evidência* do que está acontecendo com Philip, das razões pelas quais ele está se recuperando tão bem, tão rápido e de modo tão consistente?

Ela ajeita a cintura do uniforme e faz menção de sair. De canto de olho, vê que os papéis que Szands analisava ainda estão empilhados em cima da mesa, diante do gravador. Na primeira página, ele rabiscou uma pergunta.

Ela se inclina para mais perto e lê:

Por que ele se importa tanto com a cor do piano?

Será que Philip também perguntou ao Dr. Szands qual era a cor do piano? Deve ter perguntado. Sim, deve ter perguntado. Mas, ainda

assim, ao sair do escritório e atravessar o corredor até a Unidade 2, Ellen sente as batidas assustadas de seu coração. Está batendo assim porque, por um instante — bobagem dela, realmente —, sim, por um instante, no escritório, acreditou que Szands estava ouvindo a gravação da conversa que ela e Philip tiveram no dia anterior.

14

Turbulência. A pior que Philip já enfrentou. Parece que a fuselagem do avião está pulsando, fazendo ranger o metal pesado, dificultando o sono.

Philip tenta dormir mesmo assim.

Está tudo fragmentado, pedaços, imagens fraturadas. Um deserto enorme. Minas de diamante. Os alemães da virada do século. Edifícios impenetráveis repletos de areia. Vespas e aranhas do deserto. A vespa paralisando a aranha. O ovo da vespa sobrevivendo à base da aranha paralisada. Diamantes cintilantes no subsolo. As margens do rio Kuiseb. Uma vegetação inacreditável cortando toda aquela areia. A artéria vital do Namibe. A vida que o rio atrai. Garimpeiros. Rastros de cobras, mas nenhuma cobra à vista. Tudo subterrâneo, evitando o calor ou evitando olhares alheios.

Homens obcecados por diamantes, por escavações.

Vespas escavando também, enterrando aranhas paralisadas três vezes maiores.

Buracos no deserto.

Não há som no deserto, exceto o do vento, dizia o relatório.

Toda a vida no deserto se esconde, dizia o relatório.

Há outras imagens ali também, entre as paredes rangentes da aeronave, enquanto Philip oscila entre o sono e a vigília.

Uma delas é a de Lovejoy de pé na frente do avião, a cabeça curvada sob o teto baixo. Outra é a de Lovejoy agachado no corredor, olhando para Larry e depois para Ross, enquanto dormem.

Philip pisca, e o ex-general está olhando para ele.

O avião atravessa um bolsão de ar tranquilo, e Philip volta a dormir, sonhando imagens inquietantes de um deserto mal remendado, como se tivesse sido precariamente costurado com barbante.

15

Philip desperta e vê o Dr. Szands sentado em uma cadeira ao lado da cama.

O médico parece ter sorrido naquele exato momento, e Philip se pergunta qual expressão o Dr. Szands estaria fazendo antes de ele acordar.

— Philip, tem um homem aqui que deseja vê-lo — anuncia. — Ele é do governo dos Estados Unidos. Eu disse que você está disponível para uma breve entrevista.

— Entrevista? — Philip está confuso, ainda não totalmente desperto.

— Ele quer falar sobre a África.

Szands diz "África" como se jamais pretendesse ir até lá.

— Entrevista? — repete Philip.

— Ele vai falar com você agora.

Governo dos Estados Unidos.

— Só vai demorar um instante — promete uma voz vinda de um lugar na sala que Philip não consegue ver.

Szands se levanta e sai da unidade. Pela primeira vez, Philip ouve a porta ser trancada.

Governo dos Estados Unidos.

Silêncio. O homem não fala, não se apresenta. Não ainda. Philip tenta se virar para olhar a área onde fica o piano.

O homem se aproxima.

— Olá, Philip. Posso me sentar?

Philip sente cheiro de colônia. Sabonete. Não se surpreende com isso. Os militares de alto escalão levam a sério o próprio asseio.

— Lamento nos encontrarmos nestas circunstâncias, Philip. Estou certo de que ambos preferiríamos que isso não estivesse acontecendo.

Philip não responde. Não ainda.

— Meu nome é Scott Malone. Tenho um interesse especial nos acontecimentos que trouxeram você até aqui.

— Você é do Exército?

Uma pausa.

— Bem, não. Não sou militar da maneira como você está perguntando. Nunca servi nas forças armadas. Represento diretamente o governo.

— Você é da CIA?

— Não. Também não. Posso fazer algumas perguntas? — Ele inspira. — Você se lembra do que aconteceu?

— Tenho alguma ideia.

— Li o depoimento que você deu ao Dr. Szands. Sua opinião sobre o assunto mudou?

— Minha opinião?

— Sua lembrança.

— Não. O que contei ao Dr. Szands é tudo que lembro. Uma sala.

— Certo. E você se lembra dos acontecimentos que o levaram a entrar naquela sala?

— Lembro.

— Muito bom. — Após uma breve hesitação, o homem continua: — Então me conte como encontrou o primeiro cadáver.

— Também falei sobre isso tudo para o Dr. Szands.

— Sim. Mas eu queria ouvir de você. Às vezes, ao ouvir pessoalmente, é possível desenterrar novas informações.

Desenterrar. Como se Scott Malone estivesse cavando. Cavando na areia.

— Lovejoy que encontrou. Greer o arrastava para onde quer que a gente fosse.

Philip pisca. No momento em que os olhos se fecham, volta a ver o cadáver. Claramente.

Malone prossegue:

— Vamos tentar um caminho diferente aqui, certo? Gostaria que você conhecesse uma pessoa, Philip. Um artista. Len?

Philip ouve um movimento atrás dele. Perto do piano. Papéis farfalhando. O ranger de solas de couro.

Um homem barbudo com cabelo fino e escuro aparece em seu campo de visão. O suéter de tricô e a barriga volumosa não parecem pertencer a um militar. Ele puxa uma cadeira ao lado de Scott Malone.

— Por que não descreve o corpo para Len, Philip? — pergunta Malone. — Diga a ele o que você encontrou. O que *Lovejoy* encontrou.

O artista pigarreia e diz:

— Estou pronto, quando você quiser.

Philip fecha os olhos. Volta a ver o cadáver.

— Você já viu um linguado fora da água? — pergunta.

— Não. Nunca — responde Len educadamente.

— O linguado é um peixe achatado. Nasce com os olhos dos dois lados da cabeça, mas, quando chega à idade adulta, um desses olhos migra para o outro lado. Então ele pode ficar deitado no fundo do mar com os dois olhos voltados para cima.

Len olha para Malone. E então para Philip.

— E?

— Você consegue desenhar um homem assim?

— Perdão? — Ele volta a olhar para Malone.

Malone, no entanto, não está sorrindo. Ele já ouviu essa descrição. Ele indica o papel com um movimento de cabeça.

Len começa a desenhar. Philip continua falando. E, conforme ele descreve, a expressão do artista muda de amigável para confusa, até estar olhando para Philip com desconfiança. Len se vira mais uma vez, talvez esperando que Malone ponha fim àquele absurdo.

— É isso? — pergunta Len, erguendo o papel e mostrando o desenho final.

Philip abre os olhos e examina o resultado por um longo tempo.

— Sim — diz ele. — Só que era mais velho.

— Mais velho... enrugado? Cabelo branco?

— Não. Não esse tipo de velhice.

Malone se inclina para a frente, aproximando-se dele.

— Que tipo de velhice, Philip? — pergunta.

Philip respira profundamente.

— O deserto não era linear — explica. — O deserto não estava em ordem cronológica.

16

— Bem, quero contar o que aconteceu na primeira vez que viemos até aqui — diz Mull, de frente para o pelotão, agarrando-se no encosto da poltrona.

Ventos furiosos. Nuvens pesadas do lado de fora das pequenas janelas ovais. Não fosse o calor, pareceria que estavam voando através de neve compactada.

— Isso foi antes de enviarmos o primeiro pelotão — acrescenta. — Foi uma verificação inicial, como chamamos, para planejar a logística antes de enviarmos soldados. Para planejar as etapas da missão. — Ele precisa falar alto. As paredes do avião continuam rangendo. — Não esperávamos encontrar o que estava produzindo o som. Em vez disso, procurávamos habitantes locais, qualquer um que pudesse saber mais do que nós.

Mull já tinha feito essa viagem. O mesmo avião, diz ele. Cometeu o erro de ouvir o som em pleno ar, o que deixou a pequena tripulação gravemente afetada durante o voo. Eles vomitaram nos sacos e, quando os sacos acabaram, vomitaram nos capuzes dos casacos, nas meias e nas mangas das roupas que traziam na bagagem. Houve um momento muito assustador quando o piloto estava tomado de tal forma pela vertigem que parecia incapaz de controlar o avião. Quando aterrissaram, tiveram que adiar a diretriz por dois dias. Dois dias que passaram acampados perto da aeronave, esperando que o som não surgisse enquanto tentavam se recuperar. Para se protegerem, dormiam com fones de ouvido, do tipo silenciador, daqueles usados nas pistas de pouso para proteger os ouvidos do

rugido perpétuo dos motores. Mas o som não veio, não o som ruim. E, no terceiro dia, eles se sentiram melhor para seguir em frente. Mull diz que havia uma preocupação quando partiram: ninguém conseguia dizer com certeza que havia se "recuperado" do mal-estar. Ele explicou que era difícil determinar se o mal-estar havia passado ou se todos tinham sido alterados pela experiência e jamais voltariam a se sentir como antes.

— Os cavalheiros já ouviram falar de LSD — diz Mull.

Sim, os Danes já ouviram falar. Todos já tinham experimentado. Larry foi parado na Woodward Avenue por estar dirigindo a apenas onze quilômetros por hora.

— Estávamos preocupados com um efeito residual semelhante. Uma viagem sem garantia de retorno.

Philip vê algo nebuloso passar pelos olhos de Mull. Lembranças.

Mull e a equipe de rádio armaram um acampamento provisório sob as asas do avião e depois partiram. A inteligência já havia localizado um assentamento, três cabanas feitas de esterco de vaca, a cerca de dezoito quilômetros a leste do oceano Atlântico. A tripulação usava máscaras de areia e carregava poucos equipamentos: um gravador, lanternas, coturnos de reserva, revólveres e uma muda de roupas para a noite. Não planejavam ficar muito tempo. O tradutor do grupo, Doran, um nativo da Namíbia, não sabia se entenderia o idioma falado ali.

— Senti que ele estava com medo — diz Mull. — O que, obviamente, me deixou assustado.

O próprio Mull foi o primeiro a avistar as cabanas. Duas estavam em mau estado, com tetos parcialmente arriados, mas a terceira parecia habitada. Havia sapatos americanos do lado de fora da porta da cabana. O cheiro do assentamento lhes provocou mais vômitos.

— O nome dele era Nadoul. Pelos nossos padrões, era o ser humano mais pobre que já vi. O que quero dizer é que o sujeito nunca tinha ouvido falar em dinheiro. Não da maneira como o conhecemos. Ele tinha uma família numerosa, os ex-ocupantes das outras cabanas e o gado que criavam era a sua moeda. Mas, quando o conhecemos, ele não tinha mais vacas e precisava andar oito quilômetros por dia até uma fonte natural onde recolhia água fresca

e plantas comestíveis. O homem tinha uma esposa, e ambos se revezavam na caminhada; Nadoul ia até lá pela manhã, Ka fazia o caminho à tarde. Nadoul nos disse que os dois tinham medo de deixar a cabana sem ninguém para tomar conta. Quando perguntamos por que estava preocupado com outras pessoas se não havia ninguém em um raio de dezenas de quilômetros, Nadoul disse que ele e Ka nunca estavam sozinhos. Foi isso que ele disse, embora Doran tivesse explicado que aquilo era uma frase coloquial que significava que *ninguém nunca está realmente só*.

Philip ouve um movimento atrás dele e, ao se virar, vê que Lovejoy abriu os olhos. Está encarando Philip sem expressão. Braços cruzados. Braçadeira claramente visível. Philip volta a olhar pela janela. Alheio, mexe na tecla de marfim pendurado no pescoço. Pelo vidro, vê nuvens tão grossas quanto os travesseiros da cama de seus pais, para onde ele se arrastava após um pesadelo especialmente ruim.

— Perguntamos a Nadoul sobre o som e ele assentiu como se estivesse esperando por isso, como se soubesse que alguém estava prestes a perguntar a respeito. Mais tarde, Markus, um dos operadores de rádio, comentou como o sujeito mudou de cor quando mencionamos o som. Como ele empalideceu, e a pele escura clareou um tom. "Vocês não estão ouvindo?", perguntou. Ficamos surpresos com a pergunta, e tínhamos razão para isso. Markus e os outros prepararam o equipamento depressa. Gravamos, reproduzimos, mas não ouvimos nada.

Philip observa os lábios de Mull se mexerem, lembrando aquele momento na sala técnica, as palavras que ele pensou não ter dito, as palavras que Mull ouviu mesmo assim.

Você disse que ouviu um acorde, soldado Tonka? Todos ouviram o mesmo?

— Nadoul olhou para o gravador e balançou a cabeça, rindo de nós. Não tínhamos certeza se ele sabia o que era um gravador, mas os rolos giratórios devem tê-lo feito lembrar alguma coisa, como se ele entendesse bem o bastante para zombar daquilo. Ele cuspiu uma palavra para o aparelho e Doran disse que achava significar *escorregadio*, embora fosse mais como... uma criatura ou ideia fictícia que um homem não pode agarrar. Que não pode enjaular. Achei que Nadoul estava dizendo que era impossível capturar o som. Outros

achavam que ele só estava assustado com o aparelho, pedindo que aquilo fosse retirado de sua casa.

Do lado de fora da janela, as nuvens parecem ter dobrado, triplicado, e Philip tem a impressão de que estão fazendo uma viagem impossível através de uma montanha de marfim.

— Perguntamos onde estava Ka, sua esposa, o que tinha acontecido. Ela morreu ou o deixou, e em ambos os casos estávamos falando com um homem sem posses que provavelmente sentia uma solidão que não éramos capazes de compreender. Mas ele ficou surpreendentemente animado quando começou a nos contar a história dela, tudo o que sabia, como se falar nela fosse mais agradável do que o som que ele alegava ainda estar ouvindo naquele momento, enquanto conversávamos. Ele nos disse que Ka começou a reclamar de dores nas costas, que disse para Nadoul que as caminhadas até a fonte estavam se tornando cada vez mais penosas, mais difíceis. Ela chamou a tarefa de "fardo" e disse a Nadoul que aquilo estava lhe causando "muita dor". Nenhum dos dois achou que aquilo se devia a lesões musculares ou a envelhecimento. Por mais louco que nos parecesse, os dois imediatamente presumiram que Ka tinha um ser invisível agarrado às costas, alguém que os vinha observando e que finalmente decidiu se aproximar. Supus que ele se referia a algum tipo de espírito. Certamente Nadoul não imaginava um homem de verdade agarrado às costas da esposa. Com o auxílio de Doran, dissemos que o som nos causava náuseas e perguntamos se Ka sentia um mal-estar semelhante, mas Nadoul negou e disse que a esposa achava o som agradável e às vezes chegava a cantar junto. Perguntamos se ele tinha visto algum militar na área, alguém que poderia ter construído alguma coisa capaz de produzir aquele som. Ele voltou a rir. Um riso rápido. Então se conteve. Mas não respondeu à pergunta, apenas passou a falar sobre a crescente dificuldade das caminhadas diárias de Ka até a fonte e como, certo dia, ele finalmente concluiu que teria que fazer as duas caminhadas. Ka precisaria descansar até que a coisa... saísse de suas costas.

O avião atravessa uma área de intensa turbulência, e Mull agarra o encosto do assento com mais força. Por um instante, ele perde a aparência profissional e se assemelha a um civil assustado. Ouve-se

um uivo estridente do lado de fora do avião, e, durante dois segundos, Philip acredita ser o som.

Distraído, ele estende a mão para um copo de bebida que não está ali.

— Nadoul estava com medo de deixar Ka sozinha, mas tinha mais medo do que poderia acontecer caso ela não se alimentasse direito. A certa altura, Ka disse que o som estava tocando dentro de seu ouvido e pediu que ele procurasse o som. Ka tinha mudado de ideia em relação ao som. Tinha parado de cantar junto. Achava que aquilo era a voz da coisa presa nela. Achou que talvez a coisa a tivesse deixado, mas que sua voz permanecera, alojando-se dentro de seu ouvido. Nadoul não encontrou nada, é claro, mas Ka insistiu. *Está lá dentro*, disse ela. *E não quer sair*. Nessa época, Ka não estava com uma aparência muito boa, e Nadoul teve que agir rápido. Ele concluiu que a esposa precisava de mais do que ele conseguia obter nas caminhadas diárias. Decidiu visitar o povoado mais próximo, embora ficasse a um dia e meio de distância. Lá poderia falar com um curandeiro, voltar com uma cura. Assim, com apenas seu cantil de pele de babuíno, ele se despediu e a deixou sozinha na cabana.

Do lado de fora, as nuvens se abrem por um segundo, e Philip acha que vê bege, azul... as cores de um deserto junto ao mar.

Então o céu volta a engolir sua visão.

— O curandeiro himba não ofereceu nada para Nadoul. Na verdade, aconselhou o homem a se mudar. Disse que a culpa era do som, que aquilo deixava os homens doentes e vendo coisas. Teimoso, Nadoul deixou o povoado de mãos vazias.

— E quando ele voltou para casa? — pergunta Larry subitamente. — Ela estava morta?

Mull respira fundo e dá um sorriso triste.

— Não sabemos — diz ele. — Sobraram apenas as suas orelhas cortadas, jogadas sobre o travesseiro.

— Espere um pouco — diz Duane. — Você está dizendo que ela foi assassinada?

— Assassinada? — pergunta Mull. — Não de acordo com Nadoul. Ele achava que a mulher tinha cortado as próprias orelhas.

A porta da cabine se abre, e um dos jovens pilotos informa que começaram a descida. O secretário agradece e se vira para o pelotão.

— Estamos aterrissando — anuncia, atando o cinto de segurança.

Todos os Danes, o fotógrafo Stein e o soldado Greer olham para as pequenas janelas enquanto as nuvens se abrem, deixando um vestígio, uma névoa, mal obscurecendo o litoral lá embaixo. Mesmo daquela altura, a areia ondulada parece interminável, grande demais para permitir o sucesso da missão, e Philip procura uma cabana.

— Vai ser um pouco difícil — anuncia Larry, com a voz trêmula.

Seria a turbulência? Seria o medo?

Philip fecha os olhos e imagina cem mil dólares. Imagina o que fará com o dinheiro quando voltar para Detroit.

A aparelhagem que os Danes vão comprar. As noitadas que terão.

Seus dedos procuram outra vez a tecla de piano ao redor do pescoço.

Quando ele abre os olhos, vê o deserto com mais detalhes.

Mesmo agora, ansioso, indeciso, impaciente, Philip consegue compreender que aquilo que está vendo é diferente de tudo na Terra.

O deserto do Namibe parece tão primitivo quanto descreveram os arquivos de Mull.

E, além dos limites de uma faixa impenetrável de neblina, abaixo da superfície da água cristalina, ele também vê naufrágios.

Dezenas deles.

— Meu Deus.

Philip acha que talvez compre apenas um drinque com todo aquele dinheiro. Apenas um. Sentado em um tamborete no Doug's Den, falando sobre as novidades com Misty.

Sim, pensa Philip enquanto o avião baixa, a areia sobe para encontrá-los e as ondas rolam como uma terra instável, uma bebida de cem mil dólares cairia bem agora, até porque isso significaria que ele estaria em casa, no lugar ao qual pertence.

17

Em seu apartamento, na Bettman Street, Ellen geralmente encontra algum consolo, um descanso da tristeza, dos ferimentos e da morte no Macy Mercy. Enfermagem não é uma profissão fácil, e ela muitas vezes se imagina deixando o hospital para sempre. Embora seja difícil arrumar emprego e saiba que deveria ser grata pelo que tem, Ellen se vê trabalhando em cada loja em que entra ou em cada restaurante onde come.

E também tem sonhos mais sublimes. Um deles é entrar em seu New Yorker verde e dirigir rumo a oeste, até a Califórnia.

É a Jean, pensa, tirando o casaco e jogando-o na ponta do sofá marrom onde às vezes dorme, enquanto a estática da televisão cumpre o papel das gravações de ondas do mar que sua amiga Lucille usa para ajudá-la a dormir.

Jean é o nome de sua filha, que morreu com apenas três anos.

É a Jean, sempre foi a Jean. Você está tentando compensar, Ellen. Boa sorte *com isso*.

Ellen compreende o quanto aquilo é potencialmente nocivo para sua saúde mental, estar sempre recuperando, sempre retrocedendo, sempre tentando curar alguém, qualquer um, para preencher o vazio assustadoramente ilimitado que Jean deixou.

Mas agora tem Philip.

— Pare com isso — diz em voz alta, ao atravessar a pequena sala acarpetada e entrar na pequena cozinha, decidida a fazer o jantar.

Por hábito, ela alisa as pernas da calça bege, da mesma forma que alisa a frente do uniforme de enfermeira toda tarde e toda noite no

hospital. Fica bem incomodada por não conseguir deixar o trabalho no trabalho.

Philip.

Sendo honesta consigo mesma, Ellen precisa admitir que cuidar de Philip, tanto nos seis meses de silêncio quanto agora que ele está consciente, a fez se sentir diferente em relação a esse vazio pela primeira vez. Como se, por meio de Philip, tivesse ouvido a primeira reverberação, o primeiro eco, sugerindo que há um fundo naquele poço, afinal.

Ela pega uma panela pendurada no suporte (pendurar panelas e tampas, utensílios e canecas com alças economiza espaço naquele apartamento pequeno) e a coloca no fogão. Acende uma das bocas, ajusta a chama a uma altura média e põe a panela no fogo. Atividades como essa deveriam lhe fazem bem. Os gestos de uma vida simples e cotidiana. Porém, após colocar um pouco de manteiga na panela, que começa a chiar, ela imediatamente pensa no som do gravador de rolo no escritório principal, enquanto o Dr. Szands ouvia e fazia anotações a respeito de uma conversa particular, de um momento particular que ela tivera com Philip.

Philip ficou assustado quando ela disse que havia um piano na unidade. Pelo amor de Deus, ele pediu um espelho para ver aquilo antes mesmo de pedir para se ver. E ele, sem dúvida nenhuma, queria saber a cor do piano.

A menos que estivesse ouvindo, como Szands poderia saber disso?

Ela percebe que a manteiga está ficando marrom.

— Merda.

Ela volta a alisar as pernas da calça e leva a panela até a pia. Despeja a manteiga queimada e recomeça o processo. Para um lugar que deveria ser um refúgio seguro dos perigosos estados de espírito do trabalho, estar em casa nunca lhe fez muito bem.

Esta noite, porém, está sendo particularmente desagradável.

Ela planejava fritar a sobra do arroz e legumes com limão, mas, desta vez, enquanto a manteiga derrete, simplesmente quebra um ovo. Um ovo deve bastar. Não consegue se concentrar mais do que isso.

— Por quê?

Está falando sozinha em casa. Não é a primeira vez. A breve pergunta, duas sílabas, sai como se estivesse dentro do ovo, mas Ellen sabe que não tem como responder. E não tem como evitar completar a pergunta.

— Por que ele está se recuperando tão rápido?

Hoje, enquanto conversavam, Philip não apenas mexeu, como também gesticulou com a cabeça e os ombros.

À medida que o branco transparente do ovo se torna opaco, Ellen apoia as mãos na alça do forno e fecha os olhos. E vê Philip outra vez: amassado, deformado, sem cor e com medo, deitado na mesma cama há mais de seis meses.

Não deveria ficar feliz pela recuperação dele? Não é esse o cenário ideal? E, pelo amor de Deus, por que se importa tanto? Por que pensa que *ela* é a pessoa que deveria dar atenção a isso?

Ellen abre os olhos.

Ela vê que o ovo está marrom, queimado. Agarra com força o cabo e joga ovo e panela dentro da pia. Desliga o fogo e sai depressa da cozinha.

Uma coisa é dizer que aceitou aquele emprego para preencher o vazio impossível que sentia por não estar em casa quando Jean morreu, outra coisa é pensar que ela deve se sentir responsável pelo bem-estar de um paciente a ponto de suspeitar que o hospital está de má conduta.

Será? Está suspeitando do hospital?

Ellen respira profundamente. Um antigo artifício, ainda a melhor maneira de se acalmar. Pensa em como aquele corpo maltratado pôde um dia fazer música.

E, no entanto, ele estava com medo do piano.

Quando Philip chegou ao Macy Mercy, Ellen nunca tinha visto um paciente em estado tão ruim. As informações limitadas que o Dr. Szands dera à equipe de funcionários não lançaram muita luz sobre a pessoa sob aqueles ferimentos. Foi Carl, o jovem servente de rosto gorducho, quem disse que Philip tocava em uma banda de rock 'n' roll.

The Danes.

Ellen olha para o toca-discos, em cima de uma mesa marrom junto a uma das janelas da sala. Já tem aquela radiovitrola Admiral 1954 há três anos, e é o seu bem mais precioso. Se não conseguiu se distrair com o jantar, vai ter que recorrer aos discos de 45 rpm.

Os discos ficam bem organizados em um compartimento que ela também comprou há três anos. A caixa, não muito mais alta do que os próprios discos, pintada de branco e azul-esverdeado, comporta quarenta e cinco álbuns 45 rpm. Ellen ainda não a encheu completamente, mas já ocupou mais de dois terços de sua capacidade. Ela se ajoelha ao lado do sofá, puxa a caixa de debaixo da mesa, passa os discos um por um e faz uma comparação entre a capacidade da caixa, quase cheia, e a recuperação de Philip.

Será que ele também está dois terços recuperado?

E só alguns dias depois de acordar?

Enquanto folheia as diversas capas de papel, pigarreia, como se estivesse pedindo a outra pessoa na sala que parasse de mencionar Philip Tonka, o paciente obviamente atormentado (e com razão) do Macy Mercy, um homem que na verdade não desempenha papel maior em sua vida do que qualquer outro paciente daquele hospital. Não, pelo amor de Deus, ele não está dois terços curado. Só porque o cara consegue mexer a cabeça e os dedos não significa que esteja prestes a dirigir um carro, disputar uma corrida ou ganhar uma luta de boxe. E, pensando bem, Ellen deve levar em consideração os seis meses que ele, inerte ou não, teve para se recuperar.

— Ahá — exclama, parando em um disco. — Aqui está você.

Como muitos amantes da música, Ellen não sabe o nome de todas as canções que lhe agradam nem dos músicos que as compuseram. Há os bem conhecidos, como Jerry Lee Lewis, Buddy Holly e Little Richard, que vivem tocando na rádio. Mas Ellen gosta de coisas mais profundas, aquele tipo de música que se ouve no carro tarde da noite, dirigindo para casa ao voltar de um jantar. A música que se ouve tocando em um bar. Frequentemente, o nome desses artistas não finca raízes. Não são facilmente lembrados. Não por Ellen. É a música que a encanta, não os nomes.

Tem mais, no entanto: alguns desses discos mais profundos são embalados de forma mais criativa. Sem o dinheiro dos grandes selos

para determinar qual canção tocará no rádio, os menores precisam ser espertos. Alguns discos, como aquele que ela escolheu, usam "arte de capa": uma maneira elegante de escrever o título da música, cores brilhantes para o nome da banda. Ellen entende que isso é marketing, algo com um quê carnavalesco, talvez até vulgar, mas ela também gosta disso. E, apesar de não estar olhando, também gosta da foto da banda na contracapa. Quatro caras diante dos tijolos alaranjados de uma farmácia local.

Ellen tira o disco da capa e o coloca no prato da Admiral. Baixa a agulha. Só tem uma música de cada lado, e ela terá que virar o disco em alguns minutos, mas mesmo assim vai para o sofá e tomba de costas com a capa nas mãos.

Ah, como Ellen Jones gosta de música instrumental.

A canção começa. Um grande rufar de bateria. Um baixo constante. Pinceladas de piano. E aquela linha de guitarra...

Ellen fecha os olhos.

Não há trabalho nessa música.

Tampouco tristeza.

Nada de cura ou não cura, segredos ou mistérios.

Ellen sorri.

Do lado de fora da janela do apartamento, um carro canta pneu, e ela ergue os olhos. Agora, a guitarra se destaca, mas é o piano que atrai seus ouvidos.

Qual é a cor?!

Nesse instante, não há espaço no coração nem na mente para lembranças hospitalares. Ela olha para a contracapa do 45 rpm.

"Be Here", lê. "The Danes."

Ellen se senta de repente. Apesar de ainda não acreditar completamente, de ainda estar ligando os pontos enquanto olha para o todo, ela se sente uma adolescente de novo, quando bastava a foto de um galã de cinema para fazê-la gritar.

Lê a contracapa. Os nomes dos membros da banda.

Duane Noles — Bateria

Larry Walker — Baixo

Ross Robinson — Guitarra

Philip Tonka — Piano.

— Não *brinca*! — grita Ellen. — Philip!

Agora, Ellen está desperta. Ela volta a se sentar. Não consegue acreditar. "Be Here", dos Danes.

Ela tem o 45 rpm.

E está bem gasto.

— Puta merda!

A música chega a seu característico fim desigual, e Ellen põe para tocar outra vez.

Sente vontade de ligar para alguém e contar o que aconteceu.

Então, tenho um paciente que estava inconsciente há seis meses. Ele acorda, e eu fico muito preocupada e decido me acalmar, e ponho um disco na vitrola, um dos meus discos favoritos, e puta merda, puta merda…

— Puta merda!

Ela ri, porque não há mais nada a ser feito. Ri e atravessa a sala de estar em direção à cozinha, pega uma segunda panela e a põe no fogão.

Precisa se manter em movimento.

Ela volta a se sentar no sofá e lê o selo do disco rodando:

The Danes, The Danes, The Danes, The Danes...

— Philip Tonka — diz. — Espere só até eu lhe contar.

Quando a música chega ao fim pela segunda vez e o apartamento fica em silêncio, quando até mesmo a rua lá fora parece prender a respiração, Ellen percebe que há uma foto no outro lado da capa. E, nessa foto, estão os quatro homens que compuseram a música.

Já tinha visto aquilo. Sabe que está ali.

Ellen vira a capa.

Não consegue ler o nome na placa azul e branca do estabelecimento, mas, atrás do grupo, à porta da frente, um velho, o proprietário, olha para a câmera. Dos quatro membros da banda, o negro é o mais imponente. Ele se destaca diante dos tijolos cor de laranja. De camiseta azul-clara, parece confiante, forte como um soldado, os braços cruzados sobre o peito. À sua direita, um sujeito de cabelo comprido ri tanto que seus olhos estão fechados. À esquerda há um cara mais baixo, cabelo encaracolado, ostentando um sorriso debochado. E, à esquerda do cara com cabelo encaracolado está...

— Philip — diz Ellen, levando a mão à boca.

Dizer que ele parece diferente agora é o mesmo que dizer que uma casa branca é diferente da Casa Branca.

— Meu Deus.

Cabelo escuro. Olhos escuros. Um meio sorriso tão intenso quanto o físico do companheiro negro.

— Meu Deus.

Philip está encostado na parede laranja. Um de seus ombros está ligeiramente erguido, e o vento despenteia seu cabelo.

Ellen se dá conta de que Philip era tão bonito quanto qualquer galã de cinema que ela adorou na adolescência.

Sem se levantar, sem tirar os olhos da foto, Ellen estende a mão e põe a música para tocar outra vez.

Quando baixa a agulha, ela leva a mesma mão à capa do álbum e toca o rosto simétrico e sem ferimentos de Philip com a ponta dos dedos.

— Meu Deus.

E, assim que a linha da guitarra começa, ela se sente como se estivesse ali com eles (*be here*), os Danes, a banda cujo nome rodopia ao ritmo da música, girando como se estivesse sobre rodas, rodando do passado para o futuro ou, talvez, no sentido inverso.

É impossível não comparar a aparência de Philip agora com a que ele tinha na época. Impossível não notar a arrogância despreocupada em sua expressão, a confiança quase otimista de todos os quatro integrantes.

Mas o nome da banda continua a rodopiar, como se tentasse ganhar impulso suficiente, torque suficiente, para trazer de volta aquele grande momento do passado, para ressuscitar os fantasmas nos quais os quatro se tornaram.

— Philip — diz Ellen, seu entusiasmo dando lugar às lágrimas. — Sinto muito, Philip...

18

Philip não está esperando uma tempestade, está esperando apenas o deserto plano, não subindo pelos ares, então demora a reparar nas colunas de areia a distância.

Quando ele desce a escada do avião, quando o coturno realmente toca a areia do deserto do Namibe pela primeira vez, Philip ouve Stein gritar e vê Duane correndo para descarregar as caixas maiores.

Contudo, apesar da atividade caótica e da sensação de que deveria estar fazendo alguma coisa, Philip precisa fazer uma pausa para emitir um único suspiro e absorver a beleza panorâmica do Namibe.

É a coisa mais deslumbrante que já viu ao vivo.

Uma violenta rajada de vento atinge seu corpo, parecendo pressionar todos os seus ossos. Forte o bastante para empurrar Philip para trás, em direção ao sargento Lovejoy, que ainda está descendo a escada.

O avião pousou em meio à neblina, onde o mar se encontra com o deserto. Anéis de névoa se enrolam ao redor dos coturnos e das mangas curtas da camisa verde de Philip.

E, ao longe, colunas de areia.

Os pilotos agem com rapidez, arrastando o equipamento, descarregando, berrando sobre a necessidade de irem embora, sobre a falta de tempo.

Quem sair antes, dizem. Antes que chegue a tempestade.

Philip ouve. Apesar da beleza, ele está nervoso.

É como se quisesse localizar o som imediatamente, antes que o avião vá embora sem eles. Para que Mull e os pilotos tenham que ficar

mais um pouco, só por tempo suficiente para gravarem aquilo em fita, para Philip, Larry, Duane ou Ross dizerem que a origem do som deve estar aqui, deve estar ali, nós o encontramos, nossa missão está cumprida e, olha, vamos voltar para casa com vocês, afinal.

Ele olha para a areia em movimento ao longe. Teria se aproximado?

— Bem aqui — diz Lovejoy, três metros à esquerda de Philip, apontando para a areia sob seus coturnos, orientando os pilotos e os soldados.

Aquilo faz música, por isso estão enviando músicos, dissera Lovejoy.

Pense em música, Philip diz para si mesmo. *Você está aqui porque é bom no que faz. Você está aqui porque seu país precisa de um músico, precisa de você.*

— Soldado Tonka.

Philip levanta a cabeça e vê que o fotógrafo, Stein, está lhe entregando uma máscara de areia.

— Vou precisar disso?

É tão repentino, tão presente.

O fotógrafo já está de máscara. Ele ergue a câmera pendurada no pescoço e se vira para tirar uma foto.

A muralha de areia avança em sua direção. Como se houvesse dez mil africanos ali atrás, produzindo aquilo, encurralando os soldados e dizendo: *Agora vocês ficarão AQUI, vocês não sairão DAQUI, vocês ficarão AQUI.*

Philip coloca a máscara.

Stein tira uma foto.

— Tempestade de areia — anuncia Stein. — *Enorme.*

Os pilotos correm atrás deles.

O compartimento de carga é fechado. Os Danes pegaram tudo o que trouxeram, e não importa se precisariam ou não de mais alguma coisa. O secretário Mull mantém a mão diante dos olhos, protegendo-os da areia que já começa a se espalhar enquanto conversa com Lovejoy, dá um tapinha em seu ombro e, em seguida, sobe a escada do avião.

Ele sobe dois degraus e vira para trás. Olha para Philip e presta continência.

Philip corresponde.

Stein tira outra foto. Ergue um polegar cheio de areia para Mull.

A escada desaparece na fuselagem do avião, como uma escada recuando assustadoramente de um edifício em chamas.

Salvamos todos que conseguimos. Vocês estão por conta própria agora.

As hélices começam a rodar.

O avião está decolando. Subindo.

Muita areia. As vozes do pelotão. A voz de Lovejoy.

E...

... água.

Philip se vira e percebe que está a uns doze metros das ondas brancas. O mar foi exposto pelas hélices, que afastaram as cortinas do nevoeiro.

O pacote de informações do secretário Mull chamava o lugar de Costa dos Esqueletos.

Philip imagina uma plateia atrás daquelas cortinas, seus pais em seu primeiro recital de piano.

— Philip!

É Stein. Ele pousou uma das mãos em seu ombro direito. A outra ainda segura a câmera.

Ele diz alguma coisa e gesticula para os outros. Philip vira para trás e vê um acampamento montado.

E a muralha de areia se aproximando.

O avião já está fora de vista.

Ele e Stein correm até os outros, que estão agachados atrás da proteção improvisada, ombro a ombro, usando as máscaras. Philip se espreme ao lado de Larry, as costas imprensadas pelo plástico duro.

Já... aqui no Namibe... uma tempestade.

Philip se protege. Duane começa a dizer algo, mas suas palavras são abafadas pelo rugido do vento.

Então a areia os atinge, e suas palavras, sejam lá quais fossem, ficam tão inalcançáveis quanto o avião no céu.

19

Ellen também sabe tocar piano. Bem o bastante. E tem pensado nisso o dia inteiro. Desde que acordou na Bettman Street, enquanto tomava um café e lia o *Des Moines Register* no Uncle Danny's Diner, ela se imagina tocando piano na Unidade 1 do Macy Mercy.

Como enfermeira, está sempre procurando uma piada, uma história, algo que possa levar para o hospital, um pouco de luz para um lugar tão sombrio.

Vai tocar a canção do próprio Philip para surpreendê-lo.

Ela chega nervosa ao hospital, pendura o casaco no escritório e veste o uniforme. Quer ter certeza de que vai acertar. A introdução em mi menor. A subida para fá sustenido menor. Daí a descida para mi maior, onde a música realmente começa.

A essa altura, Philip já vai ter reconhecido a canção.

Ela atravessa o corredor até a Unidade 1, repassando sem parar os acordes, cuidando para não assobiar a melodia como fez durante os seis meses em que ele esteve inconsciente.

Ellen para.

Será que Philip ouviu a própria música naqueles longos seis meses? Será que ela o estava ajudando mais do que poderia imaginar?

Quantas vezes Ellen tocou naquele mesmo piano enquanto Philip abria caminho através de uma escuridão que ela era incapaz de compreender?

A ideia é emocionante e a impulsiona até a porta da unidade. Ela chega à soleira, onde para de novo, agora como se estivesse em um terrível pesadelo.

— Philip!

Ela nunca o viu tão mal desde que despertou do coma. Os ângulos de seu rosto estão mais agudos, as sombras, mais escuras, de modo que os hematomas azuis parecem roxos e os roxos estão pretos. Poças de suor se acumulam no travesseiro, sua respiração está ofegante, e há um som quase audível de rangidos, como se os ossos de Philip finalmente manifestassem sua verdadeira condição.

— Dr. Szands! — grita Ellen, torcendo para que o médico esteja ao alcance de sua voz.

— Ellen, está doendo — diz Philip, a muito custo.

— Certo. Certo. Espere.

Ellen se dá conta de que Philip não virou a cabeça para falar com ela. Que seus dedos parecem pedaços de madeira petrificada sobre o lençol.

Ela mede sua temperatura. Philip está ardendo em febre.

— Não se preocupe — diz ela, a despeito da própria preocupação. — Você está com um pouco de febre. Volto já.

Philip não assente, não diz uma palavra. Em vez disso, ao sair da unidade, Ellen ouve um silvo lento e gutural. Como se a dor que ele está sentindo tivesse apenas uma estreita passagem através da qual se expressar.

No corredor, Ellen chama o médico outra vez. A enfermeira Francine, enorme e amarrotada em seu uniforme branco, espia pela porta do escritório.

— O que foi? — pergunta. Os óculos ampliam a preocupação em seus olhos.

Ellen aponta para a Unidade 1.

— É Philip Tonka, ele...

— Ah, não — diz Francine.

Ela sai do escritório e passa por Ellen, correndo em direção às portas de entrada do hospital. Francine vira à esquerda, e Ellen sabe que está indo para a Unidade de Farmácia Hospitalar.

Há remédios simples no posto de enfermagem: aspirina, xarope para tosse, anti-histamínicos. Contudo, no corredor que Francine está atravessando às pressas, fica uma das salas nas quais Ellen Jones não tem permissão para entrar.

Ellen não pode pensar nisso agora.

Volta correndo para a Unidade 1. Lá dentro, Philip parece ainda pior.

Seus dedos estão curvados de maneira pouco usual, como as garras artríticas de um velho. O pomo de adão está apontado para o teto e as costas estão arqueadas.

Ellen vai até ele e se ajoelha ao lado da cama.

— Francine foi buscar seu remédio. Espere, Philip. Vai ficar tudo bem.

Francine irrompe pela porta da unidade.

— Saia de perto.

Ela carrega uma bandeja com duas seringas. Ellen nunca a viu desse jeito.

— Você precisa de ajuda? O que posso fazer?

É difícil olhar para Philip naquele estado: paralisado, congelado, como se cada osso dentro dele tivesse se transformado em madeira.

Francine acena com desdém.

— Nada — diz ela. — Ou, melhor... toque para ele. Como você costumava fazer.

Como ela costumava fazer. Sim. Durante os seis meses de coma, Ellen volta e meia tocava para ele.

Ela atravessa a unidade às pressas, sentindo-se impotente, sentindo-se uma enfermeira inútil por não poder ajudar Philip nesse momento.

Então, numa decisão inconsciente, agindo com nervos muito abalados, ela toca a mesma canção que tocou naqueles seis meses.

"Be Here."

Quase para de tocar quando percebe o que está fazendo. Ouvir a própria composição poderá provocar emoções além da conta, loucura demais para ele assimilar. Mas já começou.

Mi menor. Fá sustenido menor. Mi maior.

No reflexo do metrônomo prateado, vê Francine aplicar uma injeção no ombro de Philip.

Ellen chega suando ao fim da primeira parte da música.

Francine aplica a segunda injeção.

Ela desvia o olhar. Precisa ficar atenta aos seus dedos. Quer tocar aquilo direito. Tocar a canção de Philip ali, agora, enquanto ele sente uma dor que para ela é inconcebível.

A enfermeira sente o medo irracional de estar estragando a canção, acelerando-a, tocando-a sem sentimento. Não foi assim que imaginou aquilo. Não foi assim que se viu naquela manhã, surpreendendo Philip, amenizando sua solidão, sua dor, seu horror.

Quando termina, deixa as notas se dissolverem. Então baixa a cabeça, e seu cabelo negro encosta nas teclas do piano.

Silêncio. Ou quase. O lamento distante daquelas últimas notas.

Ellen olha para o metrônomo. Francine se foi.

Vê que a cabeça de Philip está voltada para os fundos da unidade, observando-a.

Ela se vira depressa e exclama:

— Meu Deus. Você me deixou apavorada.

— Você... você tocou a nossa música...

— Sim. — Ellen assente, em um esforço para conciliar a visão dele agora com aquilo que viu apenas um minuto antes.

— Você tocou isso para mim quando eu estava inconsciente, não foi?

— Sim. Várias vezes.

Philip sorri. É a primeira vez que ela o vê sorrir.

A satisfação que Ellen está sentindo lhe é estranha.

— É uma das minhas canções favoritas.

— E você sabia que eu...

— Não! — exclama ela, finalmente se levantando para sentar na cadeira ao lado da cama. — Não. Descobri isso ontem à noite. Eu tenho o seu disco.

Os dois se olham por um longo tempo.

— Ellen — diz Philip. — Você faria um desenho para mim?

É a última coisa que ela espera que ele peça. E não pode deixar de notar que os ângulos do rosto dele estão novamente arredondados e as sombras, menos pronunciadas.

— Desenho?

— Ainda não consigo pegar um lápis. Mas quero ver... algo. Algo que achei no deserto.

Ellen olha para a estante atrás dela. Para o gabinete de arquivos encostado na parede junto à porta.

Estarão ouvindo? E, nesse caso, poderão ouvir um desenho?

— Lápis de cor ou grafite?

— Cor.

Philip ergue os braços. Ele estica os dedos bem devagar, então fecha a mão na mesma velocidade.

Ellen se levanta e sai da unidade. Philip está novamente relaxado quando ela volta com os lápis de cor e um bloco de papel. As lembranças brilham nos olhos dele.

— Muito bem — diz ela, sentando-se. — Um desenho.

Philip não hesita:

— Um bode.

— Um bode?

Ellen começa a esboçar um bode, mas para no meio do desenho.

— Você viu um bode no deserto?

Philip assente. Ele se lembra de pegadas.

Braços para cima, braços para baixo.

— Um bode branco com pelo comprido — diz ele. — Virado para a direita. Visão lateral.

— E você tem certeza de que viu isso no deserto?

Philip está olhando para ela. Ellen não consegue deixar de pensar nas radiografias, nas fraturas dos ossos, na foto dele na capa do 45 rpm.

— Chifres grandes — diz ele. — E um pedaço de ferro entre os chifres.

— Como assim?

— Não tenho certeza.

— Um pedaço de ferro onde os chifres se encontram?

— Sim. Tipo... um emblema.

Ellen está desenhando — outra primeira vez para ela. A primeira vez que um paciente despertou após um coma de seis meses. A primeira vez que teve medo de que o hospital estivesse ouvindo suas conversas. A primeira vez que desenhou para um paciente.

A primeira vez que, em um espaço de três minutos de uma música, viu um homem ir da paralisia ao movimento.

— Assim?

Ela mostra o papel para Philip.

— O pelo tem que ser mais comprido. Na altura do joelho, quase cobrindo os cascos. Pelo longo e branco. E o ferro entre os chifres precisa ser maior.

Ellen faz as alterações enquanto observa a mudança em Philip. Como se seu espírito estivesse se recuperando no mesmo ritmo do corpo. Ele está falante, ativo, e seus olhos brilham cada vez mais.

— Pronto — diz Ellen, lembrando-se do reflexo de Francine no metrônomo, administrando o medicamento.

— Está bom — diz ele. — Agora, pode colorir o fundo de vermelho?

— Vermelho — repete Ellen, empunhando o lápis.

— Tudo.

Começando por cima, Ellen pinta a página de vermelho.

— Isso — diz Philip.

Ele levanta o braço, tentando alcançar o papel.

Sua expressão muda tão depressa que Ellen tem o impulso de afastar o desenho. Philip parece mal de repente. Está completamente pálido, como se a imagem que ela lhe mostrou, o desenho simples e infantil de um bode branco contra um fundo vermelho, tivesse provocado uma recaída.

Seu braço tomba sobre a cama.

Há lágrimas em seus olhos.

— Philip, sinto muito. Veja, vamos deixar isso para lá por enquanto. — Ela tenta pensar em alguma piada. Tenta ser engraçada. — Em vez de desenho, que tal uma radionovela bem chata?

Espera que ele diga *não, não, está tudo bem, não, não é culpa sua, sou eu, eu só estava me lembrando.*

No entanto, com os olhos marejados, ele apenas fita o lugar onde a parede encontra o teto.

— Philip...

Ele não está mais falando.

Ellen se levanta, alisa a frente do uniforme com uma das mãos e segura o desenho com a outra.

— Você deveria tomar um pouco de água — sugere. — Vou buscar um copo.

Ele está chorando. Em silêncio. Olhando para onde a parede encontra o teto.

Quando ela passa pela porta, Philip diz:

— Você tocou a nossa música tão bem quanto a gente.

E sua voz está embargada.

Ellen tem vontade de dizer que a assistência que presta a Philip é recíproca, que ele também a ajuda. Em vez disso, apenas o observa. Então sai sem fazer barulho, deixando-o chorar e lembrar sozinho.

20

Larry e Ross estão instalando os gravadores Ampex, usando pás para cavar buracos fundos o bastante para que os equipamentos fiquem estáveis. A tempestade foi breve, passou tão rápido quanto veio, mas serviu como um lembrete de como estão longe de casa.

Topografia exótica.

Continente estrangeiro.

Ameaças desconhecidas.

O acampamento foi erguido entre duas planícies de cascalho, grandes piscinas secas de rocha quebradiça que mais parecem terra queimada do que com uma praia. Ao longe, ergue-se uma cadeia de montanhas, e as dunas que as separam do litoral dão tanta impressão de movimento quanto o mar onde Philip está agora. Apesar do nevoeiro, o sol está forte, embora Lovejoy tenha avisado que, ao cair da noite, fica tão frio quanto em Minnesota. Eles estão usando mastros de metal e lonas para armar as tendas e vão dormir como caubóis do Velho Oeste. Um tipo diferente de soldado.

Greer é um poço sem fundo de informações. Enquanto ajuda na montagem do acampamento, vai além das informações do pacote de Mull. Ao que parece, Greer sabe mais do que os militares que o enviaram para cá.

— O deserto tem de cinquenta e cinco a oitenta milhões de anos. Foi lar dos nossos antepassados mais antigos. Do primeiro povo conhecido. Isso é fato. Você acha que eles brincavam nas ondas, soldado Tonka? Aposto que brincavam. E aposto que muitos deles pereceram em tempestades como a que nos deu as boas-vindas.

No entanto, o acampamento provisório resistiu, e eles têm que agradecer a Lovejoy por isso. Greer diz que Lovejoy é um especialista em criatividade.

— É por isso que ele foi general. Sua mente não para. E ele sempre tem um plano melhor do que o seu.

Duane, que nunca esteve em uma praia que não fosse ao largo do rio Detroit, está maravilhado com a espuma branca da arrebentação a menos de trinta metros de onde se ajoelhou. Ele batuca nas coxas ao ritmo das ondas.

— Duas semanas — diz, lembrando a quem puder ouvir que sua permanência ali é finita.

Lovejoy está fixando pernas de madeira a uma placa de plástico que servirá de mesa para apoiar o rádio, um radiotelefone de combate da Guerra da Coreia, modelo 71 B. É a única linha de comunicação do pelotão com os Estados Unidos. Todos os Danes inspecionaram a unidade e concordaram que é muito mais sofisticada do que a usada doze anos antes, perto do fim da Segunda Guerra Mundial. E, no entanto, ninguém conseguiu fazê-la funcionar até agora.

— É um trajeto longo para um sinal de rádio — diz Ross. — E o som, o nosso som, pode obstruí-lo.

Nosso som, pensa Philip. A frase não lhe cai bem.

Philip e Larry estão montando os suportes dos microfones. Eles usam cordas e pedras para protegê-los do vento e da areia. As rochas são colhidas à beira mar, com água à altura do joelho. Philip está na água, a calça verde enrolada até as coxas, os pés descalços sobre rochas cobertas de musgo. Ele enfia as mãos na água, procurando as pedras mais pesadas, e então as entrega para Larry.

Atrás dele, a menos de cem metros, deve estar um dos navios afundados que ele viu do avião.

Não consegue parar de pensar em duas coisas:

Primeiro, que está usando uniforme militar de novo. Quando a guerra acabou, muito antes de Philip voltar para casa, tinha certeza de que seus dias de militar haviam terminado. Para sempre. Não um tipo de término que admitia volta. Como uma ex-namorada. Ou um

vício. Aquele término era definitivo. Ele cumprira seu dever com seu país.

E, no entanto...

Está de calça e camiseta verde-oliva. Seu capacete o aguarda na praia. Na mochila, a mesma variedade de meias, cuecas, luvas e coturnos que usou naqueles tempos, quando serviu ao Exército dos Estados Unidos.

É uma estranha realidade para assimilar. Como se ele fosse um soldado do passado, ressuscitado e rejuvenescido, em uma praia desértica na África.

A segunda coisa se resume a uma única palavra. Três sílabas que assustam os Estados Unidos mais do que qualquer exército inimigo jamais assustou. Uma palavra que surge em seus pensamentos e desaparece, diversas vezes, como se repetidas pelos dois gravadores Ampex ali na areia.

Nuclear.

Porque nuclear é muito assustador. Nuclear é novo e significa que países inteiros podem desaparecer com o apertar de um botão. *Não é guerra*, disse Duane. É uma decisão. Stein é mórbido o suficiente para se imaginar fotografando o ápice do cogumelo da destruição final, e Greer consegue encontrar fascínio na cadeia de eventos que levariam a tal decisão, mas os Danes sonham com Detroit. Uma Detroit que sempre estará lá.

Lar.

O fato de Mull ter mencionado a palavra no estúdio, a inoculação da ogiva nuclear, foi muito perturbador. Mas estar ali, tão perto do que provocou aquilo, exige de Philip uma coragem que ele não sabe se tem.

Duas semanas.

Larry enfia a pá na areia e enxuga o suor da testa. Seu cabelo longo já está úmido. Ele está sem camisa.

— É melhor eu ter cuidado para não detonar alguma coisa.

Mas ele não diz *nuclear*. Ainda não.

E, enquanto procura pedras debaixo d'água, Philip se pergunta se a fonte do som não poderia estar submersa.

Lixo tóxico.

Sílabas sombrias sob um sol abrasador. Uma frase assustadora do novo mundo, um medo do novo mundo. Imagens de deformidades, peixes nadando de lado, a natureza virada do avesso.

Philip sente o estômago se revirar.

Distraído, leva um pouco de água à testa, tentando refrescar o que parece uma febre súbita. Ele se levanta e inspira lenta e profundamente, acreditando estar em uma ligeira crise de pânico. Já que vai ficar ali por duas semanas, precisa aprender a ficar ali em paz.

— *Be here*. Esteja aqui.

Com o oceano escuro adiante, Philip olha para trás, esperando encontrar Larry aguardando mais uma pedra.

Mas Larry está de joelhos, com uma expressão de dor no rosto.

Mais além, Duane e Ross cambaleiam.

Stein e Greer.

Com uma náusea repentina, Philip vasculha a areia em busca de Lovejoy e o encontra sentado em posição de lótus, de olhos fechados.

— Ei, Larry. — Philip começa a dizer, mas as palavras soam pegajosas, coladas umas nas outras. Cada letra parece volumosa, impedindo que seus lábios se abram por completo.

Em meio à tontura, ele olha para os pés imersos na água ondulante. Vê um líquido amarelo e espesso acumulando-se ao redor dos tornozelos.

Recua sobre as rochas escorregadias e cai de costas na água.

O líquido amarelo tem pedaços de comida. Philip percebe que vomitou.

E vomita outra vez.

Ele olha para o horizonte encrespado pelas ondas. Vomita de novo.

É o som, ele sabe que o som está ali.

Mas não o escuta, não perfeitamente. É uma ondulação de algo mais fino do que o som, talvez o espaço que o som precisa atravessar para alcançar seus ouvidos. Philip retém uma imagem vívida daquilo ao rolar para o lado e mergulhar a cabeça na água.

Ali embaixo... o som está diferente daquele à superfície.

Não mais alto...

... e sim mais claro.

Ali embaixo, ele consegue ouvir notas individuais, um breve acorde, antes que as notas se retraiam de volta para as ondas.

Philip abre os olhos.

A três metros dali, a água está escura. Há outra pessoa submersa.

Calça vermelha.

Coturnos pretos.

Mas serão mesmo coturnos? Abalado, desorientado, Philip acha que vê...

Cascos.

Pisando com força na lama do fundo, em direção a ele.

Philip levanta a cabeça e recupera o fôlego. Não há ninguém na água, ninguém no horizonte ondulante, ninguém no mar além dele.

Mergulha de novo. Olha. Não vê nada. O som é um acorde, o som não é nada.

Ele se vira em direção à praia.

Sombras. Coturnos. Movimento.

Vermelho.

Philip volta a emergir.

Leva a mão à barriga e aponta para a margem com a outra, para o lugar onde a coisa deveria estar, onde *deveria haver* um corpo, porque ele o viu saindo de dentro da água.

Mas, não.

Nada de calça vermelha. Nada de coturnos

(cascos)

pretos.

O som está mais denso, mais amplo, pesado, como se fosse capaz de pressionar fisicamente as costelas de Philip.

Ele acha que está ouvindo o acorde de novo, uma tríade de notas não naturais e não musicais. Tocadas por uma mão com apenas três dedos, cada um com uma única finalidade: tocar, pressionar, *aquela* nota, *aquelas três* notas, três semitons, o som doentio de um músico enlouquecido, uma criança pressionando furiosamente as três teclas exatas que ela sabe que forçarão a mãe a ficar de joelhos, estendendo a mão para ela, implorando... *Pare de tocar! Pare de tocar!*

PARE DE TOCAR ESSA MERDA DESSE SOM!

De joelhos, com a tecla fá pendendo do pescoço, Philip se corta em uma pedra. Ele limpa o sangue da palma da mão. Mais sangue aparece. Ele limpa. Mais. Ele limpa. Mais. Ele mergulha a mão dentro da água.

(o que tem na água, Philip? nuclear?)

Tira a mão da água e parece que a palma está partida ao meio. Em seu delírio, naquele estado que só pode ser chamado de alucinação, Philip imagina que o som está emanando da ferida.

— Socorro! — grita.

Mas a palavra sai espessa como mel, uma colherada de cola.

Philip afunda a mão de volta na água. Olha para a praia.

Ele o vê.

De pé enquanto os outros se contorcem na areia. Robusto como um oficial.

Calça vermelha. Casaco vermelho. Sem camisa por baixo. Uma barba branca longa o bastante para roçar o ombro de Larry, que está tentando ficar de joelhos.

O espaço entre Philip e o que ele vê sofre ondulações, como se o som fosse visível.

Não consegue ver as feições daquela criatura. Não consegue confiar no que está enxergando.

Ele vê cascos.

Vê chifres também.

Um reflexo do sol cintilando entre os chifres. Metal... diamante...

Philip sente uma pressão nas têmporas. Ele pisca — as pálpebras estão pegajosas — e ergue os olhos para ver o homem (não sabe se aquilo é um homem, não sabe como nomeá-lo) agachado perto de Lovejoy. Os olhos do sargento estão fechados.

A coisa de vermelho leva uma das mãos ondulantes aos lábios do ex-general.

Philip não consegue ver detalhes, não consegue ver um rosto...

Precisa dizer algo, ele *tenta* dizer algo, tenta avisar Lovejoy.

A coisa olha para Philip.

Como se o tivesse ouvido, assim como Mull o ouviu no estúdio.

Philip precisa fechar os olhos. A dor é forte demais, dedos invisíveis pressionam suas pupilas. Quando os abre de novo, sua visão está tão

distorcida quanto seu equilíbrio, sua estabilidade, seu estômago.

Vê uma silhueta se erguendo. Vê cascos. Vê chifres.

Ele afunda a cabeça outra vez na água. Volta a erguê-la. Ofega.

É vermelho. É uma sombra. É vermelho. É uma silhueta. Está caminhando em direção a Ross. É uma sombra. É uma silhueta. Um taumatrópio. Duas imagens. Um disco. Uma corda. Girando. Indo e voltando. Rodando. Como uma roda.

É alguma coisa.

É uma sombra.

É vermelho.

É uma sombra sangrando.

A coisa se ajoelha na areia, ao lado de Ross, que está deitado de costas, impotente. A coisa desliza as mãos incompreensíveis sob os ombros de Ross, sob seus joelhos. A coisa está abrindo a boca. Sua barba branca oculta o rosto ondulante de Ross. Philip tenta, mas não consegue gritar. Em vez disso, o que sai é saliva, vômito...

PARE!

E a coisa

(o homem sombra taumatrópio)

para.

Como se o escutasse, como se ouvisse os pensamentos de Philip, como se ouvisse o soldado, incapaz de falar.

Então aquilo se move, carregando Ross, provocando ondulações, uma fita vermelha pulsante. Philip se levanta e tropeça. Ele corre descalço sobre as pedras escorregadias, em direção à coisa, em direção a Ross, para dar um *BASTA!* a tudo aquilo. Afinal, se começou assim, como vai terminar?

Philip dá dois passos sentindo vertigens, correndo de lado. Ele escorrega, cai e bate a cabeça em uma pedra.

Philip desmaia. No mesmo instante.

Apaga.

Ele meio que sonha com o som atravessando colinas negras, florestas negras, caminhos negros — o Caminho de Philip, negro, sem fronteiras, sem demarcação nem placas advertindo as pessoas a não entrarem, a se afastarem. Vocês estavam bem em Detroit, eram os

Queridinhos de Detroit, os Danes, vocês estavam bem, e isso, isso não vai terminar bem, isso não vai terminar.

O Caminho com areia movediça negra.

Tudo afunda.

Para o nada. Para um silêncio tranquilo e acéfalo.

Quando despertar, quando voltar a si, suando sob um sol mais quente do que todos os sóis dos Estados Unidos, ele levará a mão à cabeça enfaixada e olhará para os semblantes horrorizados de seus colegas soldados, todos no limite, em pânico, todos querendo saber se Philip sabe mais do que eles a respeito do paradeiro de Ross.

Quando Philip emergir das trevas, Ross terá desaparecido.

E só restará uma trilha de marcas de cascos viajando pelo deserto.

21

Para Philip, na escuridão de sua unidade, os passos no corredor parecem chapinhar — é um ruído de sucção de solas úmidas e descalças sobre os azulejos. O som é tão claro que ele quase consegue ver a forma daqueles pés descalços, ouvir o contato entre os calcanhares e o azulejo, os dedos como um rufar de tambor silencioso. Inicia-se o próximo passo. Os pés se aproximam.

Estão vindo pelo corredor.

Philip consegue virar a cabeça totalmente em direção à porta fechada da unidade.

Passos. Pés descalços no corredor.

A que distância? Philip consegue calcular. Uns doze metros. Seria outro paciente? A caminho do banheiro? Talvez alguém neste hospital também esteja se recuperando bem rápido.

Dez metros. Cinco metros. Menos que isso agora.

Philip olha para o estreito retângulo de luz ao pé da porta.

Pensa na África. Pensa em uma imagem exatamente igual a essa. Porta diferente. Mesmo retângulo. A mesma evidência de que há alguém em casa.

Silêncio no corredor.

Philip espera.

Silêncio.

Ele olha para o teto. Fecha os olhos.

Começa a adormecer. Mas não sonha.

Em vez disso, experimenta a ausência de dor sem perguntar o que o está ajudando ou o que há nas seringas, nas duas injeções que

recebe duas vezes por dia. A dose com certeza foi aumentada essa tarde, enquanto Ellen tocava a música dele no piano.

Agora, flutuando sem dor — desde que permaneça assim, deitado de costas, braços ao lado do corpo, cabeça reta —, Philip se sente capaz, ou perto disso, quase lá, de se levantar, procurá-los e encontrá-los, de resgatar o restante dos...

Danes.

Ele ouve uma porta rangendo, mas está em paz, muito perto de adormecer, equilibrando-se na espiral de um sonho, delicado, imóvel, momentaneamente aliviado. E esse momento é longo o bastante para lhe mostrar que é possível, que é verdade, que há esperança. Um novo Caminho está sendo forjado, ou talvez tenha sido o antigo o tempo todo. Há uma luz no fim de tudo isso: Iowa, Macy Mercy, dele mesmo, dos Danes.

No entanto, a luz que ele sente, a luz que ele vê, não é imaginária. E Philip abre os olhos.

A porta de sua unidade está aberta, permitindo que uma faixa de luz do corredor ilumine os azulejos à sua direita. Ele tenta pôr a mão no rosto para afastar dos olhos o sono iminente, mas isso exige esforço demais, é muito doloroso, e ele deixa a mão cair novamente sobre o lençol.

Tem mais alguém no quarto.

A princípio, ainda sem entender muito bem o que acontece em seu entorno, Philip acha que deve ser uma sombra, mas, à medida que a escuridão recua, que os detalhes da unidade se elevam à superfície de suas formas, Philip vê um homem.

O Dr. Szands está nu ao lado da cama.

Philip fica em silêncio.

Szands está olhando para o corpo de Philip, que, por sua vez, percebe que seu lençol foi puxado, expondo os ferimentos, os hematomas e as fraturas.

Philip tenta não se mexer. Não quer que o médico saiba que ele está acordado.

O Dr. Szands está tocando o próprio corpo, dedos fluidos deslizando por um peito simétrico. Pulsos brancos e suaves em seu pescoço e queixo.

Ele está comparando, afirmando sua autoridade — pelo menos é o que Philip acha.

Philip não fala.

Mas o médico, sim.

— Isto é um corpo saudável — diz ele, deslizando a palma das mãos pelas laterais do tórax, pelos músculos da barriga. — Sem uma infinidade de fraturas. Sem medicações. Está vendo, Philip? Você vê a diferença?

A voz em meio à penumbra é assustadora. A fala, arrastada. A lição que está tentando ensinar.

Philip não fala.

— Quero que você se lembre disso, Philip — diz Szands, passando as mãos no pescoço e descendo até a cintura. — Quero que você se lembre de quem manda aqui.

Ele olha fixamente para os olhos de Philip por muito tempo. Como o corpo de Philip não está visível em meio à penumbra, ele espera que o médico não perceba seu medo.

Szands suspira. Permanece ali mais um minuto, então deixa a unidade tão lentamente quanto se aproximou pelo corredor.

Ele sai, e a porta se fecha em silêncio.

Philip é deixado sozinho, mas a imagem do médico continua ali.

Você precisa ir embora daqui, pensa. E suas palavras são fracas, vacilam. *Algo ruim vai acontecer se você não for embora.*

Philip tenta recuperar na memória as visões dele resgatando os Danes, mas a imagem é fosca. E, a cada cenário que imagina, precisa retornar para este lugar.

Para as drogas.

Ele não vira a cabeça para o teto. Embora a dor comece a desabrochar no pescoço, ele olha em direção à porta fechada, invisível no escuro, pensando nas drogas, nas próprias capacidades, no conhecimento... nos segredos, sim, e no fato de que uma das duas coisas deve acontecer, uma das duas coisas deve ceder:

Ou Philip se recupera o suficiente para conseguir fugir, ou o médico manterá esse poder sobre ele até o fim.

22

Ellen está sozinha em um bar. O Corn Maze fica a menos de cinquenta quilômetros do Macy Mercy, mas não é no caminho de casa. Ela não planejou ir até lá, não pensou muito antes de decidir, mas, agora que está ali, sabe que não desejaria estar em nenhum outro lugar.

Uma bebida.

Espaço.

Para pensar.

Em Philip, no hospital e, sim, no desenho que fez para ele à tarde.

Qual é a gravidade dos ferimentos de Philip? Claro que ela sabe que seus ossos foram quebrados e está percebendo o progresso diário da recuperação de seu corpo... mas o que ela, ou qualquer outra pessoa, realmente sabe sobre lesões na cabeça? Quanto do que Philip diz é confiável? Há muita literatura sobre o assunto, revistas, ensaios, artigos, livros. Mas uma lesão do crânio deve ser diferente de uma lesão da mente invisível ali dentro.

E Ellen não só está muito preocupada com Philip, como também com a possibilidade de estar sendo muito óbvia em seus cuidados com ele.

Mas por quê?

— Uísque com gelo — diz para a atendente.

A mulher mais velha, uma falsa loura, demonstra surpresa, como se Ellen tivesse pedido a única bebida que ela jamais imaginaria que pediria.

O balcão tem a forma de um grande L de madeira, e, no extremo oposto, há outra mulher sentada, de cabelo preto e pálida, como Ellen. Mas não como Ellen. Aquela mulher é uma frequentadora assídua. Ellen gira no tamborete e olha para o salão. Vê dois homens de macacão compartilhando uma jarra de cerveja em uma mesinha redonda. Vê um homem de terno, o nó da gravata desfeito, encostado no canto de uma mesa com sofás, como se tivesse sido amassado e jogado ali.

O uísque chega, e Ellen beberica. Não toma grandes goles, embora sinta que deveria. Os pensamentos sobre Philip a confundem. Ela nunca foi de se esquivar de seus sentimentos, mas nunca se sentiu assim.

Ela bebe.

Ela pensa.

Philip é um caso extremamente inquietante, com partes equivalentes de luz e escuridão. Um pianista, só que anda perturbado pelo piano da unidade. Gravemente ferido, mas se recuperando com muita rapidez.

Droga, pensa Ellen, o que aconteceu com ele?

Ela quer saber. Mas enfermeiras não devem perguntar.

E, no entanto... *há* lugares onde ela poderia procurar.

— Outro? — pergunta a atendente.

Está escuro ali. Ellen não percebeu que terminou o primeiro drinque. Está mastigando um pedaço de gelo. Também não tinha percebido isso.

— Sim. Obrigada.

É um bar-padrão de Iowa: paredes com painéis de madeira, cartazes das cervejas Budweiser, Pabst e Knickerbocker. Um jukebox em um canto. Cartazes de famosos do estado: Marilyn Maxwell, Jean Seberg, e, naturalmente, John Wayne, nascido em Winterset, sessenta quilômetros a sudoeste de Des Moines. Esses mesmos rostos decoram a maioria dos bares em um raio de cento e cinquenta quilômetros, mas há outras pessoas nessas paredes. Desenhos, caricaturas, homens e mulheres com narizes e orelhas grandes, sorrisos largos e queixos com fenda.

— Clientes de sempre — diz a atendente loura, notando o olhar de Ellen voltado para as paredes. — A pessoa tem que frequentar o Maze por dez anos para ter um desenho ali.

Um desenho.

Um bode.

Ellen bebe um gole de uísque.

— Então talvez eu fique aqui por dez anos — diz ela.

Isso faz a loura sorrir, mas com uma carga de tristeza. A atendente conhece pessoas que fizeram exatamente isso.

Percebendo que ainda está agasalhada, Ellen tira o casaco e o pendura no tamborete ao lado. É um bom casaco, preto como seu cabelo. Está usando uma blusa marrom e uma calça preta, muito diferente de seu uniforme branco, o uniforme com o qual é vista todos os dias por Philip. Ele a conhece apenas como enfermeira, nada além disso. É estranho desejar que ele a veja como algo mais?

A porta da frente se abre, e a luz amarela das lâmpadas do estacionamento invade o bar. Ellen estreita os olhos em direção a um homem corpulento que está entrando. Ela volta a atenção para as garrafas alinhadas atrás do balcão e para o retângulo de luzes de camarim que as emoldura.

Ellen tira da bolsa o desenho que fez para Philip.

Abre um sorriso, porque parece um desenho de criança. E, ainda assim, seja lá o que for, aquilo fez Philip chorar, mexeu com algo enterrado dentro dele. Ela quer saber se isso tem alguma ligação direta com os ferimentos dele ou, talvez, com a banda. Ou com ambos.

Ou talvez, apesar de ele ter dito que viu aquilo no deserto, seja algo ainda mais antigo. Uma lembrança de infância. Philip está sentindo falta de casa, quer falar com os pais, conversar com os amigos, seus companheiros de banda, dizer a eles que está vivo, que está em Iowa, que está se recuperando.

Onde eles estão? Onde estão os outros Danes?

Ellen não sabe.

O meio sorriso se esvai de seu rosto. Não era um sorriso do tipo engraçado, no fim das contas.

— Outro? — pergunta a atendente.

Ellen tira os olhos do desenho e se pergunta o que aquela mulher pensaria a respeito.

O que significa aquilo?

— Sim. Obrigada.

Ellen ouve um farfalhar ao seu lado e, a princípio, pensa que é o papel, pensa que está amarrotando o desenho, mas então vê o sujeito corpulento ocupar o tamborete vazio do seu outro lado. Quando ele a encara, Ellen desvia o olhar. A última coisa que deseja agora é a investida desastrada de um estranho em um bar.

— Você tem filho?

Olhando para a frente, Ellen pensa em Jean, sua filha. Pensa em seu corpinho alquebrado caído em um beco, ao pé de uma escada de incêndio.

— Não.

Ela não olha para ele, mas reconhece o tom de voz: por enquanto brincalhão, mas logo furioso quando não conseguir o que deseja. Ela se pergunta se foi uma boa ideia ir sozinha a um bar.

— Parece um desenho de criança — comenta ele.

— É.

A atendente observa a interação. Ellen se pergunta: *Quantas variações disso ela já deve ter visto?*

— Posso?

Seus dedos já estão sobre o papel. Ellen puxa o desenho.

— Ei! — exclama, encarando-o. — Quem disse que você pode pegar o que não é seu?

O homem ri. Um bigode preto emoldura o sorriso em seu lábio superior. Ele é maior do que pareceu ao entrar. Usa um sobretudo bege. Terno por baixo. Cabelo castanho, olhos azuis. Ellen acha que reconhece o tipo.

— Você fala muito como se fosse mãe — diz. Ele estala os dedos para a atendente. — Heidel-Brau.

Com um cotovelo em cima do balcão escuro e liso, o sujeito está virado de frente para Ellen.

— Se não quer que as pessoas perguntem, não deveria ficar exibindo esse desenho por aí.

— Está bem, quer saber? — diz Ellen, a raiva aumentando. — Você pode...

— E certamente não deve ficar exibindo nenhum desenho que tenha feito no hospital.

A boca de Ellen ainda está aberta, mas nenhuma palavra sai. Ela reconhece o tipo. Esse homem é militar.

— Quem é você? — pergunta, já sentindo que está perdendo a vantagem.

E, o que é mais surpreendente ainda, ela está com medo.

O homem sorri e toma um terço de sua cerveja. Ele limpa a espuma do bigode com a manga do casaco.

— Eu sou eu — responde, dando de ombros. Há vitalidade e violência sob aquele gesto inócuo.

— Como você sabe onde eu trabalho?

Agora a atendente loura também está olhando para o sujeito. Pouco consolo, pensa Ellen. Ela não vai poder ajudar.

O homem sorri e diz:

— O que importa agora é que ele gosta de você.

— O quê?

Mas Ellen sabe o quê.

E o homem sabe que ela sabe.

— Com você ele fala... mais naturalmente do que com os outros. Ele... — O homem agita as mãos gordas sobre o balcão, como se estivesse procurando a palavra. — Ele se sente *inspirado* por você.

Ellen se sente perseguida. Encurralada.

— Você me seguiu até aqui.

Ele dá de ombros outra vez.

— Segui. Sabe, eu precisava conversar... como preferir.

Ele toma um gole de cerveja.

— Não estou trabalhando agora — diz Ellen.

— Ah, está, sim. Está trabalhando muito. Ele fala com você. E precisamos que você... — mais gestos com as mãos — ... continue com isso.

— Não estou entendendo.

Mas ela entende. Sabe o que o homem está pedindo dela.

— Posso?

Ele estende a mão para o desenho, mais educadamente. Ellen o deixa pegá-lo.

O sujeito apoia o desenho no balcão e balança a cabeça enquanto assobia com os lábios molhados.

— Se você acha que esse aqui é estranho, devia ter visto o anterior.

Ellen respira profundamente. Ela sabe que perguntar o que deseja será como ceder ao sujeito, mas não consegue evitar. Talvez sejam os uísques. Talvez sejam os novos sentimentos.

— Como ele se machucou?

Pela primeira vez desde que se sentou, o homem sorri de verdade.

— Agora estamos conversando — diz ele. — Amigos, então?

Ele estende a mão. Ellen não a aperta. O sujeito esfrega as palmas das mãos.

— Vou responder à pergunta porque acho que vai lhe ajudar a fazê-lo falar. Seu paciente foi enviado à África para descobrir o que está enlouquecendo os rádios do Exército. Ele recebeu a ordem para localizar a fonte de um som perturbador. Ele a encontrou. Isso é tudo de que você precisa saber. O que gostaríamos que você fizesse... é convencê-lo a nos dizer onde o som está.

— Se ele soubesse, por que não diria? Philip é um bom...

— Não, não. — O sujeito ergue a palma da mão. — Sem nomes. Não aqui. Nem em nenhum outro lugar lá fora. Você entendeu?

Ellen olha para a atendente, mas a mulher está na outra extremidade do longo L, cotovelos sobre o balcão, pano de prato nas mãos, conversando com a outra morena solitária.

— Ele é um homem bom — completa Ellen, tomando o terceiro drinque.

O homem sorri.

— Apenas trate de curá-lo. Quanto mais rápido, melhor para todos nós. Faça-o falar. Leve-o a fazer mais... — E então, gesticula drasticamente para o desenho. — A fazer mais disso aí.

Uma música country suave toca nas caixas de som do bar, e Ellen não sabe quando aquilo começou. Não há humor nem bondade nos olhos daquele homem.

— O que aconteceu com ele? — pergunta outra vez, pensando que de certa forma tem alguma influência, que aquele sujeito quer algo

dela. E ela quer algo em troca.

Há uma longa e inexpressiva hesitação antes de a metade inferior do rosto dele irromper em um sorriso, expondo dentes em mau estado.

— Ele quebrou cada osso do corpo, lembra?

Ellen quer sair do bar. Abandonar o estado. De repente, tudo o que quer é ir para casa, fazer as malas e deixar o Macy Mercy e Iowa para trás.

Mas Philip.

— Faça o seu trabalho — diz o sujeito. — Mas faça algo mais... Precisa convencê-lo a falar. Continue sendo uma inspiração para ele.

Ele estala os dedos gordos, que produzem um som ligeiramente arenoso.

— Como vou saber de que lado você está? — pergunta Ellen, assustada com a própria pergunta.

O homem assente.

Ele tira uma foto do bolso e a entrega para Ellen. É dele mesmo, de camiseta e calça jeans, agachado ao lado de alguém ferido. Há outras pessoas na foto, mas nenhum rosto está visível. Nenhum exceto o rosto da pessoa caída no chão que parece ser um helicóptero. Abaixo do helicóptero, pela porta aberta, ela vê areia.

— Philip — murmura Ellen.

O homem recolhe a foto.

— Sem nomes.

Ellen viu os ferimentos e os destroços de algo que deveria ser um cadáver, só que vivo.

— Estive na equipe que o resgatou — conta o homem, levantando-se do tamborete.

Ele acena para a atendente, que se aproxima.

— Vou pagar a conta dela também. — Ele deixa uma nota em cima do balcão. Então se volta para Ellen e diz: — Pode continuar bebendo se quiser. Beba a noite inteira. Mas faça o que eu disse. E, ah... — Ele pega o desenho. — Posso?

Ellen fica em silêncio e não tenta impedir quando ele dobra o desenho e o guarda no bolso do sobretudo.

O homem se vira para Ellen, toca a aba de um chapéu imaginário e vai embora do bar.

— Ele estava importunando você? — pergunta a atendente, assim que o homem sai.

Ellen a olha nos olhos, mas não vê nada. Ela mal está ali. Na verdade, está no Macy Mercy cuidando dos mesmos ferimentos, dos mesmos ossos quebrados.

Você o inspira. Faça o seu trabalho… e um pouco mais. Precisa convencê-lo a falar.

Ellen sabe que deveria ir embora de Iowa. Ou isso ou dirigir até o Macy Mercy imediatamente, agora mesmo, e dizer para Philip que ele está em apuros, que está sendo observado, que acham que ele está escondendo alguma coisa.

Ela se levanta para sair.

— Tem certeza de que não quer mais um?

Ellen apoia as mãos no balcão.

Apenas trate de curá-lo. Quanto mais rápido, melhor para todos nós.

Ela volta a se sentar.

— Sim. Mais um.

23

— Estou dizendo para vocês que vi alguma coisa, droga. Não era um homem... não sei o que era. Estava na água e depois apareceu na praia! — grita Philip, tão assustado e preocupado quanto os outros. — Estava vestido de vermelho. Tinha... chifres.

— Homem não tem chifre — repete Duane. Ele não consegue parar de andar de um lado para o outro.

Lovejoy esquadrinha o deserto com um binóculo. Stein faz o mesmo com o zoom da câmera.

— Duane — insiste Philip. — Estou dizendo o que vi.

— Nadoul — sugere Larry.

Ele está vasculhando a água, o que vem fazendo desde que Philip foi nocauteado, uma hora antes.

— Quem? — pergunta Duane, ofegante.

— O nativo da cabana. Aquele que conversou com Mull — diz Larry. Sua voz é puro tremor, puro medo.

— Não — diz Philip. — Aquilo não era um nativo... aquilo era...

— Um *carneiro* branco — debocha Duane.

Mesmo com a cabeça enfaixada, Philip parte para cima do amigo, agarrando-o pelas mangas da camisa.

— *Foi o que eu vi!* — grita ele, os lábios a centímetros de Duane. — *O que VOCÊ viu?!*

— Ei, calma.

Larry se coloca entre os dois, separando-os. Eles já conversaram a respeito. Ninguém viu nenhuma criatura com chifres. Ninguém viu nada.

Larry olha para o mar, como se Ross pudesse ter sido trazido pelas ondas enquanto ele estava de costas.

— Só sairemos daqui quando o encontrarmos — diz Duane, ajeitando as mangas da camisa, enxugando o suor da testa. — E não vamos mais procurar som nenhum.

Lovejoy não registra essa última observação. Greer, sim.

— Alucinação — diz ele, conclusivo. Seus óculos estão embaçados, ocultando os olhos. — Assim como você pensar que o som estava saindo da sua mão. Uma alucinação... duas, na verdade.

Mas Philip vê nos olhos do historiador que ele ainda não emitiu sua opinião final. Ele ainda está analisando.

— Não importa — diz Larry. — Não importa *o que* Philip viu. Duane está certo. Não vamos tirar o pé daqui até sabermos o que aconteceu com Ross, e, quando descobrirmos... não vamos sair daqui até o avião voltar.

Lovejoy baixa o binóculo.

— Ele foi levado — afirma.

— É o que eu estou dizendo — diz Philip. — Meu Deus, pessoal. Eu vi...

Lovejoy deixa o binóculo à disposição do pelotão.

— Vejam.

Larry aceita. Enquanto olha, Lovejoy dá a direção para onde mirar o binóculo.

— Não são pegadas de botas, sargento. São...

— São o quê? — pergunta Duane, estendendo a mão para pegar o binóculo.

Enquanto olha, Larry diz:

— Cascos.

— É mesmo? — pergunta Philip, também estendendo a mão para o binóculo. — Eu disse que vi, porra!

Duane não responde, mas não está convencido.

— Ei, cara, algumas pegadas de bode na areia não significam que Ross tenha ido embora montado naquela coisa.

— Ele foi carregado — diz Lovejoy.

Todos imaginam a mesma coisa ao mesmo tempo. Algo impossível erguendo Ross da areia, levando-o para o deserto.

Stein tira uma foto.

— De jeito nenhum — diz Duane. — Nós *não* vamos seguir a alucinação de Philip deserto adentro. Nós *não* vamos deixar este local até *sabermos* o que aconteceu com Ross.

Só resta o vento, como se Ross tivesse se transformado em ar.

Lovejoy rompe o silêncio.

— Reúna as suas coisas, soldado.

— Não somos soldados.

— Reúna as suas coisas.

— Nós não concordamos com isso. Nós concordamos em...

— Você pode ficar para trás se quiser, soldado Noles. Mas a noite *virá*. E o som pode voltar com ela. E acho que você não vai querer ficar sozinho com aquilo.

É a primeira vez que eles veem Lovejoy como líder, como um militar.

Duane olha para Larry em busca de apoio. Olha para Philip. Mas os outros Danes estão decididos.

— Vasculhem a praia outra vez — diz Duane, incerto, para ninguém. — Vasculhem a neblina.

Seu medo de deixar aquele local, de se afastar de onde o avião vai buscá-los, é palpável.

— *Reúna as suas coisas!* — ruge Lovejoy.

É a voz de um oficial comandante do Exército dos Estados Unidos.

E Lovejoy sai para reunir seu próprio equipamento.

Duane vai até Philip.

— Nós nos aposentamos há muito tempo.

— Eu vi alguém — repete Philip, e, talvez por estarem somente os dois, Duane parece ouvir dessa vez. — E essas pegadas...

— Philip, não sabemos o que tem lá fora, não sabemos...

Philip põe mão no ombro de Duane e o olha nos olhos.

— Estamos falando do Ross, cara. *Ross*.

Duane respira fundo, olha para o mar, então se ajoelha ao lado do próprio equipamento.

Philip termina de recolher suas coisas e se junta a Greer fora do acampamento. Os outros ainda estão ocupados atrás deles.

— Vocês sabem por que Lovejoy foi rebaixado? — pergunta Greer subitamente.

— Não — diz Philip. — E, neste exato momento, não me importa.

Greer estreita os olhos para o sol, para a imensidão do deserto.

— Talvez seja importante saberem.

Philip olha para trás e vê que Duane e Larry estão embalando o segundo Ampex. Philip está com o primeiro.

— Então diga.

— O sargento Lovejoy, que já foi o *general* Lovejoy — começa Greer, usando um tom de voz adequado embora condescendente —, foi rebaixado por... *fixação nos mortos*. O Louro Maluco foi pego tentando bombear sangue de recém-falecidos no corpo de recém-feridos.

— Como assim?

— Ele pegou bombas de sangue dos postos médicos sem autorização, ajoelhou-se ao lado de corpos no campo de batalha e tentou injetar sangue ainda utilizável de defuntos nos homens feridos que estavam perdendo sangue muito rapidamente, para que pudessem sobreviver.

Larry emerge da neblina. Então, desaparece outra vez.

— E não foi só porque o pegaram fazendo isso. Foi porque ele já tinha *sugerido* a ideia para o Exército, que a rejeitou.

— Como você sabe disso tudo? — pergunta Philip, olhando alternadamente para os Danes que sobraram e para o deserto, onde torce, reza, para ver um relance, uma forma, um sinal do amigo desaparecido.

— Meu irmão foi um dos soldados que ele salvou.

Philip olha para Greer.

— O que aconteceu?

Bem atrás de Greer, Lovejoy está colocando a mochila nas costas.

— Meu irmão Jeff estava gravemente ferido — prossegue Greer. — Levou um tiro na coxa direita. Perna inutilizada. Disse que tinha visto o queixo de um cara explodir. Outro levou um tiro na barriga. Ele falou que a terra estava vermelha de tanto sangue. “Vermelho lápis de cera” foi a cor que ele usou. Disse que o lugar cheirava a garagem, como se ele estivesse consertando o carro. Ele estava sangrando muito, então começou a gritar por ajuda, mas a ajuda já estava a caminho:

era o então general Lovejoy. Quando nosso sargento emergiu em meio à neblina da guerra, Jeff disse que quase cagou nas calças, pois não conseguia acreditar que um general do Exército do Estados Unidos estava ali, no campo de batalha. Jeff achou que devia estar delirando antes de morrer. Ele estava deitado de costas e viu quando Lovejoy acenou cegamente para trás e dois soldados apareceram, arrastando um cadáver pela lama.

Lovejoy se aproxima atrás de Greer. O sol destaca seu couro cabeludo avermelhado, seus tufos de cabelo louro.

— Jeff achou que fossem enterrá-lo com o outro rapaz, até que viu a bomba. Lovejoy ficou cara a cara com Jeff e disse: "Posso até perguntar qual é o seu tipo sanguíneo, mas acho que não vou conseguir uma resposta *dele*." Os soldados enfiaram a bomba nas entranhas evisceradas do cadáver, e Jeff vomitou. O tubo se encheu rapidamente. Lovejoy apontou para a ferida de Jeff e os soldados colocaram a outra extremidade da bomba na coxa dilacerada do meu irmão.

Greer esfrega com ansiedade as próprias coxas. Philip vê Lovejoy a meia distância. Ele caminha lentamente e olha para o sol.

— Mas o que realmente assustou Jeff foi o olhar de Lovejoy, a forma como ele se agachou, sem capacete, enquanto as balas zuniam sobre a sua cabeça. Disse que o cabelo dele tremulava como se os pensamentos dentro do crânio dele fossem feitos de eletricidade.

— Parece que ele salvou a vida de Jeff — diz Philip, que está pensando em salvar a vida de Ross.

— Lovejoy não desiste — diz Greer. — Nunca.

O sargento os alcança e passa por eles. Três metros adiante, ele para e observa.

Duane e Larry emergem da névoa. Eles estão arrastando o segundo Ampex sobre a tampa de plástico, que nem Philip arrasta o seu.

Com se os levassem em trenós.

— Philip — diz Duane, com a gravidade da morte nos olhos —, não podemos voltar para casa sem ele.

— Eu sei.

Stein se junta a Lovejoy mais à frente e tira uma foto do deserto. Em seguida, tira uma de Lovejoy, enquanto o Louro Maluco declara

que a caçada vai começar.

Eles vão embora.

Philip olha para a água mais uma vez e sente um arrepio. Não porque o ar está mais frio ali do que no lugar para onde estão indo, mas porque o mar lembra um pouco um cabo de segurança que, em uma alusão ao resgate de Ross, eles desataram.

24

Philip não dorme. Em vez disso, pondera.

Não é só pelo fato de Szands ser louco, mas porque, na noite anterior, Philip reconheceu a marca da loucura nos olhos do médico.

Já tinha visto aquilo em outros músicos de Detroit. Sensações do momento, batidas da semana, bandas que se embriagam com a pouca fama que saboreiam.

O Dr. Szands também está embriagado. E Philip não precisa pensar muito para descobrir o que ele andou bebendo.

É a maneira como Philip está sarando. E a sensação de divindade que deve ocorrer a um médico capaz de possibilitar uma recuperação dessas.

Insone e inquieto, Philip pondera: para quem vai dizer aquilo?

O Dr. Szands é louco. Ele apareceu no meu quarto ontem à noite.

Socorro.

Mas a enfermeira Delores é tão certinha quanto a porta da unidade. Os serventes Carl e Jerry são tão leais e tímidos quanto dois cachorros. E Francine é quase tão assustadora quanto o médico.

Em quem dali pode confiar?

Claro, só tem uma pessoa. Mas há uma grande distância entre uma saudável relação paciente-enfermeira e um paciente difamando um médico para essa mesma enfermeira.

Será que ela vai achar que é Philip quem está maluco?

Se Philip fosse sincero consigo mesmo, admitiria que a enfermeira Ellen é exatamente o tipo de garota que teria mexido com seus nervos em Detroit. Ela é bonita, é verdade, mas é sua mente que o intimida:

Ellen é mais inteligente do que ele. E provavelmente mais sincera do que ele tem sido. Deve saber tomar uma bebida à noite sem virar uma transgressora da lei. Sim, Ellen é o tipo de mulher que Philip teria evitado em um bar, certo de que, caso falasse com ela, fosse o que fosse, correria o risco de se perder.

Seria ela a pessoa certa com quem conversar? Será que ela vai acreditar? Ou vai tentar convencê-lo do contrário?

Agora, ao ver a sopa balançar na colher, consciente de que Ellen está tremendo, Philip se pergunta o que a deixou com medo.

— Me desculpe — diz ela.

— Está tudo bem.

Ela passou a tarde inteira assim. Quando chegou, seus olhos vasculharam cada canto da unidade, e ela também ficou algum tempo olhando para o gabinete de arquivos.

Philip sabe reconhecer paranoia quando a vê.

Mas ela tem o direito de estar paranoica?

— É a guerra — diz ela. — O que a guerra fez comigo e o que a guerra fez com você.

Ela se levanta e vai até a estante. Philip consegue virar a cabeça o suficiente para vê-la. Ela está olhando entre os livros, debaixo do rádio.

Como se estivesse procurando grampos.

— Uma filha — diz Ellen, folheando as páginas dos livros, sem humor na voz. — Muito jovem. Tinha três anos. Dizem que isso significa que ela sempre terá três anos de idade. Mas isso só piora as coisas. Gosto de imaginá-la crescendo. — Ela olha para Philip. Volta para as páginas. — Às vezes até mais rápido que eu. Gosto de pensar nela como uma senhora bem idosa, sentada do outro lado da mesa da cozinha. Ela tem cabelo grisalho, uma expressão de irritação no rosto e está me dizendo: *Você poderia se apressar e se juntar a mim logo, para podermos finalmente ter o nosso tempo juntas? O tempo que nunca tivemos?*

Ellen perdeu uma filha. Philip compreende. Mas vê-la tocar a borda do abajur e apalpar ao redor o está deixando ainda mais nervoso.

Muito som. Em toda parte. Em Detroit. No deserto do Namibe. Aqui.

— O pai dela era escriturário. Seu nome era Al. Eu gostava de Al, ele era engraçado, era certinho e não acreditava na guerra. — Seus olhos brilham, úmidos, mas sua voz não vacila. — Nós nos conhecemos em 1944. Namoramos durante um ano antes de casar. Ele era um bom homem, me levava a restaurantes escuros e silenciosos. Ria das minhas piadas. Nós dançávamos. — Ellen está atrás de Philip. Ele ouve a tampa do banco do piano sendo erguida. — Não era um amor apaixonado, mas era gentil. E a gentileza nos levou a uma gravidez. Tivemos uma menina, Jean. Adoro esse nome. Breve. Limpo. Jean. Mas, à essa altura, Al já estava desmoronando.

Ela está do outro lado da sala, agora diante de Philip, ajoelhada junto ao gabinete de arquivos. Abrindo as gavetas.

— Veio a Primeira Guerra Mundial, depois a Segunda Guerra Mundial e, ah, também podemos incluir todas as guerras anteriores. Al certamente incluía. Ele tinha a sensação de que algo ruim estava se formando. Que um sentimento ruim estava crescendo. Um padrão. Ele destacava isso para mim. "Continua acontecendo", dizia. "E por quê?" Ele era obcecado pelos porquês. Por que fazemos isso? Por que *continuamos* fazendo isso? Al esteve na Alemanha com o irmão, Jimmy. Eles serviram juntos. Jimmy foi gravemente ferido. E quando o irmão morreu... — começa a falar mais devagar — Al perdeu a fé em tudo. Exceto no padrão.

Philip se lembra de Greer curvado ao lado de uma fogueira, falando sobre rodas. Desenhando círculos na areia.

Ele pensa nos chifres e nos cascos que encontrou em uma sala enterrada sob a areia.

— Ele trancava a porta do banheiro e ficava lá durante horas. Jean perguntava onde o papai estava, e eu dizia que ele estava tomando banho. E fazia coisas para ela rir porque, quando Jean não estava rindo, dava para ouvir Al chorando. Jean olhava para a porta do banheiro do outro lado do apartamento, e eu fazia mais uma piada. Mais uma careta. Só para encobrir o choro. Mas, não importava a altura das nossas risadas, sempre dava para ouvir quando Al começava a gritar. Ele dizia: "Jimmy, você já tomou um tiro! Você só não sabe disso ainda!"

Ellen faz uma pausa de efeito e encara Philip com olhos arregalados. Então ela se levanta e começa a vasculhar as cortinas da janela.

— Ele estava fazendo a mesma coisa no dia em que Jean caiu da escada de incêndio. Devia estar trancado no banheiro quando ela caiu, porque foi onde eu o encontrei quando cheguei em casa. Eu que tive que dizer a ele que Jean não estava em casa, logo eu, que estava no trabalho havia seis horas. Eu, que não precisei ir à guerra para compreendê-la. — Ellen está de joelhos, enfiando o braço embaixo da cama. — Bati na porta do banheiro e disse: "Al, cadê a Jean? Ela está aí com você?" Ele abriu a porta com olhos vermelhos e disse: "Ele já tinha levado um tiro, Ellen. Ele estava dizendo como tinha medo de ser baleado. Mas ele não entendia... aquilo já havia acontecido. Ele já tinha levado um tiro."

Ellen se levanta, encarando Philip. Agora parece uma mãe aos olhos dele.

— Sinto muito — diz ela. — Acho que estamos todos um tanto feridos.

Eles olham um para o outro, conectados pelo hospital e por muito mais.

— Volto já — diz ela, levantando-se para sair da unidade.

Philip pensa no padrão de Al. No que o pelotão começou a chamar de a Roda de Greer.

Se tem algo que se destaca na minha pesquisa é que a história não para. Não fica parada em silêncio. Ela faz barulho.

Philip só repara na música clássica vinda do escritório quando ela para de tocar. Após uma breve pausa, outra música começa. Philip tem esse disco em casa.

Ellen volta.

— Não são os Danes — diz ela. — Mas vai servir.

— Servir para quê?

Ellen atravessa a unidade e olha nos olhos de Philip. Para ela, é o homem do bar que levou o seu desenho. Para Philip, são as características evasivas de um ladrão vestido de vermelho.

Por enquanto, porém, seus monstros são deixados de lado.

Mas não esquecidos.

— Vamos dançar — diz Ellen.

Ela pega a mão de Philip e arrasta a ponta do dedo na palma da mão dele.

Então vai até o meio do aposento.

Philip a observa da cama. Imagina-se ao lado dela. Não... ele se *vê* ali.

Ellen está dançando.

E, por um momento incrível, impossível, Philip acredita estar dançando com ela.

Philip precisava disso. Não sabia, mas precisava.

O toque.

Ellen dança lentamente pela unidade, entrando e saindo das sombras que se adensam, calcanhares ecoando ao ritmo da bateria, olhos fechados.

Philip está abraçando Ellen em um bar em Detroit. Ele entra em um táxi com ela, a leva para casa, passa os dedos em seu cabelo preto. Na manhã seguinte, ele a levará ao seu restaurante favorito, pedirá seu café da manhã favorito. Ambos passarão o dia juntos, passeando por Detroit, visitando os pais de Philip, seus amigos, os Danes. Ambos buscarão mais emoção naquela noite, dançando outra dança e criando sua própria roda, seu próprio padrão, seu próprio som.

Quando a música termina, Ellen abre os olhos.

— Isso foi... realmente bom.

Então ela ri, e seu riso é de tristeza, embora não seja de loucura.

Ellen também precisava daquilo.

Um ritmo, uma pausa.

Uma dança.

Ela desliga o abajur. Então volta para o lado da cama e puxa o cobertor até o queixo de Philip. A lua ilumina seu rosto e a parede mais além.

— Planos? — pergunta Philip.

Sua voz soa menos como madeira rachada do que quando acordou naquele lugar.

Ellen não enxuga os olhos. Ela deixa as lágrimas em paz.

— Sim. Grandes planos para hoje à noite. Vou tomar sorvete sozinha no sofá. E, se deixar cair um pouco, vou limpar com papel-

toalha.

Philip sorri, mas o peso permanece na sala. A filha de Ellen. Os Danes. O padrão de Al. Os desenhos de Greer na areia do deserto.

— Algum encontro?

— Nós não acabamos de ter um? E não teremos outro amanhã?

Algo aconteceu ali, naquela noite. Algo entre eles.

— Não sonhe com nada muito horrível — diz ela. — E, se sonhar, é só acrescentar uma mulher pelada de patins. Isso sempre acaba com o pesadelo.

Eles se encaram em meio à penumbra.

— Boa noite, Philip.

— Não vá embora.

— Você é mais corajoso do que imagina.

— Não vá embora.

— Volto amanhã.

— Ellen...

— Sim?

— Venha aqui.

Ela baixa a cabeça até ficar perto da dele.

— Mais perto.

Ela se aproxima.

Philip sussurra em seu ouvido:

— O Dr. Szands é louco.

Ellen recua e olha em seus olhos por muito tempo. Ela abre a boca, como que para dizer que pensa o mesmo.

Então sai.

O ventilador zune na estante.

Philip olha para as sombras no teto e vê os Danes. No palco em Detroit. Em um avião para a África.

Um desaparecido e os outros atravessando o deserto para encontrá-lo.

A noite no hospital cai sobre ele.

— Boa noite, Philip.

É a enfermeira Francine à porta. Ela está carregando uma bandeja. Seu remédio.

E os fantasmas que assombram a mente de Philip voltam a aparecer.

25

O sol está se pondo, mas ainda não por completo. E o mar está tão longe atrás deles que as ondas soam como sussurros.

Ele ainda não morreu, diz Philip para si mesmo, arrastando um dos gravadores Ampex de trinta quilos sobre a tampa de plástico. *Ele está desaparecido.*

É mais fácil lidar com isso. Permite que ele mantenha a sanidade.

Até encontrarem o corpo de Ross, inerte, não há nenhum morto.

Eles chegam a uma fileira de dunas que não poderão evitar.

Philip para à base da duna em que estão e vê sua sombra na areia.

Essa sombra já empunhou uma arma… depois, um microfone.

Agora empunha as duas coisas.

Lovejoy crava um coturno na duna e olha para cima.

— Pegadas — anuncia.

Talvez fosse a combinação do sol e da fadiga, mas Philip não tinha visto as pegadas até Lovejoy indicá-las. Ele as vê agora. Cascos tênues. Como se tivessem um andar mais suave do que os bodes americanos. Como se conhecessem melhor o deserto.

Como se soubessem onde se esconder.

Lovejoy começa a subir.

Stein tira uma foto do Louro Maluco, e Philip já consegue vê-la revelada: uma imagem em preto e branco do ex-general suado liderando o pelotão naquele dia sombrio, o dia em que Ross Robinson desapareceu.

Os outros o seguem.

Quando Philip chega ao topo, Lovejoy já está lá, olhando pelo binóculo. Ele aponta para algo distante.

— É ele? — pergunta Philip, ofegante.

Stein tira outra foto.

Do alto da duna, a coisa parece ter o tamanho de um caranguejo.

— E um cadáver — diz Lovejoy.

Philip tira o binóculo das mãos do sargento.

Ele olha. Ele vê.

— O que é? — pergunta Larry. — É ele?!

Lovejoy começa a descer.

— Philip? — repete Larry, que confia mais na observação do amigo do que na do sargento.

Stein tira outra foto. Greer está descendo, equilibrando-se como pode.

— Não tenho certeza — responde Philip. — Parece mais... um uniforme.

— O quê?

Pelo binóculo, Philip vê o que poderia ser uma camisa de manga comprida e uma calça. Os braços estão erguidos, como se estivesse se protegendo.

— Que tipo de uniforme?

Philip observa melhor, olha fixamente até os detalhes começarem a fazer sentido a distância.

— É um uniforme padrão — explica.

— Como assim?

Philip baixa o binóculo.

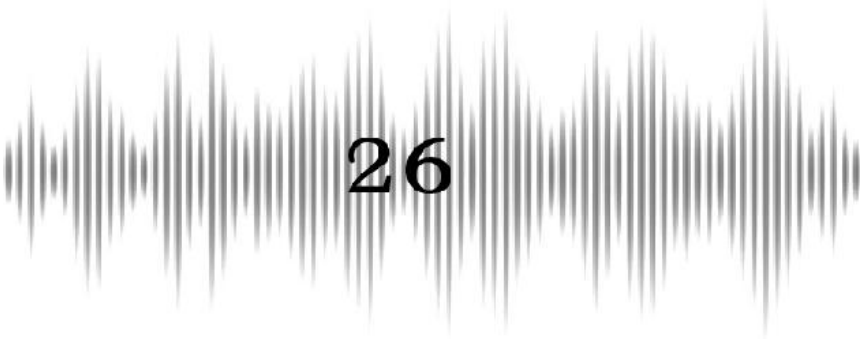
— Não é o Ross. Mas é alguém do Exército.

— Ah, que merda — diz Duane. — Os outros pelotões.

— Não... Exército antigo — diz Philip, balançando a cabeça e entregando o binóculo para Duane.

— Antigo? — pergunta Larry.

— Como se tivesse saído de um livro didático. Aquilo é um cadáver, eu sei. Mas está vestindo um uniforme usado na época da Guerra de Secessão.



26

Eu não faria isso se fosse você…

Essa frase, essas palavras... mais uma vez. Estão falando enquanto Philip dorme. Uma voz velha. Uma voz familiar. De onde?

Eu não faria isso se fosse você…

Mas quem disse isso?

Há um sotaque. Há idade. Um aviso. Uma advertência.

Philip conhece a voz, e não só porque a ouviu durante os seis meses em que esteve em coma.

Ele a escuta, em seus sonhos, percorrendo o suave arco das dunas. Aquilo também persegue a coisa que levou Ross, segue as mesmas pegadas, até chegar ao mesmo fim.

E ali, no acampamento, essa voz é usada, esse sotaque é oculto, de propósito, como as aranhas que cavam buracos na areia, como os garimpeiros que outrora procuraram diamantes ali.

É noite no Macy Mercy.

Um corpo convalescente adormecido é um criadouro de pesadelos.

Então Philip desperta.

Ou, talvez, seja o som que o desperta.

Philip abre os olhos, vê a luz da lua onde o teto encontra a parede. E também vê o deserto à noite.

Madeira rangendo? Talvez sejam botas na escada. Ou talvez alguém se sentando para tocar um velho piano vermelho.

Philip quer se sentar. Não consegue. Em vez disso, estica o pescoço e tenta olhar para trás da cama, para os fundos da unidade.

Mas o som não está vindo de dentro do aposento. Vem do corredor do hospital.

Consegue virar a cabeça apenas o suficiente para ver a porta começando a se abrir.

Uma voz no corredor diz:

— Luzes apagadas!

— Duane? — pergunta Philip, atingido por um redemoinho cruel de emoções.

Duane costumava gritar "Luzes apagadas!" no fim de cada set. Era o seu bordão para encerrar os trabalhos.

— Luzes apagadas!

Sussurros no corredor? Alguma coisa. Um ritmo. Passos, rangidos de madeira, um rumor baixo.

Szands?

— Duane?

Philip diz "Duane", mas está pensando em "os Danes".

— Pessoal! Vocês estão aí fora?

Sua voz é estridente. Como a de alguém que ele nunca pensou que se tornaria.

Alguém desesperado.

A banda está morta, pensa Philip.

VOCÊ NÃO TEM CERTEZA DISSO!

Os ruídos continuam, mas não soa como se houvesse uma banda lá fora, no fim das contas. Não. Por que ele achou que haveria?

É o Dr. Szands, pensa. *Ele está vindo para brincar de Deus.*

— Enfermeira.

Mas Philip só chama a enfermeira por chamar. Quer ouvir aquele som, quer saber o que está por vir.

Porque tem *alguma coisa* vindo.

Menos como música, mais como uma onda. Um bloco sonoro, sólido e singular, emanando do fundo do corredor.

Philip imagina seus companheiros de banda mortos naquela onda.

Luzes apagadas!

Duane flutuando ao lado de uma bateria quebrada, um banquinho frouxo, a pele negra descascando, os ossos quebrados.

Uma ondulação viaja através do corpo do baterista, uma onda presa dentro dele, sem ter para onde ir, sem ter por onde sair.

Luzes apagadas!

Larry. Larry também está lá fora. Seu cabelo louro está branco com a areia de uma sepultura no deserto.

— Enfermeira! — Philip volta a chamar, agora para valer.

Luzes apagadas!

Philip está suando. Ofegante.

Luzes apagadas, luzes apagadas, temos mais uma para vocês, e, então, luzes apagadas.

O som se aproxima, uma bobina desenrolando, um cobertor de deserto se estendendo, passando pelo corredor, revelando seus amigos, mortos, todos eles, os sussurros lá fora, botas pisando em degraus de madeira, um banco de piano deslizando, o zumbido do hospital à noite...

— Ross! — Philip se sente febril, delirante.

Está chamando pelos amigos mortos.

NÃO ESTÃO MORTOS!

Mas podem estar. Podem estar.

Ouve gargalhadas... parece um programa de televisão, um público:

TOQUE PARA NÓS! TOQUE PARA NÓS! TOQUE PARA NÓS, LUZES APAGADAS!

— *Enfermeira!*

Philip quer sair. Da cama, daquele quarto, daquele corpo castigado. Agarra os lados da cama e faz força, tenta girar, com o corpo todo de uma só vez. Fecha os olhos e vê Duane morto.

Luzes apagadas, Philip. Estou sem forças. Luzes apagadas. Mais uma música. Então podemos sair daqui. Mais uma música. Então acabou. Diga a eles que acabou. Diga a eles que encontramos a fonte do som. Diga a eles que a encontramos e que não foi nada bom.

Philip agarra a cama com mais força.

Ouve chinelos pesados no corredor, em meio ao som cada vez mais alto.

Mexa-se.

Está tentando, está suando. Seus braços e pernas feridos se esforçam.

Ele descansa.

Ele tenta outra vez.

Ele descansa.

Estou sem forças, Philip. Mais uma música.

... luzes apagadas...

Mas ainda não. As luzes ainda não estão apagadas.

Philip. A voz de Larry ecoa em sua cabeça. *Por que você não nos trouxe de volta? Por que nos deixou para trás?*

NÃO!!!

Philip está se levantando, se erguendo. Seus braços parecem fortes o bastante para aquilo — é uma segunda força, mais profunda, bem abaixo da superfície descorada, dos hematomas, das fraturas que não sararam, que não poderiam ter sarado, pelo menos não completamente.

— Duane — diz Philip, delirante. — Mais uma. Vamos tocar mais uma.

E essa conversa, essa conversa com ninguém, é o impulso final de que ele precisa.

Eu não faria isso se fosse você…

Está rolando.

Rolando pela borda da cama.

Rolando rápido demais.

O teto se confunde com a parede. A parede se transforma na moldura da porta. A porta se transforma no chão.

Rápido demais.

A porta se abre. Luz do corredor.

Antes de atingir o chão, Philip vê a enfermeira Francine na entrada. Está com os olhos esbugalhados, ampliados pelos óculos enormes. Ela estende a mão, aproximando-se.

Mas o olhar em seu rosto...

Philip tem um pensamento louco quando seu nariz atinge o chão duro e quebra pela segunda vez:

Outra dose, outra injeção, e você vai ficar bem novamente.

Então, acerta em cheio o piso.

Um impacto.

A dor que explode em seu nariz o cega com um branco brilhante, e ele vê mais uma vez seus companheiros de banda, mortos, olhares malignos, pele descascando, saindo da areia, como se estivessem saindo de um buraco no deserto...

Philip caiu.

Fora da cama.

(*fora do Caminho*)

A enfermeira Francine está ao seu lado.

— Olha só o que você fez! — diz ela, a voz traindo o próprio pavor. — Ah, *olha só* o que você fez! Vão me demitir por causa disso! Vou ser demitida!

Mas Philip está à deriva. Mal consegue ouvi-la. Ele pensa ouvir:

— ... nos atrasou uma semana!

Apenas palavras, apenas letras.

— ... precisa curar...

Ele está sangrando. Sente uma agulhada no braço.

— ... Fora do prazo...

Tem três últimos pensamentos antes de se desfazer na escuridão:

Aquele som no corredor era o som do deserto…

e

Por que está aqui? Como?

e

Não me deixou mal dessa vez …

Então perde a consciência.

Não ouve mais o som.

Nem vê a luz.

Luzes apagadas!

Por quanto tempo...

... não tem como saber...

... então...

... alguma luz

... suficiente para que Philip possa identificar o Dr. Szands olhando para ele do outro lado da sala...

... Uma nova sala...

... uma nova cama... não, com certeza não é uma cama... uma prancha de metal... como um necrotério... Szands de pé com os

braços cruzados... em meio às sombras...

Levante-se.

Philip tenta se sentar, não consegue. Tenta erguer os braços, não consegue.

Correias, pensa Philip.

Szands sorri.

— Bem-vindo à reabilitação — diz o médico.

Philip se concentra nas paredes. Reconhece o padrão, a aparência.

— Por que estou preso, doutor?

Szands ri. Um riso rico, endinheirado. Entrecortado e vivo.

Mas não há eco.

O som ali é plano.

As paredes são cobertas com o mesmo material que os Danes usam no País das Maravilhas.

— Espuma acústica — explica o médico. — À prova de som. Você já usou isso, tenho certeza. — Ele olha fixamente para Philip. Estudando-o. — Você com certeza ouviu o som. Ou seja... você sabe que ele está aqui.

Philip não responde. Não pergunta: *como assim, ele está aqui?*

— Você tinha que ver o servente que ouviu aquilo. A demissão não foi a pior coisa que aconteceu com ele hoje à noite.

Um servente ouviu o som… eles têm o som aqui… em fita… onde?

Szands atravessa a sala acolchoada. Sua figura e sua camisa cor-de-rosa de manga curta são definidas, fortes, destoando em frente à espuma cinza.

— Aqui é para onde vêm os meninos que não conseguem cuidar de si mesmos, Philip.

— O quê?

— Você não se lembra de ter saído da cama ontem à noite?

A dor em seu nariz aumenta, como se tivesse aproveitado a deixa. Sim, ele sofreu uma queda. Uma queda feia.

— Eu estava tentando me levantar.

— Certo. Tentando se levantar. E é isso que os bons meninos fazem?

— O quê?

O céu nos olhos de Szands tem um brilho intenso.

— Aqui é mais do que apenas um *hospital*, Philip. Você sabe como este lugar é especial. A essa altura, você certamente é capaz de reconhecer a rapidez com que seu corpo está se recuperando. Podemos dizer que... você é nossa criação.

— Fala sério.

— Ah, não, não, não. — Szands balança um dedo fino e limpo. — Nada de *fala sério* por aqui. Você e eu não somos iguais, Philip. Somos médico e paciente. Especialista e sofredor. — Szands pega um par de luvas em uma mesa portátil. — Você quebrou o nariz. O mesmo nariz que passamos tanto tempo consertando. E uma órbita ocular. Uma maçã do rosto. Mas vou ser bem claro, Philip. Você quebrou esses ossos *outra vez*. E nos atrasou um bocado.

Szands enfia a mão em uma das luvas.

— O que você vai fazer, doutor?

— O que todos os pais fazem com bons meninos que se comportam mal. Vou lhe dar uma lição. — Ele coloca a segunda luva. — Não podemos deixar você se *machucar*. Quando você se *machuca*, está zombando de todo o trabalho que fazemos por *você*. Por favor, não finja que não entende o que eu estou querendo dizer.

— Doutor... eu só estava tentando...

— Você está torto — diz Szands.

Uma mão emborrachada tampa a boca de Philip.

Com um estalo, sem nenhuma anestesia, Szands ajeita o nariz quebrado.

Philip grita.

E o som não se propaga. Não ali.

Szands segura o nariz com firmeza. Então torce a mão outra vez, quebrando-o novamente.

E o põe no lugar.

E o quebra.

E o põe no lugar.

E o quebra.

E o põe no lugar mais uma vez.

Quando ele tira as mãos, Philip está quase inconsciente. Em meio a um terrível redemoinho de luzes brilhantes e sombras densas, Philip vê como deve ser o rosto de Szands quando ninguém está olhando.

Então o médico se afasta.

A porta faz um clique suave, e ele se vai.

Philip se sente ainda mais distante da realidade.

Mas ouve um segundo clique, a porta se abre outra vez, e Philip vê um rosto pálido, cabelo escuro, uniforme branco.

— Ellen — diz. Mas a palavra sai como em um sonho.

E, quando o rosto se aproxima e entra em foco, Philip vê as rugas e os óculos de Francine.

E também sente uma agulhada no ombro, enquanto a dor no rosto diminui, e os sonhos sombrios do inconsciente se erguem para saudá-lo.

27

Lovejoy estava certo.

Não é só um uniforme, roupas deixadas para trás, um peso indesejável no calor do deserto.

É um cadáver.

— Meu Deus — diz Stein, no mesmo tom que as pessoas usam quando querem dizer *isso é terrível, isso é inexplicável, isso é ruim.*

Ele ergue a câmera hesitante e tira uma foto rápida. Como se algo dentro dele tivesse assumido o controle, a parte dele que sabe que deve fazer seu trabalho, apesar do que está vendo.

Não é Ross. E é por isso, e só por isso, que Philip consegue manter o controle sobre a própria realidade. Mas o resto dos fatos é uma loucura.

É um homem, todos concordam com isso. Vestindo calça de algodão cinza, uma camisa cinza desabotoada e coturnos marrons de cano bem alto. Mas o peito e o rosto barbado têm o dobro da largura que deveriam ter. Parece que foram achatados, esmagados em uma prensa. Como massa de modelar, ou barro, o corpo parece moldado, como se tivesse sido deixado assim por uma criança distraída.

Seu nariz está achatado na face, como um Picasso.

— Que merda, cara — comenta Larry, se agachando junto ao corpo. Ele estende a mão para tocar o rosto, mas Lovejoy agarra seu pulso com força e o puxa para que ele fique de pé.

— Cuidado.

— Por quê? Você acha que é... *contagioso*?

O pelotão se alinha junto daquilo que Larry descreve corretamente como *um homem achatado*. Quase bidimensional, dando a impressão de ter sido atropelado por um tanque. Até seus dedos estão estranhamente alongados — um homem feito de cera, derretendo sob o sol do deserto do Namibe. Dedos curvados, tentando alcançar os ouvidos.

— Esmagado — diz Stein.

E tira uma segunda foto. O som da câmera é como um pequeno osso quebrando ao meio.

Duane estende a mão, provavelmente para se lembrar de como são mãos normais.

— Precisamos encontrar Ross — diz Philip.

Todo mundo está pensando nisso. Pensando que a mesma coisa aconteceu com Ross.

Greer observa em silêncio, com uma expressão de profundo assombro e apreensão no rosto.

Apesar da cena grotesca, do rosto impossível, são as orelhas e os dedos estendidos na direção deles que chamam a atenção.

As orelhas da mulher de Nadoul foram encontradas em cima do colchão na cabana.

— *Meu Deus* — diz Larry, e Philip sabe que, se encontrasse esse cadáver na rua em Detroit, Larry já teria saído correndo.

O homem pode ser jovem, pode ser velho. É difícil dizer. Mas seu uniforme remete a um tempo, uma época, uma era diferentes.

Agora Stein está tirando muitas fotos. Como se as duas primeiras tivessem violado um selo moral interno.

— Olhem para os buracos na cara dele — diz Greer. — Os olhos, o nariz, a boca. Os ouvidos. — Greer se curva para uma inspeção mais detalhada. — Pelo modo como ele foi... *achatado*, o que quer que houvesse dentro dele deveria ter saído. Como um animal atropelado na estrada. Mas... não tem nada aqui. Não tem manchas de sangue na areia.

— Animais carniceiros? — sugere Stein.

— Não — diz Greer. — Ele não perdeu nada. Aposto que ainda tem todos os órgãos internos.

Stein fotografa.

À distância, mas perto o suficiente para ouvir e ser ouvido, Philip ouve o barulho de uma onda.

— Ouçam — diz, virando-se para o deserto.

Philip se ajoelha, liga o Ampex e conecta um cabo de microfone. Então põe os fones de ouvido e ajusta o volume de entrada.

Aquilo faz música, por isso estão enviando músicos.

Por puro instinto, os outros protegem os ouvidos.

Outra ondulação, fraca. Dessa vez, Philip sente uma leve náusea.

A luz vermelha no Ampex está piscando, o rolo está girando, a máquina está gravando.

— Tenha cuidado — pede Larry.

Philip levanta a mão aberta.

O som diminui. Uma ondulação distante, e, então, desaparece.

Philip espera quarenta segundos e rebobina a fita.

— Vou colocar o volume no máximo — anuncia. — Vou passar mal.

— Philip — diz Larry. — O que você está fazendo?

Philip põe a fita para tocar.

Ele ouve alguma coisa. Algo dentro do som.

Vê o corpo na areia atrás das pernas do pelotão. Pensa em fotografias antigas, do tipo que via quando criança, na cornija da lareira dos avós.

Mas aquele corpo não é velho em idade. É velho em *tempo*.

A reprodução começa. Naquele volume, o som de estática é alto. Philip ouve a respiração dos companheiros, o vento soprando no microfone, seus próprios movimentos na areia.

Então... o som... aumenta... como um grito... um chamado...

Quando o sol baixa mais um grau, Philip se sente enjoado.

Ele olha para o corpo do homem achatado, os dedos longos e retorcidos, a pele curtida pelo deserto. Uma múmia desembrulhada trajando roupas de algodão. O queixo alongado, distendido, o orifício aberto e largo da boca.

Os olhos, dois ovos mexidos.

O som está alto. O que começou como uma leve dor de cabeça evolui para um chocalhar. Ele ouve uma vibração, o som de uma

ondulação, uma possível quebra no sinal. E pensa: É uma sé*rie… uma série de ruídos… não é um só…*

Philip alcança o seletor de rotação e, com dificuldade, reduz a velocidade da fita para a metade, depois para um quarto.

A distensão não natural, o arrastar da mudança de velocidade, o faz vomitar.

Quando as cortinas sônicas se abrem, um ruído novo se revela.

E Philip reconhece, ele *conhece* esse novo som.

Poderia aliviar o mal-estar tirando os fones de ouvido. Desligando o gravador. Pelo amor de Deus, o dedo está em cima do botão.

Mas ele não desliga. Quer ouvir mais.

Esse novo som... seria uma pista do que aconteceu com Ross?

Ele olha para o cadáver, como se o corpo pudesse dar uma resposta.

E o corpo se mexe.

— Ei — Philip tira os fones de ouvido e recua de costas. Aponta para o cadáver. — Ele se mexeu! Os dedos se *mexeram*!

Lovejoy saca uma pistola do cinto e atira no cadáver.

Mas, não. A arma não dispara.

Em vez disso, faz apenas um clique.

O cadáver não está se movendo, mas Lovejoy atira outra vez.

Nada.

Ele olha para Stein.

— Me dê sua arma.

— Perdão, sargento?

Lovejoy estende a mão, e Stein entrega a pistola.

Lovejoy dispara.

Clique. Nada.

Ele a deixa cair na areia.

— Soldado Noles, me dê sua arma.

— O que está acontecendo? — pergunta Duane, mas entrega a arma para Lovejoy mesmo assim.

O sargento aponta para o deserto. Dispara.

Clique.

Nada.

Larry entrega a arma.

Clique.

Nada.

— Ah, que merda — diz Duane. — Que *merda*.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta Stein. Ele percebe que os outros estão pensando a mesma coisa.

— O som desabilitou uma ogiva nuclear dos Estados Unidos — explica Greer.

— Então você está me dizendo que...

Lovejoy testa a arma de Philip.

Nada.

Ele a deixa cair sobre a pilha de pistolas.

— Meu Deus — sussurra Larry. Desta vez, fala num tom de quem diz *estamos com problemas*.

O pelotão olha para o deserto, como se avaliando o risco de enfrentá-lo sem armas.

— Ouçam o som com um quarto da velocidade — diz Philip. Ele aponta para o Ampex. — São passos.

Greer se vira para ele.

— Como assim, Philip?

— A fita... mais lenta. São... passos.

— Como se alguém estivesse se aproximando — sugere Duane.

Philip olha para a pilha de armas inúteis.

— Como se alguém já tivesse se aproximado.

Os soldados olham de volta para o deserto.

Não conseguem ver muita coisa.

O sol se pôs.

O deserto mergulha na escuridão.

— Luzes apagadas — murmura Duane.

28

Ellen está andando sozinha. Sua pequena figura vestida de branco produz uma imagem bruxuleante, uma vez que os cantos do corredor, onde o chão encontra as paredes, estão escuros, e a penumbra toma a área atrás dela. Contudo, ao passar sob cada lâmpada acesa no teto, sua forma ganha detalhes, e ela se sente exposta.

Mais adiante, a enfermeira Francine se aproxima, caminhando na direção oposta, surgindo e desaparecendo sob as luzes do teto, assim como Ellen.

— Boa noite, Ellen.

— Boa noite, Francine.

Elas se cruzam, um ombro de uniforme branco passando por outro ombro de uniforme branco, uma a caminho da Unidade de Reabilitação à prova de som, para visitar Philip, a outra a caminho de um lugar para onde não deveria estar indo.

Ellen tem certeza de que Francine não percebeu que ela está com a mão esquerda enfiada no bolso do uniforme. Ela também tem certeza de que é a coisa certa a ser feita: segurar com força as chaves reserva para evitar que façam barulho quando Francine, que conhece o som das chaves do hospital, passar por ela.

Ao passar pela unidade vazia de Philip, a Unidade 1, Ellen olha para dentro, apesar de saber que ele não está ali. A cama continua desfeita, e os lençóis estão amarrotados desde o tombo de Philip. Dizem que ele quebrou três ossos do rosto. Quebrou de novo. Ellen sente nervoso só de pensar nisso. Ela dá uma olhada na sala e vê que

nada está fora do lugar. Mas, ainda assim, se pergunta se alguma coisa mudou ali. Algo invisível.

Escondida sob uma máscara de profissionalismo, Ellen passa pela porta da unidade de Philip e segue corredor adentro, passando pelo escritório à esquerda. Lá dentro, a enfermeira Robin, uma temporária regular, acena um "olá" gentil, e Ellen responde com um dos melhores e mais convincentes sorrisos cordiais que já enfeitaram seu rosto. Contudo, quando Robin some de vista e Ellen dobra à esquerda, para longe da porta da frente do hospital, seu rosto já não tem mais nenhum vestígio desse sorriso.

À frente, a porta do banheiro está completamente escura, mas ela vê um reflexo da maçaneta. Dobra à esquerda outra vez, seguindo o corredor sem pacientes, o corredor em que nenhuma enfermeira deve entrar além de Francine, à noite, ou Delores, de dia, as responsáveis pela administração de medicamentos.

Ellen mantém a compostura, embora esteja bem ciente de que, no outro extremo daquele corredor, há uma porta, a porta da ala leste que leva à Unidade de Reabilitação, onde Philip Tonka está, com três ossos do rosto novamente fraturados. Neste momento, a enfermeira Francine, que entrou pela porta da ala oeste, deve estar ao lado dele, injetando...

... o quê?

Ellen segura bem as chaves para evitar que chacoalhem e chega à unidade com a placa SOMENTE FUNCIONÁRIOS: MEDICAMENTOS. A denominação, no entanto, não é de todo verdadeira. Também há medicamentos no posto de enfermagem, remédios cujos nomes já são familiares para pessoas como Philip Tonka e a maior parte da população dos Estados Unidos. Ellen se pergunta se as drogas *naquela* sala deveriam ser chamadas de medicamentos antes de terem sua eficácia comprovada.

Uma olhada para o corredor, outra para trás, e Ellen tira as chaves do bolso. Ela se conforma com o fato de que, caso o Dr. Szands subitamente voltasse mais cedo de Des Moines, se ele estivesse, digamos, *dentro* daquela sala em que está prestes a entrar, ela simplesmente riria, não diria nada, e sairia correndo. Não havia qualquer desculpa que pudesse inventar para justificar de maneira

adequada sua presença naquele corredor, naquela sala, e qualquer tentativa seria tão cristalina quanto se tornou o desejo de Szands de curar Philip rapidamente.

Em seus seis anos no Macy Mercy, Ellen nunca viu o Dr. Szands tão concentrado na rapidez da recuperação de um paciente.

Por quê?

Ellen abre a porta e se esgueira depressa para dentro.

Ela entra, se recosta na porta fechada e espera.

Está muito escuro ali dentro.

Fica parada por algum tempo, um tempo longo demais para se sentir confortável e contrário à maneira como ela gostaria de agir: entrar e sair, rápida e eficiente. Espera que seus olhos se adaptem à escuridão. Não acenderá a luz daquela sala, não iluminará o vidro fosco, e já se pergunta se seu vulto por acaso destoa das outras formas escuras.

O tecido branco do uniforme talvez se destaque.

Então Ellen tira o uniforme. Por baixo, está usando uma meia-calça preta de náilon, uma camisa preta de manga comprida e meias pretas. Ela dobra o uniforme e o coloca na prateleira inferior do armário de aço à esquerda. Do bolso da camisa preta, tira uma caixa de fósforos.

Um passo, dois passos, dez passos rumo ao interior da sala, então acende o primeiro fósforo.

Está cercada de frascos, ampolas, cotonetes e gazes.

Ela apaga o fósforo.

Espera. Escuta. E pensa na espessura daquela porta. Será que conseguiria ouvir um rangido, uma pessoa no corredor? Ouviria alguém falando lá fora? Ouviria alguém em silêncio?

Ellen não quer esperar, mas espera.

E não ouve nada.

Ela acende um segundo fósforo.

Os frascos estão todos no mesmo lugar, nada tão caótico quanto parecia. Ellen aproxima o fósforo dos rótulos, que, no entanto, não lhe dizem muita coisa.

Zaxan. Midocol. Palavras e nomes que ela não conhece, que não entende e sobre os quais nunca precisou aprender.

Ela lê, mantendo o fósforo junto à fileira de frascos. Nada além de nomes. Nada sobre a indicação dos remédios, a origem, a composição. Ellen sabe que, mesmo se os ingredientes estivessem listados, sabê-los seria de pouca ajuda.

Ela se pergunta por que foi até ali.

O que esperava descobrir? O que esperava encontrar?

O fósforo está terminando, e Ellen o apaga.

A maçaneta da porta gira às suas costas.

Fica parada por um instante. Será que trancou a porta? Será que a porta está prestes a se abrir? Neste exato momento, com ela parada no meio da sala?

Ela ouve som de chaves no corredor.

Ellen vai rapidamente até a parede oposta, torcendo para não esbarrar em nada — um frasco, um copo — no caminho. A alta estante de aço não chega a encostar nos tijolos e certamente não a esconderá por completo, mas Ellen se esgueira naquele espaço, que parece mais estreito do que ela. Sente como se estivesse esmagando os próprios ossos, achatando o corpo para caber ali.

A porta se abre.

As luzes se acendem.

Seu rosto está totalmente exposto entre duas prateleiras de aço, mas Francine não percebe sua presença. Ainda não.

— Não aguento mais espirrar.

A mulher mais velha funga. Balança a cabeça. Fala sozinha.

Ellen não se mexe.

O espaço apertado e a luz brilhante dão a impressão de que Francine é maior do que o comum. Seu corpo estica a bainha do uniforme branco. Seus braços e mãos parecem roupa amarrotada. Cada detalhe ali está exposto, e tudo o que Francine precisa fazer é virar a cabeça uns vinte, vinte e cinco centímetros na direção de Ellen.

Então o quê?

Correr?

— É um resfriado atrás do outro — resmunga Francine para si mesma. — É isso que se ganha por trabalhar em hospital.

Ellen olha para seu próprio uniforme dobrado na prateleira inferior junto à porta, atrás da enfermeira. Não está bem escondido.

Está à vista.

Precisando de apoio, precisando de *qualquer coisa*, Ellen crava as unhas na parede de tijolos às suas costas.

Francine ajeita os óculos de armação preta e olha para os mesmos frascos que Ellen estava analisando. Ela fareja o ar. Ellen sabe que são os fósforos. Sabe que Francine está prestes a vasculhar a sala, como qualquer um faria, à procura da fonte do cheiro inconfundível de fósforos recém-apagados.

Ellen quase se pronuncia. Está pronta, tem certeza de que Francine a verá.

Em vez disso, Francine esfrega o nariz com o braço nu. Ellen vê um fio de catarro na pele enrugada da enfermeira.

Francine tira algo do bolso. Um par de seringas.

— Deve ter sido um segurança — comenta Francine. Ela meio que sussurra, ainda falando sozinha.

A mulher tira dois frascos da prateleira e os coloca em cima da mesa, na altura da cintura. Ela destampa a primeira seringa e a enche. Ellen olha para o frasco. Não consegue ler o rótulo, mas sabe qual é. Francine faz o mesmo com o segundo frasco e a segunda seringa.

A convicção de Ellen, a certeza absoluta de que Francine perceberá sua presença antes de sair da sala, é paralisante. Qualquer alternativa é impossível. Será que ela deveria se anunciar? Quanto tempo resta para Francine vê-la? E o que vai acontecer? Ellen já consegue imaginar a cena: um momento de gagueira, fingindo confusão, talvez até mesmo rindo, desesperada, tentando amenizar as coisas, então Francine aos poucos se dá conta de que Ellen está mentindo. Ellen ataca a mulher, foge. Francine corre pela Unidade de Farmácia Hospitalar, gritando, pedindo ajuda aos serventes. *Ela está fugindo! ELA ESTÁ FUGINDO!* Ellen corre pelas portas da frente, assustada, sem fôlego, corre para...

... onde?

Francine espirra.

Ela respira fundo e balança a cabeça de novo. Até isso, esse leve movimento, é suficiente para colocar Ellen em seu campo de visão.

Ellen prende a respiração. Crava as unhas na parede.

Acaba arranhando a parede, emitindo um som.

Sem querer.

Francine olha para cima, como se o barulho de arranhão tivesse vindo do teto. Ela olha fixamente naquela direção, a boca aberta, os olhos cinzentos arregalados, do tamanho de descansos de copo. Ellen ouve a respiração da enfermeira. Inspirando. Expirando. Abafado. Um resfriado.

Agora, pensa Ellen. *Ela vai olhar agora.*

E Francine olha: a mulher se vira, fica completamente de frente para Ellen.

Ellen não se mexe.

As luzes refletem nos óculos de Francine, ocultando seus olhos.

Ellen abre a boca para dizer algo. Francine move os lábios, emite um som molhado.

Ellen quase fala. Uma única sílaba gutural, o início de um gemido subindo pela garganta.

Francine, me desculpe. Eu posso explicar.

As palavras estão chegando, subindo, mas Francine volta a atenção para os frascos.

Ela tampa as seringas e os frascos. Em seguida, guarda as seringas no bolso e põe os frascos de volta na prateleira.

Fungando, Francine dá meia-volta e sai da Unidade de Farmácia Hospitalar. Ao sair, apaga a luz.

Já no corredor, tranca a porta.

Então, silêncio. Sem fungadas. Sem barulho de chave. Sem passos.

Ellen fica mais quatro minutos sem se mexer. Está trêmula, olhando para a porta. Imagina o rosto de Francine, inerte, olhando para ela, transposto, a lembrança imediata e indelével, como se Francine estivesse olhando através do vidro fosco lá fora, fixamente para dentro das sombras profundas da Unidade de Farmácia Hospitalar, onde as prateleiras não chegam a encostar na parede de tijolos.

Mas ela não está.

A enfermeira Francine se foi.

Ellen se espreme para fora do esconderijo e vai até a mesa, até a prateleira onde estão os frascos que Francine utilizou.

Ela olha para a porta, espera. Aguarda mais dois minutos.

Acende o terceiro fósforo. Ilumina os frascos.

Mesmo que não tivesse visto quais frascos Francine usou, Ellen saberia quais eram. Ambos estão fora do lugar na prateleira.

Ela pega os recipientes e os deixa em cima da mesa.

Lê os rótulos. Não entende. Não sabe o que são. Vira os frascos. Nada. Verifica o fundo. Lê algo.

A-9-A

Apaga o fósforo e afasta a fumaça. Olha para o vidro fosco, com medo de ver uma sombra passar ou, pior, uma sombra se solidificando do outro lado do vidro, um rosto, olhos voltados para dentro da sala.

Mas não há nenhum rosto.

Pega o uniforme e o veste depressa.

Vai até a porta, gira a maçaneta, abre uma fresta antes de fechá-la depressa. Volta à mesa e devolve os frascos à prateleira.

Quase se esqueceu de fazer isso. O que mais quase se esqueceu de fazer?

Ela para e se obriga a pensar. Está com as chaves. Com os fósforos. Certo? Está com todos os fósforos? Confere os bolsos: um, dois, três. Sim, três fósforos queimados. Os frascos estão de volta à prateleira? Sim. Ela fez isso. Sim. Ela está com o uniforme? Ellen chega a ponto de olhar para si mesma, para o uniforme branco, que brilha até naquela escuridão. Observa o espaço entre a prateleira e a parede. Suas unhas. Cravou as unhas na parede. Deveria verificar se deixou alguma marca?

Você precisa sair daqui.

Ellen acende um quarto fósforo. Vai até a prateleira e ilumina a parede com o fósforo. Nenhuma marca visível. Mas a chama está bruxuleante, instável, não inspira confiança.

Do que ela tem medo? O que acha que está acontecendo no hospital?

Por que eles querem que ele se recupere tão rápido, Ellen? Por que precisam dele forte?

Ela não sabe.

Você está com medo?

Sim, Ellen está com medo.

Ela apaga o quarto fósforo e se vira para a porta. Está pronta para ir embora. Precisa ir embora.

Atravessa a Unidade de Farmácia Hospitalar mais uma vez e segura a maçaneta.

Hesitação. Uma pausa. Tenta ouvir por trás do vidro fosco. O corredor.

Alguma coisa?

Nada.

Ellen abre a porta.

Ela sai para o corredor. Sente-se exposta, embora a luz esteja fraca. Tranca a porta com as mãos tremendo e guarda a chave no bolso. Ela se pergunta se as palavras medo, apreensão e confusão estão estampadas em seu rosto. Se alguém, qualquer um, dobrasse o corredor e caminhasse em sua direção, notaria alguma coisa? Será que mais tarde falariam dela?

Dr. Szands, vi a Ellen no segundo corredor hoje à noite. Não sei o que ela estava fazendo ali, mas estava fazendo alguma coisa.

Ela estava escondida.

Ela estava com medo.

Ellen deixa o cabelo negro cair sobre os olhos e caminha olhando para o chão. Sente-se menos visível dessa forma. Então, ajeita o cabelo atrás das orelhas e levanta a cabeça. Precisa parecer normal. Como sempre. Mas de que forma ela sempre pareceu?

Dobra a esquina e sai do segundo corredor. A portaria do hospital está bem à frente. Ela poderia ir embora e nunca mais voltar. Entrar no carro, ir para casa, enfiar algumas coisas na mala e deixar Iowa. Ir para a Califórnia. Encontrar um apartamento. Tem dinheiro suficiente para a gasolina. Sabe fazer amizades. Poderia conseguir um emprego por lá, começar uma vida nova, sair deste lugar cada vez mais sombrio, começar de novo.

Ao chegar à portaria, ela dobra à direita, para o corredor onde passa todo o seu tempo no hospital. E, no entanto, sua sensação de segurança por estar ali aumenta muito pouco. Alguns metros à frente, o barulho de uma máquina de escrever escapa pela porta aberta do escritório. Ao passar em frente à porta, Ellen olha para dentro. Não

quer ver Francine. Não quer que a enfermeira mais velha deixe a máquina de escrever de lado e olhe para ela com aquela mesma expressão boquiaberta.

Adivinhe o que estou fazendo, Ellen? Escrevendo um relatório. Adivinhe quem estou denunciando, Ellen? Você. Vi você na Unidade de Farmácia Hospitalar. Vi você se escondendo como uma garotinha assustada.

Mas não é Francine quem está à máquina de escrever. É Robin, a temporária. Muito provavelmente datilografando as anotações das enfermeiras. Tornando-as oficiais. Arquivando-as. Trabalho árduo.

— Olá — cumprimenta Robin, notando alguém à porta e virando-se para Ellen.

— Olá.

— Estou atolada! — comenta Robin, balançando a cabeça.

O tradicional diálogo entre colegas de trabalho, as expressões de sempre.

— Sim.

— Bem, vou voltar à labuta.

— Sim.

Ellen continua pelo corredor, sem saber se deve olhar para o chão ou para a frente, com medo de encontrar os olhos de qualquer pessoa, de subitamente começar a gritar: *Por que ele precisa se recuperar tão rápido? POR QUÊ?*

Não sabe exatamente para onde está indo. Se o Dr. Szands saísse de qualquer sala daquele corredor e lhe perguntasse o que estava fazendo, ela não sabe se teria presença de espírito para mentir.

Está no meio do corredor. Chegou ali bem depressa. Ellen tem uma vaga lembrança de ver Robin no escritório. Um rosto, pairando sobre um novo uniforme branco, dando um sorriso incrivelmente revigorante.

No fim do corredor fica a Unidade de Reabilitação, onde Philip está.

Será que Francine está lá? Será que levou os medicamentos para ele? Claro que sim. É isso que ela faz. Ela administra. Ela droga.

Ellen chega à unidade bem depressa. Então para. A porta se abre antes que ela toque na maçaneta.

O rosto de Francine.

Ela está tão diferente, pensa Ellen.

Um grito agudo atrás de Ellen. Um paciente berrando.

Francine também grita, olhando para Ellen:

— Ah, que coincidência! Preciso de você.

Atrás de Francine, Philip está sentado na cama.

— Como ele consegue fazer isso? — pergunta Ellen, incapaz de se conter. Aquele homem quebrou quase todos os ossos do corpo.

— Preciso atender aquele outro paciente — diz Francine. — Administre as injeções do Sr. Tonka. Você pode fazer isso para mim?

Philip ergue os dedos em direção à porta. Não está menos ferido, mas está ereto, sentado. Consegue ficar sentado.

Ellen sente uma bandeja cutucando sua cintura.

— Ellen?

Tudo parece fruto da imaginação, parece um tanto falso.

Ela olha para baixo. Vê as duas seringas.

— Aplique essas injeções.

Francine não está pedindo.

Do outro lado da unidade, Philip olha fixamente para Ellen.

— Sim — responde ela.

— E vê se acorda! Você está parecendo mais paciente do que enfermeira.

Ellen pega a bandeja de Francine e entra na unidade. A porta se fecha.

Agora é só Ellen e Philip.

Philip sorri. Com tristeza?

Ellen sabe que ele sabe.

Esse mistério, essa cura... isso não é para o bem dele.

— Medicamentos — diz Philip.

Eles ficam em silêncio, e uma pergunta ecoa nessa pausa: serão os medicamentos?

29

— Na Guerra de Secessão, os soldados da União usavam túnicas militares azuis que iam até o meio das coxas. Botões e faixas indicavam sua patente. Cintos marrons comportavam cantis e outros itens pessoais. Os majores trajavam casacos de peito duplo, e os soldados de infantaria vestiam casacos comuns. Os homens usavam coturnos altos de couro preto e reluzente. Seus quepes azuis eram feitos de lã — diz Greer.

Ele olha para cada rosto ao redor do fogo. O gravador Ampex zumbe fora do círculo formado pelo pelotão — assim como as marcas de cascos, que parecem emitir um som que ecoa forte na mente deles. Greer prossegue:

— Os soldados confederados trajavam túnicas militares cinza que iam até o meio das coxas. Usavam botões de bronze e insígnias nos ombros, de acordo com suas patentes. Bonés de lã cinza. A maioria calçava coturnos de couro marrom na altura da canela.

Duane olha para trás, em direção à lona, visível à luz da fogueira. O corpo ali embaixo está tão achatado que a lona não parece estar cobrindo nada.

— E daí? — pergunta Larry.

Greer sorri, sem humor.

— Esses coturnos são genuínos — explica, apontando para a lona.

— Genuínos como? — pergunta Philip.

Greer o encara. As chamas dançam nos óculos do historiador.

— São o passado genuíno, soldado.

30

Philip acorda à noite no frio do deserto.

Ele deveria estar de guarda, deveria estar acordado, não deveria ter caído no sono. Ele mira a lanterna no relógio de pulso, o mesmo que tirou do empresário dos Sparklers e nunca devolveu. São 19h16 em Detroit. Ali são 2h16.

Ross.

O nome chega como um sobressalto. Como se, ao adormecer, ele tivesse perdido a resposta do paradeiro do amigo.

Philip se senta, e a ponta da arma pressiona a lateral de seu corpo através dos cobertores, através do casaco jeans com colarinho de lã. Philip olha para baixo e percebe que a arma está apontada para a tecla de piano que ele traz ao redor do pescoço, o fá. Ele a ajeita.

Apesar de saber que as armas não funcionam, Philip manteve a pistola por perto. O simples fato de portá-la poderia salvar sua vida.

Enquanto ele dormia, sabe-se lá o que pode ter evitado atacá-lo ao ver a pistola.

Ele se levanta e aponta a lanterna para o acampamento. Nenhum dos outros Danes queria parar. Nem mesmo à noite. Ross está lá fora. Está em algum lugar. As pegadas que os levaram àquele local continuam mais além. Eles não têm como saber a que distância estão daquilo que fez aquelas pegadas. Philip ilumina as marcas no chão com a lanterna. Vão avançando escuridão adentro.

Philip volta a atenção para os outros.

Faz mais frio ali do que na praia. Greer saberia por quê, mas ele está enterrado sob suas roupas, cobertores e uma lona. Quase todos os

outros estão dormindo da mesma forma. Somente Lovejoy usa as varetas da tenda como devem ser usadas, sustentando a lona como outrora faziam os caubóis, dormindo ao lado de fogueiras na vastidão das pradarias.

Philip esfrega as mãos enluvadas.

Ele inspira profundamente e sente dor. Parece que o frio se infiltra, fincando raízes nos pulmões. O ar que exala é visível à luz da lanterna.

Ele olha para o deserto, seguindo o rastro dos cascos.

O pelotão precisa dormir. Ele sabe que não podem caminhar vinte e quatro horas seguidas e ainda assim estarem preparados, tanto física quanto mentalmente. Eles não vão poder ajudar Ross se estiverem sedentos, abatidos, secos e mortos em uma duna.

Philip pensa no corpo que encontrou.

Meu Deus.

Ele olha por cima do ombro para o lugar onde Lovejoy ordenou que Greer deixasse o corpo durante a noite, a duzentos metros do acampamento temporário. Philip não pode vê-lo. Não consegue ver nem mesmo a lona. É a segunda vez que Lovejoy indicou que não quer ficar muito perto daquilo.

Mas é a reação de Greer, que arrastou o corpo em um trenó improvisado de plástico, que agora assusta Philip.

O historiador disse que o homem achatado não apenas se assemelhava a um soldado da Guerra de Secessão: ele realmente era um.

Philip precisa se mexer porque está muito frio para ficar parado. Nascido e criado no Michigan, ele conhece bem o inverno, mas esse é um tipo diferente de frio.

Ele dá dois passos na areia e sente algo na ponta da bota. A luz revela que é um dos cabos que alimentam os gravadores Ampex. Philip e Larry montaram os aparelhos quando chegaram. Ainda mais ansioso do que eles, Duane passou o tempo todo andando de um lado para o outro. O gerador faz um zumbido tranquilo. Equipamento de última geração. Philip segue o cabo até o primeiro dos dois gravadores de rolo, se agacha e desliga a lanterna. A luz

vermelha do Ampex ilumina suas botas e sua calça, lembrando-o da criatura que viu na praia.

Calça vermelha.

Casaco vermelho.

Cascos.

Chifres.

Mas nenhum rosto discernível. Apenas a ondulação física do espaço entre Philip e aquilo.

E, agora, sua lembrança. E as histórias que o secretário Mull contou no avião: sobre Nadoul e Ka, um nativo do deserto do Namibe e sua esposa, que acreditavam que algo os observava, que algo tinha se prendido nela e, depois, deixado a voz em seus ouvidos.

Philip olha para trás. Silêncio. Somente o zumbido dos equipamentos e a respiração distante e reconfortante do pelotão.

Apertando o casaco junto ao corpo, Philip se dirige até o outro gravador. Exceto pelas luzes vermelhas e a pouca luz dos medidores de volume, ele está na mais completa escuridão.

O segundo aparelho parou de gravar. A fita acabou. Antes de removê-la, Philip a rebobina e observa os medidores. Os fones de ouvido estão conectados, caídos na areia, e Philip não ouve nem vê qualquer pico de volume. Nenhum som que tenha deixado passar enquanto dormia.

Nenhum ranger de escada.

O som que Philip ouviu quando diminuiu a velocidade da fita. O som, ele agora se lembra, que ouviu em seus sonhos quando adormeceu durante a vigília.

Philip, o jantar está na mesa!

Recordações. A casa em que foi criado. Wyoming Street, Detroit. A mãe gritando lá de cima, para ele, no porão. O piano surrado. Não havia espaço para o instrumento em nenhum outro lugar no duplex que os Tonka dividiam com os Berman. Ele ficava com medo quando estava no porão. De costas para o aquecedor e para as sombras que o aparelho imprimia na parede de concreto e de costas para o tanque, aquela pia velada por uma cortina cor-de-rosa que oscilava por causa da janela, sempre aberta no verão, para arejar o aposento.

Estou indo, mãe!

À hora do jantar, ele geralmente já tinha feito suas escalas. Como eram chatas! Não importava quantas vezes a Sra. Ruth dissesse que eram necessárias, pareciam algemas para a versão mais jovem de Philip. Como se os seus dedos estivessem sendo forçados a tocar melodias que ele não estava interessado em aprender. Mas o chamado da mãe, sempre pontual, trazia a libertação. Era hora de tocar do *seu* jeito, mesmo que por apenas alguns minutos. Era a oportunidade de imitar os músicos de blues que ouvia nas caixas de som da Apollo Music.

Mas a escada...

Sempre o ranger daquele primeiro degrau. Philip inclinava a orelha naquela direção, para trás, em direção à escada entre ele e o aquecedor, e também para aquela cortina cor-de-rosa desbotada.

Estou indo, mãe!

Ele grita de novo, mas não vai a lugar algum. Fica no piano até alcançar aquele lugar profundo e perigoso que até as crianças conhecem, o vão interior onde é possível encontrar a expressão, cada vez mais empoeirada, até decidir tirá-la dali.

Criação.

Àquela época, Philip não sabia como chamá-la, mas sabia que precisava alcançá-la pelo menos uma vez, antes que...

Mas então, droga... aqueles degraus rangiam. Pontualmente, também. Philip de costas no porão, os dedos loucos sobre as teclas, como se estivesse digitando uma carta para alguém que sabia como ele se sentia, que sabia como era buscar aquilo...

Criação.

Rangido... a escada atrás dele... as sombras e uma cortina se balançando mais atrás. Um monstro, talvez, algo terrível atrás da cortina, algo despertado pela música, pela alma e pelo espírito que o garoto estava colocando naquilo. Mas Philip não virava para trás, ainda não, *ainda* não, não até chegar lá, tocar aquele lugar que parecia uma piada, uma revelação e o futuro, tudo enrolado em uma coisa só.

Criação.

Mesmo assim, ele tocava intensamente, e a única coisa capaz de abalá-lo, a única coisa no mundo capaz de DETÊ-LO, era a mão

(pontual) em seu ombro, a coisa que vivia nas sombras, a coisa cuja respiração fazia ondular a cortina da lavanderia, a coisa que...

Philip. Mãe. Era só sua mãe. Sempre. *O jantar está na mesa.*

Agora, no frio e no escuro, Philip se lembra daquela escada rangendo. E daquela cortina ondulante que poderia esconder uma Coisa de Vermelho, uma criatura com cascos e chifres.

Ele solta o ar, e sua respiração parece um laço de presente de Dia dos Namorados sob a luz vermelha.

A fita de rolo foi toda rebobinada. Philip a tira da máquina, abre a caixa de armazenamento e guarda a fita ao lado das outras. Ele pega outra para inserir ao lado do carretel vazio e começa a posicioná-la.

Algo se move na areia atrás dele.

Philip se levanta com a lanterna acesa e a arma em punho.

O deserto está vazio. Nada rasteja. Nada emerge das sombras além da luz.

Mas até mesmo o deserto, com todo aquele espaço aberto, tem os seus cantos durante a noite.

Philip avança rumo àquela escuridão.

— Ross?

Dizer isso é uma loucura, mas lhe dá esperança.

Poderia ser Ross voltando? Será que ele escapou de seja lá qual destino tenha se aproximado o bastante para tocá-lo?

Um segundo som. Botas sobre cascalho. Philip vira depressa para a direita.

Para a esquerda.

Apenas areia. A base de outra duna.

Ele aponta o facho de luz para o topo.

E se Ross estiver lá em cima? E se Ross estiver rastejando em sua direção, perto da morte, sem conseguir falar nem se levantar?

E, se não for Ross, o que seria?

O frio aumenta. Mantém Philip no lugar, enraizado na areia.

Como não vê nada lá em cima, ele ilumina a areia aos seus pés.

Vê o rosto achatado do cadáver que encontraram olhando em sua direção.

— Meu Deus!

Seus olhos, ambos do mesmo lado da cabeça, estão voltados diretamente para Philip.

Philip recupera o fôlego, uma golfada de ar frio e áspero.

A lona se deslocou. O vento noturno descobriu parte do corpo.

Philip olha para o acampamento.

Está a duzentos metros de distância?

Deve estar. Está.

Antes de cobrir o corpo de novo, ele estuda as feições distorcidas, a boca oblonga e barbuda, os olhos que parecem empapados o bastante para serem apanhados com uma colher.

Philip se aproxima da lona.

Ouve passos na areia.

Vira para trás. Não vê nada. Ninguém.

Aponta a luz de volta para o topo da duna.

Há um homem lá em cima.

— Merda! — exclama, tropeçando para trás. — Pare!

Mas o homem está se aproximando. Está a meio caminho da encosta da duna.

— Pare!

É um soldado, Philip percebe imediatamente. Um uniforme. Uma marcha.

Uma arma.

A arma de Philip parece de mentira, como se fosse feita de plástico. Mas é a arma de fogo do estranho que o deixa apavorado. Philip experimenta o mesmo calafrio que sentiu quando viu o corpo da Guerra de Secessão na areia: a arma que o segundo homem carrega é de outra era, de outro tempo.

São o passado genuíno, soldado.

É um mosquete.

O homem avança.

— Pare! — repete Philip.

Seu primeiro pensamento é:

Este homem está…

… fantasiado

Casaco azul, lenço amarelo, lapelas vermelho-sangue, botões amarelos que não refletem a luz. Coturnos negros que afundam na

areia fria até chegarem à base da duna. Um chapéu preto de três pontas sombreia o rosto do soldado.

Será a Coisa de Vermelho?

Philip procura chifres. Procura uma barba branca.

— Vamos lá, cara! Vou ser obrigado a atirar em você!

É uma fantasia. *Tem que ser uma fantasia. Porque, se* não *for uma fantasia, se de fato for o que o sujeito veste normalmente, então você enlouqueceu. Você enlouqueceu!*

O soldado se aproxima ainda mais, entrando totalmente no facho de luz da lanterna.

Desde que descobriram o corpo no deserto, o soldado Greer não para de falar sobre uniformes. Ele se concentrou na Guerra de Secessão, mas foi além.

O soldado da Guerra de Independência dos Estados Unidos, ou Revolução Americana, usava túnica militar azul. Chapéu de três pontas. Camisa com babados para dentro de uma calça marrom e coturnos pretos que chegavam à altura das canelas. E um lenço amarelo para proteger o pescoço do frio.

Esta não é a Coisa de Vermelho.

É um soldado da Revolução Americana.

Philip baixa a arma. Inútil ou não, fachada ou não. Este homem está além das *ameaças*. Está além de palavras sensatas e de advertência como *ameaça*.

Um americano, pensa Philip.

— Como... — balbucia, mas o homem baixa o mosquete e aponta para a outra mão de Philip.

Para a lanterna.

Ele é menor do que Philip. Em escala.

— Quem é você? — pergunta Philip, por fim, suas palavras pairam como fumaça de pólvora entre os dois.

O homem, o soldado, está a meio metro de distância. E estende a mão.

— Ei, ei — diz Philip. — Não faça isso! Não me obrigue a...

Mas o homem pega a lanterna e a aproxima do rosto, examinando-a. Ele olha Philip e murmura:

— Lampião.

Não é só um americano, pensa Philip. *É o primeiro.*

— Meu Deus — diz Philip.

Teria se assustado menos com um selvagem com um machado.

Aquela impossibilidade.

Aquele fantasma.

O homem solta a lanterna. Dá um passo atrás.

— Espere — pede Philip, baixando a arma. — Espere um segundo! Perdemos um amigo! Você pode nos ajudar a encontrá-lo? Você pode nos ajudar?!

Mas o homem está recuando, subindo a encosta da duna.

— Espere! Precisamos de ajuda! Você deve saber de alguma coisa! Onde ele está? Onde poderia estar?! — Philip larga a arma e levanta as mãos. — Não vou machucar você! Só quero conversar!

Mas o soldado já saiu do alcance da luz. Virou uma silhueta no topo da duna.

Philip corre em sua direção.

— ESPERE!

Ele sobe até o topo, apontando o facho da lanterna para a amplitude da duna, para as depressões sombreadas e os vales de areia em torno.

Ninguém.

Nenhum soldado revolucionário. Nenhuma visão.

Mas ouve outro som atrás dele. Coturnos outra vez.

Philip dá meia-volta.

— Lovejoy — diz ele, ofegante, vendo apenas o rosto do Louro Maluco no limiar da luz da lanterna.

O ex-general o espera ao pé da duna.

Philip desce.

Quando se encontram, Lovejoy tira a lanterna da mão de Philip e ilumina o topo da duna.

— Lovejoy — repete Philip.

O homem se vira para encará-lo, traços escurecidos pelas sombras.

— Eu também vi — declara.

— Era um fantasma — diz Philip.

— Não era um fantasma — diz Lovejoy.

— Então é o quê?

— Não era um fantasma. Não era um homem. Era um vestígio...

Então ele sobe a duna.

Philip olha para o corpo aos seus pés. Pensa no soldado revolucionário pegando a lanterna. Na materialidade de ambos.

Um vestígio…

Mas um vestígio é apenas um vislumbre, apenas o que permanece, e Philip sabe que ambos os soldados impossíveis são mais reais do que isso.

Devido ao tempo, devido ao lugar, eles podem não ser a fonte de seus próprios sons.

Mas são ecos.

E ecos não são mortos nem vivos...

31

Philip acorda no escuro. Teve pesadelos com Lovejoy perdido, morrendo de fome em uma cela feita de areia.

Como Ellen não administrou o medicamento que Francine lhe pediu que administrasse, Philip está sentindo uma dor considerável. A pior que já sentiu.

Não confio nisso…

Ela lhe sussurrou essas e outras preocupações enquanto fazia vários desenhos para Philip. Dessa vez, ele pediu que ela desenhasse armas. Em ordem cronológica inversa. Começando com uma nuvem em forma de cogumelo (o que Philip disse parecer um punho gigante rompendo a superfície da terra) até chegar a um canhão de mão, a arma de fogo mais antiga do mundo.

Philip não pediu o medicamento. E, embora antes racionalizasse que precisava fazer isso para conhecer os parâmetros da droga, saber o que a droga faz e o que não faz, a parte ruim chegou e, agora, tudo aquilo lhe parece loucura.

Há seis pessoas na unidade. Seis silhuetas que observam com atenção seu despertar. Conforme processa tudo isso, ele entende também que ele está de volta a sua unidade original, que alguém o tirou da reabilitação.

Mas não foram esses homens. Esses homens são endinheirados. Esses homens são militares. E, a julgar pelo privilégio em seus olhos, pela aparência meticulosamente casual de seus trajes e pelo gelo tilintando em seus drinques, é evidente que vêm de um altíssimo

escalão das forças armadas que Philip nunca será capaz de enxergar, por mais que olhe o máximo para cima.

Mas a dor é ainda mais assustadora do que os visitantes.

Um americano de origem asiática se inclina para a frente, de modo que seu rosto fica a poucos centímetros de Philip. A calça cáqui e a camisa social amarela remetem mais a clubes privados do que a salas de guerra. Mas Philip conhece o tipo.

— Acorde! — manda o sujeito.

Seu rosto exibe um sorriso bêbado e trêmulo, como barbatanas de um peixe se debatendo em águas profundas.

Ele inclina o drinque sobre a cama, fingindo que vai derramá-lo.

Incapaz de se mover, Philip não pode fazer nada a respeito.

Um cabelo grisalho cortado à escovinha aparece por cima do ombro do asiático e, logo em seguida, um rosto bem barbeado. Tem um semblante sério e também está vestido para o papel. O anoraque e a calça cáqui sugerem que está além até do posto de general. *Presidencial* é a palavra que ocorre a Philip. Entretanto, seus pensamentos estão fragmentados, distorcidos pela dor paralisante. E aquilo está piorando.

— Ah, sim. Levante-se e acorde que o sol já raiou. Todo mundo já está de pé. Como todos nós — diz o Dr. Szands.

O asiático está completamente bêbado. Philip já viu a mesma expressão em dezenas de bares, em dezenas de shows.

Um movimento perto da janela, e Philip vê um terceiro homem, de cabelo claro e traços angulados. Seus olhos brilham com a noite, como se ele tivesse entrado pela janela.

Philip tenta erguer a mão direita, mas não consegue. Não consegue nem mexer os dedos.

Os medicamentos parecem bebida alcoólica para ele agora, as seringas prontas abandonadas na Unidade de Reabilitação.

O asiático recua em direção à porta do aposento e é substituído por dois homens vestidos da mesma forma que Scott Malone, o cara do governo que veio questionar Philip com o desenhista.

— Cuidado com a bebida, Sr. Serino — diz um dos homens. Ele está rindo, mas sem humor no sorriso. Philip já viu a mesma expressão em feiras de carros usados, em lojas de departamentos, na

Macy's. Os homens nesta sala podem estar bebendo, mas vieram a negócios.

— Progresso — diz Szands, com um orgulho concreto nos olhos. Philip pode imaginar os caminhões que derramaram todo aquele concreto.

Szands vai até o armário dobrando um pano branco. Philip reconhece: é sua camisola hospitalar.

— Pelado — diz Philip, agoniado.

O espanto irrompe na sala.

— Ele fala! — grita o asiático.

— Sim — diz o Dr. Szands. — Assim como todos nós.

Philip está nu.

Exposto.

Exibido.

O asiático dá um tapinha nas costas do homem com o anoraque. Ele posiciona a mão trêmula que segura o drinque, sobre o abdome de Philip.

— Cuidado — diz o segundo homem do governo, sorrindo ansiosamente, como se, embora possa ser engraçado derramar bebida em um paciente que não pode se mexer, aquele paciente fosse valioso.

O homem de anoraque se aproxima da cama.

Ele se inclina. Analisando. Philip sente cheiro de uísque. O homem, no entanto, parece agir com cuidado.

Do escritório emana uma música. Música ambiente. Música havaiana.

— Aprimoramento — diz Szands, tomando o centro do palco discretamente. — Um homem desperta e descobre que sofreu um acidente terrível que afetou a maior parte de seu corpo. Menos de duas semanas depois, o mesmo homem é capaz de sair andando do hospital que o curou.

— Então ele está pronto? — pergunta o sujeito perto da janela.

Szands balança a cabeça, negando.

Philip geme. Porque não tem como não gemer. Porque parece que estão arrancando pregos de seus ossos.

Szands olha por cima do ombro. Philip reconhece decepção e preocupação nos olhos dele.

Philip sabe por quê.

O paciente não deve gemer. Espera-se que faça flexões, levantamentos e supere seu eu mais jovem, o homem que ele era antes de ter se acidentado.

— Quase — diz Szands. E sua voz está repleta de incerteza.

— Quero ver — diz o homem com anoraque.

Szands não perde tempo.

— Sente-se, Philip.

E Philip entende, vê claramente que esse momento, *agora*, deveria ser o triunfo do Dr. Szands.

Mas Philip não consegue se sentar.

— Philip. Sente-se.

Vergonha. Para o Dr. Szands. Muito perto agora. Philip sente aquilo chegando.

O que um homem como Szands fará ao ser humilhado diante de seus pares?

O asiático corre até a cama. Com a mão livre, usa um dedo molhado para brincar com os lábios de Philip.

Ele ri. Com gosto. Gritando como um colegial.

Ele repete o gesto.

Szands agarra o pulso do sujeito. Todo o humor abandona o rosto do asiático, e Philip está bem ciente de que os outros homens na sala são mais poderosos do que o médico.

O asiático livra o braço com um safanão.

Szands está começando a perder o controle.

Sua obra-prima está se comportando mal.

— *Sente-se.*

Mas Philip não consegue se sentar. Não consegue se mexer. Ele sente os ossos do rosto se estreitando.

— Parece que vocês estão mais atrasados do que pensavam — diz o homem de anoraque.

— Sei *exatamente* onde estamos, obrigado. *Sente-se*, Philip!

Os outros não riem.

Bêbados ou não.

Szands segura Philip pelos ombros e o puxa.

Philip dá um meio grito, porque a dor de um grito inteiro é insondável.

— Cuidado! — grita o homem perto da janela.

— *Não tem perigo* — sibila Szands. — O paciente está fingindo!

— Doutor, acho que ele não pode...

— QUIETO! *Eu sei o que ele pode e o que não pode fazer!*

Szands tenta deixar Philip sentado na cama.

O estalo do osso de Philip ecoa pelo corredor.

— Chega! — grita o homem de anoraque. Mas Szands está indomável, acima de qualquer ordem.

— Doutor...

É Francine. Ela está parada à porta, segurando uma bandeja.

— Traga isso aqui *agora*!

Francine obedece.

O Dr. Szands administra o medicamento.

— Mais dois — manda.

Ele é bruto com as agulhas. Usa a seringa como um punhal.

— Mais, doutor? — pergunta Francine, já que Philip nunca recebeu mais de duas injeções por vez.

Szands olha para ela como se fosse matá-la.

Francine sai da unidade e volta antes que Philip consiga falar alguma coisa. Mas ele está quase lá. As duas primeiras injeções já estão fazendo efeito. Os outros apenas observam.

Szands segura as seringas com tanta pressa que uma das agulhas se prende à correia de seu relógio.

— Mais duas — exige, administrando a primeira dose da segunda leva.

Os ossos de Philip não doem mais.

Francine sai. Volta.

Szands crava uma agulha em Philip pela quarta vez.

Ele deixa a seringa cair no chão e estende a palma da mão para pegar a seguinte.

— Doutor — diz Francine, fazendo menção de tirar a bandeja do alcance dele. Mas aquilo dura pouco.

— ME DÊ A MERDA DOS MEDICAMENTOS, FRANCINE!

Ela obedece.

Szands olha para Philip, que não vê nenhum apoio nos olhos do médico. Nenhuma base. Nenhum Caminho.

— Você está querendo me fazer de bobo?

Ele crava uma agulha em Philip pela quinta vez.

Agora Philip consegue falar. Mas o alívio que sente é muito grande, forte demais para processar.

— Socorro — murmura, olhando para os outros.

Mas o fascínio nos olhos daqueles homens lhe diz que eles finalmente estão vendo o que vieram ver.

Szands espeta Philip pela sexta vez.

— Mais.

Francine não responde.

— *MAIS!*

Ela se encaminha em direção à porta da unidade, mas para. Szands percebe a intenção da enfermeira e perde o pouco da paciência que tinha.

— Você é minha *enfermeira*. Você vai fazer *o que eu disser*. É por *sua* causa que isso está acontecendo.

— Dr. Szands.

Philip está flutuando, como um fantasma. Em sua mente, ele vai abrir um buraco no teto e finalmente sair do hospital.

— Por que o paciente *não* foi medicado, Francine?! *O QUE VOCÊ FEZ?!*

— Dr. Szands... tive que atender outro paciente ontem à noite... passei essa responsabilidade para Ellen.

Szands abre a boca para falar, mas desiste.

Com um brilho insano nos olhos, ele se vira para Philip.

— Ellen — diz Szands.

Ele sorri, passa os dedos pelo cabelo e dá uma gargalhada.

— *Ellen* — repete.

— Por favor — diz Philip. — Não a machuque.

Mas sua voz é uma quimera.

Os outros na sala murmuram em sinal de aprovação. O paciente falou. O paciente virou a cabeça na direção deles. O paciente está

estendendo os braços, como se para impedir que o médico machuque a enfermeira em questão.

O homem de anoraque se aproxima da cama.

Em seguida, o asiático.

E, então, o homem que estava perto da janela.

— Excelente — diz o anoraque. — *Excelente.*

— Sim, bem. — O Dr. Szands está ofegante. — Me perdoem. Teria sido *muito* mais tranquilo se...

— Não — diz o anoraque, estendendo a mão. — De verdade, isso é *excelente.*

Philip ouve a palavra, que parece estar em *loop*. Como se, assim como o tempo, aquilo se repetisse ciclicamente, rodando, até que o presente estivesse acontecendo há muito tempo e o passado retornasse ao agora. Como se, por ser uma roda, aquilo devesse rodar, e, ao rodar, fizesse tremer o solo, os mortos embaixo da terra, trazendo-os de volta à vida, convocando-os, chamando-os e lhes dizendo: *Você já foi uma vez e você é novamente.*

Philip é tomado de um alívio muito grande, uma escuridão sem nada visível para detê-lo.

32

Greer está falando sobre fantasmas. Fantasmas antigos, fantasmas modernos e fantasmas ainda por vir, incluindo, pensa Philip, seu próprio pelotão: fantasmas futuros, homens que dali a cem anos poderão ser encontrados neste deserto, nestas dunas: o corpo de Larry Walker petrificado na areia, Philip Tonka descendo uma duna, empunhando uma arma arcaica, mais interessado na fonte de luz do homem moderno do que na arma mais avançada que ele empunha. E, enquanto Greer fala (*Guerra de Secessão, Revolução Americana, isso não é coincidência, pessoal, este é o motivo por estarmos aqui. Isso tem a ver com o SOM*), Philip pensa em casa, inquieto, percebendo agora que cem mil dólares não são nem nunca foram o bastante.

Casa, País das Maravilhas, os Danes, o Caminho...

— Impressões — diz Greer, preso a esta palavra. — Assombrações residuais. O passado em ciclos. Mas o problema é que as impressões geralmente não interagem com o presente. São energia correndo sem sair do lugar repetindo-se diversas vezes. Isso é um ciclo. Mas o homem que Philip viu interagir com a lanterna dele, então tem coisa aí. E o corpo — Greer aponta com o polegar sobre o ombro para a base da duna, onde o soldado com coturnos da Guerra de Secessão permanece imóvel, novamente embalado e protegido do sol. — Outra impressão.

— Como ecos — diz Larry, apertando a camisa verde amarrada na cabeça.

— *Sim* — concorda Greer, aliviado por alguém ter feito uma correlação entre som e espírito.

Philip olha para o céu. Não consegue imaginar o avião voltando. Não vê isso acontecendo.

Sua mochila começa a tremer na areia.

— Ei — diz ele. — Pessoal...

O primeiro pensamento que lhe vem à cabeça é: *Tanques. Atravessando o deserto.*

Mas o som chega antes que a ideia ganhe força.

Dessa vez, o som vem como um raio, uma força singular, poderosa o bastante para chacoalhar os rolos, sacudir os coturnos dos soldados. Audível, sim, mas há um relance de algo visível, um ondular passando a uns três metros sobre a cabeça dos soldados e desaparecendo entre as dunas ao longe.

E some tão rápido quanto veio.

Não ficou tempo bastante para provocar náuseas; nem para ser estudado.

— Meu Deus — diz Duane. — Isso vai matar a gente, não vai?

Mas a mente de Philip está em outro lugar.

Olhando para o céu, assim como os demais, temendo a chegada de uma segunda leva, ainda mais forte, ele rasteja até Greer.

— Será que uma onda sonora seria capaz de despertar uma impressão? Trazê-la de volta... à vida?

Greer sorri como se descartasse a ideia. Então o sorriso se esvai.

— O que você está querendo dizer, Tonka?

— Uma frequência... capaz de quebrar o padrão, o ciclo, de uma assombração residual. Libertar os fantasmas que os representam.

Greer fica em silêncio por um tempo.

— Se isso fosse possível, por que ficar nas assombrações?

— Como assim?

— Se um som pudesse quebrar tais padrões... por que não quebrar padrões maiores?

Philip ia pedir mais explicações, mas Greer já continua:

— Como a história. Como a história se repetindo. Se somos loucos o bastante para acreditar que um som pode liberar fantasmas de verdade, soldado Tonka, por que não poderia liberar fantasmas figurados?

Lovejoy os chama de cima de uma duna.

— Seja mais claro, Greer — diz Philip.

— Se acreditamos que os fantasmas podem sair de seus ciclos, por que um homem não poderia? Por que esse som não poderia pôr fim a uma guerra? Entende? Afinal de contas, isso não é uma arma, Tonka. É justamente... o oposto.

É hora de seguir em frente. De ir atrás das pegadas na areia.

Eles estão desarmados e com medo.

Eles estão determinados a continuar.

— Não perca essa linha de raciocínio — diz Greer para Philip.

— Você acredita nisso?

— De todas as teorias científicas que andam incendiando a minha imaginação, nenhuma me *parece* tão real quanto essa. Mas, ainda assim... os cascos... o bode...

Philip pega sua mochila, fica de pé e se pergunta: *O que seria o oposto de uma arma?*

Ele olha para sua pistola inútil na areia. Mas a pega mesmo assim.

É hora de se aprofundar no deserto.

33

De pé.

Ellen repete essas duas palavras conforme se aproxima do escritório. O Dr. Szands está lá, ela sabe disso. Ela o viu minutos antes de encontrar Philip de pé (*de pé!*) em sua unidade. Aquela visão, apenas dez dias após sua reabilitação, pôs fim a qualquer dúvida.

Ela é enfermeira. Seu trabalho é cuidar dos outros.

E isso (*FICAR DE PÉ*) não é cura.

Ao chegar à porta do escritório, ela faz uma pausa. Pensa exatamente no que tem para falar e em como vai dizer aquilo.

Trata-se de um hospital militar. Uma instalação do governo. Não é como daquela vez que ela reclamou dos ratos do lado de fora do Dairy Dame.

Tem certeza de que tem em vista o bem-estar do paciente, doutor? Como enfermeira, não posso fazer parte de algo que não seja… que não seja…

Que não seja o quê?

Ellen terá que dizer ao Dr. Szands que viu as drogas na Unidade de Farmácia Hospitalar, A-9-A. Falar sobre o homem no bar que levou o desenho do bode que ela fez para Philip.

Ellen inspira fundo e entra no escritório.

Szands está de pé no meio da sala, de braços cruzados.

Esperando por ela.

— Você se recusou a dar o medicamento a Philip Tonka?

Ela não estava esperando por isso. Mas não devia esperar? O que achou que aconteceria se ele não tomasse as injeções?

— Sim.

— Bom. Sinceridade. Por quê?

Isso é pior. *Por quê*. Porque só pode ser respondido com: *Eu não confio mais em você*.

— Ele está se recuperando rápido demais.

Szands ri, e Ellen acha a risada mais parecida com um cacarejo.

— Isso existe, Srta. Jones? E cabe a você decidir?

Na mesa, ao alcance de seus dedos, há uma faca.

— Estou sendo demitida, doutor?

— Sim.

— Muito bem.

— Nada a dizer? — pergunta Szands.

— Não, doutor.

Szands descruza os braços. Para Ellen, a camisa havaiana azul e amarela do médico nunca pareceu tão fora de contexto.

— A maioria das pessoas, quando demitidas, expressa ao menos algum mal-estar, Srta. Jones.

— Não administrei os medicamentos quando recebi essa incumbência. Compreendo.

O olhar rancoroso nos olhos dele... Ellen só via olhares tão exageradamente ferozes nas histórias em quadrinhos que Jean gostava de ler.

— Vou recolher minhas coisas — diz ela. — Depois entrego meu uniforme.

— Você será vigiada, Srta. Jones.

— Como?

Szands não se faz de inocente.

— É uma questão de segurança nacional, não uma história de amor.

Ellen enrubesce. Se pudesse, examinaria o próprio coração em busca de alguma anomalia.

Ela sai do escritório e desce o corredor em direção ao posto de enfermagem. Ao voltar, já saindo do hospital, olha para a Unidade 1.

Vê as pernas de Philip na cama. Ele está fazendo abdominais.

Ellen se afasta.

Sai pela porta da frente.

Taciturna, ela sabe que esse não é o fim. Que este acontecimento, este dia, se estenderá de maneiras que não é capaz de prever. Mas só depois de entrar no carro, girar a chave na ignição e abrir a janela é que ela pensa em quão terrível é tudo isso.

Para Philip.

Ellen é sua única amiga no Macy Mercy. Sem ela, quem cuidará dele? Quem dirá algo quando deve ser dito?

Ellen dá ré, engata a marcha e sai do estacionamento. À frente, os amplos campos de milho de Iowa se assemelham à liberdade. Ao futuro.

Vá. É só um homem. Uma vida. Vá.

Mas ela vê o Macy Mercy no retrovisor e, pela primeira vez, percebe o que aquilo realmente é: um retângulo frio de tijolos com apenas uma entrada e uma saída.

Philip.

Liga o rádio enquanto dirige, então sente o impulso de desligá-lo.

O que poderia fazer? O que poderia ser feito?

Ela pensa. Ela dirige. Ela sente o falso alívio de deixar um lugar que nunca realmente poderá deixar, a sensação de que, a cada quilômetro, a cada cem metros, estará mais segura.

Algo a mantém presa. Acorrentada.

— Philip. Vou voltar por você.

Mas ela não sabe se isso é verdade. Não sabe como transformar isso em verdade.

34

Greer arrasta o corpo, enrolado na lona como um cigarro.

Lovejoy aponta para as pegadas na areia.

Fracas.

Embora presentes.

Ninguém fala sobre o "fantasma" que Philip viu porque ninguém se sente seguro. Ross está desaparecido, sim, mas a aparência desses soldados impossíveis é igualmente assustadora, como se estivessem se alinhando ao longo das pegadas, ou como se as pegadas tivessem intencionalmente dirigido o pelotão até este jogo insano.

Uma casa assombrada, pensa Philip. *Ou como a casa dos horrores em Mackinac Island. Só que aqui estamos ao ar livre.*

Até o clique da câmera de Stein soa menos confiante. Fica a impressão de que há menos chances de alguém um dia ver as imagens que ele captura.

A cada minuto, os outros Danes se sentem mais responsáveis por Ross. E o corpo que Greer arrasta, o Picasso humano, não é um bom presságio para o amigo.

Duane não falou nos últimos três quilômetros. E, quando falou, foi apenas para murmurar a palavra "avião", como se precisasse da lembrança constante de que há um ponto final planejado para aquela experiência.

Para lidar com o medo, Greer conversa:

— Vocês já ouviram falar do Cemitério 117?

Ele amarrou uma camisa verde ao redor da testa para absorver o suor. Ninguém responde. Eles sabem que Greer vai falar de qualquer

maneira.

O calor é cruel.

Calor miserável, disse Larry.

— As pessoas consideram que são três cemitérios em um só — continua Greer. — Fica perto da fronteira norte do Sudão. Ao norte de onde estamos. Só que perto. Muito mais do que as nossas casas.

— Como você sabe disso? — pergunta Larry.

— Porque eu leio, Larry. Eu leio os jornais. Eu me importo com essas coisas. Dois dos cemitérios ficam de um lado do rio Nilo, o terceiro fica do outro, como se antigamente as margens fossem consideradas áreas nobres para sepultamentos. — Greer fala como se adorasse a ideia de ossos e sangue, de escavar em busca de corpos, e... — *Guerra pré-histórica*. É assim que estão chamando aquilo. Cinquenta e nove corpos foram encontrados. A maioria de homens com cerca de dezenove anos. Muitas mulheres e crianças também.

— Parece um cemitério comum — diz Larry.

Greer nega com a cabeça.

— Pontas de flechas, lanças. Vejam, *todas* aquelas pessoas foram feridas da mesma forma. Cada um dos cadáveres que foram descobertos. Ainda parece o cemitério do seu bairro em Detroit, Larry?

— O que você está falando? — pergunta Philip.

Duane murmura alguma coisa. Philip consegue imaginar o amigo largando o equipamento e estrangulando Greer. Mas talvez Duane esteja além de qualquer aborrecimento. O medo tem essas peculiaridades.

Greer dá um puxão na corda amarrada na cintura. A lona que arrasta às suas costas produz o som de um deslizar constante.

— Esses corpos têm quase quatorze *mil* anos, Tonka. Quatorze mil! Era de se esperar que já tivéssemos feito as pazes uns com os outros, não?

Ele berra uma única sílaba de risada verdadeira, um ruído estridente que ecoa mais adiante.

Aquilo soa um pouco como uma fita em baixa rotação.

Philip pensa na última conversa que teve com Greer. Sobre o som ser capaz de romper os padrões da história. De suscitar assombrações

residuais. O deserto do Namibe é o lugar ideal para isso. O deserto mais antigo do mundo. O povo mais antigo de que se tem notícia. O primeiro cemitério. A primeira guerra.

Guerra e não guerra? Será que, de algum modo, o som é capaz de ambas as coisas? De invocar soldados de guerras antigas, de todas as guerras, enquanto os condena, inutilizando suas armas?

Por quê? Como? E isso é mesmo importante, com Ross desaparecido?

— Lovejoy — diz Duane.

Mais à frente, Lovejoy está agachado na areia.

Duane corre até ele, ansioso, e Philip compreende que seu baterista acha que Lovejoy encontrou uma pista de Ross.

Todos começam a correr. Larry chama pelo amigo desaparecido. Como se o pequeno e escuro objeto aos pés do ex-general pudesse ser Ross.

Quando Stein os alcança, a Polaroid preparada, os outros já viram.

Mas é Greer quem não consegue resistir. Ele agarra o objeto e o traz para perto dos olhos.

— Jesus Cristo — diz, espantado.

É um tubo de metal, do comprimento do braço de Philip.

Greer não desamarra a corda atada ao corpo atrás dele, mesmo que esteja marcando sua pele, irritando sua barriga. Ele não limpa o suor que escorre da camisa amarrada na testa. Mas limpa os óculos.

— É um canhão de mão — diz Greer, precisando das duas mãos para segurar o objeto. Pelo modo como fala, parece esperar que os outros percebam o significado de tamanha descoberta. No entanto, se alguém percebeu, foi apenas Lovejoy. — Esta foi a primeira arma de fogo, cavalheiros. Asiática. Literalmente, um canhão manual. Você acrescentava pólvora e projéteis deste lado, e, quando acendia... — Seus lábios se curvam em um sorriso atônito.

Stein tira uma foto.

— Isso é absolutamente impossível — diz Greer.

— Uma relíquia — diz Larry.

Greer balança a cabeça com veemência.

— Está em perfeitas condições. Como se tivesse sido feito ontem. *Hoje*. — Ele esfrega as mãos. — Absolutamente impossível!

— E de quando é esse negócio? — pergunta Stein.

Greer dá uma risada.

— Que tal século XIII, soldado? O que impede que isso seja o achado antropológico do ano não é o fato de não ter nenhuma marca, e sim... o fato de não ter... de não ter *envelhecido*.

— Guarde isso — diz Lovejoy.

Mas nem precisava ter dito. Greer já está abrindo a mochila e pegando um pano para envolver o objeto.

Philip olha para a lona atrás de Greer e se lembra da animação do historiador com aquilo que chamou de "coturnos genuínos da Guerra de Secessão. Autenticados por mim." Ele olha para o canhão de mão.

Philip chega a uma conclusão. E tem tanta certeza dela como quando tem certeza de que a banda conseguiu gravar o take certo:

O som não é uma arma. É o oposto.

Mas o que é o oposto de uma arma?

Lovejoy volta a caminhar. Seu cabelo louro está transparente sob o sol escaldante.

Philip deixa a mochila na areia e tira a camiseta. Ele enxuga o rosto e, em seguida, amarra a camiseta na testa. Toma um gole de seu cantil. Quando olha de novo para a frente, Lovejoy está desaparecendo sobre o topo de uma duna, descendo como se estivesse em uma escada rolante.

Ou como se estivesse descendo uma escadaria.

35

Ellen está em casa, no sofá da sala, folheando os desenhos que fez para Philip. Juntos, parecem um sonho de ficção científica infantil. A evolução das armas, de lanças de madeira a bombas nucleares. O homem com o uniforme da Revolução Americana. O canhão de mão.

O buraco negro no deserto.

Ellen não relaxou um minuto desde que saiu do Macy Mercy. Está ouvindo coisas dentro e fora do apartamento. Ela mora sozinha, está acostumada a morar sozinha, está acostumada com rangidos e gemidos do prédio, com o cão de um vizinho chafurdando o lixo, com o motor distante de um carro que passa. Entretanto, nos dois dias desde que foi demitida, tem ouvido novos sons.

Passos? Lá fora? O rangido da janela da sala? Como se o nariz de um estranho estivesse pressionado contra o vidro.

Ellen põe sob a luz do abajur o desenho do soldado revolucionário em uma duna de areia. Ela folheia os papéis. Em sua opinião, o buraco negro é o mais perturbador. Aquilo nunca estava suficientemente escuro para Philip. Dez camadas profundas de grafite.

Ellen ajeita o cabelo atrás das orelhas, deixa os desenhos no sofá e se levanta. Ela segue o corredor acarpetado até o quarto dos fundos, onde sua mala já está aberta em cima da cama, um terço ocupada. Já parou de fazer as malas uma vez, mas está pronta para recomeçar.

Ela atravessa o quarto até a mesa de cabeceira, pega o telefone e liga para sua amiga Patricia, na Califórnia.

— Alô?

— Patty, é a Ellen.

— Ah... oi. Que horas são aí, Ellen?

— Três da manhã.

— O que foi? Você está bem?

— Preciso de um lugar para ficar, Patty. Vou embora de Iowa.

— Quando?

— Estou saindo agora.

Hesitação. Silêncio. Se Patty lhe oferecesse hospedagem, fizesse com que tudo parecesse normal, como se fosse normal abandonar a própria vida às três da manhã, Ellen conseguiria se acalmar, começar a ver aquilo como a coisa certa a ser feita. Mas Patty não está colaborando.

— Ellen. O que aconteceu? Dá pra ver que tem algo errado.

Patricia tem filhos. Ellen sabe que a amiga está pensando neles.

— Não tem nada *errado*, não exatamente — diz Ellen. — Eu só preciso... ir embora.

Patricia hesita. Ellen ouve a estática. Parecem insetos.

— Bem, me desculpe, Ellen, mas, como você sabe... não temos muito *espaço* aqui em casa. Mas quando você estiver na Califórnia...

Ellen desliga.

Ouviu alguém no corredor do lado de fora do quarto.

Ela se afasta do telefone, atravessa o cômodo. O telefone não toca, é claro que não toca. Patricia provavelmente está feliz com o fim da ligação. Não vai ligar de volta. Ellen vai até a porta do quarto e a abre parcialmente.

Escuridão lá fora.

Será que ela desligou o abajur? Ellen não se lembra.

Ela apaga as luzes no quarto.

Agora, o apartamento inteiro está às escuras.

Ela escuta. Silêncio. Escuta. Não se mexe. Pensa em Philip pedindo que ela acrescente outra camada ao buraco negro, dizendo que ainda não estava escuro o bastante.

Não dá para ficar mais escuro do que preto!, disse Ellen, rindo.

Agora não. Agora ela não está rindo.

Dá, sim, disse Philip. *É só vê-lo em um lugar onde não deveria estar.*

Ellen olha para a escuridão do apartamento. Tem a sensação de cair de repente, tonta, amedrontada. Como se estivesse tropeçando no buraco negro que Philip pediu para ela desenhar e ali dentro não existisse nada sólido, nada em que pudesse se segurar.

— Olá? — diz Ellen.

A última coisa que ela espera, porque é a pior coisa que poderia esperar, acontece.

Alguém responde.

— Olá, Ellen.

É uma voz familiar, mas mesmo assim ela grita, como se, de algum modo, sua voz pudesse lhe fornecer aquela superfície sólida, aquele algo físico a que se agarrar na escuridão.

Mas isso não acontece. E, no momento em que a segunda voz ecoa novamente, Ellen entende que não vai embora de Iowa, afinal.

36

O sol já passou do ponto mais alto, mas Philip não tem certeza se isso é bom. Está pensando em casa, em voltar, em sobreviver mais dez dias ali. Está pensando em Mull dizendo a eles que o avião voltaria exatamente ao lugar onde os deixou, dali a exatas duas semanas.

A cada passo que o pelotão avança deserto adentro, arrastando seus gravadores de rolo, Philip fica um pouco mais nervoso, com um pouco mais de medo.

Será que estão se afastando demais do litoral? Dez dias será tempo suficiente para voltar?

Andamos menos de um dia, diz a si mesmo. *Controle-se.*

Mas como? Tantas imagens impressionantes... tantos medos.

Um reator nuclear. Contaminação. Cadáveres, doenças e fantasmas. Artefatos implausíveis na areia. Ideias impossíveis sobre homens de outras eras, outras guerras. Soldados congelados no tempo, impressões eternas, até que o som certo, a frequência certa chacoalhe seus ossos mortos de volta à vida.

E quem produz esse som? Quem os evoca?

Philip olha para as pegadas de cascos que estão seguindo.

— Voltou — diz Duane, levando as mãos às orelhas.

Philip se lembra de quando Duane toca bateria, produzindo ritmo com as mãos.

Duane está certo. O som voltou.

E, no entanto... está longe. Dentro e fora. A mesma coisa o dia inteiro. Como se eles ainda estivessem à mesma distância de sua fonte. Não mais perto da descoberta.

E, no entanto...

À sua frente, depois de Lovejoy, Philip vê uma série de dunas, um canto do deserto. Parece que o ex-general chegou a um ponto final, embora não seja um impasse. Philip acha que as cinco dunas formam uma mão erguida, um aviso para eles pararem.

Um lampejo luminoso irradia, e Philip vê que Stein está fotografando.

— Sombras — diz Larry, observando a escuridão aos pés de Lovejoy e Stein.

— Lona? — pergunta Greer.

Mas Philip mal consegue ouvi-los. Sem saber, está caminhando no mesmo passo da coisa que produziu as marcas de cascos. Seus coturnos o estão levando ao mesmo fim.

— Água — anuncia Philip, ao chegar.

Stein tira outra foto e o flash reflete na superfície escura.

— O que foi, Tonka?

Água, profunda e azul, tão vívida que é capaz de matar a sede de muitas pessoas, física e emocionalmente, enquanto a vegetação que emoldura a lagoa oscila à primeira brisa fresca que Philip sentiu no deserto.

Atrás dele, Larry, Greer, Duane e Stein falam sobre minas. Sobre buracos no deserto, como buracos negros no espaço.

Mas Philip está concentrado no ser que nada em sua direção.

Cabelo encaracolado, pálido como a velha garçonete no Ronnie's, da Grand Street. Dedos maleáveis que o impulsionam através da água, pela superfície, em direção a Philip. Dedos capazes de tocar guitarra com extrema doçura.

— Olá, Philip.

Philip ergue um dedo e aponta, porque não sabe mais o que fazer.

— Ross?

Atrás dele, Larry diz alguma coisa. Faz uma pergunta. Diz para Philip tomar cuidado.

— Venha, pule — chama Ross. — A água está fantástica.

Como parte da luz do sol está bloqueada pelas dunas, Ross está parcialmente à sombra. Sob a superfície, seus braços e pernas dançam, distorcidos, balançando com as ondas invisíveis.

— ROSS!

Philip experimenta um alívio sem precedentes. Todas as visões horríveis de ter que contar a Ruth Robinson o que aconteceu com o filho, toda a tristeza, toda loucura e maldade desapareceram.

Ele vai em direção ao amigo.

Danem-se a mochila e o equipamento. Ross está vivo.

E nadando.

— Entre, meu caro. Você não vai se arrepender.

Philip assente. Duane o chama, mais atrás. Conforme a voz de Duane vai se distanciando, Philip salta.

Então, é como se a voz de Duane estivesse vindo do céu, de cima, e Philip percebe que não produziu nenhum som ao mergulhar nem sentiu a água quando tocou a superfície.

Minas de diamante, dizia Greer. *Algumas têm quilômetros de profundidade.*

E o mundo se torna sombrio, muito sombrio, enquanto as palavras *miragem* e *fantasia* alçam voo, disparadas da mente de Philip como balas de canhão. Seu próprio grito ecoa, e o eco dura tanto tempo que ele não consegue dizer onde fica o fundo nem quando vai chegar lá, simplesmente está caindo em um buraco no deserto, um buraco tão escuro quanto a ilusão.

37

Delores e Ellen estão sentadas frente a frente em uma mesa de fórmica laranja em um reservado de canto. A mesa fica perto da janela, e a luz do sol nascente atravessa o vidro, criando sombras com as formas das letras dos pratos executivos do dia sobre o tampo da mesa. Ellen, que tem uma visão panorâmica do restaurante vinte e quatro horas, vasculha o local sem parar, quase entre cada frase que diz. Delores, que está voltada para alguns reservados ao longo da parede adjacente, olha com menos frequência, mas também está alerta.

Por enquanto, as duas estão sozinhas.

— Você tem que estar no trabalho daqui a pouco — diz Ellen.

Delores concorda com a cabeça. As bolsas sob seus olhos não combinam com o brilho dentro deles. Ela foi até a casa de Ellen porque quis, e o alívio que sente ao falar sobre o hospital é enorme. No entanto, Delores é conservadora, Ellen sabe disso, e vê-la contar segredos é como ver uma criança admitir que mentiu.

— Estarei lá — diz Delores. Ela não olha para o relógio. — Preciso que você entenda que só aceitei conversar desta vez. Não vou mais me meter nisso.

— Eles vão matar Philip? — pergunta Ellen.

— Talvez — diz Delores, baixando a cabeça, reconhecendo que, querendo ou não, faz parte daquilo, não importa se põe ou não as mãos na massa, em um hospital capaz de matar um dos pacientes.

— Estão apressando a cura de Philip — diz Ellen. — Não precisa ser enfermeira para perceber.

Delores conta a Ellen sobre as seis injeções administradas por Szands.

Ellen fica furiosa. E se imagina indo até o hospital. Matando.

— O que eles estão fazendo, Delores?

— Bem, é como você disse. Estão apressando a cura.

— Por quê?

Delores aperta as mãos com força. Isso é difícil para ela.

— Você sabe o que aconteceu com ele na África, Ellen?

— Sei o mesmo que você.

— Você sabe?

— O que aconteceu com ele na África, Delores?

— Philip fazia parte de uma missão enviada para...

— Disso eu sei.

— Sim, bem, eles encontraram.

Ellen se inclina para trás, pensa nos desenhos.

— E daí?

— E daí que Philip deve saber onde o som está.

As duas olham pela janela enquanto um caminhão estaciona. Elas esperam para ver quem vai sair da cabine. Um homem mais velho, robusto, trajando um macacão sai do lado do motorista, olha para a placa do restaurante e atravessa o estacionamento.

— Eles acham que é uma arma, Ellen. Pior do que uma bomba nuclear.

Ellen se lembra dos seis meses antes de Philip despertar. Dos ferimentos. Dos ossos. De como ele nunca mais voltará a ser o mesmo.

— O que poderia ser pior do que uma bomba nuclear?

— Não sei. Mas tenho certeza de que houve um tempo em que as pessoas fizeram a mesma pergunta a respeito das armas de fogo.

Uma pausa. Um intervalo entre as duas.

— Ele foi ferido por isso? Pelo que ele encontrou, seja lá o que for?

— Deve ter sido.

— O que ele disse ao governo?

— Acham que ele está escondendo alguma coisa. Acham que ele é muito bom em dizer apenas o suficiente.

— E o que ele estaria escondendo?

— Ele diz que não lembra onde aquilo está.

— A arma?

— Isso. E também diz que não sabe o que aquilo faz.

Ellen pensa um pouco.

— Então como sabem que ele a encontrou?

— Pela maneira como ele foi ferido. O Exército não conhece uma arma que possa machucar alguém daquele jeito.

No balcão, um homem de terno beberica uma caneca de café.

— Por que você está me contando tudo isso, Delores?

Parece que, se um prato cair no restaurante, Delores também se estilhaçará.

— Tenho muito medo de ajudá-lo, Ellen. Mas você não. Você é mais forte do que eu.

Como ela está dócil, pensa Ellen. *Como está assustada.*

— Então o que você vai fazer? Continuar a dar os remédios e as drogas? Permanecer no jogo?

— Sim. É exatamente isso o que vou fazer.

— Como você consegue?

— Eu não sou como *você*, Ellen! E sei lá o que eles encontraram naquele lugar. Você quer que isso passe... para você?

— Como?

Delores está chorando, mas Ellen não pode desistir agora.

— E o que posso fazer? — Ellen está quase gritando. — Não estou mais lá!

Delores olha para trás, pedindo nas entrelinhas que Ellen fale mais baixo.

— Você pode acabar com isso.

— O quê? Como? Nem sei o que aquelas drogas fazem!

É a vez de Delores parecer surpresa.

— Ellen, você sabe *por que* eles estão apressando a reabilitação, não sabe?

Ellen olha para ela fixamente. Impassível.

— Não, Delores. Diga.

— Achei que fosse óbvio. — Delores agarra a alça da bolsa, preparando-se para sair. — Estão preparando ele, Ellen.

— Para quê?

— Para mandá-lo de volta, Ellen. De volta para a África.

Por um segundo horrível e plausível, Ellen se vê se debruçando sobre a mesa e estrangulando Delores. Porque Delores sabia dessas coisas. Porque Delores poderia ter acabado com isso muito antes. E agora esse trabalho ficou para Ellen.

Quando a visão passa, quando Ellen é deixada com a crua realidade da situação, ela faz mais uma pergunta:

— O que significa A-9-A, Delores?

Sua voz é tão rígida quanto um cadáver no caixão.

Delores engole em seco.

— Descobriram que essa é a única coisa mais poderosa do que o som.

— O quê?

— A droga *resiste* ao som.

— Como você sabe? Você os viu testando a droga em Philip?

Delores não consegue nem olhá-la nos olhos.

— Eles ainda não fizeram isso. Mas não vai demorar.

38

Philip quebrou o tornozelo. Ele sabe disso. Pode ter quebrado vários ossos. Muitas coisas doem.

Não consegue se levantar. Não ainda. O choque da dor é quase tão grande quanto o medo que sentiu ao cair. No chão, no escuro, Philip se divide entre apertar o tornozelo e mexer o braço ao redor em busca da lanterna que poderia estar em qualquer lugar.

Seus dedos estão sangrando, assim como a testa e a metade direita do rosto, que está quente com alguma coisa.

Também perdeu a arma. Mas a arma não funcionava mesmo.

Não tem luz ali. E, sem produzir som algum, ele não tem qualquer orientação, nenhuma noção de espaço. Não pede ajuda, embora queira pedir. Não encontra um lugar onde se esconder, embora queira encontrar.

Em vez disso, por enquanto, ele ouve.

Onde está?

A palavra *mina* faz sentido. Minas de diamante no deserto do Namibe, abandonadas na década de 1930. Há mais de vinte anos. Mas outras palavras ecoam, também.

Caverna

Toca

Ninho

Ainda consegue ver Ross nadando, dizendo-lhe para pular no lago.

Miragem? Mas foi tão categórico. Tão...

Há quanto tempo está desacordado?

Ele se lembra de alguns boatos assustadores da Segunda Guerra Mundial. Guerra mental. Gases que faziam homens ver lobisomens no campo de batalha, soldados murmurando que tinham encontrado membros da família na floresta das fronteiras sangrentas. Captores removendo as mãos de prisioneiros de guerra americanos, substituindo-as por minas ativas, deixando-os em buracos escuros, em lugares como aquele.

Saia daí de dentro, soldado! Use suas novas mãos!

É isso? Ele é... um prisioneiro?

Talvez. Mas o lugar parece (frio), cheira (úmido), e soa (oco) como um túmulo.

Vocês já ouviram falar do Cemitério 117?

A história de Greer sobre os fósseis da primeira de todas as guerras. Cemitério 117. Descoberto não muito longe dali.

Será que algum dia escavarão aquele lugar, será que encontrarão os ossos de Philip naquele subsolo?

No escuro, as palavras de Greer são as mais fáceis de serem lembradas.

Philip fecha os olhos. Sua própria escuridão é misericordiosamente reconfortante. Melhor do que a escuridão impenetrável do desconhecido.

Ele aperta o tornozelo com mais força, sabe que terá que ser enfaixado. Imagina seu próprio fantasma: um soldado da Revolução Americana.

Lampião.

Luz. Lanterna. Medidores de volume. A câmera de Stein.

Ah, tantas opções, mas nenhuma a seu alcance.

Philip prende a respiração. Ele ouve.

Ele espera.

Ele ouve.

Ele espera.

Com o mínimo de barulho possível, Philip rola para o lado, então fica de joelhos.

Ele rasteja. E, a cada vez que seu coturno direito toca o chão, a perna lhe pede para parar. Seus dedos ensanguentados vasculham a

terra, depois encontram cascalho, pedrinhas afiadas que indicam uma mudança intencional no revestimento do chão.

Philip encontra a lanterna.

Acende o aparelho.

Segundos se passam sem que ele sinta dor no corpo ou no tornozelo.

O medo é esmagador.

Aquilo dura tempo o bastante para ele rastejar até a parede de madeira incrivelmente lisa que a luz revelou e usar a parede para ajudá-lo a ficar de pé. Ali, ele olha para murais impressionantes.

Adornando o teto abobadado, religiosamente dispostos, há centenas de bodes brancos de perfil, traços infantis, cada um com o único olho fixo em Philip.

E seja lá para onde manque, arrastando o pé pelo espaço aberto, os olhos lá em cima parecem segui-lo.

O fundo vermelho e manchado parece mais com sangue seco do que com tinta, e Philip acredita não haver explicação mais plausível para a origem daquela cor.

— Meu Deus — murmura.

E sua voz é uma detonação. Sua voz é um bombardeio.

O eco é ensurdecedor.

Nuclear.

Essa palavra hedionda. *Nuclear* é um segredo sussurrado até mesmo às costas de presidentes, supostos líderes mundiais.

Nuclear.

A palavra parece ter um aspecto imundo, verde e gosmenta, como se suas sílabas estivessem contaminadas, tóxicas, como se fossem capazes de criar a terrível visão da nuvem em forma de cogumelo. Philip toca o abdome com a mão ensanguentada, num gesto instintivo, verificando se já não está exibindo os efeitos da exposição à radiação. Viu fotos do que a radiação nuclear pode fazer. Todos os Danes viram. Philip se lembra de ter bebido uísque com Larry enquanto folheavam um panfleto militar de advertência, *Os conflitos do armamento nuclear.*

NUCLEAR.

Não é difícil traçar a cadeia de pensamentos que o levaram a pensar no pior. O poder inerente ao eco de sua voz é assombroso.

TEM OU NÃO TEM UMA ARMA AQUI EMBAIXO?!

— PESSOAL!

Ele grita porque precisa gritar. Porque, se não chamar os outros, vai enlouquecer ali naquela câmara de poder nuclear em potencial, com ondas radioativas invisíveis que já o estariam alterando, mudando sua composição, enfraquecendo seus ossos.

Enquanto a palavra explode através do espaço, circula pelas paredes de madeira como uma bola de gude, comprovando as leis da energia decrescente, Philip deve apreciá-la, pois compreende, com clareza, com a mentalidade de um artista, para que poderia ser usada exatamente.

É uma câmara de eco.

Os Danes têm sua própria câmara de eco no País das Maravilhas. É uma pequena caixa de madeira na qual reproduzem a música e a gravam de novo, dessa vez com o eco natural da madeira. É a mesma caixa que usaram no famoso solo de guitarra de Ross em "Be Here".

Mas o som naquela sala... é o eco mais limpo e magnífico que Philip já ouviu.

Ele lembra o som do eco de sua queda. Da desorientação de múltiplas quedas, um soldado cego suspenso em meio ao voo, a caminho do impacto... e depois o próprio impacto, o estalar de um osso tão grande quanto uma árvore.

Se o estrondo da queda foi tão absurdo, como seria a verdadeira fonte do som? Essa, também, deve ser menor do que o som que escapa daquele lugar, deve ser mais maleável, até mesmo reconhecível.

Pois Philip decidiu que, seja lá em que buraco tenha caído, a fonte do som está ali embaixo.

Ele mira o facho da lanterna nas paredes, procurando a entrada. De onde caiu? Mas não há abertura acima, apenas murais. Encontra uma passagem em arco em ambos os lados da sala. As duas emolduradas com a mesma madeira. E, entre os arcos, ao lado de onde ele está, Philip ilumina uma trilha na terra, como a trilha feita pelo cadáver arrastado por Greer ao longo do deserto.

Marcas de cascos também.

Philip não caiu naquela sala. Ele foi levado até lá. E, no entanto, a cacofonia da queda, o eco... há outras salas ali, outros corredores, e ele acredita que todos devem contribuir para a força por trás do som e do eco brilhante que o acompanha.

Philip afunda um joelho na terra. Aperta o tornozelo machucado para aliviar a dor excruciante.

Assim que começa a se levantar, ouve algo, um movimento sob o arco à sua frente.

Philip desliga a lanterna.

O espaço vira um breu. E, mesmo assim, ele ainda pode sentir os olhos dos bodes no teto, observando.

Ele prende a respiração. Conhece esse som, o som que se aproxima.

Cascos.

Não tem como evitar pensar na Coisa de Vermelho. Um rosto tremulante. Aço reluzente onde os chifres se encontram.

Ele expira porque precisa, e o som tenso e quase silencioso de sua respiração soa como um pé de vento naquela sala. E, no entanto, o som que produziu é superado.

Seja lá o que estiver vindo chega.

Philip quase fala. Quase pergunta *quem está aí?*

Será uma criatura capaz de enxergar no escuro? Uma criatura que conhece tão bem esses corredores, essas salas, essas dimensões que não precisa ver nada?

Philip pensa em Detroit. Ele se apega à segurança ilusória de casa. De bares, shows, músicos e mulheres. De como se sente ao sentar ao piano, os dedos sobre as teclas enquanto Duane introduz uma canção.

Ele evita gritar, mesmo ao ouvir um som de respiração. Não tenta ir escuridão adentro.

Luzes apagadas!

É a chamada de Duane para o encerramento, para a última música da sessão.

Luzes apagadas!

Sim, pensa Philip. Luzes apagadas. Fim de noite, fim da estrada, fim do Caminho e de tudo o que o Caminho lhe mostrou.

Uma inspiração. Há algo mais ali, algo vivo, respirando.

Philip conta. *1, 2, 3, 4...* como se uma canção estivesse prestes a começar, uma canção que ele precisa conhecer. *1, 2, 3, 4...* como se Ross e Larry estivessem empunhando seus instrumentos, prestes a atacar as cordas. *1, 2, 3, 4...* Como se a noite estivesse prestes a começar, mas uma nova noite, uma noite melhor, em que as pessoas dançassem até enlouquecer e a banda tocasse até sangrar.

1, 2, 3, 4...

Mas Philip não está fazendo a contagem para começar uma canção, e sim enumerando os passos rítmicos que avançam na direção dele, passam por ele, se distanciam e desaparecem.

Philip fica imóvel.

Ele conta.

Ele espera.

Ele espera.

Ele espera.

Seja lá o que tenha vindo se foi.

Philip inspira profundamente, então avança em direção ao arco através do qual a coisa apareceu. Mancando e com medo, ele atravessa a sala e sai para um corredor.

O terreno faz um declive acentuado. Continuar seria se aprofundar ainda mais sob o deserto.

— Ross — murmura entredentes. — Estou chegando.

E o sentimento é pronunciado perto o bastante da câmara de eco para ser repetido logo atrás dele, com clareza iridescente, num volume cada vez mais alto, conforme ele avança no emaranhado abissal de incógnitas, tocando a tecla fá que balança sobre o peito.

Como se algo tão pequeno, ou uma tecla como aquela, pudesse pôr um fim em seu tempo ali embaixo.

39

Ele está em uma sala que não conhecia. Faz mais frio ali do que na Unidade de Reabilitação, que, por sua vez, era mais fria do que a Unidade 1. E, embora a Unidade de Reabilitação tenha sido projetada para abafar todo e qualquer som, a sala em que ele está é exatamente o oposto. É um cubo: paredes, chão e teto de aço, excelentes condutores para um eco, capazes de preservar um som, qualquer som, por um tempo anormalmente longo.

Ele pode se movimentar livremente, mas a miríade de fios afixados ao seu corpo nu tem comprimento limitado, e Philip compreende que, seja lá o que acontecer, será gravado para a posteridade.

Seu corpo inteiro é refletido pelas paredes. É a primeira vez que se vê desde que despertou, e é uma imagem difícil de aceitar. As cores, por si mesmas, já são bem perturbadoras, mas são os ossos tortos que o apavoram. Os dedos tortos, o rosto desigual, as costelas sem padrão.

Philip leva a mão ao pescoço em busca da tecla fá que não está mais pendurada ali.

Por meio de pequenos alto-falantes pretos embutidos nas paredes desbotadas, ele ouve uma voz:

— Olá, soldado Tonka. Eu sou o general Jack Andrews. Como você está se sentindo hoje?

Philip não responde. A julgar pelo timbre da voz do sujeito, falada através de equipamentos que Philip conhece, imagina que Jack Andrews está sentado longe do microfone. Provavelmente porque não está sozinho.

— É extraordinário o que a medicina moderna fez por você. Impressionante. Pois bem: a sala onde você está se chama Tanque de Testes. Vamos fazer um teste, Philip, e espero que você não fique com medo. O Exército dos Estados Unidos tem a responsabilidade de esgotar todas as opções antes de concluir... qualquer coisa. Deve ser óbvio para você que estamos interessados na reação do seu corpo a certos estímulos.

Philip está pensando em outras vozes. Nas vozes dos fantasmas sob o deserto do Namibe. No sibilar de uma cela de prisão no subsolo. E naquela voz que lhe é tão familiar, embora ele não consiga localizar.

Eu não faria isso se fosse você.

Uma porta se abre na parede de aço à sua frente, e uma bola vermelha surge da escuridão e rebate na parede. Ainda pensando no deserto e em tudo o que aconteceu, ainda tentando fazer conexões, Philip reage a tempo e agarra a bola.

— Muito bem — diz o general Andrews.

Ao lado dele há uma esteira. Uma máquina na qual pode correr sem sair do lugar. Contudo, em vez de pensar em como é incrível ser capaz de correr, mesmo tendo acordado de um coma de seis meses há tão pouco tempo, Philip se lembra de quando correu pelas passagens sob a areia do deserto.

Uma bola azul emerge da escuridão da porta aberta.

Philip a agarra.

— Excelente.

Ele vai fazer os testes, vai desempenhar o papel que quiserem. Até saber onde guardam as drogas, ter certeza de que pode sobreviver fora daquele lugar, ele vai se comportar.

Philip ouve um cacarejar. Sabe o que esperam dele antes de a galinha emergir da escuridão. É simples, Philip vê que será fácil se curvar e pegar a ave. Mas, devido ao óbvio assombro na voz do militar, Philip percebe o quanto aquilo é especial.

— Por favor — diz o general. — A esteira.

Sem responder, Philip sobe no aparelho. Ele não se apoia nas barras em que qualquer um se apoiaria para ter equilíbrio. Em vez disso, quando o chão começa a se mover, simplesmente corre.

Bodes.

Philip se lembra dos murais no subsolo.

— Vamos aumentar a velocidade agora, Philip. Esteja preparado.

Ele mal consegue perceber. Sim, suas pernas estão se movimentando mais depressa, mas ele sente como se estivessem paradas. Como se sua cabeça, seu coração e seu tórax fossem independentes da atividade física da metade inferior do corpo. Ele está correndo. Mais rápido. Mais rápido ainda.

— Excelente.

Distraído, Philip percebe que a máquina está parando.

— Você acabou de correr um quilômetro e meio em cinco minutos e quatorze segundos. Uma demonstração fantástica, soldado Tonka.

Philip desce da esteira, e uma bola amarela entra voando na sala.

Ele a agarra.

— Por que você pediu que a enfermeira Jones desenhasse um bode, soldado Tonka?

O que eles querem é a resposta para essa pergunta tão repentina. Mais do que testar sua força física.

— Vi pinturas de bodes no subsolo do deserto.

— O que significam?

— Não sei.

— O que significam, soldado Tonka?

— Não sei.

— O que significam?

Philip fica em silêncio. Mas a sala, não. Não por muito tempo.

A princípio, ele sente um mal-estar familiar, um revirar nos intestinos. No reflexo das paredes, ele se vê cair de joelhos e sente o aço frio do chão contra a pele nua.

O som está sendo reproduzido. O som está ali.

Na noite em que caiu da cama, Philip descobriu que o som estava em algum lugar naquele hospital, sem dúvida em uma fita de rolo. E, a cada hora que passou desde então, temeu a chegada desse momento.

E, no entanto... ele não se sente tão mal quanto antes. Não tão mal quanto ficou na sala técnica do País das Maravilhas enquanto o secretário Mull o observava. Não tão mal quanto ficou quando estava

de joelhos à beira mar, no dia em que Ross foi levado. E a sensação em nada se parece com o que aconteceu com ele no subsolo.

Philip se levanta.

O que começou como um baque na cabeça ficou mais suave, transformando-se em uma batida distante. Duane à bateria. Seu amigo praticando na garagem enquanto Philip e Ross arremessavam latas de cerveja nas árvores do quintal. Sim, Philip não conseguiu simplesmente se levantar: ele está *resistindo* ao som. E, pela primeira vez desde que observou sua própria recuperação impossível, compreende para que servem as drogas.

O Exército dos Estados Unidos está planejando enviá-lo de volta à África.

Mas, por enquanto isso pode esperar. Tais pensamentos — Ross, os Danes, o deserto do Namibe, a Coisa de Vermelho, o piano vermelho —, as revoluções dessas imagens, a forma como orbitam sua consciência, o modo como se movimentam, como se estivessem sobre rodas, em uma roda ali perto e depois bem longe dele, pela forma como se sobrepõem quando se aproximam rápido demais, muitas delas... Ross em um caleidoscópio, mil chifres e cascos, o Dr. Szands e as drogas, dez mil agulhas se aproximando dele, de costas contra a areia... até tudo isso se transformar na cor vermelha, caindo do céu de sua mente e também erguendo-se do solo para se encontrar no meio, para se conectar em uma explosão sangrenta em vermelho... tudo isso pode esperar... por enquanto... AGORA... Philip está ouvindo o som...

... e não está se sentindo mal.

Na verdade, sente as ondas passando sobre seu corpo com dedos delicados, um distante traço de eletricidade, uma ondulação, sim, na superfície da pele. O som, tão temido no deserto, tão temido até mesmo ali, no Macy Mercy, agora faz contato, mas não penetra, não afunda em sua alma.

O volume aumenta. Assim como a sensação de triunfo. A superação de algo que outrora pensaram ser impossível sendo revelado como simplesmente desconhecido.

Agora Philip conhece o som. Agora quase consegue *vê-lo*. Como se rodasse em câmera lenta, vertendo no Tanque de Testes por meio dos

alto-falantes pretos: rosa e branco, roxo e azul, rodopiando, ondas, borrifos multicoloridos sobre ele.

Philip fecha os olhos.

E sorri.

Os maus pensamentos podem esperar.

Por enquanto, ele é mais forte que o som.

E, quando termina, quando dois serventes entram pela porta prateada e o observam como se tivessem medo, inseguros do que ele é capaz de fazer, Philip os encara e sorri, sem querer alertá-los que *de fato* planeja fazer alguma coisa.

E que eles podem acabar se machucando no processo.

— Foi uma corrida e tanto — comenta Jerry, o mais baixo dos dois.

Em seguida, Francine aparece para remover os fios, a fita, os nós. Enquanto ela trabalha, o próprio general aparece. Cabelo preto e ralo. Bigode preto. Robusto como um touro. Vestido como se estivesse na sala de guerra.

— Soldado Tonka — diz ele. Cautela e orgulho se misturam em seus olhos. — Temos que lhe pedir mais um favor...

40

Um labirinto de madeira imaculada, assoalhos de terra batida e lâmpadas penduradas aqui e ali, nenhuma acesa. Philip liga a lanterna e depois a desliga. Interrompe a caminhada para ver se ouve os cascos, depois continua. Tomou tantas decisões às cegas, deu tantas voltas, que seria impossível traçar o caminho para retornar, mas não está pensando em *sair*. Está pensando em Ross.

Vozes à frente?

Ele para.

Não. Mas há sussurros ali embaixo. Talvez seja o vento, preso naquele subsolo maluco, ou talvez seja a mente de Philip ouvindo coisas, ecos de seu progresso cada vez mais vago, se é que essa palavra pode ser usada para descrever o que ele está fazendo, suas viagens, voltas e esperanças sem qualquer informação.

Pensa em Ross na lagoa. Ross na miragem. Ouve Greer explicando, como se tivesse de fato a oportunidade de fazê-lo:

Se considerarmos que o som realmente é capaz de evocar fantasmas de soldados do passado, que também é capaz de parar a roda da história, capaz de acabar com os padrões e círculos que o homem produz... então por que também não poderia afetar nossas próprias histórias? Por que o som não poderia operar em um plano filosófico? Você disse que viu Ross nadando? Mas será que viu mesmo? Ou será que o som despertou seus próprios fantasmas de volta à vida...

Arrastando o pé direito, curvado, suando, mancando, Philip liga a lanterna, desliga. Mais madeira à frente, mais terra. Um beco sem saída? Talvez. Philip acha que não.

Você entendeu?, Greer poderia ter dito. *Você também tem fantasmas dentro de si, Tonka. Mais do que o do seu amigo Ross. Daria para lotar um hotel com as assombrações residuais dentro de você. E, talvez, ao trazer à tona todos esses soldados mortos, o som esteja mostrando para nós, homens, a loucura e o ciclo da guerra. E, talvez, ao inutilizar nossas armas, o som esteja nos dizendo que não apenas MOSTRA, como também entra em AÇÃO. Haveria guerras em um mundo sem armas? E, talvez, ao enganá-lo mostrando seu amigo desaparecido, o som estivesse lhe dizendo que você também não é imune a ele, Tonka. Seu ciclo pode não estar no mesmo circuito da guerra, mas vocês estão rodando da mesma forma.*

Uma rajada de algo atrás dele (vento? som?) o faz congelar momentaneamente. Ele se encosta na parede.

E prende a respiração.

Como os túneis são construídos com o propósito de conduzir ecos, Philip não pode ter certeza do que é qualquer som. Não há isolamento, nenhum ruído singular que comece e termine. Há apenas ondas, subindo e descendo, a maré alta e a baixa de... quê?

Da história?

Philip continua. Desarmado. Sabe que está vulnerável e muito perto da fonte do som. E, a essa distância, que dano aquilo poderia causar aos seus ouvidos, à sua cabeça, à sua mente?

Será que está soando agora?

Philip para. Liga a lanterna.

Vê uma porta de madeira uns oito metros à frente.

Uma sala?

A fonte.

A fonte?

Ross.

Dessa vez, Philip deixa a lanterna ligada conforme se aproxima da porta. A madeira lascada parece uma blasfêmia em comparação ao excelente estado das paredes. Não há maçaneta na porta. Nem janela. Nem moldura. Nem capacho.

Se já não estivesse no subsolo do deserto, diria que aquilo parece a porta de um porão.

Também não sente resistência quando pousa a palma da mão na madeira e a empurra. O lento rangido se mistura a sussurros

ininteligíveis, sons (lembranças?) de algo sendo arrastado, a cacofonia silenciosa que o rodeia.

Você também tem fantasmas dentro de si, Tonka.

Greer disse isso? Ou será que Philip imaginou que ele diria?

A porta se abre por completo, e Philip se vê no limiar de uma pequena sala. Há uma segunda porta a menos de dez metros dali. É uma sala, sim, mas não há muitas pistas que indiquem a utilidade do lugar. Chão de terra, teto de terra, paredes de terra. Philip aponta o facho de luz para o teto, para o chão, ao longo de uma parede... até que a luz reflete em algo metálico. Ele fica momentaneamente cego, estreita os olhos, avança, até que os detalhes da fantasia são revelados.

Um casaco vermelho. Calça vermelha. Chifres do tamanho dos braços de Philip.

E cascos.

Tudo pendurado em ganchos.

Lentamente, cauteloso, Philip se aproxima, perto o bastante para tocar o tecido, perto o bastante para ver que o aço entre os chifres é um antigo brasão. E, sobre o brasão, está gravado:

ICH DIEN
THE ROYAL WELSH

Os cascos, talvez tirados do mesmo animal que os chifres, são tão altos quanto saltos de botas de caubói. E Philip percebe que um homem poderia usar tudo aquilo e ainda assim parecer real, poderia enganar alguém que o visse vagando pelo mundo lá em cima.

Era um homem. Philip agora sabe. *Usando uma fantasia.*

A Coisa de Vermelho na praia. As pegadas de cascos na areia.

— Não é um monstro — sussurra Philip. — É um louco.

Um grito abafado ecoa do outro lado da segunda porta. Philip atravessa a sala e encosta o ouvido na madeira.

— SOCORRO!

Será Ross? Será a voz de Ross? Será um dos outros?

Ele espera. Ouve. Espera.

Então desliga a lanterna e sai da sala.

No corredor do lado de fora, espera novamente.

Quando liga a lanterna outra vez, vê um rosto atrás de grades.

Uma cela subterrânea.

Philip recua, indo de encontro à porta de madeira.

Não é Ross. Não são os outros. Não é nenhum rosto conhecido.

Mas é um homem. Olhos arregalados. Suado. Amedrontado.

— Socorro! — implora ele. — Me tire daqui!

— Quem é você?

— Ele está fazendo experimentos em mim!

O homem estende um braço para a janela. Philip reconhece uma tala de gesso, tão imaculadamente trabalhada quanto a madeira nos corredores.

— Quem mais está aqui embaixo? — pergunta Philip, desesperado. — Tem outros prisioneiros?

Mas Philip sabe que tem.

Tremendo, o homem pressiona o rosto contra as barras, tenta olhar para o fim do corredor. Philip vê cicatrizes em suas orelhas e sangue seco em seu rosto.

Vindo da direção para onde o prisioneiro está olhando, Philip ouve um som tão familiar quanto um garfo sobre um prato ou um carro passando pelo País das Maravilhas na Elizabeth Street.

Philip desliga a lanterna.

E ouve de novo.

O ranger de uma escada de madeira.

Quando o prisioneiro fala, sua voz se materializa na escuridão entre os dois.

— É ele — sibila o prisioneiro. — É *ele*.

41

Delores arrasta uma televisão até a Unidade 1. Sentado na cama, Philip a observa em silêncio. Ele imagina que a televisão seja um acordo de paz, uma forma do Macy Mercy ou do governo dizer: *Ei, bom trabalho no Tanque de Testes, mas você vai acabar tendo que nos revelar o que o bode significa. E, até lá, fingiremos ser amigos.*

— Um jogo de futebol — diz Delores. — Alemanha e Inglaterra.

Sua voz soa sem emoção, e Philip se pergunta se identificou algum constrangimento ali. Talvez Delores não se sinta tão certa a respeito de tudo isso: as drogas, a rapidez com que ele está se recuperando, o fato de o Exército, de o general Andrews, ter dito que ele tinha vinte e quatro horas para decidir se estaria ou não disposto a voltar para a África.

Philip sabe que não há decisão a ser tomada: vão enviá-lo de volta com ou sem o seu consentimento.

Delores liga o aparelho na parede e a estática toma conta da tela. Ela se agacha e muda de canal. Seu cabelo louro brilha à luz do dia que entra pela única janela da unidade. Ao encontrar o canal onde o jogo está passando, ela se levanta e alisa a frente do uniforme branco.

Então olha para Philip.

— É em cores — anuncia.

Philip tem a impressão de que a mulher está com medo dele. Não mais imóvel, não apenas capaz de mexer alguns dedos, Philip está sentado e deve parecer saudável para ela. Ele se lembra da própria imagem refletida nas paredes do Tanque de Testes: os hematomas, a assimetria, a deformidade. Se Delores já sonhou com monstros, se

alguma vez acordou de um pesadelo e correu para o quarto dos pais, esses monstros deviam se parecer com Philip.

— Ah! — exclama Delores. — Bem a tempo. — Fria. Inexpressiva. — Parece que o jogo está prestes a começar.

Na tela, uma banda entra em campo. Philip não liga para futebol nem beisebol, mas os uniformes vermelhos da banda inglesa chamam sua atenção.

Ele se levanta.

Delores se afasta, como se tivesse visto uma aranha em vez de um soldado.

Philip não escuta quando ela se desculpa e sai da unidade. Ele está agachado tão perto da TV que não enxergaria a enfermeira nem se ela estivesse trinta centímetros à sua esquerda.

Na tela, a banda do Exército inglês toca no meio do campo. A música é triunfante. Os metais. Os tambores. As cordas. Seus uniformes vermelhos, em contraste com a grama verde e bem cuidada, parecem uma decoração natalina.

Mas é do bode à frente da banda que Philip não consegue tirar os olhos.

É um bode branco. Longos pelos brancos que vão quase até o chão. Um treinador está agachado ao lado dele, sorrindo.

— Meu Deus — diz Philip.

O bode tem um pedaço de metal onde os chifres se encontram. O sol reflete ali.

ICH DIEN
THE ROYAL WELSH

Philip toca a tela.

A constatação não é fácil de assimilar. Na verdade, é tão esmagadora que faz Philip cair para trás, sentado, apontando para a tela.

— Meu Deus — repete Philip. — Ele era membro da banda do Exército.

O bode que o assombrava, o traje que encontrou na sala debaixo da areia...

— O mascote deles...

— A TV não está pegando bem?

Delores está parada junto à porta. Mas Philip não a vê. Nem sequer repara que ela está ali. O bode bastaria para agitar sua mente, mas são as braçadeiras vermelhas dos músicos que fazem seu sangue ferver.

A recepção não é das melhores. A imagem da câmera está tremida.

Mas Philip viu uma delas tempo suficiente para conseguir ler o que estava escrito ali.

MEU SOL SE REFAZ

— Lovejoy — murmura, tocando a tela com dedos tortos e descoloridos. — Você o conhecia...

42

Se existe um som que pode trazer de volta soldados mortos, e se esse mesmo som pode neutralizar armas de todos os tempos, rompendo assim o padrão da história de guerras sucessivas, da mesma roda da morte que todos os soldados mortos fizeram girar, esse som também deve ser capaz de tocar as histórias de indivíduos, soldados que ainda não enfrentaram a morte e que são submetidos a alucinações do passado.

Philip já suspeitava disso quando caiu na miragem de Ross em uma lagoa. Agora, porém, está experimentando, confirmando sua suspeita.

Sozinho, mancando em direção ao som da escada rangente, em direção ao homem (não monstro!) vestido de monstro (não homem!) que roubou Ross dos Danes e certamente (*certamente*) o manterá trancado, prisioneiro, naquele subsolo, Philip atravessa esquinas, cinemas, salas de concertos, restaurantes, cruzamentos, vira-latas, lojas de música, livrarias, delegacias e pessoas que, para ele, compõem Detroit.

Apenas alguns minutos antes, Philip permitiu a passagem de um Chevy Bel Air conversível vermelho, embora o corredor por onde está caminhando não tenha mais de dois metros de largura. Atrás do volante não havia ninguém, ninguém que ele pudesse ver, apenas as sombras projetadas pelo facho da própria lanterna, o reflexo das paredes de madeira lisa nas janelas. Ao longe, a uns cem metros de distância, Philip vê um Corvette azul-piscina ocupado por garotas louras, rapazes sorridentes e uma bandeja de milk-shakes e

hambúrgueres presa à janela do lado do motorista. “Be Here” toca no rádio do carro.

As visões, as luzes, os cheiros, até mesmo a sensação da calçada de concreto sob as botas. Philip não sabe se é noite ou dia, 1957 ou 1958, 1927 ou 1993.

O som não parou de vir em ondas. É como se, de tão perto, fosse possível ouvir o som respirar.

Às vezes soa como vozes, sussurros; outras, como os alunos na aula da Sra. Calamut na quinta série. Philip passou por aquela mesma sala há menos de uma hora, enquanto Tommy Morgan falava sobre os Red Wings e uma criança de olhos castanhos na última fila rabiscava um desenho de um homem preso em uma cela de areia sob um infinito deserto de morte.

Uma buzina de carro.

Philip se encosta na parede outra vez, dando passagem a um Cadillac Eldorado preto e um Ranchero cor de cereja. O barulho dos carros se mistura com a música, os sons de Detroit ao meio-dia, Detroit à noite, Detroit ao amanhecer. Mas a parede na qual Philip se encostou não é mais de madeira. É de tijolo alaranjado, como a parede da Perry’s Drug, onde os Danes tiraram a foto para a capa de seu 45 rpm.

— Preste atenção, Philip!

Quando Philip levanta a cabeça, vê o soldado Stein apontando uma câmera em sua direção, vê a cidade atrás do fotógrafo, ativa, movimentada. Soldados mortos passam como fantasmas em meio à multidão.

— Vamos, Philip — diz Larry. — Esta é para a posteridade.

Entre ele e Larry está Duane, de braços cruzados, com o sorriso mais genuíno que Philip já viu.

— Não teremos essa luz por muito tempo — avisa Stein.

Logo atrás de Stein há uma figura à sombra. Quase uma silhueta. Mas Philip o reconhece. Lovejoy.

— Philip — diz Ross. E Philip está quase com medo de olhar, de ver aquele fac-símile angelical do amigo, ainda vivo, posando para uma foto, já veterano, para nunca mais voltar a usar o verde-oliva do

Exército. — Dê aquele seu sorriso malicioso para eles. Você sabe qual é.

Os outros Danes estão rindo porque sabem qual é. O sorriso que Philip lança para uma garota do outro lado do bar. Metade interesse, metade não. É o que basta para deixá-las malucas.

Philip tenta.

Mas o flash da câmera de Stein permanece brilhando muito tempo depois de a foto ter sido tirada, e Philip vê outro veículo se aproximando. São os faróis de um jipe militar.

Philip se lembra da advertência que encontrou na cela.

Não me deixe aqui, pediu o prisioneiro. *Você não vai encontrar o caminho de volta. Ele não vai deixar você encontrar.*

Quem é você?, perguntou Philip.

Vim por causa do som. Assim como você.

Tem outras celas?

Sim, ouço o gemido dos outros.

Onde?

Não sei.

ONDE?!

NÃO SEI!

Eu volto.

Não! Você não vai voltar!

Eu volto.

Não me deixe aqui! Ele está fazendo experimentos em mim! ELE ESTÁ FAZENDO EXPERIMENTOS EM TODOS NÓS!

A luz cobre Philip por completo, transformando-o em uma silhueta de clareza ofuscante, e então desaparece, deixando o corredor tão escuro quanto uma mente cruel.

Philip liga a lanterna, desliga.

Outra decisão a tomar, outra volta. Direita ou esquerda. O som não serve de guia. O som vem de todos os lugares e sempre ao mesmo tempo.

E, no entanto, ali está tão silencioso que ele não tem certeza se aquilo de fato está soando.

Ele continua.

Por Ross.

Por Detroit.

Pelos Danes.

O passado é presente e o presente é louco, e Philip liga a lanterna, desliga, vira à direita, dobra à esquerda, prossegue, fecha os olhos, abre os olhos, respira fundo, ignora, absorve.

Quando liga a lanterna outra vez, ele dá um grito.

O rosto de um soldado morto, com as rugas cheias de terra, está a centímetros do seu.

— Não avance mais.

Além do fantasma há uma escada. Muito parecida com a que Philip descia até o porão onde ensinou a si mesmo a satisfação incomparável da criação.

Apesar do medo, da fadiga e da neblina, Philip compreende que, sim, a fonte do som está ao pé daquela escada.

— Me ajude — pede, apontando o facho de luz para os olhos do velho soldado. — Me conte tudo o que sabe sobre ele.

43

Ellen está sentada dentro de seu carro, um New Yorker 1949 verde e amassado, com o estofamento branco rasgado em vários lugares. Ela poderia vender essa porcaria e arranjar dinheiro suficiente para pagar um ônibus para a Califórnia, talvez até mesmo um voo para o Havaí, e começar de novo. Poderia vender tudo o que tem, sair da cidade com uma única mala, uma única muda de roupa. Do que ela realmente precisa? Do que mais precisa para sobreviver além de... ir embora?

Os faróis estão apagados, mas o motor está em ponto morto. É uma coisa que o New Yorker tem a seu favor: um motor silencioso, mesmo depois de todos esses anos. Às vezes soa como nada, como se Ellen estivesse simplesmente pairando pela estrada em direção ao seu destino, quase sempre o hospital, quase sempre sua casa. Agora está estacionada longe do Macy Mercy, longe da estrada que deixou para trás há cerca de um quilômetro. As árvores funcionam como uma cobertura parcial, a noite cuida do resto. Ela está sentada com as mãos no volante, embora não planeje se aproximar com o carro. Talvez seja o hábito, as mãos no volante, ou talvez seja porque, apesar de se encontrar ali, ainda esteja indecisa. Ela acredita que, dentro do Macy Mercy, há um homem que não sabe a verdade sobre a própria situação. Os médicos estão usando drogas experimentais com a intenção de curá-lo rapidamente para enviá-lo de volta ao lugar onde ele foi destroçado. A ideia de que tal informação seja transmitida para Philip (porque isso acabará acontecendo), sem ninguém ali para apoiá-lo, é demais para Ellen suportar. Pensa em seu ex-marido,

Al, em como ele lutou sozinho contra seus demônios de guerra, muitas vezes se fechando no banheiro e ignorando até os chamados da filha, Jean, que acabou indo sozinha até a janela aberta da cozinha. Ellen pode ver a cena dentro do hospital, ver o momento em que é informado de que ele vai voltar, que ele tem que enfrentar seja lá o que encontrou, que tem que levar o governo dos Estados Unidos à fonte daquele som para que possam usá-lo como arma.

Ela tira as mãos do volante e sai do carro. Pelo modo como se sente por dentro, o céu acima deveria estar sem estrelas, preto, mas é claro que não está. O Macy Mercy fica longe das luzes de Des Moines, e ali não há muita coisa que ofusque o brilho celestial. No entanto, não parece certo. Estrelas acima, Philip abaixo, ali, além daquela única porta de entrada e saída, sendo enganado, testado, *mandado de volta.*

Ellen dá alguns passos pela grama alta, em direção ao frio edifício.

Claro que tem um plano, mas não significa que acredite muito que vai dar certo. Não significa que ela não está com medo, insegura quanto a cada decisão tomada e quanto às terríveis decisões que tem pela frente.

Mais adiante, as luzes do hospital iluminam as janelas, sinais de sofrimento no escuro. Ela se pergunta quanto Philip sabe. Quanto ele está preocupado.

A grama roça os tornozelos de Ellen conforme ela avança, aproximando-se do hospital, apesar das dúvidas e do medo. Isso também parece errado. O suave roçar da grama contra sua pele. Deveria doer. Deveria arranhar. Mas, em vez disso, ela não se sente diferente de quando caminhava até o lago no quintal da casa em que passou a infância. A mesma doce inocência da natureza. Sem ameaças. Segura. Ao chegar a uma árvore, ela se esconde, encostando-se na casca áspera, depois olha em volta, para a mesma porta da frente pela qual entrou e saiu tantas vezes.

Dali, pode ver as janelas do pequeno vestíbulo que une os dois corredores mais compridos. A Unidade 1 fica à esquerda, do mesmo lado do estacionamento. Ellen não quer seguir por ali. Não pode se arriscar a topar com alguém, nem mesmo um servente indo buscar algo no carro. Então avança, sem a proteção das árvores, caminhando diretamente para o hospital que a demitiu.

Um vulto passa pela primeira janela, e Ellen para. Lentamente, ela se agacha na grama. Espera e observa.

A silhueta passa pela segunda janela, então pela terceira: uma mortalha negra dividindo a luz alaranjada, transformando cada janela em olhos de gato, só que invertidos, uma de cada vez.

Ellen se levanta.

A porta da frente se abre.

Ellen congela.

Um homem sai, arrastando dois grandes recipientes de plástico sobre rodas.

Noite do lixo, Ellen sabe.

Ela espera. O porteiro, Gregory, levará as latas para o outro lado do estacionamento, até a lixeira-contêiner junto às paredes de madeira.

Ela olha para as janelas. Nenhum movimento.

Como conhece a rotina de Gregory e sabe que ele fará quatro ou cinco viagens até a lixeira, decide se levantar e ir até o hospital. Se alguém ouvir barulho na porta da frente, vai pensar que é ele.

Fica espantada por não ter pensado nisso antes de chegar.

Então avança.

Gregory assobia uma melodia melancólica que atravessa a noite oca de Iowa. Esparsa, arrasadora, triste. Quando Ellen chega à porta da frente, ele já abriu o portão de madeira que dá para a lixeira-contêiner.

Ellen olha pelo vidro das portas da frente.

Nenhum movimento.

Quase deseja que houvesse. Quase deseja que algo aconteça para obrigá-la a voltar atrás.

Em vez disso, ela entra no Macy Mercy fazendo o sinal da cruz.

44

A calça cáqui e os sapatos pretos, o casaco de algodão verde com quatro botões, a gravata e o chapéu combinando, até o lenço que protege o queixo... Philip conhece melhor aquele uniforme do que qualquer outro na história das forças armadas.

Segunda Guerra Mundial. Americano.

Os olhos cinzentos do homem estão profundamente enterrados sob as rugas do rosto. Seu bigode branco brilha. Dos três soldados impossíveis que Philip viu no deserto do Namibe, nenhum deles é tão fantasmagórico quanto esse.

— Ele começou como pintor, mas virou músico — conta o soldado. Sua voz transmite isolamento. Falta de prática. Falta de uso. — Ele e um outro tocaram para os garimpeiros. Dois ingleses dedilhando violões para homens que escavavam à procura de diamantes. Eles eram o entretenimento, se é que se pode chamar assim quando um homem passa doze horas por dia enterrado sob a sol. Até mesmo no deserto, o sol é mais bem-vindo do que a escuridão.

As rugas de seu rosto soltam poeira.

— Ficaram aqui durante seis semanas e, no fim de tudo, os dois não conseguiam mais cantar. Havia tanta poeira e terra na garganta deles que pareciam ter envelhecido quarenta anos, e, no fim de tudo, suas vozes soavam mais como a de velhos marinheiros do que como a dos trovadores de rosto jovial que eram quando chegaram.

— O que você quer dizer com... no fim de tudo?

— Já que não havia mais diamantes, era o fim de tudo. Mas não para os dois músicos. Certa tarde ou noite, como saber?... enquanto

tocavam suas canções, o homem que ainda está aqui embaixo ouviu outras vozes. Alguém estava cantando junto com os acordes que ele e o companheiro tocavam. Uma *harmonia fantasma*, como ele a chamou. Era desafinada... embora potente.

Philip quase consegue ouvir aquilo.

— Então, quando os garimpeiros concluíram que a mina havia se esgotado, os dois músicos se esconderam aqui embaixo. E, quando tiveram o lugar só para si, cavaram mais fundo.

— Procurando o som.

— Mas não se esconderam desarmados. — O bigode branco do soldado se move como as ondas no litoral. — Eles tinham uma caixa de dinamite. Só que, quando tentaram usá-la, a dinamite se mostrou tão impotente quanto suas vozes.

A ogiva nuclear. As armas. O canhão de mão descartado.

— Mas eles conseguiram — diz Philip.

O velho soldado fica em silêncio por um longo tempo.

— Eles conseguiram — diz, por fim. — Mas antes brigaram. E o homem que está aqui embaixo agora... — o soldado faz uma pausa, olha para trás — ... estrangulou o outro com toda a fúria. Ele conseguiu, é verdade. Mas conseguiu sozinho.

Philip olha para a escada.

— Ele está lá embaixo agora?

O velho soldado o encara por um longo tempo, sem piscar.

— Você sabe o que acontece com alguém que ouviu esse som por mais de vinte anos? Imagina como é a mente dessa pessoa?

— Ele está armado?

— Ele tem o som.

— Eu tenho amigos...

— Eles estão aqui embaixo.

Philip avança contra o fantasma, quase o segurando pelas lapelas. Vê um nome bordado em linha branca:

ROGER KINGMAN

— Onde eles estão?! ONDE?!

— Eu... eu não sei.

— Você viu os meus amigos?!

— Sim. Mas...

— Diga!

O velho soldado aponta para a escadaria.

— Ele está com os seus amigos. Ele...

Philip passa pelo fantasma da Segunda Guerra Mundial, assim como passou mancando pelos fantasmas de sua casa momentos antes.

No topo da escada, ele diz:

— Obrigado. — A voz reflete determinação.

Mas o velho soldado não responde.

A escada range conforme Philip desce os degraus. O eco é divino.

Ele se apega à visão de um avião chegando a tempo, aterrissando no deserto, a porta se abrindo e militares de rosto jovial descendo os degraus, prontos para escoltar os Danes a bordo.

Mas um louco respira lá embaixo.

Philip lembra um ditado de seu tempo no treinamento básico.

Todo soldado precisa estar preparado para um inimigo ainda mais louco do que ele.

Mas ele não está preparado. Descendo a velha escada, enquanto as lembranças de sua mãe tomam sua mente, ele se sente tão despreparado quanto o deserto ao amanhecer.

Como se até mesmo a escuridão tivesse olhos, como se até mesmo a escuridão dissesse não.

45

Dentro do Macy Mercy, silêncio. Nenhum som de máquina de escrever vindo do escritório. Nenhuma conversa de Francine, a enfermeira da noite. Nenhum som de passos no corredor. Ellen avança depressa em direção à Unidade 1 ciente de que terá que passar pelo escritório no caminho.

Ela está preparada para isso. Preparada para receber um olhar de relance de algum funcionário do hospital. Espera que, de passagem, pela visão periférica de alguém à frente, seu vestido branco pareça um uniforme de enfermeira, e não a roupa civil de uma ameaça indesejada.

Tenta andar como se estivesse em um turno normal, uma simples ação que realizou milhares de vezes, caminhando pelo corredor até a Unidade 1 para verificar as condições de um paciente. Tenta reviver os dias em que Philip dormia ali, em coma, nos dias em que as enfermeiras tentavam adivinhar o que poderia ter deixado seu corpo horrivelmente desfigurado e ferido, o rosto e o peito afundados, os ossos quebrados, incapazes de suportar o restante do corpo. Tenta buscar aquela determinação, aquela calma de uma enfermeira cumprindo seus deveres diários, ajudando na recuperação de um ex-soldado, um homem, ali, no Macy Mercy, um hospital militar, um homem ferido no cumprimento do dever, seja em uma guerra atual ou em nome de outra que ainda nem começou. A porta do escritório se aproxima depressa, muito depressa, mas Ellen não vai virar para encará-la. Ela não dará a quem estiver ali a oportunidade de

reconhecê-la. Para quem não estiver atento, um simples clarão branco passando será apenas uma enfermeira.

Ainda assim... ao passar pela porta, o silêncio lá dentro quase estende os braços para segurar seu queixo e virar seu rosto em direção ao único lugar para o qual ela não deve olhar, para o qual não deve se revelar.

O escritório está vazio.

Ellen segue em frente. A Unidade 1 fica a apenas quinze passos dali. Ao entrar, contará a Philip o que sabe, o que Delores lhe contou. E Philip sem dúvida a ouvirá e fugirá com ela. Olhará para ela com a expressão que Ellen desejava que seu marido e sua filha tivessem olhado, o olhar dos que são salvos encarando aquela que os salva.

Dessa vez, pensa, não vai deixar uma pessoa com quem ela se importa passar despercebida, trancada, vagando sozinha pela cozinha, descobrindo uma janela aberta, decidindo subir ali e ganhar a perigosa escada de incêndio lá fora.

A Unidade 1 se aproxima tão rapidamente quanto o escritório, e a respiração de Ellen é tão rápida quanto seus movimentos. A porta está aberta, uma fresta, e ela a empurra, preparando-se para uma possível interação com algum funcionário: Francine, Szands. Ou, talvez, alguém ainda mais acima que o médico, alguém capaz de silenciá-la completamente.

A Unidade 1 está vazia.

Ellen entra.

Fecha a porta ao entrar e usa a lanterna que trouxe para vasculhar os cantos, embaixo da cama, até mesmo atrás da estante e do piano.

Ele não está ali.

Ellen sai da unidade.

O corredor está tão silencioso quanto o escritório. Parece que todo o hospital está adormecido.

Ellen caminha. Há dez portas entre ela e a Unidade de Reabilitação. Tantos lugares possíveis de onde alguém pode surgir, tanto espaço aberto no qual pode ser vista, reconhecida por alguém que sem dúvida quebraria esse silêncio terrível e jogaria a realidade em cima dela: a realidade de que o que ela está fazendo é desafiar o governo dos Estados Unidos, tentando roubá-lo descaradamente.

Ellen começa a se lembrar de sua dança com Philip, mas não há espaço para nostalgia dentro de sua mente, seu estômago, seu coração.

Tem que pensar com clareza. Tem que ser rápida. Tem que estar alerta.

O silêncio é quase físico. Como se tivesse sucedido a um barulho tão intenso, algo tão alto, tão poderoso, que apenas seu oposto poderia permanecer.

Quando Ellen chega à Unidade de Reabilitação, descobre a porta aberta e destrancada. Sentindo o ar frio que emana dali, uma sensação de nada, aquela ausência de vida, Ellen já sabe que a sala está vazia.

Escritório vazio. Unidade vazia. Reabilitação vazia.

Mas ele está ali. Ele está ali em algum lugar.

Ellen atravessa a sala e apoia a palma da mão na segunda porta, que também está aberta, então entra no segundo corredor.

Ela espera. Está parada no corredor. Para qualquer um que a visse, sem dúvida seria uma mulher fazendo algo que não deveria estar fazendo.

Mesmo quando era funcionária do Macy Mercy, entrar naquela área era estritamente proibido. Ellen não conhece o lugar como conhece o restante do edifício, não conhece os cantos, as sombras, as profundezas.

Começa a andar com cautela, a mão roçando a parede da direita em busca de apoio, para se sentir conectada, para se sentir parte de um mundo vivo no qual um dia confiou.

A primeira porta tem uma placa: TESTES. Ellen tenta abrir a porta, mas já está aberta. Ela a empurra e prende a respiração, certa de que este é o momento em que o médico a vê, o momento em que mãos enluvadas irrompem da escuridão para estrangulá-la, agarrá-la pelo pescoço, arrastá-la para a sala de TESTES, onde fará coisas com ela, experiências, administração de drogas, para mudá-la. Como mudaram Philip.

A sala está às escuras. Mas não parece vazia.

Ela entra, tateia na parede, acende as luzes.

No início, as cores a fazem pensar em uma pintura. Ou talvez seja um desenho, sim, algo como o primeiro desenho que fez para Philip.

Um bode. Fundo vermelho infinito.

Aquelas cores...

Aquele vermelho...

Apesar de não poder chamar atenção, de não poder emitir nenhum som, Ellen grita.

46

Quando se alistaram no Exército, os Danes sabiam que integrariam a banda marcial. Nenhum deles era um "elemento militar" como tantos outros. Queriam servir ao seu país, contribuir na luta contra a Alemanha e o Japão, mas, àquela altura, já tinham sonhos musicais, visões de si mesmos tocando em salas tão enfumaçadas que o público mal podia ver o rosto dos integrantes da banda.

Não havia um soldado entre eles.

E, no entanto... doze anos depois... desorientado por lembranças e movimento, espectros e sons, Philip havia descoberto esse elemento dentro de si mesmo.

Quando chega ao fim da escadaria, ao avistar o fino retângulo de luz ao longe — sinal inconfundível de uma sala iluminada atrás de uma porta fechada —, ao sentir que há alguém lá dentro, *saber* que há alguém em casa, Philip compreende com majestosa clareza que é capaz de fazer tudo o que se espera de todo e qualquer soldado do Exército dos Estados Unidos.

E o medo não é mais atordoante.

E o desejo é tão básico quanto a respiração.

Ele manca em direção à luz.

Armado ou não, vai matar o homem ali dentro.

47

Antes de Ellen chegar ao hospital, Philip caminhava pelas mesmas salas sem a ajuda de um andador, de muletas ou mesmo de uma bengala.

A fechadura na porta da unidade foi fácil de arrombar. Philip está mais forte do que os médicos e as enfermeiras imaginam. Um espelho no banheiro dos funcionários confirmou o que sugeriu o reflexo distorcido no Tanque de Testes: ele não parece melhor do que no dia em que Ellen aproximou um espelho de seu rosto, mas o que conta é o modo como está curado por dentro.

Também foi fácil evitar o pessoal noturno, a maioria achava que ele estava seguramente trancado em sua unidade, e ninguém estava à procura de um ex-soldado, um músico ferido, vagando em busca de vingança com as próprias mãos. Talvez eles tenham se enganado: conseguiram curar um homem destruído, mas ainda não se livraram da ideia convencional de que um homem tão ferido como ele não poderia estar de pé e em movimento.

Mas, antes de Ellen chegar, Philip certamente estava de pé e em movimento.

Os serventes Carl e Jerry chegaram primeiro. Entraram depressa na sala e pararam, assustados, olhando para Philip como se tivessem encontrado um vampiro na Unidade 10.

Tentaram falar com ele, escolhendo bem as palavras para acalmá-lo. Mas Philip mal os ouvia. E os serventes não podiam saber da sua força.

Durante todo o tempo, Philip tentou manter uma paz interior, um certo decoro.

Tirando proveito de Carl (o braço gravemente ferido de Philip ao redor do pescoço do servente com cara de anjo), livrar-se dos funcionários foi tão fácil quanto ele esperava.

Compreendia que parte disso era porque o Tanque de Testes sempre foi inócuo para eles. Mas, a maior parte se devia ao fato de que nenhum deles podia ver as ideias dentro de sua mente.

É impossível radiografar a fúria.

Duas enfermeiras, dois médicos, homens de terno também. Os Scott Malones. Encontrados em escritórios ao longo do segundo corredor, unidades intituladas como FARMÁCIA HOSPITALAR e ANÁLISE.

Depois de trancá-los no Tanque de Testes, Philip foi calmamente até a sala técnica. Graças ao seu conhecimento sobre equipamentos, gravação, reprodução e como operar até mesmo a aparelhagem de som mais sofisticada (em parte adquirido no deserto do Namibe), não foi difícil pôr o som para tocar. Também não foi difícil de encontrar a fita certa — estava rotulada como Tonka.

Ele deixou o microfone de duas vias da sala técnica ligado todo o tempo, ouvindo não apenas os gemidos crescentes das enfermeiras e dos médicos, como também o próprio som.

Com os pés em cima da mesa, recostado na cadeira da sala técnica, Philip só teve um ligeiro mal-estar. Pensou em Ross, Larry e Duane. Pensou em determinados shows em Detroit e no que antes sentia ao trazer felicidade para uma sala cheia de gente.

Logo os pequenos alto-falantes emitiram gritos. Então os gritos se tornaram súplicas. E as súplicas se tornaram sangramentos.

Philip ouviu músculos estalarem. Ossos quebrarem. Punhos batendo nas paredes de aço. Viu lágrimas, vômito e fezes.

E, quando as pessoas finalmente fizeram silêncio, Philip deixou o som tocar por mais cinco minutos. Realmente não o afetava. E, depois de algum tempo, descobriu que aquilo começava a soar como música. Uma canção. O hino de resistência de um homem.

Por fim, ele se levantou e saiu da sala técnica. Destrancou a porta do Tanque de Testes e espiou lá dentro.

Então voltou à Unidade 10, onde o Dr. Szands estava atado à cama.

— A única coisa que não sei a respeito das drogas é quanto é demais — disse Philip. — Se vou tomar por conta própria, preciso conhecer os sinais de uma overdose. Chame isso de ser meticuloso, doutor. E agradeço a ajuda de antemão.

Mas Szands só aguentou seis aplicações, o mesmo número que Philip recebeu durante sua fúria cega.

Os resultados foram chocantes. O corpo de Szands se desmontou.

Philip desceu o corredor até o escritório principal. Ali dentro, encontrou três caixas de arquivos, anotações e fotos, todas com informações sobre os Danes e o terceiro pelotão enviado ao deserto do Namibe. A maioria das anotações era sobre Philip. Ellen fizera várias delas. Mas nem todas.

Picou os documentos com uma tesoura e levou as caixas com os retalhos de papel sem significado até a lixeira, assobiando uma melodia triste enquanto fazia seu trabalho.

Então, talvez inspirado pelo som da própria canção, de sua intenção, que era clara para ele, fez o que todo músico faz quando sente necessidade de tocar.

Ele voltou ao hospital. Encontrou um instrumento.

E tocou.

48

Cabos de microfone desconectados, esticados no chão do corredor inclinado. Como a boca de filhotes de cobras, todas voltadas para Philip sob o facho de sua lanterna, como se algo tivesse sido desconectado recentemente, uma máquina, uma série de microfones, ou, talvez, algo de que Philip nunca tenha ouvido falar. As cabeças de metal o encaram, mas os longos cabos negros desaparecem na escuridão além do facho da lanterna, para reaparecerem mais adiante, no limiar do retângulo de luz, passando por baixo da porta.

País das Maravilhas.

São as únicas palavras nas quais consegue pensar. Aquele corredor, todo aquele lugar, é como um estúdio. Da câmara de eco às belas paredes de madeira, os cabos espalhados, e, mais à frente, o que Philip acha que deve ser a sala técnica.

Ele chama pelo pelotão porque não se importa em ser ouvido, precisa encontrá-los, precisa saber que estão bem, vivos, descobrir que Duane não está morto ali embaixo, que ele não terá que lidar com os pais de Larry ao voltar para Detroit, dizer que perdeu seu filho em um buraco no deserto.

Porque Philip ainda acredita que vai voltar para casa.

O importante a respeito do Caminho é que, uma vez que se começa a trilhá-lo, não há como sair. Mesmo se você achar que saiu.

Ele passa por outro desenho infantil de um bode.

A que distância está a porta em direção à qual ele se arrasta? Cem, duzentos metros?

Ali embaixo, o espaço é tão desorientador quanto o som.

— LOVEJOY!

Alto. Como se, pelo volume da voz, ele provasse que não está com medo.

— DUANE!

Ele espera ouvir passos mais atrás, o som de um homem avançando em sua direção. Talvez um homem com um machado, com algemas, ou, talvez, com a intenção de arrastá-lo para uma cela. Ele também espera ver luzes, um brilho, um facho, não o seu, mas o do homem que vive ali, aproximando-se, encontrando-o, revelando-se.

Peguei você.

Philip continua. O corredor se aprofunda terra adentro. Está ficando mais quente, e Philip não consegue evitar a ideia de que está se aproximando de algo nuclear, algo *terrivelmente* quente, capaz de arrasar grandes partes dos Estados Unidos, uma de cada vez, toda Nova York, toda São Francisco, toda Detroit.

— PESSOAL!

Philip corre. Apesar da dor inacreditável, do calor e da falta de segurança, apesar de não saber para onde está indo e o que o espera por lá.

Vai procurando mais celas ao longo das paredes.

— LOVEJOY!

O sargento. O Louro Maluco. O ex-general que foi rebaixado por desafiar uma negativa do Exército, mas que não saiu das forças armadas morto de vergonha. Que não considerou seu rebaixamento uma prova de que falhara, de que era desnecessário, de que fora abandonado para apodrecer na hierarquia daquela instituição. Não. Lovejoy continuou.

Isso é muito significativo para Philip. Mesmo agora. Correndo, gritando, com medo. Muito significativo.

Lovejoy continua.

Philip continua.

Talvez Lovejoy ainda acredite naquilo que os militares deveriam e poderiam simbolizar: a segurança e a proteção de um país; as palavras mágicas que ajudam as pessoas a dormir à noite; as coisas que os civis desesperadamente supõem que o Exército deve valorizar.

Meu Deus, a braçadeira do sargento está atuando como um mantra, impulsionando Philip mais para perto daquele retângulo de luz.

Philip passa por bandeiras vermelhas pregadas na parede. Flâmulas com a mesma criatura branca fantasmagórica.

Bodes.

Mas Philip viu a fantasia.

Não.

Bodes, não.

Em vez disso, uma arma nuclear do outro lado daquela porta.

O que acha que os músicos encontraram aqui embaixo, Philip?

A voz do fantasma da Segunda Guerra Mundial ecoa em sua direção, sotaque contido e tudo mais.

Ficaram aqui durante seis semanas e, no fim de tudo, os dois não conseguiam mais cantar. Havia tanta poeira e terra na garganta deles que parecem ter envelhecido quarenta anos, e, no fim de tudo, suas vozes soavam mais como a de velhos marinheiros do que como a dos trovadores de rosto jovial que eram quando chegaram.

Enquanto tocavam as suas canções, o homem que ainda está aqui embaixo ouviu outras vozes. Alguém estava cantando junto com os acordes que ele e o companheiro tocavam. Uma harmonia fantasma*, como ele a chamou.*

O que quer que seja (nuclear?), Philip pode pôr um fim nisso. Ele pode ver o desenrolar dos acontecimentos, pode ver a si mesmo desativando a bomba, as guerras, os intermináveis guinchos da roda da história de Greer se repetindo; a mesma guerra diversas vezes em sequência, não importa quem a esteja lutando.

Philip cai com força.

Ele cai de cara no chão, queixo primeiro.

Quando vira de lado, conforme o sangue começa a escorrer pelo pescoço, volta a lanterna para o chão, para a terra, para o que o derrubou, esperando ver um bode.

Mas vê um corpo ao seu lado no meio do corredor.

É um homem negro, percebe Philip.

— Duane — sussurra.

Então... corre em direção ao corpo, sabendo que está morto antes mesmo de tocá-lo.

49

Ellen grita e sabe que ninguém pode ouvi-la, porque todos aqueles com quem estava preocupada morreram.

A cor vermelha é tão profunda, tão forte, que ela não consegue deixar de se lembrar de quando coloriu meticulosamente um desenho para Philip, o espaço negativo ao redor de um bode branco com a mesma cor que vê ali.

Quer desviar o olhar, ela *precisa* desviar o olhar, mas é difícil. Nunca viu nada parecido. As formas humanas amassadas; estrias onde ossos esmagados forçaram a pele. Na verdade, os rostos estão tão largos, tão *achatados*, que é como se tivessem sido atropelados. Por dois segundos, Ellen acredita ser responsável por tudo aquilo, e, se olhasse cada uma daquelas cabeças de perto, veria as marcas do pneu de seu próprio New Yorker.

Pensar no New Yorker é o que a traz de volta à razão. Sim, ela tem um carro esperando lá fora para levá-la com Philip para longe daquele lugar.

Mas onde está Philip?

Assim que dá as costas para a carnificina, depois de olhar o máximo que pôde, Ellen se encosta à parede do corredor e ouve as notas delicadas de uma canção.

Com olhos arregalados, trêmula, ela examina o corredor.

A verdade é que aquela música combina com o que está sentindo. Como se tivesse colocado o disco certo para a ocasião.

Ellen caminha. Não chama o nome dele. Não diz: *temos que nos apressar, precisamos IR*. Em vez disso, ela escuta. Pela primeira vez, está

ouvindo ao vivo a música interior do homem de quem ela cuidou durante seis meses, do homem que mudou sua vida em tão curto espaço de tempo. É uma melodia sinistra, assustadora, que ecoa nitidamente pelo corredor como um vento frio e melancólico. Sim. Não importa se Philip está compondo aquilo agora ou se já compôs há muito tempo, Ellen sente que aquela música é dor, aquela música é perda, aquela música é Philip finalmente reagindo.

Passa pela Unidade de Farmácia Hospitalar e chega ao pequeno vestíbulo que liga os dois corredores principais. Para Ellen, Francine era a que estava em pior estado. O modo como a velha enfermeira parecia estar olhando para o teto, metade dos ossos do rosto esmagada, a boca escancarada, mantendo até o fim a expressão de espanto.

Quando se vira para a direita e vê a porta da frente do hospital, Ellen não pensa em sair. Nem cogita sair daquele lugar, voltar para o carro, dirigir para o Oeste. Em vez disso, dobra à direita mais uma vez, observa o escritório, a Unidade 1, repara na música que emana dali.

Não era o porteiro lá fora, ela sabe. Era Philip.

Ellen passa pelo escritório, agora um quadrado sem o menor sentido, uma sala inútil.

Chega à Unidade 1.

A princípio, mal consegue ver a silhueta dele, que está de costas para ela, sentado ao piano na parede oposta. Atravessa a unidade sem falar e se senta na beirada da cama. Ela o vê tocar.

A música a leva às lágrimas.

Ellen se inclina para trás na cama e descansa a cabeça no travesseiro. Balançando as pernas na borda do colchão, ela se deita na mesma posição que Philip ficou deitado durante seis meses, enquanto ela cuidava dele, o atendia e esperava, sem qualquer razão, pelo dia em que ele seria capaz de sair dali por conta própria.

E esse dia chegou.

Mas, por enquanto, Philip está tocando.

A canção alterna entre fúria, determinação, aceitação, ódio. Algumas frases são tão sinistras que Ellen imagina que as sombras do lugar estão falando. Mas há momentos de promessa: acordes maiores

de melodias breves e enevoadas, mostrando que, não importa quão mal Philip esteja se sentindo, há mais história pela frente.

Ellen fecha os olhos, mas não dorme.

Ela ouve.

Sua história. Seus planos.

Sua alma.

Ela ouve.

50

Philip não sabe o que aquele uniforme significa, de quando é, quem o usou ou de que lado da guerra lutou. No corredor escuro, de joelhos, a mente em toda parte, o tornozelo inchado demais para o coturno, Philip se lembra das palavras de Greer no acampamento:

Na Guerra dos Cem Anos, os uniformes usados pelos soldados mudaram diversas vezes. E, no entanto, os ingleses mantiveram suas cruzes de são Jorge, uma cruz vermelha sobre um fundo branco, bordada em bandeiras, pintada sobre escudos.

O homem é negro, sim. Mas definitivamente não é Duane.

Philip ilumina o peito do cadáver; nenhum emblema. No entanto, seu rosto é velho. Não velho em idade, velho em *tempo*.

Os routiers *eram soldados pagos, mercenários, soldados da fortuna. Em vez de se aliarem à fidelidade ou à fé, os* routiers *lutavam apenas por dinheiro. Foram contratados pelos ingleses para ajudar a aterrorizar os franceses, na tentativa da Inglaterra de usurpar o trono da França. Eram guerreiros sujos e cruéis, que não portavam nenhuma cruz.*

Philip deveria se levantar. Deveria seguir em frente. Alcançar a porta. Salvar Detroit de algo pior do que uma bomba nuclear.

É claro que a Guerra dos Cem Anos poderia ser chamada de Guerra do Milhão de Anos, dissera Greer. *Porque, embora aleguem que terminou em 1453, de uma forma ou de outra aquilo continuou para sempre.*

Para sempre, pensa Philip, finalmente se levantando.

Aponta a lanterna para a frente.

Há dezenas de outros corpos no salão. Como se cada um deles estivesse reivindicando o mesmo retângulo de luz.

Philip conta dez, doze, vinte uniformes diferentes. Fantasias para ele, uma companhia de teatro abatida.

Na primeira Guerra Anglo-Holandesa, ambos os lados se vestiam como imaginamos que reis e rainhas se vestiam antigamente. As longas sobrecasacas se estendiam abaixo da cintura. Calças brancas acabavam engolidas por sapatos pretos. Os chapéus elaborados parecem majestosos para nós, mas, no fim das contas, aquelas pessoas estavam apenas matando umas às outras. Todas as guerras são travadas pelo mesmo motivo, dizia Greer, com frequência. *Por causa disso, são todas a mesma guerra.*

Philip vê isso agora. A Roda de Greer. A repetição do passado. Todos esses soldados mortos em uma mesma guerra ativa, estendida ao longo do tempo, puxada como massa de modelar por dedos invisíveis e infantis. Talvez o Destino seja um garotinho, trabalhando com o pouco conhecimento que tem do mundo. Ao longo do tempo as coisas mudam, roupas, modo de falar, linguagem e armamentos, mas não os motivos, o significado e a música que a guerra produz. É o mesmo conflito lutado repetidas vezes, até que, como disse Greer, começa a girar como uma roda, Tempo, uma roda-gigante, cada assento ocupado por um soldado morto. Todos juntos, todos em um corredor, todos em uma roda, uniformes de aparência festiva, tantas cores, a chegada do carnaval, bandeiras afixadas à roda. Só que não é um carnaval: é o Homem em um ciclo, de novo e de novo, acreditando que cada revolução é mais ampla, abrangendo um novo território, significando mais do que a anterior.

Não é verdade. Philip entende isso agora.

Alguns dos corpos que ele encontra estão esmagados, são latas de cerveja junto às camas deles no País das Maravilhas. Outros são reconhecíveis, não diferentes de rostos em funerais, cadáveres expostos à vista.

Mancando, se arrastando, ele tenta não olhar para baixo, mas não consegue resistir. Poderia ver um dos Danes ali, morto; Lovejoy com as mãos no peito; uma câmera ainda erguida junto ao olho morto de Stein.

E, ao passar de um corpo a outro, pisando em alguns, arrastando o tornozelo ferido sobre outros, ele experimenta uma história

tridimensional da roda da guerra sob o fraco e estreito facho de luz de sua lanterna militar.

Uma sandália romana.

A cabeça barbada de um huno.

Chapéus de feltro, capacetes azuis, cruzes, medalhas e mosquetes.

A lanterna pisca, se apaga, e Philip a bate contra a palma da mão.

Certa vez, Greer falou sobre o "fim da nobreza na guerra". Quando os uniformes passaram de declarações suntuosas de patente aos cinzas e verdes de hoje em dia.

Greer chamou aquilo de "o Fim das Cores Brilhantes".

Em 1914, o mundo caiu na real. E você sabe o que conseguimos com isso? Você sabe o que milhares de anos de uniformes militares nos renderam? Camuflagem. Com o advento da camuflagem veio a incapacidade de distinguir entre exércitos. Mais soldados morreram vítimas de fogo amigo do que em qualquer outro ponto da história militar. Era como uma casa de espelhos: os soldados enfrentando imagens distorcidas de si mesmos, disparando meio que no susto. Tornou-se uma questão de se esconder, surpreender, não diferente de usar uma guarita de caça. Surpresa era a palavra do dia. E com razão. Tudo era uma emboscada. Você consegue imaginar dois exércitos se enfrentando em campo aberto hoje em dia? Você consegue imaginar nossos generais inaugurando formalmente uma batalha? Apertando as mãos?! Não. Agora, nós nos escondemos. Nós nos escondemos porque eles se escondem, e eles se escondem porque nós nos escondemos, e todo mundo se esconde porque ninguém mais quer ficar ao ar livre.

O Fim das Cores Brilhantes.

Philip se inclina contra a parede de madeira à direita para contornar o que parece ser um asiático, outrora um soldado vestindo uniforme branco, agora uma fruta espatifada no chão.

Philip tinha respondido que Greer estava errado. Mas agora entende.

Você não concorda?, retorquiu Greer, sorrindo sob o sol do deserto. *Neste exato momento, existem cinco mil espécies de insetos e outros animais escondidos, nos observando, nos ouvindo. E descobrimos como nos camuflar nas árvores. Será essa a nossa grande conquista, soldado Tonka? Finalmente somos tão espertos quanto os insetos?*

A lanterna de Philip volta a piscar, e ele a bate contra a coxa. Está tremendo, mas não de frio.

— DUANE! ROSS! LARRY!

É quase como se ele tivesse medo de chamar o nome de Greer, confirmando todas as teorias do historiador.

Philip olha para baixo e vê o crânio esmagado de um homem de cabelo comprido.

LARRY?

Não, não é Larry.

Mas por que não seria Larry mais adiante? Por que não todo o pelotão?

Philip sente uma onda, um rasgão no ar. Ele se prepara, esperando o som doentio.

— Pessoal — diz, agora com a voz calma, como se a exposição à morte e a lembrança das palavras de Greer tivessem tirado algo dele, uma peça vital, uma força interior, a propulsão, o motor que o movimenta.

Mas não vem nenhuma força, nenhuma ondulação, nenhum som.

Ele avança.

À frente, o retângulo de luz não parece maior.

A que distância está? Philip não sabe.

Ele avança.

Ele vomita. O som agora está um pouco mais alto.

Aquilo passa.

Philip se curva e segura o cabo lascado de um pesado porrete. Sem arma de fogo, mas novamente armado. O som é sutil embora constante, onda após onda, como se estivesse se aproximando do centro vital daquele lugar.

Ele abre a boca para chamar os amigos e sente mais uma vez a cola, seus lábios como mel espesso.

Ele se move.

Ele manca.

Ele segura o porrete com mais força.

Atrás dele, a morte.

À frente, uma porta.

O corredor está tão inclinado que Philip acha que os corpos vão deslizar pelo chão e se amontoar ao pé daquela porta, bloqueando o estreito retângulo de luz.

Ele usa o porrete como bengala, crava a ponta cravejada no cascalho e avança.

Crava. Avança. Crava. Avança.

Quando alcança a porta, a luz que vem de lá de dentro revela um corpo nu a alguns centímetros do retângulo.

Como o homem lhe parece familiar, ele se agacha. Não que Philip o conheça. Seus traços faciais não lhe despertam lembrança alguma. É que Philip reconhece o *tempo* de onde vem aquele soldado.

Ele se parece com qualquer soldado da Segunda Guerra Mundial.

Placas de identificação são tudo o que resta para cobrir o corpo do homem. Philip as lê.

ROGER KINGMAN

Roger Kingman, Roger Kingman, Roger Kingman...

Ele conhece esse nome?

Quando Philip se levanta e encosta na porta, descobre que está destrancada, aberta, e a madeira sob a palma de sua mão cede facilmente, deixando-o ali parado, exposto, no limiar de uma sala inteiramente iluminada.

O rumor persiste. Mas de onde vem?

Philip olha para a esquerda, para a direita, vê o vermelho na parede oposta, um retângulo vermelho ao centro... não, uma forma que ele reconhece imediatamente, porque é algo que significou muito para ele em cada fase de sua vida.

É um piano.

Pintado de vermelho.

Philip observa atentamente. Olhos arregalados. Suando. Ferido. Com medo. Parece um pesadelo, embora mais quente, enganosamente quente.

O piano dá a impressão de que está pronto para um concerto. Cercado de microfones, parece preparado para uma gravação. Como se subitamente pudesse começar a falar e finalmente explicar tudo para Philip.

Ele entra na sala.

Acima do piano, na parede, um bumbo de bateria.

Vermelho.

Bem no centro há uma pintura de um bode com longos pelos brancos. E, embaixo do bode, as palavras:

DEUS DE TODAS AS COISAS PEQUENAS

BODES.

Philip toca a tecla fá ao redor do pescoço. O fá de seu próprio mundo.

Meu Sol Se Refaz.

Ao alcançar o piano, Philip deixa o porrete apoiado no banco. Olha para as teclas e pensa em Detroit. Lembra-se de estar no porão, apenas um menino, aprendendo a tocar piano sozinho. Ouve os passos da mãe na escada. Sente a mão da mãe em seu ombro.

De perto, a pintura vermelha parece velha. Descascada.

Seu primeiro recital. Conhecendo Ross. Aprendendo suas músicas favoritas do rádio. Compondo as próprias canções. Os Danes. Os Danes na garagem de Larry. Os Danes tocando no Martha's Pub na noite antes do embarque para a guerra. Os Danes no treinamento básico. A lenda do Louro Maluco no acampamento. A guerra e as conversas durante a guerra, os quatro, os Danes, ruminando ideias, expressando sonhos, dizendo QUANDO VOLTARMOS, ah, QUANDO VOLTARMOS, vamos começar uma coisa especial QUANDO VOLTARMOS PARA DETROIT. Então, *fazendo* aquilo. E mais. Gravando um hit, "Be Here", uma canção que mudou a vida de Philip, assim como validou a vida que ele já estava vivendo.

"Be Here" tornou-se a trilha sonora de Philip no Caminho.

E, agora, o Caminho o levou até um piano.

Outra vez.

Philip respira fundo e expira lentamente.

Então, como qualquer músico faria após acabar de entrar em uma sala com um piano, ele ergue o dedo indicador direito com a intenção de distraidamente tocar uma nota. Ele mantém o dedo, brevemente, sobre as teclas.

Qual nota?

Um fá. É claro. Como a tecla que leva no pescoço.

Fá para o final de mi, sol, si, ré, fá e o início de fá, lá, dó, mi. Para o fim de um caminho e o início de outro.

Enquanto seu dedo baixa em direção ao piano, ele pensa, desesperado: *Talvez os outros me ouçam. Talvez saibam que quem está tocando sou eu.*

Contudo, no meio segundo que seu dedo leva para alcançar a tecla fá, ocorre-lhe um pensamento muito mais perturbador.

É o ângulo dos microfones. A disposição dos suportes.

E também a cor vermelha em um canto da sala, aparecendo subitamente para Philip, junto com uma voz:

— Eu não faria isso se fosse você.

Mas é tarde demais.

Philip já está fazendo.

E, no momento, em que a ponta do seu dedo faz contato com a tecla, Philip compreende inteiramente, sem sombra de dúvida, que aquele piano é a fonte do som que eles foram enviados para encontrar.

Mas é tarde demais.

Ele está pressionando a tecla.

Uma nota.

E o som que irrompe do piano quebra quase todos os ossos de seu corpo.

De uma só vez.

51

— Isso foi... fantástico.

Dessa vez, Ellen é a pessoa deitada na cama, fitando os olhos de Philip. As sombras na unidade realçam a irregularidade do rosto dele, seus traços incongruentes. Mas agora ele não é mais monstruoso; nunca mais. E, apesar da realidade parada ao seu lado, ela vê o rosto que ele tinha quando apareceu na capa do 45 rpm de "Be Here".

— Olá, Ellen.

— Eles queriam mandar você de volta — diz ela.

A expressão de Philip não muda.

— Eu sei. E estavam quase conseguindo. Mas evitei que isso acontecesse.

Ele se agacha ao lado da cama. Com os dedos curvados de forma não natural, ainda curando muito rápido — e da maneira errada —, Philip estende a mão, toca o cabelo de Ellen e corre os mesmos dedos pela maciez branca de seu rosto. Ele faz uma pausa em seus lábios.

Philip a beija.

Então conta quase tudo para ela. A missão, Lovejoy. O homem da mina.

— Dá para imaginar? — pergunta Ellen, espantada. — Enviar alguém de *volta* para o mesmo lugar que fez isso com ele? Você merece uma medalha, Philip.

Mais uma vez, nenhuma mudança na expressão.

— Então, para onde vamos? — Ellen se senta. — Eu estava pensando na Califórnia. Havaí. Eu não...

Philip volta a tocar os lábios dela. Os mesmos dedos que acabaram de tocar a música mais angustiante que Ellen já tinha ouvido na vida.

— Venha comigo — diz ele.

— Para onde?

— Vou para o único lugar aonde eles não imaginam que eu vá.

Ellen balança a cabeça em negativa.

— Eles vão saber que você está em Detroit, Philip. Você não pode ir para casa.

— Não vou para casa.

— Vai para onde, então?

— Vou voltar, Ellen.

Ellen ergue a mão para lhe dar um tapa. Ela se contém.

— Não.

— Sim.

— *Por quê?*

— Os Danes.

— Como você sabe que eles estão lá?

— Aprendi muito no escritório. O relatório do piloto do helicóptero que me resgatou disse que eu era o único corpo na praia. E o fato de eu estar na praia significa que o sujeito me levou até lá.

— Para quê?

— Para se exibir. Não sei. Mas vou perguntar para ele. Depois que ele me mostrar onde estão os Danes.

— O governo — diz ela, por fim. — Eles vão saber. Vão seguir você até lá.

— Eles já sabem onde fica.

— Como assim?

— Lovejoy sabia. Ele era nosso sargento. Ele sabia. E eu fui ferido nove dias antes de o avião chegar. E, mesmo assim... fui resgatado. Eles estavam observando, Ellen. Quando me perguntavam o local de origem do som, não estavam pedindo coordenadas do deserto. Queriam um mapa da mina.

Ellen pode ver nos olhos de Philip que a decisão já foi tomada. E quem é ela para impedi-lo de ir atrás dos amigos?

Ela olha para o grupo de novo, os quatro na capa do 45 rpm.

Então se levanta da cama, faz menção de deixar a unidade.

— Aonde você vai?

— O efeito das drogas vai acabar — diz ela. — E você vai precisar de uma enfermeira.

— Eu já peguei as drogas.

— Tudo?

— Tudo. Mas usei um pouco.

— Philip. Quanto você...

— Não em mim.

Philip não precisa dizer o nome para Ellen saber em quem ele tinha aplicado aquilo. O único rosto que faltava na câmara de horrores do Tanque de Testes.

Ellen sai da unidade e volta trazendo diversos objetos. Um passaporte. Um relógio.

— Pegue isso — diz. — É seu.

Ela estende uma única tecla de piano, um fá, pendurando em um cordão.

— Eles passaram semanas analisando esse negócio — diz ela. — Achavam que tinha alguma coisa a ver com a forma como você se feriu.

Philip ri, mas sem humor.

— O quê? — pergunta Ellen. — Eles estavam certos?

— Eu explico no caminho.

— No caminho — repete Ellen. — Philip, acho que é minha obrigação dizer isso pelo menos uma vez. Se eu não disser agora, isso vai ficar querendo sair de dentro de mim o tempo todo. Entendo que os seus amigos podem estar lá no deserto, podem até estar vivos, mas é algo que preciso dizer ao menos uma vez. — Ela respira fundo. — Eu não faria isso se fosse você.

Ellen espera que ele fique furioso. Espera que Philip vá embora sem ela. Mas não conta com a epifania que vê nos olhos dele.

— Meu Deus — diz Philip.

Ele parece estar sonhando acordado, como se Ellen tivesse acabado de pronunciar palavras mágicas.

— Sinto muito, Philip.

— Eu sei de onde conheço aquela voz, Ellen.

Mas Ellen não tem como saber o que ele está dizendo. Não tem como saber que Philip passou muitas horas naquela mesma unidade tentando se lembrar de um sotaque, uma voz, uma maneira de falar.

— Não era um fantasma da Segunda Guerra Mundial. Era *ele*.

Ele se lembra do nome *Roger Kingman* nas etiquetas de identificação penduradas no pescoço do homem nu. Nu, porque suas roupas tinham sido removidas; removidas e vestidas; o velho soldado no corredor; a barba branca escondida por um lenço amarelo, louco o bastante para contar sua própria história a Philip: dois músicos em uma mina; um estrangula o outro e permanece lá embaixo.

Philip se lembra da fantasia de chifres e cascos pendurada em uma sala alguns milhares de anos no passado.

Imagina um homem perturbado, enganador. Um homem que gosta de se fantasiar.

Um louco fantasiado.

Será que ele estava muito perto de pegá-lo? De encontrar seus amigos? De acabar com aquilo antes que fosse longe demais?

— Meu carro está lá fora — diz Ellen. Ela apoia um braço nos ombros dele. — Você tem certeza de que consegue lidar com isso?

— Tenho.

E, pela primeira vez em muito tempo, Philip sente o solo fértil, a terra abundante e rica, a base inconfundível do Caminho sob seus pés.

PARTE 2

52

Lanternas, sacos de dormir, facas, fones, protetores de ouvido, água, pão, enlatados, coturnos, cobertores, ceroulas, meias, fitas e armas.

Só por garantia.

A garota na caixa registradora olha fixamente para o rosto de Philip, como se ele fosse um monstro. Ela sorri, nervosa. Ele é gentil, mas silencioso. Ellen paga a conta.

No estacionamento, atrás do volante do New Yorker, Ellen aponta para um envelope que Philip está abrindo e pergunta:

— O que é isso?

— Anotações do governo — responde ele. — Mais informações, além das que o secretário Mull nos forneceu a respeito dos pelotões que foram enviados ao deserto antes de nós. Peguei tudo no escritório. Estou procurando o nome de Lovejoy.

— O que diz aí sobre ele?

— Até agora, nada. Ainda estou procurando.

— Mas você acha que ele sabia o que havia lá embaixo.

— Acho que ele sabia *quem* estava lá embaixo. Mas não o quê. E talvez ele fosse tão curioso quanto qualquer um.

Um general rebaixado. Continuar no Exército. Por quê? Estaria esperando por essa missão específica?

— A Roda de Greer — diz Philip.

Voltando.

— Bem, quero falar sobre a roda de Ellen. Ela está precisando de um pouco de ar — diz a enfermeira.

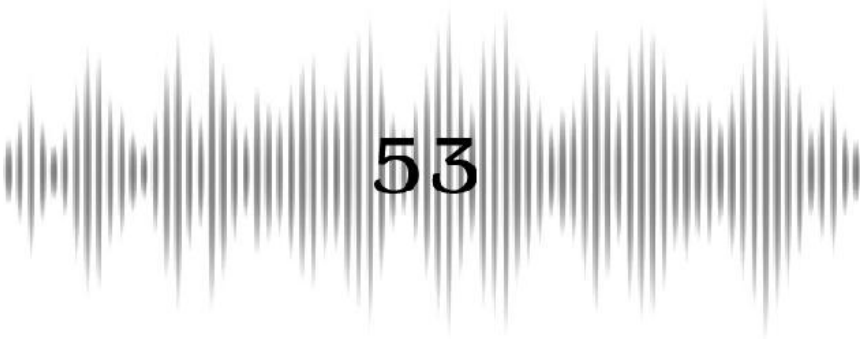
Ellen tira o carro do estacionamento, atravessa a rua e para no posto de gasolina do outro lado. Philip ajuda a encher o pneu, e, talvez por causa do som da mangueira de ar ou do rumor do tráfego na estrada, pensa no som. Pensa muito nele.

Philip se pergunta se está voltando para a África pelos motivos certos.

Será exclusivamente por causa dos Danes?

Ou será que, assim como o homem que vive ali embaixo há mais de vinte anos, ele enlouqueceu, se desconectou da realidade e perdeu décadas de sua vida por causa daquilo...

... será que Philip está sendo atraído pelo som?



53

O próximo voo para Joanesburgo parte na manhã seguinte. Cedo. Às 5h10. Esta noite, às nove, Philip reproduz o som para Ellen. Ela está deitada na cama do hotel, ainda completamente vestida, os braços cruzados sobre a barriga.

— Acho que você vai precisar se sentar — sugere.

Com certo medo nos olhos, Ellen se senta.

Philip insere as fitas tiradas da sala técnica do Tanque de Testes no gravador de fita portátil que encontrou no escritório. Imagina homens do governo vomitando uns nos outros enquanto ouviram aquilo.

Agora, com tudo pronto, ele atravessa a sala e beija Ellen. Os dois conversaram muito sobre esse assunto a caminho do aeroporto, na fila do guichê de passagens, no trajeto até o hotel. Se Ellen vai com ele até o deserto, precisa saber como é aquilo.

— Dois minutos — diz Philip. — E vai doer.

Ellen assente. Ela parece mais bonita que o normal. Pálida e delicada.

— Está pronta? — pergunta Philip.

— Não.

— Não?

— Vá em frente. Pode tocar.

— Amo você — diz Philip.

— Espere. O que disse?

— Amo você.

— E está me dizendo isso agora? Justo agora? Para depois me fazer vomitar?

Philip sorri, mas está preocupado com ela.

Ele aperta o play.

E sai do quarto de hotel.

Lá fora, na varanda, verifica as passagens aéreas. Duas escalas. Cinco horas até Baltimore, com uma parada de três horas. De lá, duas horas até Atlanta. Só deixarão os Estados Unidos no dia seguinte, às sete da noite.

Philip olha para o outro lado do estacionamento. Observa os carros.

Qualquer um deles poderia ser do governo.

Qualquer um deles poderia estar seguindo seus rastros.

Joanesburgo fica a quinze horas de Atlanta. Um voo comercial, quase completamente diferente daquele de seis meses e meio antes.

Philip traz as passagens para perto do rosto e dessa vez observa os dedos que as seguram. Severamente feridos, tortos, alterados para sempre. Abaixo dele, no pátio do hotel, há uma banca de jornais. De onde está, Philip consegue ler a manchete:

GUERRA À VISTA

Ele se vira para o quarto de hotel. As cortinas estão abertas. Ele observa o próprio reflexo no vidro. Há algo de adequado no novo rosto que vê ali.

Além de seu reflexo, o gemido abafado de Ellen atravessa a porta fechada do quarto.

Ele a ouve engasgar, ele a ouve vomitar. Ela também fala. Sílabas abafadas, graves, como se sua voz tivesse sido desacelerada para um quarto de velocidade, algo que não é natural.

Ele lembra o som da escada rangendo, a mãe vindo buscá-lo para o jantar.

Philip, disse ela certa vez, com a mão sobre o seu ombro. *Você ainda vai ser um grande músico.*

Como você sabe?

Queria desesperadamente que aquilo fosse verdade.

Porque você se preocupa com o som que faz.

Philip põe as passagens no bolso e entra no quarto do hotel.

Ellen está no tapete, com bile e vômito entre as mãos.

Philip para a reprodução.

Ele espera.

Ela se senta de volta e limpa a boca com um lenço. Demora alguns minutos para dizer alguma coisa.

— Mal posso esperar.

Mas a piada é só mais ou menos engraçada.

Philip se senta ao lado dela para abraçá-la e diz que a ama.

Mais tarde, fazem amor pela primeira vez. Antes, Ellen administra as drogas. Sem aquilo, ele não consegue nem se mexer. Sem aquilo, seu corpo é uma radiografia que respira.

Naquela noite, Ellen sonha com Philip parado no escuro do quarto de hotel. Sonha que ele está medonho. Os ferimentos estão negros, e os ossos romperam sua pele. No sonho, ela se levanta e corre até o banheiro, pega mais drogas, as injeta. Então, lentamente, seu corpo e seu rosto voltam a ser como ela sabe que eram.

Um dia as drogas vão acabar, diz ela, quando Philip se recupera.

Ele assente.

Eu sei.

54

Todo mundo fuma no voo para Baltimore. A fumaça lembra Philip do nevoeiro onde o oceano Atlântico se encontra com a areia do deserto do Namibe. Se estreitar os olhos, pode se imaginar lá. Ouve Ross falando dos cem mil dólares, Duane reclamando da confusão de fios e explicando a melhor maneira de enrolá-los. Stein tira uma foto de Larry, que ergue a fita de rolo e diz: *Estamos caçando sons. Esta é a nossa armadilha!* Greer estuda a paisagem, falando sobre como há evidências de que o deserto do Namibe foi lar do "primeiro homem", e como um lugar tão vazio, tão exposto, deve esconder segredos.

E Lovejoy.

Lovejoy, que estava sempre separado dos outros, olhando ao longe, embora possivelmente nunca ao acaso.

Philip tem pensado muito em Lovejoy.

Quando aterrissam, e depois de terem coletado a bagagem, Philip diz para Ellen que voltará logo. Ele a deixa na sala de espera de seu voo de conexão e caminha em direção aos banheiros. Logo depois dos banheiros ficam os telefones públicos.

Philip liga para casa. Sua mãe atende.

— Mãe — diz Philip. — Estou vivo.

55

Como Philip fala muito sobre o passado, sobre assombrações residuais e sobre o fato de que o som, a frequência, é capaz de "despertar fantasmas", Ellen pensa na filha.

Ela não consegue — e não *quer* — evitar esses pensamentos. O voo de Atlanta para Joanesburgo leva mais de quinze horas e Ellen opta por passar esse tempo pensando em Jean. Ao embarcar, cada passageiro recebeu um cartão-postal. As comissárias sugeriram que todos escrevessem sobre sua experiência no avião e postassem os cartões no aeroporto de Joanesburgo. *Faça seus amigos morrerem de inveja*, disse um dos pilotos, antes de piscar para Ellen.

Agora, muitos passageiros estão fazendo exatamente isso. Perdidos em pensamentos, ocupados com suas observações, com o que dizer, como descrever a comida (lagosta), os assentos (não reclinam mais como antes!) e os outros passageiros (muita fumaça! E o homem do meu lado ronca!).

Ellen escreve para a filha:

Jean:

Estou em um voo para a África, acredita? E apaixonada. Gostaria que você estivesse aqui. Gostaria que você estivesse em toda parte.

Philip está dormindo na poltrona ao lado. Seus dedos se movem silenciosamente sobre o joelho. Como se estivesse tocando piano durante o sono.

Ellen olha para os outros assentos e vê uma menina olhando para ela. Sorrindo.

Ellen acena.

É bobo, mas quase pensa ser capaz de ouvir a música que Philip está tocando. Do lado de fora da janela o mundo é apenas nuvens, e então o mundo é apenas água. Cenários apropriados, pensa Ellen, para fantasmas.

Talvez Philip esteja tocando para eles.

Jean.

No quarto de hotel, Ellen ouviu o som. Isso a deixou mal, e ela não quer ouvir aquilo nunca mais. E, no entanto, sabe que vai ouvir.

Talvez Philip esteja tocando para aquele momento, uma trilha sonora para o dia em que ele mudou.

Ellen olha para fora da janela e ouve uma melodia maravilhosamente triste. Soa como as nuvens. Como o oceano. Como duas pessoas viajando em direção a algo terrível, poderoso e verdadeiro. Olha de volta para a frente, mas a menina já não a observa.

Ellen termina o cartão-postal para Jean.

> *Philip diz ter visto fantasmas no deserto, Jean. Para alguns, isso pareceria uma loucura. Mas, para mim… é o suficiente. Pois, se Philip viu um fantasma, então por que não haveria muitos outros? E, se há muitos fantasmas, com certeza você é um deles. Está vendo, Jean? Philip me devolveu você.*

Ellen escreve, Philip toca, e o mundo exterior se torna noite, então dia outra vez.

Quando aterrissam em Joanesburgo, Ellen já não tem medo das histórias de Philip sobre corredores confusos em um escuro covil subterrâneo.

Ela está pronta.

56

Quando cruzam a fronteira do protetorado da Bechuanalândia, Philip não está muito bem. Ele sente dores em todo o corpo. Algo tão simples como ajustar a posição no assento do ônibus é suficiente para fazê-lo gritar de dor. Por ele estar muito machucado e visivelmente destruído, os passageiros, quase todos africanos, olham e então, educadamente, desviam o rosto.

O que é bom.

Isso dá oportunidade para Ellen administrar as drogas discretamente.

— Sabe, tenho certeza de que fui demitida por *não* ter lhe dado isso e, agora, olhe para mim: a primeira a tirar a droga da mochila.

— Estou mal — diz Philip.

— Bem, não por muito tempo.

Debaixo do casaco, Philip desabotoa a calça e a abaixa. Esse gesto é excruciante.

Ellen aplica a injeção.

O efeito não é instantâneo, mas ele logo consegue relaxar por dentro e volta a compreender a potência das drogas que vinha recebendo no Macy Mercy. É a segunda vez que passou um longo tempo sem elas, e não quer que isso aconteça novamente.

Mas seu estoque não é infinito.

— Será quanto tempo de caminhada? — pergunta Ellen, obviamente preocupada.

— O ônibus vai nos deixar em Walvis Bay, no litoral. De lá são mais três dias de viagem. Vamos comprar água e comida em Walvis — diz

Philip.

— Sabe, às vezes sinto que já consigo ouvir — comenta Ellen.

— O som — diz Philip. Não é uma pergunta.

— Sim.

— É assim que funciona — explica ele, sentindo-se mais forte, erguendo-se no assento. — Não paro de ouvir o som desde que o ouvimos no estúdio.

— Ótimo — diz Ellen. — Então você está me dizendo que arruinou minha vida?

Philip sorri.

— Venha cá.

Ellen se inclina em sua direção.

— Mais perto.

Ela se aproxima.

Philip beija sua orelha e sussurra:

— É uma boa música.

— Ah, é? Você me convenceu de várias coisas, Philip Tonka, mas não vai me convencer disso.

Philip se inclina para trás.

— É uma boa canção porque soa exatamente como o músico está se sentindo.

Ellen balança a cabeça.

— Se é assim que ele se sente, estamos indo conhecer um louco.

Philip também balança a cabeça e diz:

— O músico não é o homem na mina. É alguém muito mais velho do que ele...

57

O deserto é gelado durante a noite. Mas, desta vez, Philip está mais bem preparado. E tem uma mulher ao seu lado. Ambos se mantêm aquecidos.

Encolhidos sob cobertores, mochilas e roupas, dormem junto ao fogo que ilumina uma pequena parte do que parece um breu infinito para Ellen, do deserto ao céu.

Ambos adormecem e são despertados pelo som. Philip, sentindo dores novamente, pega os abafadores ao lado e entrega um par para Ellen. Eles cobrem os ouvidos, mas o som é forte, ainda perturba, como dedos cutucando: *deixe-me entrar, DEIXE-ME ENTRAR*.

O céu é uma noite sem estrelas, negra, obscurecida pelo nevoeiro. Existem outros sons também. Algo arranhando. Insetos. E Ellen acha que alguns desses sons soam como coturnos. Do Exército. Os passos lentos e pesados de antigos soldados trazidos de volta à vida.

58

Na segunda noite, após um dia exaustivo de caminhada pelo deserto, eles pernoitam em um dos prédios deixados pelos mineiros dos anos 1920 e 1930. Poderia ter sido uma casa de dois quartos se tivesse sido dividida dessa forma. Em vez disso, é um espaço aberto, sem paredes interiores, que provavelmente abrigava escrivaninhas, documentos, livros de contabilidade e diversas ferramentas de limpeza e ampliação, usadas para melhor avaliar um aglomerado de diamantes.

Agora, há somente areia.

A areia está alta o suficiente para transbordar pelas janelas, ligando o interior da estrutura ao deserto lá fora. Após nivelarem um espaço amplo o bastante para os dois dormirem, Ellen e Philip deitam lado a lado sobre um cobertor, olhando para o teto escuro. Lá fora, a lua e as estrelas produzem iluminação suficiente para dar ao deserto uma aparência de *brancura*. Como se a areia mudasse de cor conforme o sol mergulhava no horizonte e a lua revelasse os grãos mais claros.

Aquele prédio não era visível a partir da rota que o pelotão percorreu ao seguir as marcas de cascos até a mina. Mas Philip tem seu ponto de referência.

As cinco dunas, erguendo-se como dedos, como a mão de um Polifemo, emoldurando a entrada da mina, onde certa vez Philip viu Ross nadando, convidando-o a entrar na água fria.

Será que verão alguma outra coisa no dia seguinte? Ou aquilo parecerá o que de fato é... um buraco abandonado na areia?

Pouco antes de adormecerem, o som retorna.

Enquanto vomita, Philip tenta relembrar o caminho pelos corredores, a sala com os chifres e os cascos pendurados, até a cela mais além.

Os Danes devem estar por perto. Mas localizá-los não será fácil.

Philip adormece imaginando corredores que levam à direita e à esquerda, e as inúmeras decisões que terá que tomar lá embaixo.

Ao amanhecer, ele chama Ellen até uma das janelas e aponta para as cinco dunas ao longe.

E o deserto, inteiro, parece ressoar com um terrível e invisível poder quando recolhem suas coisas, saem do pequeno prédio e se vão.

59

À beira do buraco, eles já não falam.

Seus ouvidos estão protegidos sob tampões, gazes, abafadores e capacetes. Mas Philip sabe que essa proteção não é suficiente.

O rosto de Ellen parece muito pequeno embrulhado como está.

A própria entrada para a mina parece uma orelha. O deserto, pensa Philip, deve ter ouvido os dois chegarem.

E, apesar de estar no mesmo lugar de antes, a imagem é tão nova para ele quanto está sendo para Ellen.

Ele se pergunta se, à luz de suas lanternas, o restante do pelotão viu seu corpo lá embaixo, no fundo, sendo arrastado para longe.

Philip calcula que é uma queda de quase cinco metros.

Há uma maneira melhor de descer: Ellen já está descendo uma escada, degraus de aço encravados na terra dura. Alguns estão enferrujados, todos são muito velhos, e, quando Philip começa a descer, imagina dois músicos ingleses com roupas vermelhas, violões amarrados às costas, discutindo as músicas que tocarão para os mineiros.

Lá no fundo, com a escuridão dividida pela luz de suas lanternas, Philip ilumina um triângulo vermelho sobre um arco, uma entrada, o início do labirinto. Ele aponta para as letras brancas bordadas no tecido vermelho desbotado.

BODES.

Evidentemente, uma flâmula. O mascote do time favorito de uma criança.

Para Ellen, é como assistir ao sonho de um amigo se materializar, uma história loucamente improvável, reconstruída a partir de pequenos fragmentos da verdade, evidências físicas, provas de uma história na qual ninguém acreditaria.

Eles passam sob o arco e entram na mina.

Philip procura pegadas, qualquer tipo de pegada, talvez as marcas deixadas pelo próprio corpo, quando foi arrastado há mais de seis meses. Mas não há nada disso. A terra abaixo deles parece ter sido varrida, como se o louco soubesse que viriam.

Eles chegam a um novo corredor e dobram à esquerda. A decisão é arbitrária, desde que haja uma sensação de que estão se aprofundando. Outro corredor. Esquerda outra vez. Então, direita. O chão está se inclinando. Philip não para de olhar para as paredes, à procura da porta de uma cela, à procura dos Danes.

Não há nenhuma evidência de que alguém tenha passado recentemente por ali. Fica a impressão de que, nos seis meses desde que Philip foi ferido, o sujeito tivesse ido embora, desaparecido levando tudo com ele.

Tudo, menos o som.

Apesar dos tampões, dos abafadores e do capacete, Ellen já vomitou duas vezes. O som vem em ondas, ondas das quais Philip se recorda, ondas que ele pode sentir, mas que mal consegue ouvir.

Não teme mais o som.

Outra direita. Outra esquerda. Nada de celas. Nada de portas. Nada dos Danes.

Mas o som persiste.

Após quatro horas de descida, param para comer. Agachados no escuro, em silêncio, compartilham frutas secas e pão e bebem água dos cantis. Philip tira os protetores. Ellen gesticula para que ele não faça isso. É melhor prevenir do que remediar. Ali embaixo, é melhor ser surdo.

Mas Philip não teme mais o som.

Mais uma hora de descida, e Ellen administra as drogas outra vez. As agulhas parecem dedos finos sob as luzes minguantes, e Ellen pensa nos dedos da morte que costumava espantar nas unidades no Macy Mercy.

De pé novamente, avançando, prosseguindo.

Oito horas de descida, e Philip aponta para a madeira lascada de uma porta fechada, sem maçaneta, e Ellen sabe que foi atrás dessa porta que ele descobriu a fantasia. Os chifres e os cascos. O casaco e a calça vermelha da banda do Exército. No entanto, esses itens não estão mais lá quando os dois entram.

Philip cruza a pequena sala e abre a segunda porta, para o lugar onde Ellen sabe que ele descobriu um prisioneiro em uma cela. Philip já está junto à janela gradeada, iluminando seu interior, quando Ellen o alcança.

Quase surda, ela pensa ter soltado um arquejo ao ver o cadáver macilento. Mas talvez tenha gritado.

Philip ilumina o corredor e então o percorre, procurando outras celas. Outras portas.

Se esse prisioneiro foi ignorado, deixado para morrer... por que com os outros seria diferente?

Chegando a um beco sem saída de terra sólida, Philip dá meia-volta e conduz Ellen até a série de corredores onde viu as ruas de Detroit, os automóveis e o rosto dos amigos. Desta vez, ele só vê a verdade do lugar. O presente.

Mas Ellen vê sua filha, Jean.

Philip percebe que está andando sozinho, vira para trás e vê Ellen agachada no corredor, os dedos alisando o ar vazio à sua frente.

— Ellen!

Ela não levanta a cabeça. E, ao se aproximar, Philip percebe uma distância intransponível em seus olhos.

Então espera.

Philip observa enquanto ela ri, abraça o espaço vazio, chora e pede desculpas. Só quando ela faz menção de remover o capacete é que ele encosta nela, impedindo-a.

Os dois se olham, e Philip vê raiva no semblante de Ellen.

Ele segura o seu pulso e a puxa com delicadeza.

— Por aqui.

E, por um instante, Philip se pergunta se ela não seria capaz de tentar matá-lo. Se Ellen não o agrediria para ficar ali, com Jean, para sempre.

Mas, depois de uma faísca de compreensão, ela se levanta. Olha para trás, para onde Jean estava, e balança a cabeça.

Será que a menina se foi? Ou Ellen está dizendo para Jean que a mamãe não pode ficar ali?

Philip não pergunta.

Ellen é a primeira a continuar pelo corredor, seguida por Philip. Eles viram à direita, viram à esquerda. Chegam a becos sem saída que de algum modo ele evitara na última vez. Ellen para frequentemente para falar com alguém. Em dado momento, com terror nos olhos, aperta o braço de Philip. Ela o empurra, e ambos se achatam contra a parede, afastando-se de seja lá o que ela esteja vendo.

Philip não vê nada. Está imune. E só quando alcançam o topo da escada de madeira é que ele se sente exatamente como na primeira vez que esteve ali.

É apenas um homem, diz para si mesmo. Ele se lembra dos olhos velhos, das rugas, da poeira. Como o sujeito parecia frágil, trajando o uniforme da Segunda Guerra Mundial. Tão manso que Philip acreditou que estivesse morto.

Apenas um homem. Sim. Apenas um homem ali embaixo. E um homem pode ser questionado. Um homem pode ser derrotado.

Descem a escada e chegam ao que Philip chamou de "Corredor da Morte". Foi ali que ele viu dezenas de soldados antigos. Todas as guerras de uma só vez. Como se a roda-gigante da história tivesse se soltado e lançado todos os passageiros para fora.

Fantasmas.

Todos ainda ali.

Mas Ellen pode *tocá-los*. E é isso o que ela faz.

A porta que oculta o piano vermelho está a menos de seis metros. Foi ali que o corpo de Philip foi alterado, que sua mente mudou, que sua vida começou de novo. E, no entanto, ele espera Ellen examinar os soldados do passado, os homens impossíveis de eras passadas que não apodrecem, que não pertencem a esse lugar, que foram despertados por um som forte o bastante para inutilizar armas, quebrar os padrões dos ciclos e lhe trazer Jean outra vez, mesmo que por um instante.

Quando Ellen se levanta, Philip está a poucos centímetros da porta, encarando-a.

Ele apoia a palma da mão na madeira e a empurra.

A porta se abre facilmente.

Philip está pronto para ver o piano, mas não está preparado para o homem sentado diante do instrumento.

De costas para os visitantes, de mãos erguidas, prestes a tocar.

Prevendo o corpo destruído de Ellen, imaginando-a tão esmagada quanto o corpo que Lovejoy encontrou no deserto, Philip abre a boca para gritar *PARE!*, mas é tarde demais.

Os dedos do homem de vermelho já estão descendo em direção às teclas, às notas...

... o som.

60

Mas os dedos param sobre as teclas e balançam, como os bonecos vampiros que se sentam em caixões na casa assombrada de Mackinac Island.

Sem fôlego, com braço inutilmente estendido para proteger Ellen, Philip espera.

Quanto mais observa, vai ficando mais claro quem está sentado ao banco do piano.

A figura é cadavérica. Usa uma peruca. E o casaco e a calça vermelha estão frouxas no corpo.

Philip entra na sala.

Acima do piano está o enorme bumbo com o bode branco. Os microfones estão dispostos exatamente como antes, todos voltados para os martelos dentro do piano vertical. Antes de alcançar o sujeito, Philip vê o rosto mumificado, as órbitas vazias, os lábios secos e finos refletidos no metrônomo de ferro, que está parado. Ele se inclina sobre os ombros da coisa e observa seus dez dedos esqueléticos, suspensos a meio caminho do toque nas teclas.

Philip sabe que aquilo é o outro músico inglês. Outrora amigo do homem ali embaixo.

Ellen se aproxima de Philip, e, atrás dela, a porta se fecha lentamente.

Então, um estalo. Então, uma voz. E o efeito que Philip conhece muito bem.

A inconfundível estática de um microfone de sala técnica.

— Você — diz o sujeito. — Eu arrastei você até a praia. Um aviso, como dizem. *Não mandem mais.*

A uns dez metros à esquerda do piano vermelho há uma parede de vidro, e, do outro lado, um homem fantasiado, falsos cascos apoiados sobre a mesa de som, chifres tão grandes que quase alcançam o teto.

O vermelho de seu uniforme contrasta com o prateado girando atrás dele.

Philip nunca viu tantas fitas rodando ao mesmo tempo. Uma centena, talvez duas, girando simultaneamente, uma parede de fitas em *loop*, capazes de sustentar um som para sempre.

A barba de bode do sujeito se estende até os dedos finos, apoiados na cintura. E o fogo em seus olhos está ardendo.

— Onde eles estão? — pergunta Philip.

O homem leva um dedo aos lábios. Sua unha, suja e afiada, tem cinco centímetros de comprimento.

— Eu não faria isso se fosse você — diz ele, apontando para o piano.

— Onde eles estão?

Uma chama cintila nos olhos do sujeito, como se refletindo um incêndio invisível.

— Eu me pergunto o que é isso para você — diz ele. — Eu me pergunto o que você *vê* aí na sala.

Philip olha para o piano vermelho e depois para Ellen:

— É um piano.

Entretanto, soa mais como uma pergunta.

Ellen balança a cabeça. *Não, não estou vendo nenhum piano, Philip.*

— Um piano! — exclama o sujeito atrás do vidro. — Maravilhoso! Para *você*, a Criação começou com um piano. Você acreditaria em mim se eu lhe dissesse que coloquei os ossos do meu caro amigo aí diante de uma tela em branco, um pincel entre seus dedos descarnados?

— Onde eles estão? — pergunta Philip mais uma vez, agora com mais raiva.

— Você nunca sabe o que vai encontrar se continuar escavando — diz o sujeito, e, dessa vez, sua voz soa rachada, uma estática mais profunda do que a de qualquer engrenagem defeituosa. — Sabe,

muitos dos patriarcas eram deístas. Eles viam Deus como uma força que criou o universo e então se afastou dos assuntos humanos. — Philip olha para a tinta vermelha. Vê uma onda sutil inundar o instrumento. — Mas será que algum deles parou para se perguntar... para onde ele *foi*?

Por um segundo, *parece* que o inglês mumificado está sentado diante de um cavalete. Então logo volta a estar sentado em um banco vermelho.

— Descobri a Criação — explica o homem. — Estava enterrada em uma caixa de areia monstruosamente destruidora. Ou, quem sabe, talvez seja apenas o vento passando pelos dentes do crânio do primeiro homem do mundo. — E, após uma risada nervosa momentânea, ele diz: — Toque para mim.

Pelo reflexo no metrônomo, Philip vê que Ellen está balançando a cabeça. Não, não toque para ele. Não, não responda. Temos que ir embora daqui, temos que ir embora daqui *AGORA*.

— Philip — diz ela. E Philip vê que ela tirou a proteção. — É hora de...

— Toque para mim — repete o homem. — Estou curioso. — Ele sorri, e a poeira se solta de suas faces. — Só um músico entraria em uma sala assim, depois de passar pelo que você passou, e tocaria uma nota no piano. Você é músico, não é?

Philip não responde.

— *Não é?!*

Ellen grita quando a voz distorce e faz estremecer as cordas simpáticas do piano.

— Onde estão os meus amigos? — Desta vez, porém, a voz de Philip está mais fraca.

Ele vê seus próprios traços irregulares refletidos no vidro, como se houvesse um monstro ali dentro, sentado com o sujeito junto à mesa de som.

— Precisamos trabalhar em conjunto. Ou não vamos fazer nada. Para mim, é magnífico saber que o que você vê é um piano. Só o fato de vermos alguma coisa já é incrível. Eu me pergunto, soldado, se seria a nossa mente nos pregando uma peça. Gostaria de saber se, por não conseguirmos compreender um som sem origem, acabamos

inventando uma origem para ele. Nossa maneira particular de evitar a sensação de inutilidade por termos perseguido um som sem origem. Agora, toque uma música para mim. Qualquer música. Então lhe direi o que aconteceu com os seus amigos.

— Onde estão...

— Sabe há quanto tempo não escuto uma música que não seja minha? Você sabe o que isso pode fazer com a mente de um homem, ouvir a mesma canção, feita com um pincel de crina de cavalo em uma tela em branco? Para mim, a Criação começou ali. Quando criança, eu pintava. E, quando criança, você tocava. Toque para mim, soldado músico. E eu lhe darei o que você quiser.

— A música vai esmagar você.

O homem ri.

— Construí uma sala e tanto aqui. Tive muito tempo para fazer o trabalho direito.

Philip se aproxima do piano. O cadáver no banco está ligeiramente inclinado, e Philip agora vê as cordas que o mantêm no lugar.

— Você sabia que a Criação supera a Destruição? Simples matemática. — O homem fala depressa. — Imagino quanto tempo você levou para entender isso. Eu me pergunto se agora você entende.

Philip se senta no banco, ombro a ombro com o inglês morto.

Será que, se ele tocar, o sujeito lhe dirá onde estão os Danes? E, se ele tocar... vai sobreviver?

No metrônomo, vê o reflexo de Ellen.

As fitas rodam na parede atrás do homem na cabine.

Ele tira os cascos da mesa de som e se inclina para a frente, olhos brilhantes.

No metrônomo, Philip vê a mão de Ellen sumir dentro da mochila.

— Lovejoy — diz Philip, olhando para as teclas. — Você o conhecia.

— Não muito bem — diz o homem. — Mas é um rosto memorável. Devo dizer que não fiquei surpreso ao vê-lo aqui embaixo. Nós nos conhecemos na Segunda Guerra Mundial, em um pub, em Londres. Foi a única vez que saí daqui, que voltei para a minha terra natal. Comprei o equipamento que uso agora. Acho que ele foi a única

pessoa para quem contei o que descobri. O solitário soldado a quem revelei minha descoberta. — Ele aponta para o piano. Para ele, uma tela. De costas para a porta de madeira, Ellen, está se injetando. — Acabei me arrependendo na época, mas eu não tinha como saber se ia mesmo levar isso adiante. Como alguém pode medir a seriedade com que considera algo que vai fazer até de fato colocá-lo em prática? — Ele bate de leve na cabeça do microfone da sala técnica. — A filosofia não viaja com a mesma velocidade que a tecnologia. Um homem leva quarenta anos para aprender aquilo que seu pai demorou quarenta anos para aprender. E, o que é pior, ele resiste às verdades que o pai aprendeu, até que ele mesmo as aprende. Mas a tecnologia não espera. Tudo o que um homem tem a fazer é adicionar outra peça ao quebra-cabeça tecnológico do pai, e as máquinas, as armas, os meios ficam mais fortes. No fim, você tem um exército com a mesma filosofia que os homens das cavernas, mas com armas de dez bilhões de mentes simplórias. Você não entende? O que estou fazendo é certo. Estou resistindo. Descobri o antídoto para a guerra. Para a história. Para os erros que repetimos como sociedade e os que nunca aprendemos como indivíduos. — Seu riso soa como uma chuva de granizo. — Contei para Lovejoy sobre o que eu tinha encontrado. Disse a ele o que estava vivo aqui e o que fiz para preservá-lo. E estávamos bêbados. Bebemos o máximo que um homem é capaz de beber. E eu estava empolgado. Com a minha ideia. Com isso. — Ele volta a apontar. No metrônomo, Ellen está aplicando uma segunda dose. — Ele tinha ideias estranhas. Eu diria que eram mais macabras do que as minhas. Talvez tenha sido por isso que nos demos bem. Dois perturbados de guerra. Dei para ele uma lembrança, uma braçadeira. Nosso lema. — Lágrimas em seus olhos. Ellen está agachada agora, deslizando pela parede de madeira. Está aplicando uma terceira dose. — *Meu sol se refaz* — diz ele. — Uma expressão apropriada, devo dizer! Na manhã do dia seguinte pensei ter perdido aquilo. — Ele faz uma pausa, como se a sua memória fosse feita de lama. — Você já decidiu o que vai tocar? Bach seria maravilhoso. Mas "Three Blind Mice" já bastaria.

Ellen não está mais visível no reflexo do metrônomo, e Philip percebe que ela está caída no chão atrás dele, sentindo o que ele

sentiu no dia em que o Dr. Szands surtou.

Philip olha para o bode pintado sobre o bumbo mais acima na parede. De perto, o próprio bumbo parece diferente. Uma rolha no gargalo de uma garrafa.

Como se houvesse mais espaço atrás.

— Você precisa cobrir esse bumbo — diz Philip.

Ele se levanta. Será que o homem também vê um bumbo ali? E Ellen?

Philip tenta arrancar a rolha.

— Sente-se.

Mas o que tem atrás disso?

— Vai deixar o som mais surdo, com mais energia.

— SENTE-SE!

Philip ouve cascos sobre a madeira. Então, no metrônomo, a cor vermelha, uma barba branca balançando e olhos lacrimejantes perdidos em um rosto envelhecido.

Ele sente uma mão fina e forte em seu ombro e pensa na mãe vindo buscá-lo enquanto procurava aquele lugar dentro de si mesmo, o centro das coisas, quando as escalas já haviam sido tocadas, e o exercício, terminado, aquele minuto mágico de criação, o minuto em que Philip estava livre.

O homem agarra o bumbo, que se torna simplesmente uma pintura pendurada na parede e, depois, volta a ser um bumbo.

De perto, ele é ainda mais velho. Parece mais morto do que quando fingiu ser um fantasma.

Philip olha para o piano, e a expressão do velho se modifica, como se tivesse acabado de perceber que está na sala errada, muito perto da fonte do som.

Criação. Desenterrada.

O homem tenta sair correndo. Philip o agarra pelo pulso.

Com sua nova força, a força da droga, ele agarra o velho com firmeza.

Então Philip, ainda de pé, ainda segurando com força o pulso fraturado, toca uma música de sua autoria.

Com uma das mãos.

“Be Here.”

Ele ouve Ellen gemer. Sente o ataque violento da onda sonora.

Mas não fecha os olhos.

Em vez disso, vê o homem de vermelho ser esmagado como uma lata, tão subitamente que parece que foi levado por um vento ou está sendo arrastado na esteira de uma imensa roda em movimento.

Ellen está caída de lado no chão.

Philip vai até ela. Ela aponta para o bumbo.

— Escondendo... alguma coisa... — diz ela.

Mas Philip já sabe disso.

Ele sobe no banco do piano e tira o bumbo da parede.

Atrás do bumbo há um túnel. E, emanando desse túnel, emergem vozes, embutidas em ecos naturais, vozes de homens chamando por ele. Homens que reconheceram a canção que ele tocou.

61

O País das Maravilhas não existe mais. Os Danes têm um novo estúdio, longe do centro da cidade. É mais uma sala, na verdade, que antes era usada como escritório, mas que agora abriga a bateria de Duane, o amplificador de Larry e a guitarra azul de Ross. O piano de Philip fica encostado na parede oposta, de modo que ele precisa passar pelos outros antes de se sentar, pronto para tocar. Ninguém em Detroit sabe desse lugar. E os Danes olham para os lados quando chegam e entram pela porta da frente, como se estivessem se perguntando: será hoje o dia em que o governo dos Estados Unidos vai nos encontrar? Será hoje o dia em que eles vão nos levar para salas igualmente banais, só que sem instrumentos?

Será hoje o dia em que vão nos interrogar até cedermos?

Philip mantém contato com Stein e Greer, mas isso também é clandestino. Telefones públicos longe da cidade. Conversas breves, sucintas. E mesmo essas não parecem mais necessárias.

Lovejoy foi o único encontrado morto, embora não esmagado. Larry disse que ele morreu naturalmente, como era de se esperar estando preso em uma cela abafada e mal ventilada sob um deserto. Philip passou a usar sua braçadeira vermelha — não porque queira se lembrar do tempo compartilhado com o Louro Maluco, mas porque aquilo o faz lembrar dos horrores que existem nas sombras à direita e à esquerda do Caminho.

— Qual tom? — pergunta Ross, sussurrando, embora esteja prestes a tocar com um amplificador. Ultimamente é difícil não querer ficar em silêncio.

E, no entanto, existem momentos preciosos e mágicos quando eles chegam a fazer barulho.

Ellen está de pé junto à porta. Nos últimos dias, ela tem dado a impressão de estar preocupada, e Philip sabe que é por causa das drogas. Pediu para ela parar de avisar quanto do medicamento ainda resta. Uma hora vai chegar o dia em que ele terá que enfrentar a dor dos ferimentos que sofreu. Contudo, quando isso acontecer, terá um amor, uma amiga e uma enfermeira para ajudá-lo.

— Fá — diz Philip, tocando a tecla pendurada ao redor do pescoço.

O fá de *Meu sol se refaz*. O fá de *Fala dormindo*. O fim de um ditado e o início de outro.

— Tudo bem — sussurra Duane, embora esteja prestes a tocar uma bateria. — Estamos prontos?

— Pronto — diz Larry.

— Yeah — diz Ross.

— Sim — diz Philip.

Com sua pele escura quase se misturando às sombras, Duane parece um fantasma de si mesmo enquanto bate uma baqueta na outra.

Os Danes deveriam fazer silêncio. Os Danes deveriam ficar na deles. Não deveriam atrair atenção, dar motivos para alguém chamar a polícia ou se perguntar sobre o barulho que vem do escritório supostamente desocupado na Hilton Road.

Mas hoje o Caminho os levou ao barulho.

Então, hoje... vão fazer barulho.

— Um, dois, três, quatro...

~ luzes apagadas! ~

AGRADECIMENTOS

Em 1985, dois anos antes de conhecer os caras com quem eu acabaria tocando em dois mil shows (seis anos em turnê pelos Estados Unidos com uma banda de malucos sem-teto), eu era um menino de dez anos, tentando escrever seu primeiro romance. Não terminei o livro. Era difícil demais.

Naquela época, a ideia de tocar música, qualquer que fosse, era uma doideira. Não era diferente do que se alguém me dissesse: "Filho, você pode ser uma árvore se quiser." Não que eu ainda não acreditasse que um homem é capaz de fazer o que quiser com a própria vida (a visão plena desse modo de pensar ainda estava distante, mas sua trilha de migalhas já era evidente), e sim porque eu pensava que música era algo feito por *outra pessoa*. Talvez alguém nascido para querer fazer aquilo. Alguém mais alto. Com o cabelo mais bonito. Um casaco melhor.

Alguém mais legal do que eu.

Outra pessoa.

Mas, então... conheci duas dessas outras pessoas.

Em seu cerne, *Piano vermelho* é um livro sobre uma banda. E não houve um único momento de escrita em que eu não tivesse pensado nos caras que cito abaixo, os caras que não só me ensinaram a tocar, tocar ao vivo, e a como *viver* aquilo, mas que também, para começo de conversa, me apresentaram tantas canções belas:

Derek Berk — bateria

Jason Berkowitz — guitarra

Jon Gornbein — bateria

Adam Mellin — compositor / voz / guitarra
Mark Owen — compositor / voz / guitarra
Stephen Palmer — guitarra
Chad Stocker — baixo

E obrigado, Kristin Nelson, Wayne Alexander, Ryan Lewis, Candace Lake e Zack Wagman. Obrigado, Ecco / HarperCollins. E obrigado (repetindo, ecoando para sempre), Dave Simmer.

Obrigado também, Allison.

E ao High Strung. Mais uma vez.

Agora vamos fazer um álbum incrível. Que tal em fá?

SOBRE O AUTOR

© Doug Coombe

Josh Malerman é escritor e músico, autor do best-seller *Caixa de pássaros* e cantor e compositor da banda de rock The High Strung. Josh mora no Michigan, Estados Unidos, com a noiva.

CONHEÇA O OUTRO TÍTULO DO AUTOR

Caixa de pássaros

LEIA TAMBÉM

Quem era ela
JP Delaney

A viúva
Fiona Barton

Quem era ela
Clare Mackintosh